



Pseudo-Agostinho,
As dez categorias
(Paráfrase temistianiana)

*Pseudo-Augustini Categoriae decem
(Paraphrasis Themistianiana)*

Seguido de

Anónimo,

Livro dos seis princípios

Anonymus, Liber sex principiorum

Latim – Português

Introduções, traduções e notas
Mário João Correia

Imago
mundi

**Pseudo-Agostinho, As dez categorias
(Paráfrase temistiana)**

Pseudo-Augustini, Categoriae decem

(Paraphrasis Themistiana)

Seguido de

Anónimo, Livro dos seis princípios

Anonymus, Liber sex principiorum

(edição bilingue latim-português)

Imago Mundi: Filosofia em texto e tradução

Diretor

José Meirinhos (Universidade do Porto)

Conselho editorial

Catarina Belo (American University of Cairo), Charles Burnett (Warburg Institute, University of London), Luis Alberto De Boni (Universidade Federal do Rio Grande do Sul / Instituto de Filosofia da Universidade do Porto), Alexander Fidora (ICREA, Universitat Autònoma de Barcelona), José Meirinhos (Universidade do Porto)

Projeto

Imago mundi – Filosofia medieval em texto e tradução / linha temática
Filosofia Medieval e do início da Idade Moderna

http://ifilosofia.up.pt/proj/imago_mundi

Esta publicação é financiada por Fundos Nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia/ Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (FCT/MCTES), no âmbito do Projeto do Instituto de Filosofia com a referência UIDB/00502/2020.



F : Instituto
: de
: **Filosofia**
UNIVERSIDADE
DO PORTO



Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

**Pseudo-Agostinho, As dez categorias
(Paráfrase temistiana)**

*Pseudo-Augustini Categoriae decem
(Paraphrasis Themistiana)*

Seguido de

Anónimo, Livro dos seis princípios
Anonymus, Liber sex principiorum

Edição bilingue latim-português

Tradução, introdução e notas

Mário João Correia

Edições Afrontamento

Porto 2023

Autores e Título:

Pseudo-Agostinho, *As dez categorias* (Paráfrase temistianiana) / Pseudo-Augustini *Categoriae decem* (Paraphrasis Themistianiana),
seguido de
Anónimo, *Livro dos seis princípios* / Anonymus, *Liber sex principiorum*

Tradução, introdução e notas: Mário João Correia

© 2023, Gabinete de Filosofia Medieval / Instituto de Filosofia da Universidade do Porto e Edições Afrontamento, Lda.

Edições Afrontamento, Lda.
Rua Costa Cabral, 859 – 4200-225 Porto
www.edicoesafrontamento.pt
geral@edicoesafrontamento.pt

Coleção:

Imago Mundi: Filosofia em texto e tradução, 20
Diretor: José Meirinhos (Universidade do Porto)

N.º de edição: 2221
ISBN: 978-972-36-2041-2
Depósito legal: 525458/23
<https://doi.org/10.21747/978-972-36-2041-2/pseu>

Impressão e acabamento:

Rainho & Neves, Lda.
Santa Maria da Feira
geral@rainhoeneves.pt

Novembro de 2023
Distribuição: Companhia das Artes – Livros e Distribuição, Lda.
comercial@companhiadasartes.pt

Índice

Prefácio	7
<i>As dez categorias (Paráfrase temistiana)</i>	
Introdução	11
Bibliografia	53
Nota sobre a tradução.....	57
Texto e tradução	
Pseudo-Augustini <i>Categoriae decem</i> (Paraphrasis Themistiana)	60
Pseudo-Agostinho, <i>As dez categorias (Paráfrase temistiana)</i>	61
<i>Livro dos seis princípios</i>	
Introdução	155
Bibliografia	187
Nota sobre a tradução.....	191
Texto e tradução	
<i>Liber sex principiorum</i>	194
<i>Livro dos seis princípios</i>	195
Índice onomástico.....	235

Prefácio

No presente volume publicam-se em edição bilingue duas fontes imprescindíveis para a compreensão da receção das *Categorias* de Aristóteles no mundo latino medieval. Apesar da grande distância temporal entre os dois textos – as *Categoriae decem* foram redigidas no século IV e o *Liber sex principiorum* em meados do século XII –, ambos têm como pano de fundo o texto de Aristóteles que mais vezes foi lido e comentado. As *Categorias* são, muito provavelmente, o texto filosófico mais lido e comentado de toda a história da filosofia.

Como o leitor poderá verificar pelas introduções a cada uma das obras, é impossível compreender de que maneira as doutrinas aristotélicas presentes nas *Categorias* foram recebidas e interpretadas ao longo da Idade Média sem estes dois textos.

No que toca às *Categoriae decem*, também conhecidas como *Paraphrasis Themistianae*, substituíram a tradução latina de Boécio enquanto texto de base nos estudos filosóficos pelo menos até ao século XI. Assim, autores tão relevantes como Alcuíno ou Escoto Eriúgena assimilaram as *Categorias* de Aristóteles por via desta paráfrase. No entanto, apesar de, a partir do século XI, e com o desenvolvimento dos modelos literários do comentário, começar a haver uma preferência pela tradução de Boécio, as doutrinas presentes nas *Categoriae decem* continuaram a inspirar muitos autores, desde a noção de *ousia* até à divisão tripartida das categorias, passando também pelo problema do âmbito e do objeto de que o texto trata, ou pelas razões para a ordenação interna dos capítulos.

A fortuna do *Liber sex principiorum* deve-se ao facto de disponibilizar um texto “escolarizável” que dava conta das seis categorias que são apenas enumeradas por Aristóteles, mas que não são alvo de um tratamento autónomo. De facto, a sua caracterização encontra-se dispersa por diversas obras, em especial a *Física*, a

Metafísica e Sobre a geração e a corrupção. Talvez seja este o principal motivo pelo qual chegaram até nós centenas de comentários a esta obra, na sua grande maioria dos séculos XIII e XIV, embora ainda em Suárez, e até mesmo em Leibniz, este texto continue a ser citado e discutido.

A importância cabal destes dois textos torna pertinente a presente edição, que pretende ser um ponto de partida para que, pelo menos no mundo lusófono, frutifiquem investigações aprofundadas sobre a sua influência no modo como os autores medievais latinos receberam e transformaram os conteúdos presentes nas *Categorias* de Aristóteles.

Resta dizer que o trabalho de tradução, identificação das fontes e compreensão textual, bem como do mapeamento (incompleto, decerto) de influências, provém da tese de doutoramento que apresentámos em 2021 com o título *De sufficientia praedicamentorum: suficiênciã e distiñção das categorias na escolástica medieval*, orientado pelo professor José Meirinhos, a quem agradecemos o apoio. Ambas as traduções foram disponibilizadas no volume de anexos da tese. Porém, a versão que aqui se publica foi revista e atualizada. As introduções a cada uma das obras estendem largamente e complexificam aquilo que na tese foi apresentado com brevidade e tendo em vista um contexto muito particular. Dada a parca quantidade de estudos que versam diretamente sobre estes textos, proporcional à parca atenção que lhes foi dedicada, esperamos pelo menos conseguir dar a ver o quão imprescindíveis eles são.

Pseudo-Agostinho, *As dez categorias*
(Paráfrase temistiana)

Pseudo-Augustini *Categoriae decem*
(*Paraphrasis Themistiana*)

Introdução, texto latino, tradução e notas

Introdução

Entre a renovação dos estudos filosófico-teológicos no contexto do reinado de Carlos Magno e os primeiros comentários filosóficos a obras lógicas de Aristóteles no século XI, os pensadores de língua latina tiveram como fonte para a sua reflexão filosófica um conjunto bastante parco de obras. São elas a *Isagoge* de Porfírio, os comentários de Boécio às *Categorias* e ao *Perihermeneias*, os opúsculos teológicos de Boécio, *De trinitate* de Agostinho, *Adversus Arium* e *Adversus Candidum* de Mário Vitorino, o livro IV de *De nuptiis Philologiae et Mercurii* de Marciano Capella, os *Commentarii in Somnium Scipionis* de Macróbio, a tradução de Calcidio de um fragmento do *Timeu* de Platão e as *Categoriae decem*, a mais estudada e lida de entre estas fontes, obra que aqui se traduz.

Apesar de terem disponíveis duas traduções latinas, pela mão de Boécio, das *Categorias* de Aristóteles, antes da instituição do modelo literário do comentário, os filósofos latinos assimilaram os conteúdos das *Categorias* a partir das *Categoriae decem*. É difícil ao certo saber a razão pela qual a tradição filosófica latina preferiu a paráfrase à tradução mais literal, mas o peso da autoridade de Agostinho, a quem foi erradamente atribuída, parece não ser o fator decisivo. O que é certo é que se torna impossível compreender de que modo as *Categorias* de Aristóteles foram recebidas no contexto da filosofia medieval de língua latina sem o pano de fundo do uso exaustivo de algumas doutrinas presentes nesta paráfrase. Mesmo depois da sua substituição pela tradução de Boécio como fonte preferencial, dado este lastro de pensadores e doutrinas que se acumularam nos séculos anteriores, as interpretações dos assuntos atinentes às *Categorias* continuaram a sofrer a influência das leituras da paráfrase.

Assim sendo, é imprescindível tornar esta obra acessível e chamar a atenção para os seus conteúdos. Nesta breve introdução, é nosso objetivo dar a conhecer esta obra ao leitor, tomando em conta o seu

contexto, as doutrinas principais nela presentes e a sua influência nas interpretações posteriores das *Categoriae*.

1. Datação e autoria das *Categoriae decem*

As *Categoriae decem* foram editadas criticamente por Lorenzo Minio-Paluello em 1961¹. Alguns anos antes, o editor italiano já alertara para o facto de os estudos sobre a transmissão textual das *Categoriae* passarem ao largo a tradição latina. Num artigo intitulado «The Text of the *Categoriae*: The Latin Tradition»², Minio-Paluello, recolhendo o testemunho de Marciano Capella (séc. V, talvez VI), afirma que a primeira tradução latina das *Categoriae* foi feita por Varrão (116 a.C. – 27 a.C.). Essa tradução não chegou até nós, tão pouco a de Mário Vitorino (c. 280 – c. 370). É possível até que não tenham existido³. De facto, de acordo com estudos mais recentes, cujos resultados são recolhidos por Alain Galonnier, tradutor para o francês das *Categoriae decem*, não se consegue saber ao certo quem e em que época as *Categoriae* foram traduzidas pela primeira vez para latim. Além da hipótese de Varrão, também se colocam outras, todas elas conjecturais, a saber, Cícero (106 a.C. – 43 a.C.),

¹ Anonymus, *Paraphrasis Themistianiana* (Pseudo-Augustini *Categoriae decem*), in Aristoteles Latinus, *Categoriae vel Praedicamenta*, ed. L. MINIO-PALUELLO, (AL 1.1-5) Desclée de Brouwer, Bruges – Paris 1961. No ano seguinte, Minio-Paluello acrescentou num artigo mais informação importante sobre as *Categoriae decem*: L. MINIO-PALUELLO, «Note sull'Aristotele Latino medievale. XV», *Rivista di Filosofia Neo-Scolastica*, 54, 2 (1962) 137-147.

² L. MINIO-PALUELLO, «The Text of the *Categoriae*: The Latin Tradition», *The Classical Quarterly*, 39, 3-4 (1945) 63-74.

³ A referência de Marciano Capella a Varrão não é suficiente para afirmar que Varrão havia traduzido as *Categoriae*. Cf. Marziano Capella, *Le nozze di Filologia e Mercurio*, ed. e trad. I. RAMELLI, Bompiani, Milão 2001, IV, § 335, p. 208. No caso da tradução de Mário Vitorino, é pelo testemunho de Cassiodoro que se sabe da sua existência. Cf. Cassiodorus, *Cassiodori senatoris Institutiones*, ed. A.B. MYNORS, Clarendon Press, Oxford 1963, II, III, 18, p. 128. Pierre Hadot colocou em causa esse testemunho. Cf. P. HADOT, *Marius Victorinus*, Études Augustiniennes, Paris 1971, pp. 177-178.

Lúcio Sérgio Plauto (c. 65 a.C – ?), Séneca (c. 4 a.C. – 65 d.C.) e Quintiliano (c. 35/40 d.C. – depois de 96 d.C.)⁴.

Até nós chegou, contudo, o texto que aqui nos toca introduzir. Faz ele parte de um contexto muito particular, que se prende com uma reação intelectual da elite romana pagã à cristianização do Império, a qual se traduziu numa proliferação de textos que têm o objetivo de transmitir os ensinamentos das escolas filosóficas greco-latinas dos séculos anteriores⁵.

Uma passagem das *Confissões* de Agostinho (354-430) permite-nos confirmar que houve no século IV um crescimento do interesse nos meios intelectuais romanos pelas *Categorias* de Aristóteles:

E que me aproveitava ter lido sozinho e compreendido pelos meus vinte anos, quando me chegou às mãos uma obra de Aristóteles a que se dá o título de Dez Categorias – a cujo nome eu ficava de boca aberta, suspenso de não sei quê de grandioso e divino, quando um retor de Cartago, meu professor, e outros que eram tidos por sábios, as citavam com as bochechas estalando de vaidade? Tendo-as debatido com aqueles que diziam tê-las entendido dificilmente, graças ao ensino de mestres muito eruditos que não apenas falavam mas ainda desenhavam no chão muitos esquemas, eles nada me puderam dizer a esse respeito, senão o que eu sozinho aprendera lendo⁶.

⁴ Cf. Pseudo-Augustin, *Les dix Catégories' ou 'Paraphrase thémistienne' du Pseudo-Augustin*, ed., trad. e notas A. GALONNIER, Peeters, Lovain-la-Neuve 2021, introd., pp. 1-3.

⁵ Cf. Pseudo-Augustin, *Les dix Catégories'*, cit., introd., pp. 3-7.

⁶ «Et quid mihi proderat, quod annos natus ferme uiginti, cum in manus meas uenissent Aristotelica quaedam, quas appellant decem categorias – quarum nomine, cum eas rhetor Carthaginensis, magister meus, buccis typho crepantibus commemoraret et alii qui docti habebantur, tamquam in nescio quid magnum et diuinum suspensus inhiabam – legi eas solus et intellexi? Quas cum contulissem cum eis, qui se dicebant uix eas magistris eruditissimis non loquentibus tantum, sed multa in puluere depingentibus intellexisse, nihil inde aliud mihi dicere potuerunt, quam ego solus apud me ipsum legens cognoueram.» Agostinho de Hipona (= Santo Agostinho), *Confissões*, ed. bil., trad. A. DO ESPÍRITO SANTO – J. BEATO – M.C.C.-M. DE SOUSA PIMENTEL, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa 2004, lib. IV, 16.28, pp. 158-161.

Este mesmo excerto, pelo desdém demonstrado, pelo facto de não mencionar a escrita de um texto sobre o assunto, torna praticamente impossível que as *Categoriae decem* sejam de sua autoria. Mais impossível é essa atribuição por razões doutrinárias e estilísticas⁷. Poder-se-ia levantar a hipótese inversa, ou seja, que o texto que lera não seria uma tradução, mas a nossa paráfrase. Não é possível confirmá-lo nem negá-lo, posto que há outras possibilidades: poderia ter lido uma outra tradução ou paráfrase latina que desconhecemos, e há indícios de que circulavam várias diferentes. O que se pode afirmar com algum grau de certeza é que, de facto, a partir do século IV, se assiste a um crescimento do interesse pelas *Categorias*. A paráfrase que aqui traduzimos é um exemplo disso.

Hoje sabemos que as *Categoriae decem* não são de Agostinho, mas entre os séculos VIII e XVII, essa atribuição foi praticamente unânime, salvo raras exceções. É plausível que tenha sido Alcuíno de Iorque (c. 735 – 804), um dos nomes fundamentais do chamado renascimento carolíngio, o responsável pela disseminação dessa atribuição. Na sua obra *De dialectica*, compila quase integralmente as *Categoriae decem* e é por intermédio desta obra⁸ que estas se tornam centrais nos estudos filosóficos, pelo menos numa primeira fase. Talvez o peso da autoridade de Agostinho tenha contribuído para o destaque que foi dado a este texto, mas as glosas dos séculos IX e X que proliferam na tradição manuscrita não o demonstram. Pelo contrário, raramente aludem a Agostinho. Demonstram, isso sim,

⁷ Alain Galonnier aprofunda a questão da atribuição a Agostinho, mostrando que Agostinho não dominava o grego suficientemente para o tipo de reparos filológicos que são feitos; que há incompatibilidades entre o seu *De dialectica* e a paráfrase; que Agostinho nunca refere uma obra sua com este nome no seu projeto de revisão exaustiva do que escrevera; e que a cronologia não bate certo pela menção à contemporaneidade de Temístio, autor ligeiramente anterior. Cf. Pseudo-Augustin, '*Les dix Catégories*', cit., introd., pp. 11-18.

⁸ Não só por intermédio de Alcuíno. As *Etimologias* de Isidoro de Sevilha contêm também várias passagens que compilam alguns conteúdos da nossa paráfrase. Cf. Isidorus Hispalensis, *Etymologiae*, Patrologia Latina, vol. 82, Paris 1830, lib. II, caps. XXVI e XXXI, 143-144 e 153-154. Sobre o assunto, remetemos novamente para o prefácio da edição crítica e para a edição como um todo, na qual Minio-Paluello fez a colação de uma grande quantidade de testemunhos manuscritos que contêm o *De dialectica* de Alcuíno. Cf. também a introdução da já aludida tradução francesa.

um interesse particular pelas partes do texto que não se prendem imediatamente com uma exposição do texto aristotélico⁹. Seja como for, só com a edição das obras completas de Agostinho levada a cabo pelos mauristas no século XVII é que se recusou decisivamente esta atribuição¹⁰.

De acordo com Minio-Paluello, é plausível que a atribuição a Agostinho se possa dever a um erro de copista que pode ter uma dupla origem: ou na menção de um Albinus na tradição manuscrita, que teria sido o autor do texto; ou na referência interna a Agorius (por vezes grafado Augorius), isto é, Vécio Agório Pretextato (c. 314/319 – 384), senador romano que terá sido influenciado pelas doutrinas de Temístio (c. 317 – 388)¹¹. Vejamos, sumariamente, onde nos poderão levar estas duas possíveis atribuições.

Começemos pela segunda. É praticamente impossível que as *Categoriae decem* tenham como autor Agório, dado que é mencionado na terceira pessoa no corpo do texto:

*E devido a isso, certos autores pretendem associar estas coisas a outra categoria, que é dita pelos gregos κείσθαι, por nós “jazer” (iacere), ou, como pretendeu Agório, o qual eu tenho entre os mais doutos, “estar posicionado” (situs)*¹².

É muito improvável que se trate de um autoelogio na terceira pessoa. Porém, encontramos aqui mais uma pequena pista que nos pode ajudar a circunscrever o contexto de produção desta paráfrase. O ambiente intelectual em que nos encontramos é o do Senado,

⁹ Veja-se o capítulo 3 desta introdução.

¹⁰ Minio-Paluello encontrou um manuscrito do século XIV em que se duvida desta atribuição, mas trata-se de uma exceção. Cf. o prefácio da edição crítica: Aristoteles Latinus, *Categoriae vel Praedicamenta*, cit., p. LXXVIII. Sobre a questão da autoria de Agostinho e de qual terá sido o texto que ele lera, cf. MINIO-PALUELLO, «The Text of the *Categoriae*», cit., pp. 65-67.

¹¹ Sobre Agório, cf. M. KAHLOS, *Vettius Agorius Praetextatus – a Senatorial Life in Between*, (Acta Instituti Romani Finlandiae no. 26) Institutum Romanum Finlandiae, Helsínquia 2002.

¹² «Ac propterea haec quidam volunt categoriae alteri sociare, quae apud Graecos κείσθαι, apud nos ‘iacere’ (sive, ut Agorius – quem ego inter doctissimos habeo – voluit, ‘situs’) dicitur.» Anonymus, *Paraphrasis Themistianae*, cit., § 125.

em Roma. Acrescente-se a esta pista uma outra, que se encontra no último parágrafo das *Categoriae decem*:

*Estas são, caríssimo filho, as coisas que pelo labor do jugo obtive; como não nos faltasse a nossa memória do magistério do egrégio filósofo Temístio, traduzimo-lo do grego para o latim para tua utilidade, a saber, para que a partir dele também acolhas os bons frutos do estudo por nós começado*¹³.

O autor da paráfrase, dirigindo-se a um jovem, alguém que lhe é próximo, afirma estar a reportar de memória os ensinamentos de Temístio e a transpô-los para latim, ou, quiçá, a traduzir do grego para o latim uma qualquer reportagem desses ensinamentos¹⁴. Sabemos que Temístio, o qual, além de filósofo, foi senador no Império Romano do Oriente a partir de 355, fez duas viagens a Roma justamente nessa condição, uma em 357 e outra em 377, ou perto destas datas. Nessas viagens, ou pelo menos numa delas, criou-se um círculo de discípulos e auditores das suas preleções, entre eles o próprio Agório¹⁵. Ainda que não tenha sido ele a escrever o nosso texto, foi decerto alguém do seu círculo próximo, que também terá contactado com os ensinamentos de Temístio numa destas vindas a Roma. É devido a esta menção a Temístio que o editor crítico das *Categoriae decem* propõe como título alternativo *Paraphrasis Themistianiana*, posto que é exatamente isso que temos

¹³ «Haec sunt, fili carissime, quae iugi labore assecuti, cum nobis Themistii nostra memoria egregii philosophi magisterium non deesset, ad utilitatem tuam de graeco in latinum convertimus, scilicet ut ex his quoque bonam frugem studii a nobis profecti suscipias...» Anonymus, *Paraphrasis Themistianiana*, cit., §176.

¹⁴ Por vezes, o texto parece indiciar um terceiro elemento além de Aristóteles e do autor da paráfrase, como se o autor da paráfrase estivesse a comentar um terceiro texto/autor que está a esclarecer o que Aristóteles fez. Esse terceiro poderia ser Temístio, ou algum texto que reporta os seus ensinamentos. Também seria possível que esse terceiro texto fosse do autor da nossa paráfrase e que ele estaria apenas a vertê-lo do grego para o latim, explicando algumas expressões gregas a este seu «caríssimo filho». Por conseguinte, podemos estar perante uma paráfrase da paráfrase, isto é, uma paráfrase em latim de um texto grego, seja de Temístio, seja de um texto que reporta os seus ensinamentos sobre as *Categorias*. Cf., por exemplo, Anonymus, *Paraphrasis Themistianiana*, cit., § 16.

¹⁵ Cf. КАЛЛОС, *Vettius Agorius Praetextatus*, cit., cap. 3.2.

em mãos: uma leitura das *Categorias* guiada pela influência dos ensinamentos de Temístio, possivelmente de um escrito seu¹⁶.

Resta-nos explorar a primeira hipótese, na qual temos de ter em conta justamente este círculo intelectual de senadores romanos ou de pessoas que lhes são próximas. Minio-Paluello, embora admitindo que se trata de uma conjectura que não é passível de prova, procura identificar a figura de Albino com o autor que Boécio (c. 475-7-526?) refere conjuntamente com Agório no segundo comentário ao *Perihermeneias*¹⁷. Não se sabe nada sobre Albino a não ser aquilo que Boécio e Cassiodoro (c. 484/90-c. 577/90?) escreveram sobre ele, que é muito pouco. Teria escrito textos de lógica, geometria e música. Pela sua associação a Agório, faria parte do mesmo círculo intelectual.

De acordo com Alain Galonnier, é muito improvável que Albino seja o autor desta paráfrase. Tenta concretizar esta menção a Albino (de facto, há dezenas de figuras históricas do século IV com esse nome) e mostra que, cronologicamente, nenhum deles é um bom candidato¹⁸. Além disso, discute uma hipótese que ainda não havia sido colocada: Pseudo-Apuleio, isto é, um autor que se fez passar por Apuleio de Madaura (c. 125-c. 175) na segunda metade do

¹⁶ Cf. Pseudo-Augustin, *Les dix Catégories*, cit., introd., pp. 39-50.

¹⁷ «(...) mihi maior persecuendi operis causa est quod non facile quisquam vel transferendi vel etiam commentandi continuam sumpserit seriem – nisi quod Vetius Praetextatus priores postremosque analyticos non vertendo Aristotelem Latino sermoni tradidit sed transferendo Themistium, quod qui utrosque legit facile intellegit; Albinus quoque de isdem rebus scripsisse perhibetur, cuius ego geometricos quidem libros editos scio, de dialectica vero diu multumque quaesitos reperire non valui, sive igitur ille omnino tacuit, nos praetermissa dicemus, sive aliquid scripsit, nos quoque docti viri imitati studium in eadem laude versabimur.» Anicius Manlius Severinus Boetius, *Commentarii in librum Aristotelis Peri Hermeneias*, ed. K. MEISER, Teubner, Lipsia 1880, pars posterior, pp. 3-4. Cf. MINIO-PALUELLO, «The Text of the *Categoriae*», cit., pp. 67-68. Este Albino não deve ser confundido com o professor de Galeno, autor do século II que escreveu uma introdução aos diálogos de Platão. Sobre este autor do platonismo médio, cf. T. GÖRANSSON, *Albinus, Alcinous, Arius Didymus*, Acta Universitatis Gothoburgensis, Gotemburgo 1995, caps. 2-5.

¹⁸ Os *Albini* possíveis, de acordo com Galonnier, seriam Caeionius Rufinus Albinus senior (? – depois de 345) ou Caeionius Rufinus Albinus (c. 340 – c. 418), neto do primeiro. Cf. Pseudo-Augustin, *Les dix Catégories*, cit., introd., pp. 19-21.

século IV. Com efeito, houve várias obras redigidas nesse período que lhe foram atribuídas, incluindo um *Perihermeneias* fortemente inspirado na obra homónima de Aristóteles. Porém, devido à grande variação terminológica entre este texto e as *Categoriae decem*, esta hipótese também deve ser descartada¹⁹.

Sumarizemos. As *Categoriae decem* são uma paráfrase às *Categorias* de Aristóteles produzida na segunda metade do século IV por um autor familiarizado com a língua grega ligado a um círculo intelectual próximo do senado romano que terá sido influenciado pelos ensinamentos de Temístio. O seu lugar e importância na história da filosofia não se prende tanto com este contexto, mas com o facto de ter sido uma das principais fontes utilizadas pelos filósofos de língua latina entre os séculos VIII e XI, os quais, seja pela errada atribuição a Agostinho, seja pela própria utilidade dos conteúdos, utilizaram preferencialmente este texto em detrimento das duas versões da tradução de Boécio das *Categorias*²⁰. A partir de finais do século X, inícios do século XI, a sua importância começou a decrescer gradualmente, sobretudo com o advento da (ou, porventura com mais exatidão, retorno à) forma literária do comentário, mas algumas doutrinas dele provenientes continuaram a influenciar o modo como as *Categorias* de Aristóteles foram interpretadas.

Passemos, portanto, à introdução das doutrinas e da influência que elas tiveram.

2. Uma introdução à leitura das *Categoriae decem*

Embora se trate de uma opção muito parcial, nesta introdução, focar-nos-emos em três doutrinas fundamentais e diferenciadoras, reservando depois um subcapítulo para os restantes conteúdos²¹.

¹⁹ Cf. Pseudo-Augustin, '*Les dix Catégories*', cit., introd., pp. 26-32.

²⁰ Falaremos com brevidade sobre as duas versões e a sua utilização em 3.

²¹ Para uma resenha mais exaustiva de todos os conteúdos e das várias facetas do autor da paráfrase (tradutor, comentador, retor/gramático, platónico), cf. a introdução da tradução francesa: Pseudo-Augustin, '*Les dix Catégories*', cit., intro., caps. V-VII, pp. 50-92. Galonnier identifica seis procedimentos que formam aquilo

2.1. A usia

A primeira doutrina que é importante assinalar diz respeito à mais importante das dez categorias de Aristóteles. A substância ocupa um lugar central na reflexão aristotélica e continua até hoje a ser alvo de muitíssimas controvérsias, dado que duas posições antitéticas, com argumentos cada vez mais sofisticados de parte a parte, são defensáveis: há intérpretes que julgam que Aristóteles apresenta dois sistemas categoriais (e ontológicos) diferentes nas *Categorias* e na *Metafísica*, como Daniel Graham, e outros que consideram que as duas obras apresentam posições compatíveis, como Michael Wedin²². Seja como for, a categoria da substância tem um lugar central em Aristóteles e um dos problemas principais que ela coloca aos intérpretes é a relação entre as substâncias primeiras, individuais, e os predicados que usamos para agrupá-las em géneros e espécies. O problema adensa-se com a análise da substância a partir das noções de matéria, forma e composto nas obras “naturais” de Aristóteles. Os autores tardoantigos debatiam-se com um problema análogo ao tentarem compatibilizar as *Categorias* de Aristóteles com a metafísica/teologia platónica.

Uma leitura rápida das *Categorias*, que aplica os critérios do chamado quadrado ontológico²³ à própria definição de substância primeira, levar-nos-ia a postular que, para Aristóteles, as substâncias

a que chama uma “leitura híbrida” a saber, a glosa pura, a tradução quase literal, o corte (de passagens que passa ao largo), a tradução parafrástica, a tradução perifrástica e o resumo fortemente sintetizado. Aqui, ocupámo-nos apenas daquelas doutrinas que considerámos mais distintas do ponto de vista filosófico, tendo também por critério a influência que estas tiveram para a posteridade.

²² Cf. D.W. GRAHAM, *Aristotle's Two Systems*, Clarendon Press, Oxford 1987; M.V. WEDIN, *Aristotle's Theory of Substance: The Categories and Metaphysics Zeta*, Oxford University Press, Oxford 2000. Christophe Erismann utiliza habilmente os dois sistemas de Graham como chave de leitura para circunscrever duas “eras metafísicas” medievais: uma anterior à receção da *Metafísica* e da *Física* no mundo latino, outra posterior. Cf. C. ERISMANN, *L'homme commun. La genèse du réalisme ontologique durant le haut Moyen Âge*, VRIN, Paris 2011, p. 15 e ss.

²³ «Das coisas que são, umas são ditas de algum sujeito, mas não estão em nenhum sujeito. (...) Outras estão num sujeito, mas não são ditas de nenhum sujeito (...). Outras são ditas de um sujeito e estão num sujeito. (...) Outras ainda nem estão

primeiras, que não são ditas de um sujeito nem estão num sujeito, são a pedra de toque do seu sistema categorial, posto que todas as outras coisas, ou são ditas delas, ou se encontram nelas. Aristóteles não parece negar, à partida, que haja entidades que não sejam individuais (também não o afirma explicitamente), mas parece certo que estas, a existirem, são sempre ontologicamente dependentes e posteriores às substâncias individuais. Eis a sua definição da categoria da substância:

Substância — aquilo a que chamamos substância de modo mais próprio, primeiro e principal — é aquilo que nem é dito de algum sujeito nem está em algum sujeito, como, por exemplo, um certo homem ou um certo cavalo. Chamam-se substâncias segundas as espécies a que as coisas primeiramente chamadas substâncias pertencem e também os géneros dessas espécies. Por exemplo, um certo homem pertence à espécie homem e animal é o género dessa espécie; por conseguinte, homem e animal são chamados substâncias segundas²⁴.

Nas *Categoriae decem*, o primado das substâncias primeiras é matizado, se não mesmo subvertido. A substância, transliterada *usia* ou *usian*, sofre a torção de uma leitura platonizante. Ao invés de partir de um indivíduo (um certo homem) para identificar, depois, a sua espécie (a espécie humana) e o género de que essa espécie faz parte (animal), o autor parte da substância como género supremo que engloba todas as coisas para depois dividi-la:

Em suma, embora observasse abundantemente os dispersos géneros especiais conhecidos de um modo a conciliá-los, contudo chama usian (οὐσίαν) ao nome ingente e capaz até ao infinito de compreender em si o que quer que seja, fora do qual nada se pode descobrir nem pensar²⁵.

num sujeito nem são ditas de um sujeito.» Aristóteles, *Categorias*, trad. R. SANTOS, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa 2016, cap. 2, pp. 62-64 (1a20-1b5).

²⁴ Aristóteles, *Categorias*, cit., cap. 5, p. 67 (2a11-19).

²⁵ «Postremo, licet abunde prospexerat dispersa passim genera speciali nota concilians, tamen ingenti quodam et capaci ad infinitum nomine omne quidquid est comprehendens dixit οὐσίαν, extra quam nec inveniri aliquid nec cogitari potest. Haec est una de categoriis decem.» Anonymus, *Paraphrasis Themistianae*, cit., §5.

Pouco depois, após agrupar a multiplicidade dos nomes das coisas em gêneros, espécies e “ideias” (εἰδη no original), afirma o seguinte:

Podem, contudo, denominar-se com o mesmo nome “gêneros”, “espécies” ou εἰδη, enquanto têm algo mais excelso, isto é, a usia, a partir da qual se originam e são trazidos à existência. Na verdade, à própria usia, acima da qual nada existe, quiseram dar-lhe o nome de “gênero”²⁶.

A *usia*, além de teorizada de cima para baixo, e não de baixo para cima, como nas *Categorias*, acaba por ser mais do que um gênero que isola um determinado tipo de entidades. Ela é aquilo que traz tudo à existência. É quase vista como o próprio ser. O autor da paráfrase não encontra incompatibilidades entre a sua definição e o primado da substância primeira nas *Categorias* de Aristóteles. Ao invés de lhe dar um primado absoluto – e na senda do que já acontecera antes no texto, em que procura mostrar que precisamos de apontar para substâncias particulares para começarmos a compreender o que é a *usia*, enquanto captada pelos sentidos –, vai propor que Aristóteles teve a necessidade de dividir o seu tratamento por partes, dada a extensão que a noção de *usia* abarca, tornando-a impossível de definir. A sua estratégia tem dois passos principais. Num primeiro passo, ainda antes do capítulo dedicado à *usia*, o autor acaba por fazer uma gradação dentro da definição segundo a qual a substância é aquilo que não está num sujeito, ou não tem nada subjacente: temos a *usia* em comum e a *usia* tomada enquanto parte. A *usia* em comum, que é a superior, é o sujeito de todas as coisas. Dentro desta noção omniabarcante, encontramos partes consideradas inferiores no sentido dialético, isto é, na medida em que dividem a noção comum de *usia* em várias *usias* particulares, e, coincidentemente, no sentido ontológico. São as substâncias particulares ou primeiras, que além de não estarem num sujeito, não são significadas de um sujeito:

²⁶ «Eadem tamen ‘genera’, ‘species’ vel εἰδη nominari possunt quod habent excelsius aliquid, id est usian, ex qua oriri videantur et nasci. Ipsam vero usian, supra quam nihil est, ‘genus’ appellari voluerunt.» Anonymus, *Paraphrasis Themistiana*, cit., §8.

Por isso, das coisas que são, umas são significadas de um sujeito e não estão num sujeito, tal como é homem, que é decerto significado de um sujeito de algum homem (...) mas não está em nenhum sujeito, uma vez que o mesmo é usia, a qual acima dissemos não se encontrar em nenhum subjacente, já que é o próprio sujeito das restantes coisas. Outras, na verdade, nem estão num sujeito, nem são significadas de um sujeito, tal como é Cícero, o qual nem está num sujeito, pois é uma usia, nem é significado de um sujeito, dado que tem um vocábulo originado para si e não pode ser compreendido noutra lugar. Foram ditos os dois membros que pertencem à usia, que se pactuou que a significassem, dos quais o superior se diz κοινόν, isto é, comum, e o inferior καθέκαστον, isto é, pela parte (pro parte)²⁷.

O segundo passo consiste em dizer que as substâncias primeiras têm o primado na ordem da predicação e da cognição, e não na hierarquia dialética/ontológica dos seres:

Mas a usia, dado que não pôde ser definida de acordo com a arte – a qual prescreve que a definição, que se pode estender a um sentido mais lato, começa pelo género, mas a própria usia não tem um género com todas as coisas que ela sustém –, quis defini-la pelas suas partes, enquanto o que é (quid sit), não só na sua definição, mas também nas partes em que é reconhecida na cognição. Por conseguinte, é dito usia própria e principalmente aquilo que nem está num sujeito, nem é significado de um sujeito, tal como este homem, ou este cavalo. Usias segundas são ditas os géneros e as espécies, isto é, animal e homem²⁸.

²⁷ «Rursus ad ea quae significantur Aristoteles regressus est, quot modis ea quae sunt significari assolent monstraturus. Ex his igitur quae sunt, alia de subiecto significantur et in subiecto non sunt; ut est homo, de subiecto quidem significatur aliquo homine (neque enim 'homo' dici posset nisi esset aliquis de quo diceretur), in subiecto autem nullo est, cum ipse sit usia quam superius diximus in nullo umquam subiacenti esse quippe cum sit ceteris ipsa subiecta. Alia vero nec in subiecto sunt nec de subiecto significantur; ut est Cicero nec in subiecto est, quia usia est, nec de subiecto aliquo significatur, siquidem a se ortum vocabulum teneat neque intellegi possit aliunde. Dicta sunt duo quae ad usian pertinent quo pacto significantur, quorum superius κοινόν (id est commune), inferius καθέκαστον (id est pro parte) dicitur.» Anonymus, *Paraphrasis Themistiana*, cit., §§ 31-32.

²⁸ «Expositis ergo omnibus quae disputaturis necessaria videbantur, singulas categorias oportuit definiri. Sed usian, quoniam secundum artem definiri non

Convém frisar que estes dois passos de uma “estratégia” são identificados por nós, isto é, aquilo que consideramos problemático não o é para o autor. A partir desta ressalva sobre a cognição, o autor parafraseia o quinto capítulo das *Categorias* de Aristóteles, dedicado à substância, mantendo perfeitamente intactas as restantes teses sobre a relação entre a substância primeira e a segunda, como, por exemplo, a defesa de que a espécie é mais propriamente *usia* do que o género por se encontrar mais próxima da substância primeira. Pode parecer incongruente, mas as *Categoriae decem* fazem parte de uma longa tradição, em que Porfírio (234? – 305?) foi fundamental, que considerava que as *Categorias* de Aristóteles eram compatíveis com as doutrinas platónicas. No caso de Porfírio, essa tentativa de compatibilização também passa por estabelecer qual o âmbito, ou o *skopos*, das *Categorias*. Será esse o assunto do próximo subcapítulo. A nossa paráfrase também tem especificidades nesta matéria. No capítulo 3, veremos como esta doutrina da *usia* foi importante nas “ontologias categoriais” da Alta Idade Média, em especial em Escoto Eriúgena (c. 800 – c. 877).

2.2. As «coisas percebidas» entre as palavras e as coisas

Um dos modos mais habituais de compatibilizar Aristóteles com Platão na tradição neoplatónica foi atribuir a cada um deles âmbitos de pesquisa e “regiões” ontológicas diferentes, de modo a que um e outro pudessem ter opiniões diferentes sobre um mesmo assunto sem que isso indicasse um dissenso insanável. Foi exatamente isso que fez Porfírio, quando procurou, contra o juízo mais negativo do seu mestre Plotino (204/5 – 270) – que, no assunto, seguia as críticas

poterat - quae praecipit ut definitio, quo possit tendi latius, a genere sumat exordium, ipsa autem usia genus non habet cum omnia ipsa sustineat -, per partes eam voluit definire, ut quid sit, non solum eius definitione, verum partium quoque cognitione noscatur. Est igitur usia proprie et principaliter dicta quae neque in subiecto est neque de subiecto significatur, ut est hic homo vel hic equus. Secundae dicuntur usiae genus et species, id est animal et homo.» Anonymus, *Paraphrasis Themistiana*, cit., §§ 57-58.

do platonismo médio –, mostrar que as *Categorias* de Aristóteles não têm como objetivo fazer um elenco dos gêneros do ser, mas sim da linguagem utilizada para falar sobre o mundo sensível²⁹.

Esta compatibilização proposta por Porfírio foi indiretamente recebida no mundo latino medieval através de Boécio, o qual estabelece como intenção (*intentio*, equivale ao *skopos* grego) ou âmbito das *Categorias* as palavras de primeira imposição, isto é, as palavras enquanto significam coisas, e não nas suas diversas figuras e flexões, nem enquanto significam outras palavras. Seguindo Porfírio, Boécio procura mostrar que a multiplicidade de todas as palavras significantes pode ser reduzida a dez palavras primárias, dez gêneros, na medida em que todas as coisas se diferenciam umas das outras em virtude de dez diferenças fundamentais reais. Assim, embora as *Categorias* não sejam vistas diretamente como um tratado metafísico, sobre o real em si, dada esta assunção de uma isomorfia entre a ordenação da multiplicidade da linguagem em dez palavras genéricas e a ordenação da multiplicidade do real em dez gêneros de coisas, estamos perante uma doutrina lógica que reproduz, por assim dizer, a estrutura do mundo sensível. A expressão engenhosa forjada para dar conta deste objeto complexo é *primae voces prima rerum genera significantibus in eo quod significantes sunt*³⁰, isto é,

²⁹ Ressalve-se que o próprio Plotino, em *Enéadas* VI.3, acaba por utilizar o aparato categorial aristotélico para teorizar sobre o mundo material. Sobre este assunto da receção das *Categorias* de Aristóteles nas escolas neoplatônicas, cf. Cf. F.A.J. DE HAAS, «Did Plotinus and Porphyry Disagree on Aristotle's "Categories"?», *Phronesis*, 46, 4 (2001) 492-526; S.K. STRANGE, «Plotinus, Porphyry, and the Neoplatonic interpretation of the *Categories*», in W. HAASE (ed.), *Philosophie, Wissenschaften, Technik. Philosophie*, De Gruyter, Berlim 1987, pp. 955-974; P. HADOT, «L'harmonie des philosophies de Plotin e d'Aristote selon Porphyre dans le commentaire de Dexippe sur les *Catégoriques*», in AA.VV., *Plotino e il Neoplatonismo in Oriente e in Occidente*, Accademia Nazionale dei Lincei, Roma 1974, pp. 31-47.

³⁰ «Ergo decem praedicamenta quae dicimus, infinitarum in vocibus significatio-num genera sunt, sed quoniam omnis vocum significatio de rebus est, quae voce significantur in eo quod significantes sunt, genera rerum necessario significabunt. Ut igitur concludenda sit intentio, dicendum est in hoc libro de primis vocibus, prima rerum genera significantibus in eo quod significantes sunt, dispositum esse tractatum.» [Logo, os dez predicamentos (=categorias) de que falamos são os gêneros das infinitas significações das palavras; mas, uma vez que toda a significação das palavras é sobre as coisas, aquilo que é significado pela palavra, naquilo em

palavras primeiras que significam os géneros primeiros das coisas naquilo em que são significantes.

A paráfrase temístiana também dedica algum espaço a esta discussão. O autor coloca a questão do seguinte modo:

Mas muitos pretendem mover uma questão acerca do que Aristóteles quis expor mais no tratado: primeiro, daquelas coisas que são; segundo, daquelas coisas que são percebidas; terceiro, daquelas coisas que se dizem. Primeiro: são – todas as coisas que a natureza gerou. Segundo: são percebidas – todas as imagens que formamos e conservamos na visão da alma. Terceiro: são ditas – todas aquelas coisas que se encontram na alma e são expressas (na verdade, aquilo que alguém concebe na alma, a língua consequentemente declara)³¹.

Ao passo que Boécio, na senda de Porfírio, considera que as *Categorias* versam primariamente sobre as palavras que significam coisas, o nosso autor anónimo propõe, assumindo a autoridade de Temístio, que Aristóteles pretendeu tratar primeiramente das coisas percebidas. Dá-lhes dois nomes em grego, a saber, *semainomena* (σημαινόμενα) e *phantasias* (φαντασίας), e verte essas palavras gregas na expressão «imagens das coisas inseridas na alma» (*imagines rerum incidentes animo*). De seguida, estabelece uma breve semiótica geral segundo a qual as coisas percebidas (*ea quae percipiuntur*) são originadas pela percepção (através dos sentidos, especialmente

que é significante, necessariamente significará os géneros das coisas. Portanto, para que se conclua a intenção, deve dizer-se que neste livro dispõe-se tratar das palavras primeiras que significam os géneros primeiros das coisas naquilo em que são significantes.] Anicius Manlius Severinus Boetius, *In Categorias Aristotelis*, Patrologia Latina, vol. 64, Paris 1847, lib. I, 161A. Cf. também Porphyrius, *Isagoge et in Aristotelis Categorias*, ed. A. Busse, (Commentaria in Aristotelem Graeca, IV.1) Reimer, Berlin 1887, pp. 56-58.

³¹ «Sed plerique movere assolent quaestionem de quibus magis Aristoteles voluerit inchoare tractatum: primo de iis quae sunt, secundo de iis quae percipiuntur, tertio de iis quae dicuntur. Primo: sunt, res omnes quas natura peperit; secundo: percipiuntur, ea quorum imagines animo videndo formamus et condimus; tertio: dicuntur, illa quibus ea quae sunt impressa animis efferuntur (id namque quod quis concipit animo, lingua prosequente declarat).» Anonymus, *Paraphrasis Themistiana*, cit., § 19.

da visão) das coisas que são (*ea quae sunt*) e são mostradas ou demonstradas (à alma que as percebe) pelo auxílio das coisas que são ditas (*ea quae dicuntur*). Por conseguinte, é impossível versar diretamente sobre as coisas percebidas sem uma análise discursiva. É por isso, argumenta, que é pertinente a discussão inicial sobre os homónimos, os sinónimos e os parónimos no primeiro capítulo das *Categoriae*. As coisas que são mereceriam um tratamento autónomo, mas nas *Categoriae*, dado que não é esse o objetivo principal de Aristóteles, acaba por haver um tratamento misturado das três. Desde que se saiba de que maneira se relacionam umas com as outras, a sua mistura não é problemática³².

³² «Sed, ut erudito nostrae aetatis Themistio philosopho placet, de his Aristoteles tractare incipit quae percipiuntur quae que ipse vocat graeco nomine *σημαινόμενα* sive *φαντασίας*, ‘imagines rerum insidentes animo’; verum, cum de perceptis proposuerit disputare, et de iis quae sunt et de iis quae dicuntur necessario locuturus est. Percepta enim ex his oriuntur quae sunt, quae videndo percipimus; perceptorum autem deerit demonstratio nisi eorum quae dicuntur auxilio fuerint demonstrata. Ergo, quamquam separatim postea ea quae sunt definiturus sit, mixtam tamen de tribus disputationem debemus accipere. Nam de perceptis qui loquitur, et originem rerum trahit et praesidia orationis implorat. Superfluum igitur quaestionem movet qui dicit scrutari oportere cur Aristoteles in principio suo omyonyma detexerit, si de his quae percipiuntur fuerat tractaturus, cum liqueat non posse dici aliquid nisi quod perceptum fuerit, nec percipi aliquid posse nisi res fuerit de qua imago intuendo capiatur.» [Mas, tal como apraz ao erudito filósofo do nosso tempo Temístio, Aristóteles começa por tratar daquelas coisas que são percebidas, as quais o próprio chama pelo nome grego *σημαινόμενα* ou *φαντασίας*, “imagens das coisas inseridas na alma”; na verdade, uma vez que propôs disputar acerca das coisas percebidas, também foi necessário que falasse das coisas que são e das que são ditas. As coisas percebidas, com efeito, originam-se a partir das que são, as quais percebemos vendo; porém, não existe uma demonstração das coisas percebidas a não ser que sejam demonstradas pelo auxílio das que são ditas. Logo, embora aquelas coisas que são devam ser definidas depois separadamente, devemos, contudo, conduzir uma discussão misturada sobre as três. De facto, acerca das coisas percebidas de que fala, traz à discussão a origem das coisas e invoca a ajuda da oração. Portanto, move uma questão supérflua quem diz que é mister escrutinar porque é que Aristóteles no princípio do seu <tratado> teorizou os homónimos se ia tratar daquelas coisas que são percebidas, uma vez que é claro que não se pode dizer algo a não ser sobre aquilo que foi percebido, nem perceber algo a não ser que existisse a coisa acerca da qual se captura uma imagem pela intuição.] Anonymus, *Paraphrasis Themistiana*, cit., §§ 20-21.

A esta doutrina, acrescenta-se que o critério de divisão das categorias em substância (*usia*, como temos visto) e acidentes se prende imediatamente com a distinção entre aquilo que é coligido pelos sentidos e aquilo que é coligido pelas operações mentais. Mesmo o enquadramento da substância e dos acidentes no quadrado ontológico decorre desta distinção:

Portanto, uma vez que, daquelas coisas que são, umas se coligem pelos sentidos, outras pelas operações mentais, os homens eruditos preferiram separá-las pelos nomes que lhes são próprios, e aquilo que se distingue pelos sentidos é dito “usia”; porém, aquilo que é coligido pelo tratamento da alma e frequentemente se altera, quiseram nomear συμβεβηκός, isto é, acidente. E porque aquelas coisas que são acidentais são conhecidas como inerentes na usia permanente, quiseram chamar ὑποκείμενον à própria usia, isto é, subjacente (subiacens), e “não-num-sujeito” (non-in-subiecto); àquelas coisas que, na verdade, são acidentais, chamaram ἐν ὑποκειμένῳ, isto é, “no subjacente” (in subiacenti)³³.

Seria possível propor exatamente o contrário: não conhecemos pelos sentidos a substância permanente de um ser humano, mas sim o conjunto dos seus acidentes mutáveis, como a sua altura, o seu peso, a cor da sua pele, dos cabelos, etc. Mas, para o autor, não é esse o caso. Na verdade, parece estar a propor que os acidentes são, em grande medida, produtos das operações mentais posteriores à percepção pelos sentidos daquilo que realmente existe fora da alma. Assim, compreender-se-ia melhor, por um lado, o enquadramento deste texto na tradição neoplatónica, dando a entender que, de facto, as *Categorias* dizem respeito à descrição do mundo sensível, e não à verdadeira realidade em si mesma. Por outro lado, seria

³³ «Cum igitur, in iis quae sunt, alia sensibus, alia mentibus colligantur, separari haec propriis nominibus homines eruditi maluerunt, et id quod dinoscitur sensibus ‘usian’ dici, illud autem quod animi tractatu colligitur ac saepe mutatur συμβεβηκός (id est ‘accidens’) nominari voluerunt. Et quoniam in permanente usia ea quae accidunt inesse noscuntur, ipsam usian ὑποκείμενον (id est ‘subiacens’) et ‘non-in-subiecto’ appellari voluerunt, illa vero quae accidunt, ἐν ὑποκειμένῳ (id est ‘in subiacenti’) dixerunt.» Anonymus, *Paraphrasis Themistianae*, cit., § 29.

consequente com a tese anterior, segundo a qual o objetivo principal de Aristóteles foi tratar das coisas percebidas por intermédio da linguagem, e não das coisas que são.

2.3. A divisão tripartida dos acidentes

Por fim, há uma terceira tese que se pode destacar e que teve uma influência duradoura num assunto específico dentro do conjunto de problemas que o texto aristotélico colocava aos intérpretes. Referimo-nos à divisão tripartida dos acidentes a partir da sua relação com a substância.

Efetivamente, uma das questões que se podem levantar acerca das *Categorias* de Aristóteles prende-se com a própria lista de dez categorias apresentada. Aristóteles não justifica, nem no seio das *Categorias*, nem em nenhuma outra obra³⁴, por que razão considera que as categorias são dez, isto é, independentemente de a lista estar a categorizar coisas, imagens mentais, palavras significantes, ou umas através das outras, não há um texto, um argumento, uma exposição das razões pelas quais Aristóteles considera que os membros da sua lista têm de ser dez e exatamente estes dez, e não outros. Não há, por conseguinte, nada semelhante a uma prova das categorias, mas uma mera enumeração e exemplificação.

Vários intérpretes propuseram diversíssimas soluções para o problema. Seria impossível aqui sequer fazer um breve resumo dessas tentativas, mas uma delas consiste em tentar encontrar critérios de divisão dos acidentes em vários membros mutuamente exclusivos, isto é, as célebres *sufficiantiae* ou *viae divisivae*³⁵. No caso da nossa

³⁴ Há muitas passagens onde a lista aparece, por vezes completa, por vezes incompleta. Eis as principais: Aristóteles, *Tópicos*, I, cap. 9, 103b20-23 (aqui, a lista está completa); *Física*, V, cap. 1, 225b5-7 (não enumera a posição e o hábito); *Metafísica*, V, cap. 7, 1017a25-28 e XI, cap. 12, 1068a8-9 (não enumera o quando, a posição e o hábito).

³⁵ Sobre este assunto, cf. M.J. CORREIA, *De sufficientia praedicamentorum: suficiência e distinção das categorias na escolástica medieval*, tese de doutoramento, FLUP, Porto 2021, vol. 1 (URL = <https://hdl.handle.net/10216/134615>). No segundo volume

paráfrase, o autor propõe algo desse gênero. Como vimos, na sua perspectiva, as categorias englobam a multiplicidade de todas as coisas percebidas, decorrentes da receção pela sensação ou do trabalho da alma sobre aquilo que foi recebido pela sensação, em dez palavras que as abreviam a todas, estabelecendo ainda que tudo aquilo que não é *usia* se encontra nela como num sujeito. Identifica, depois destes postulados, três tipos de relação da *usia* com os acidentes de que é sujeito:

Estas são as dez categorias, das quais a primeira é a usia, a qual sustém as restantes nove; as restantes, na verdade, são os nove συμβεβηκότα, isto é, acidentes. Destes nove, uns estão na própria usia, outros fora da usia, outros quer dentro, quer fora. Qualidade, quantidade e jazer estão na própria usia (com efeito, depois de dizermos que uma usia é homem ou cavalo, é necessário advertirmos que tem dois pés, ou três pés, ou que é branco, ou preto, ou levantado, ou jacente; estas coisas encontram-se nela própria e sem ela não podem existir). [53] Outros estão fora da usia: onde, quando, ter (com efeito, nem o lugar pertence à usia, nem o tempo, e o estar vestido ou armado estão separados da usia). [54] Outros são comuns, isto é, quer dentro, quer fora da usia: relativo-a-algo, fazer e padecer. Relativo-a-algo, como mais e menos: um e outro, de facto, não podem ser ditos senão em conjunto com outro que seja mais ou menos; logo, posto isto, um tem-se em si, outro, fora de si. Do mesmo modo, fazer está dentro e fora, tal como não se pode dizer “assassinar” a não ser que outro assassine, ou “ler” a não ser que o próprio leitor seja uma coisa e aquilo que ele lê outra (e logo, quer na usia, quer fora). Semelhantemente para o padecer: com efeito, ser assassinado ou ser queimado não pode ser nada a não ser que seja padecido por outro; devido a isso, esta <categoria> também está dentro e fora da usia³⁶.

desta tese, encontra-se uma primeira versão da tradução integral das *Categoriae decem*. Foi a base para a presente publicação.

³⁶ «Hae sunt categoriae decem, quarum prima usia est – scilicet quae novem ceteras sustinet – reliquae vero novem συμβεβηκότα (id est accidentia) sunt. Ex quibus novem sunt alia in ipsa usia, alia extra usian, alia et intra et extra. Qualitas, quantitas et iacere in ipsa usia sunt (mox enim ut usian vel hominem vel equum dixerimus, advertamus necesse est bipedalem, tripedalem, aut album aut nigrum, aut stantem aut iacentem; haec in ipsa sunt, et sine hac esse non possunt). Alia sunt

Esta divisão não deve ser lida isoladamente. De facto, com o decorrer dos capítulos do texto, percebemos que o autor, embora esteja preocupado em tornar cada um dos acidentes irreduzível aos outros, não segue inteiramente essa regra, chegando a dizer que «não é inoportuno se uma coisa se concluir, como vocábulo, de duas categorias»³⁷. Por vezes, ao remeter um acidente para outro, quebra em absoluto a divisão proposta. O caso mais gritante disso é o capítulo sobre a posição (mais corretamente, o estar posicionado), ou, nas palavras do autor, o *jazer* (*iacere*), que é reduzido a um tipo de relativo, pertencente à categoria do relativo-a-algo³⁸. Ora, como podemos verificar pela divisão proposta, ao passo que o relativo-a-algo é agrupado nos acidentes que estão parcialmente dentro, parcialmente fora da *usia*, a posição é agrupada naqueles que estão dentro.

Incoerências à parte, é correto dizer que esta divisão tripartida tem um longo futuro na discussão da suficiência e do número das categorias, continuando a ser usada, com modificações, pelo

extra usian: ubi, quando, habere (et locus enim ad usian non pertinet, et tempus et vestiri vel armari ab usia separata sunt). Alia sunt communia, id est et intra et extra usian: ad aliquid et facere et pati; ad aliquid, ut maius et minus (utraque enim dici non possunt nisi coniuncto altero quo maius sit vel minus; propterea ergo unum in se habent, aliud extra se). Item facere et extra est et intra ut caedere quisque dici non potest nisi alterum caedat, vel legere nisi ipse legens aliud sit, aliud quod legit (ita ergo et in usia est et extra). Pati similiter; caedi enim vel uri nullus potest nisi ab altero patiat; propterea hoc quoque et in usia est et extra usian.» Anonymus, *Paraphrasis Themistiana*, cit., §§ 51-54.

³⁷ «...nec esse inopportuno si una res duarum categoriarum vocabulo concludatur.» Anonymus, *Paraphrasis Themistiana*, cit., § 137. Aqui, a questão é a pertença simultânea de muitas coisas à categoria da qualidade (ou do qualificado) e da relação (ou do relativo-a-algo).

³⁸ « Sequitur ut de iacere dicamus (sive de situ, ut quidam putant) quae categoria in ad aliquid relatis iam videtur esse tractata; siquidem quod iacet positum iacet, positum vero positionis est et positio positi. » [Segue-se que falemos sobre o *jazer*, ou sobre o estar posicionado, como alguns autores pensam, categoria que está visto que já foi tratada nos relacionados do relativo-a-algo; deveras, o que *jaz*, *jaz* num posicionado (*positum*), e o posicionado é da posição e a posição do posicionado.] Anonymus, *Paraphrasis Themistiana*, cit., § 144.

menos até meados do século XIII e discutida até bem mais tarde do que isso³⁹.

2.4. E o resto é Aristóteles?

Destacámos estas três doutrinas, mas, de facto, os conteúdos presentes na paráfrase temistiana vão muito além delas. O autor da paráfrase procura expor todos os capítulos das *Categorias*, muitas vezes fazendo mesmo uma espécie de tradução, mais ou menos literal, de uma boa parte das passagens, outras vezes acrescentando alguns elementos que estão ausentes em Aristóteles. Chega mesmo a dedicar capítulos a cada uma das categorias (por vezes agrupadas) para completar uma lacuna no texto aristotélico, no qual, depois de dedicar um pequeno capítulo à ação e à paixão (ou ao fazer e ao padecer), não são tratadas autonomamente as categorias do onde, do quando, da posição e do ter (ou hábito). Apenas para exemplificar o modo como a paráfrase está construída, tomemos em conta alguns destes aditamentos do parafraizador.

No primeiro capítulo das *Categorias*, Aristóteles começa por definir as coisas homónimas, as sinónimas e as parónimas: respetivamente, as coisas que têm um nome em comum, mas essências diferentes (quando se chama “animal” a um homem e ao seu retrato); as que têm um nome em comum que corresponde a uma mesma essência (quando se chama “animal” a um homem e a um boi); e as que recebem o nome de uma outra coisa (quando se chama “corajoso” a alguém que tem a virtude da coragem)⁴⁰. O nosso autor descreve-as às três, mas acrescenta-lhes as poliónimas e as heterónimas, dizendo que Aristóteles as passou à frente porque está interessado nos significados, e não naquilo que os

³⁹ Cf., a título de exemplo, Robertus Kilwardby, *Notulae super librum Praedicamentorum*, ed. A. CONTI, URL = http://www-static.cc.univaq.it/diri/lettere/docenti/conti/Allegati/Kilwardby_praedicamenta.pdf, lec. 5, pp. 18-19; Francisco Suárez, *Disputationes metaphysicae*, ed. C. BERTON, (Francisci Suarez Opera Omnia, tomos 25 e 26) apud Ludovicum Vivés, Paris 1861, XXXIX, II, § 15 (tomo 26, p. 514).

⁴⁰ Cf. Aristóteles, *Categorias*, cap. 1, 1a1-15.

significa. De seguida, divide os homónimos em dois, a saber, os fortuitos e os que são impostos pela vontade dos homens, subdividindo os que são impostos em quatro espécies. Segue-se a discussão da questão do âmbito das *Categoriae* apresentada em 2.2 e, por fim, uma reflexão sobre o facto de os parónimos estarem a meio entre os homónimos e os sinónimos⁴¹. Em suma, o parafrazeador, por um lado, tenta situar os conteúdos num determinado objetivo que os torne pertinentes. Por outro, estende os conteúdos, acrescentando discussões específicas que têm um duplo propósito: completar e elucidar o que é apresentado. Estas tentativas, de certa maneira, ao mesmo tempo que apresentam o texto aristotélico, também introduzem torções, modificações e deslocções do âmbito de aplicação das doutrinas apresentadas. É por isso que este texto, como dissemos, é mais do que um resumo, ou uma exposição escolar das *Categoriae*. Na verdade, ele é mais extenso e aflora mais assuntos do que o texto original.

Outro caso deste tipo de torção ou modificação que assinalámos, caso este que se tornou prática comum, é o uso do décimo quinto e último capítulo das *Categoriae* como se este fosse dedicado à categoria do ter, ou do hábito⁴². Este salto interpretativo não é muito coerente pela própria lista de oito sentidos da palavra “ter”, a qual contém elementos pertencentes a várias categorias. Não só internamente, mas também pela própria ordem dos capítulos das *Categoriae*, tradicionalmente agrupados em antepredicamentos (capítulos 1 a 3), predicamentos (4 a 9) e pós-predicamentos (10 a 15), este salto interpretativo não tem coerência. Os capítulos centrais das *Categoriae*, dedicados à substância (5), à quantidade (6), à relação (7) e à qualidade (8), têm uma estrutura interna bastante uniforme: definição (nominal) da categoria; divisão da categoria em vários membros; finalmente, discussão das suas propriedades, em particular, se admitem contrariedade e se são suscetíveis ao mais e ao menos. O capítulo 15 não tem, de todo, essa estrutura. Ele é mais semelhante aos capítulos 10 a 14, nos quais se faz um

⁴¹ Cf. Anonymus, *Paraphrasis Themistiana*, cit., §§ 10-25.

⁴² Veja-se, na presente publicação, o caso do *Liber sex principiorum*.

elenco dos vários sentidos de oposição, contrariedade, anterioridade, simultaneidade e movimento.

Contudo, também se pode dizer que o autor está justificado a fazer este salto interpretativo, de alguma maneira, pelo texto, posto que o capítulo 9, que tem dado tantas dores de cabeça aos editores de Aristóteles⁴³, dedicado à ação e à paixão, também não segue a estrutura dos capítulos anteriores. Seja como for, o autor das *Categoriae decem* dedica capítulos curtos, por esta ordem, ao fazer, ao onde e ao quando conjuntamente, e ao ter. Este capítulo sobre o ter propõe oito espécies ou maneiras de dizer que se tem algo: 1) ter algo na alma; 2) ter algo no corpo; 3) ter uma quantidade; 4) ter algo numa parte do corpo; 5) ter algo, não no corpo, mas a circundá-lo; 6) ter as próprias partes do corpo; 7) ter algo enquanto recipiente disso; e 8) ter enquanto posse, ou domínio. Estas oito espécies não coincidem inteiramente com as apresentadas por Aristóteles, mas certamente baseiam-se nelas. É evidente que a grande maioria destas espécies não pode ser considerada parte da categoria do ter, ou do hábito, mas apenas a quarta e a quinta, ou talvez só mesmo a quinta. Ou são relações mereológicas, ou são modos de dizer que algo tem inerente uma certa quantidade ou qualidade. Isto mostra, tal como já acontecera com o fazer, que o autor, embora seja sensível à questão da metábase, isto é, a proibição aristotélica da pertença de uma mesma entidade a várias categorias ao mesmo tempo (em especial nos capítulos dedicados à qualidade e ao relativo-a-algo), não a leva até às últimas consequências. Também mostra que, para aqueles assuntos em que Aristóteles não deixou uma doutrina bem escrita e

⁴³ É possível que este capítulo seja espúrio. É possível, também, que houvesse capítulos dedicados às restantes categorias que se perderam. É possível, ainda, que esta obra como um todo não fosse dedicada às categorias, mas sim ao estabelecimento de um léxico filosófico que pretende elucidar expressões que têm em comum o facto de serem equívocas, ditas de várias maneiras. Há, quase de certeza, uma parte do texto que é espúria (11b10-16), onde se faz a passagem entre os conteúdos dos capítulos anteriores e os que se vão seguir, os quais, à partida, não têm uma ligação clara. Sobre esta discussão e para bibliografia sobre o tema, cf. a introdução de Ricardo Santos à sua tradução portuguesa das *Categoriae*: R. SANTOS, *Introdução*, in Aristóteles, *Categoriae*, cit., § 3, pp. 41-43.

estruturada nas *Categorias*, o autor acaba por procurar dizer algo mais breve, apenas por uma questão de coerência e completude. Neste caso, como tinha o texto do capítulo 15, aproveitou os seus conteúdos.

Destaquemos também dois elementos que terão, inclusive, influência duradoura nas glosas ao nosso texto e em Escoto Eriúgena⁴⁴. O primeiro é a explicação da distinção aristotélica entre *dynamis* e *energeia* no capítulo sobre o relativo-a-algo⁴⁵. O segundo são os parágrafos iniciais do capítulo dedicado à quantidade, onde se distingue o corpo como *usia* e o corpo na sua aceção geométrica, enquanto aquilo que é medido por três dimensões (latitude, longitude e altitude). Nesta distinção, fica subentendido novamente que os acidentes são o resultado do trabalho da alma sobre a sensação, neste caso, a quantidade é o fruto da operação de medir⁴⁶.

Gostaríamos ainda de chamar a atenção para o facto de o autor se preocupar com algo que também está ausente no texto aristotélico: a questão da ordem das matérias apresentadas. Aparentemente, não há razão nenhuma para apresentar a quantidade antes dos relativos, ou os relativos antes da qualidade, embora talvez houvesse, à primeira vista, razões para apresentar primeiramente a enumeração da lista de categorias, depois a mais importante delas, que é, efetivamente, a substância, e só depois as restantes. O parafraseador procura encontrar razões para a ordenação específica dos capítulos.

⁴⁴ Cf. J. MARENBO, *From the Circle of Alcuin to the School of Auxerre*, Cambridge University Press, Cambridge 1981, cap. 1, p. 20 e ss.

⁴⁵ Cf. Anonymus, *Paraphrasis Themistianiana*, cit., § 102. O autor procura mostrar que, num certo sentido, o conhecível e o conhecimento são relativos um ao outro e seguem a regra da categoria do relativo-a-algo segundo a qual os relacionados, ou relativos, são recíprocos e simultâneos. Já se encontra a potência natural (a *dynamis*) do conhecimento no conhecível, embora só a sua atualização, só uma operação (*energeia*), é que a efetive. Ao invés do habitual par potência-ato para verter os nomes gregos do célebre par, o autor usa as expressões “potência natural” (*potentia naturalis*) e “operação de produzir” (*operatio faciendi*).

⁴⁶ Cf. Anonymus, *Paraphrasis Themistianiana*, cit., §§ 71-72.

O capítulo do relativo-a-algo é particularmente interessante neste aspeto, posto que o autor propõe que o relativo-a-algo deveria aparecer só depois da qualidade:

A terceira das categorias é a que em latim se diz ad-aliquid (relativo-a-algo), em grego πρὸς τι. E sem dúvida que esta é a terceira, não em ordem, mas pela necessidade da exposição; com efeito, depois do quantificado (quantum), seguir-se-ia o qualificado (quale); contudo, dado que, no final do quantificado, foram vistas umas certas coisas que se podem transferir para o género do relativo-a-algo, <Aristóteles> pensou que fosse necessário ordenar esta categoria, que seria a quarta, em terceiro, para que, discutidas e mostradas todas as coisas que conviessem, se resolvesse a frequente confusão que despontava⁴⁷.

No caso deste capítulo, a ordem estabelecida estaria justificada por razões didáticas e expositivas. Trata-se de um exemplo de como o autor se propõe elucidar as intenções e os objetivos de Aristóteles.

Esta introdução de conteúdos não os esgota, mas permite ao leitor ter um primeiro vislumbre da relação deste texto com as *Categorias* de Aristóteles e destaca os elementos que, a nosso ver, são mais distintivos e originais. No próximo capítulo, apresentaremos em traços gerais o modo como alguns destes elementos influenciaram as discussões filosóficas a partir do século VIII.

⁴⁷ «Categoriarum tertia est quae latine ‘ad-aliquid’, graece πρὸς τι censetur. Et quidem hanc tertiam non ordo, sed tractatus necessitas fecit; nam, post quantum, quale sequebatur; verum, quoniam in fine quanti quaedam eiusdem generis <in> ad-aliquid videbantur posse transferri, hanc categoriam, quae quarta fuerat, necessario tertiam voluit ordinare ut, discussis atque monstratis omnibus quae cuique convenirent, frequens orta confusio solveretur.» Anonymus, *Paraphrasis Themistianae*, cit., § 93. Chamaremos, na nota introdutória à tradução, a atenção ao leitor para o modo como traduzimos algumas categorias devido à questão da denominação ou paronímia, isto é, ao facto de precisarmos de arranjar um nome diferente para a categoria tomada isoladamente e para algo que está a ser denominado por essa categoria (entre uma quantidade [um metro] e um quantificado [um corpo com um metro], uma qualidade [brancura] e um qualificado [branco], uma relação [paternidade] e um relativo-a-algo [pai]).

3. As “ontologias categoriais” da Alta Idade Média e o que permanece depois delas

Como afirmámos logo no início desta introdução, o período em que as *Categoriae decem* foram mais lidas e usadas está compreendido entre o final do século VIII e o século X. Dos 43 manuscritos encontrados por Minio-Paluello que contêm as *Categoriae decem*, 19 são anteriores ao século XI. Muitos desses manuscritos contêm este texto recheado de glosas⁴⁸. A partir de finais do século X, inícios do século XI, o comentário de Boécio, bem como as traduções, começam a substituir esta paráfrase como fonte, mas isso não quer dizer que tenha sido abandonada. Para dar um bom exemplo dessa “transferência” de uma fonte a outra, em pleno século XI, os chamados *Excerpta isagogarum et categoriarum* continuam a mencionar, para uma grande quantidade de assuntos, não só a interpretação de Boécio, mas também a das *Categoriae decem*, por vezes comparando as duas⁴⁹. Além disso, como dissemos, há doutrinas nela presentes que continuam a ser defendidas por autores nos séculos seguintes. Outras, embora não defendidas, continuam a ser discutidas. Apesar desta ressalva, é um facto que o apogeu da sua influência se dá no período indicado, e é nele que nos focaremos neste capítulo⁵⁰.

A influência das *Categoriae decem* em Escoto Eriúgena está bastante bem estudada, documentada e discutida pela historiografia contemporânea⁵¹. O mesmo não se pode dizer quanto a

⁴⁸ A título de curiosidade, também há um manuscrito do século XI que contém uma versão desta obra em verso. Trata-se do manuscrito Paris, Bibliothèque Nationale de France, Latin 14065, ff. 69r-75v. O poema foi parcialmente editado em V. COUSIN, *Ouvrages inédits d'Abélard*, Imprimerie Royale, Paris 1836, pp. 657-669.

⁴⁹ Cf. Anonymus, *Excerpta isagogarum et categoriarum*, ed. G. D'ONOFRIO, (Corpus Christianorum Continuatio Mediaevalis, 120) Brepols, Turnhout 1995, especialmente, intro., p. LXXI e ss.

⁵⁰ O último “eco” que Alain Galonnier pôde encontrar das *Categoriae decem* em obras de outros autores encontra-se no início do século XIV, em Henrique de Harclay. Cf. Pseudo-Augustin, ‘*Les dix Catégories*’, cit., introd., p. 10. Quanto à influência no *Liber sex principiorum*, cf. a introdução e as notas à tradução no presente volume.

⁵¹ Aqui, basear-nos-emos sobretudo em três trabalhos: A. DE LIBERA, «La problématique catégoriale du *Periphyseon*», in I. MOULIN (ed.), *Philosophie et théologie*

outros contextos e autores. De facto, é reconhecido por todos os estudiosos do período que este texto está presente, são assinaladas muitas vezes passagens onde ele surge, mas o único estudo sistemático sobre o assunto, de carácter introdutório, encontra-se na introdução de Galonnier à sua tradução francesa, onde dedica um capítulo aos “ecos” das *Categoriae decem* entre Isidoro de Sevilha e Anselmo (1033 – 1109), passando por autores menos conhecidos como Ratramno de Corbie (c. 800 – c. 870) e Heirico de Auxerre (841 – 876/7), entre outros⁵². Eva Rädler-Bohn tem vindo a estudar em detalhe o diálogo *De dialectica* de Alcuíno⁵³ e John Marenbon recolheu e editou uma seleção de glosas dos séculos IX e X ligadas, na sua maioria, à figura de Heirico, podendo algumas delas ser mesmo de sua autoria⁵⁴. Nesta introdução, não iremos mais longe. Faremos apenas um elenco destes materiais disponíveis e do seu possível alcance.

Neste período, há duas figuras proeminentes: Alcuíno e João Escoto Eriúgena. A importância do primeiro está ligada ao seu trabalho na escola palatina de Carlos Magno (742 – 814), em Aachen, e às reformas que promoveu junto do imperador, que levaram a uma renovação dos estudos nos mosteiros e catedrais do império

chez Jean Scot Érigène, VRIN, Paris 2016, pp. 17-53; P.E. HOCHSCHILD, «Ousia in the *Categoriae Decem* and in the *Periphyseon* of John Scottus Eriugena», in M. TRESCHOW – W. OTTEN – W. HANNAM (eds.), *Divine Creation in Ancient, Medieval and Early Modern Thought*, Brill, Leida – Boston 2007, pp. 213-222; J. MARENBON, «John Scottus and the ‘*Categoriae Decem*’», in J. MARENBON, *Aristotelian Logic, Platonism and the Context of Early Medieval Philosophy in the West*, Ashgate, Aldershot 2000, V, pp. 117-134. Cf. também ERISMANN, *L’homme commun*, cit., cap. 4, pp. 193-292.

⁵² Cf. Pseudo-Augustin, *Les dix Catégories*, cit., intro., cap. VIII, pp. 93-138.

⁵³ Cf. E.M.E. RÄDLER-BOHN, *Alcuin’s heirs: the early reception of Alcuin’s De Rhetorica and De Dialectica*, tese de doutoramento, University of Cambridge, Cambridge 2003, URL = <https://doi.org/10.17863/CAM.11637>; E.M.E. RÄDLER-BOHN, «Re-dating Alcuin’s *De dialectica*: or, did Alcuin teach at Lorsch?», *Anglo-Saxon England*, 45 (2007) 71-104. Sobre Alcuíno em geral, cf. D. DALES, *Alcuin: Theology and Thought*, James Clarke, Cambridge 2013; D. DALES, *Alcuin: His Life and Legacy*, James Clarke, Cambridge 2012.

⁵⁴ MARENBON, *Form the Circle of Alcuin*, cit., Appendix 3, pp. 173-206.

carolíngio a partir do ano 789⁵⁵. Viu-se envolvido numa controvérsia bastante importante do seu tempo, a saber, a heresia adocionista que estava a ser professada na Península Ibérica⁵⁶. Deixou discípulos diretos, como Fredegiso de Tours (? – 834) ou Cândido Wizo (ou Witto, ou Hwita, fl. 793-802). Para o estudo da influência das *Categoriae decem*, além do já mencionado *De dialectica*, é importante atentar também no opúsculo *De substantia nihili et tenebrarum* de Fredegiso e num conjunto de 20 pequenas passagens, dispersas por vários manuscritos, que se tornaram conhecidas como “Passagens de Munique”, pelo facto de 15 delas se encontrarem compiladas no manuscrito Munique, Bayerische Staatsbibliothek, clm. 6407. John Marenbon editou-as em 1981⁵⁷. Todas estas passagens menos duas são de autor anónimo, mas todas elas pertencem a este contexto e ao círculo intelectual de Alcuíno. As duas que contêm autor, conhecidas como *dicta Albini* e *dicta Candidi*, são, plausivelmente, de Alcuíno (Albinus é o seu nome latinizado) e de Cândido (também uma latinização de Hwita). Veremos que algumas delas partem dos conteúdos presentes nas *Categoriae decem*.

Escoto Eriúgena, autor que terá nascido aproximadamente nos últimos anos de vida de Alcuíno, também está ligado a uma escola palatina, mas a de Carlos, o Calvo (823 – 877), neto de Carlos Magno, cuja vida política foi marcada por diversos insucessos e lutas territoriais com os seus meios-irmãos, mas que chegou a ser coroado imperador nos últimos dois anos da sua vida. Como Alcuíno, Eriúgena também se viu empenhado numa controvérsia, mas relativa à teoria da dupla predestinação de Godescalco de

⁵⁵ É o ano da *admonitio generalis*, uma capitular de Carlos Magno que legisla sobre questões educativas e eclesiásticas, na qual se invetiva as instituições clericais a abrir escolas nos mosteiros e nas catedrais. Cf. Carlos Magno (= Karl der Grosse), *Die Admonitio generalis Karls des Grossen*, ed. H. MORDEK - K. ZECHIEL-ECKES - M. GLATTHAAR, (Monumenta Germaniae Historica, 16) Hahnsche Buchhandlung, Hamburgo 2012; É. MAGNOU-NORTIER, «L'Admonitio generalis: étude critique», in J. PERARNAU (coord.), *Jornades internacionals d'estudi sobre el Bisbe Feliu d'Urgell: La Seu d'Urgell, 28-30 de setembre de 1999*, Facultat de Teologia de Catalunya, Barcelona 2000, pp. 195-242.

⁵⁶ Cf. Alcuinus, *Contra Felicem*, Patrologia Latina, vol. 101, Paris 1863, 119A-230D.

⁵⁷ Cf. J. MARENBNON, *Form the Circle of Alcuin*, Appendix 1, pp. 144-170.

Orbais (Gottschalk, c. 803? – 868)⁵⁸. Ao que tudo indica, havia um grupo significativo de irlandeses nas cortes carolíngias, em geral prezados pela sua erudição. João Escoto Eriúgena era um deles, ou melhor, o mais conceituado de todos eles. O nome *Eriugena* foi forjado pelo próprio para indicar a sua origem irlandesa⁵⁹. Trata-se de um autor ímpar, conhecedor do grego, cuja obra-prima se intitula *Periphyseon*, ou *De divisione natura*, provavelmente o texto filosófico mais importante deste período. Este texto teve certamente influência nas glosas às *Categoriae decem* que lhe são posteriores e o labor intelectual de Eriúgena deixou marcas em autores como Heirico de Auxerre.

Sigamos a ordem cronológica e comecemos por Alcuíno e pelo *De dialectica*, autor e texto responsáveis por uma certa “escolarização” das *Categoriae decem* nos domínios carolíngios. O *De dialectica* é um pequeno diálogo com duas personagens, *Albinus* (Alcuíno, portanto) e *Carolus* (Carlos, isto é, o próprio imperador), o qual deve ser lido como uma continuação do *De rhetorica*, que tem exatamente a mesma estrutura. Ambos os diálogos foram redigidos durante a primeira de duas estadias de Alcuíno na corte de Carlos Magno, algures entre 786 e 790⁶⁰. A trama do diálogo é muito simples: Carlos Magno faz perguntas curtas e diretas a Alcuíno sobre a filosofia, em que partes está dividida e sobre o que trata cada uma delas. Alcuíno discorre sobre tudo isso até chegar à dialética, isto é, a disciplina racional das perguntas, das definições, das distinções e do discernimento do verdadeiro e do falso⁶¹. Alcuíno divide-a

⁵⁸ Cf. Iohannes Scotus Eriugena, *De divina praedestinatione*, ed. G. MADEC, (Corpus Christianorum Continuatio Mediaevalis, 50) Brepols, Turnhout 1978; V. GENKE - F.X. GUMERLOCK, *Gottschalk & a Medieval Predestination Controversy*, Marquette University Press, Milwaukee 2010.

⁵⁹ Refira-se que também se chamava *Scotia* à atual Irlanda, e não apenas ao que hoje chamamos Escócia. Daí o *Scottus*. Hoje, todos acrescentam o segundo nome, que é redundante, para não confundir o autor com João Duns Escoto.

⁶⁰ Cf. RÄDLER-BOHN, «*Re-dating Alcuin's De dialectica*», cit. Eva Rädler-Bohn prova que a obra *Libri Carolini* de Teodulfo de Orleães, escrita entre 790 e 793, contém elementos subsidiários do *De dialectica*, pelo que este tem de ser anterior.

⁶¹ «*Dialectica est disciplina rationalis quaerendi, diffiniendi et disserendi, etiam et vera a falsis discernendi potens.*» Alcuinus, *De dialectica*, Patrologia Latina, vol. 101, cap. 1, 952D-953A.

em cinco partes: *isagogae, categoriae, syllogismorum formulae et diffinitiones, topica, periermeneiae*⁶², ou seja, faz corresponder as espécies da dialética a textos, claramente. A segunda parte coincide com os conteúdos das *Categoriae decem*, que Alcuíno compila. Na verdade, o que faz é resumir passagens e copiar outras, seguindo a ordem do texto, encaixando-o neste esquema narrativo do diálogo. Por conseguinte, os capítulos III a XI do *De dialectica* constituem uma espécie de versão abreviada e didática do nosso texto. Por vezes, omite um ou outro conteúdo, como quando, ao enunciar as várias *interpretationes nominum*, passa à frente os parónimos e expõe apenas os homónimos, os sinónimos, os poliónimos e os heterónimos⁶³. Apesar destas omissões, não ficaram de fora as doutrinas mais distintivas de que falámos em 2. O *De dialectica* foi, portanto, mais uma das vias da sua propagação. Exemplifiquemos com a passagem sobre a divisão dos acidentes em três grupos:

Carlos – Devemos, contudo, dizer que esses mesmos acidentes se encontram, ou na própria usia, ou fora da usia?

*Albino – Uns na própria, outros fora. Dentro da usia encontram-se a qualidade, a quantidade e o estar posicionado. Estes, de facto, não podem ser sem ela. Com efeito, depois de dizeres <que algo é> homem ou cavalo, é necessário advertir que seja bípede ou quadrúpede, branco ou negro, em pé ou jacente. Fora da usia, na verdade, encontram-se o lugar, o tempo e o hábito. Com efeito, algo ser no lugar ou no tempo, estar vestido ou estar armado, são coisas separadas da usia. Outros são comuns, isto é, dentro e fora da usia, como a relação, o fazer e o padecer*⁶⁴.

O texto não é exatamente o mesmo, como é evidente. Basta ver que altera os nomes das categorias: chama lugar (*locus*) ao onde

⁶² Alcuinus, *De dialectica*, cit., cap. 1, 953B.

⁶³ Cf. Alcuinus, *De dialectica*, cit., cap. 3, 955A-D.

⁶⁴ «C. Debemus tamen ipsa accidentia vel in ipsa usia, vel extra usiam dicere esse? – A. Alia in ipsa, alia extra. Intra usiam sunt qualitas, quantitas et situs. Haec enim sine ipsa esse non possunt. Mox enim, ut hominem vel equum dixeris, adverti necesse est bipedalem aut quadrupedalem, album aut nigrum, stantem aut jacentem. Extra usiam vero sunt locus, tempus et habitus. Nam in loco vel tempore esse aliquem, vestiri vel armari, ab usia separata sunt. Alia sunt communia, id est, intra et extra usiam, ut relatio, facere et pati.» Alcuinus, *De dialectica*, cit., cap. 3, 956D-957A.

(*ubi*), tempo (*tempus*) ao quando (*quando*) e relação (*relatio*) ao relativo-a-algo (*ad aliquid*), pequenas corrupções que, na verdade, até poderiam ter consequências teóricas⁶⁵. Mas a divisão tripartida dos acidentes está aqui a ser transmitida. O mesmo se pode dizer de grande parte das restantes doutrinas distintivas das *Categoriae decem*: a relação entre coisas percebidas, coisas que são ditas e coisas que são; a ideia de que a *usia* é aquilo que é percebido pelos sentidos e os acidentes são aquilo que é coligido pela cogitação; a análise geométrica dos corpos no início do capítulo sobre a quantidade; a questão da ordem trocada dos capítulos sobre a relação e a qualidade; e o uso dos oito sentidos do ter para a categoria do hábito⁶⁶.

Muitas vezes, Alcuíno foi depreciado pelo facto de ser um mero compilador de materiais, e não um autor original. Contudo, estudiosos como Marenbon propõem que a sua seleção de materiais constitui, por si só, um projeto filosófico. O facto de transmitir no *De dialectica* esses conteúdos distintivos das *Categoriae decem* mostra que eles são importantes para o modo como Alcuíno equaciona esse projeto filosófico. Acrescente-se que o *De dialectica* não é só uma versão abreviada do nosso texto. Alcuíno acrescenta discussões de outros contextos no meio dos conteúdos, como quando chama a atenção para a heresia de Ário, que negaria a regra da reciprocidade entre os relativos, neste caso, entre o Pai e o Filho (na Trindade)⁶⁷.

Para dar conta da influência de Alcuíno e dos seus seguidores, também é preciso tomar em atenção o famoso opúsculo *De substantia nihili et tenebrarum*, de Fredegiso de Tours, e as mencionadas “Passagens de Munique”.

Começemos por Fredegiso, cujo pequeníssimo opúsculo, escrito em 800, tem sido estudado, editado e reeditado, alvo das mais diversas

⁶⁵ O lugar e o tempo são espécies de quantidade contínua, e não categorias no sentido próprio. O próprio Alcuíno, no capítulo IX, utiliza a terminologia correta (*ubi* e *quando*). Além disso, surge novamente a questão já aludida da paronímia, ou denominação.

⁶⁶ Cf., por ordem, Alcuinus, *De dialectica*, cit., cap. 3, 956B, 956C; cap. 4, 957C-958A; cap. 5, 958D; cap. X, 962A-963A.

⁶⁷ Cf. Alcuinus, *De dialectica*, cit., cap. 5, 959B-C.

leituras⁶⁸. De acordo com Alain Galonnier, o principal argumento a favor da existência do nada terá sido inspirado pelas *Categoriae decem*, em especial pelo § 21, já comentado acima⁶⁹. Com efeito, a passagem é bastante sugestiva. Nele, o nosso parafrazeador declara que «não se pode dizer algo a não ser sobre aquilo que foi percebido, nem perceber algo a não ser que existisse a coisa acerca da qual se captura uma imagem pela intuição»⁷⁰. Fredegisio, plausivelmente, terá aplicado esta teoria da significação à palavra “nada”, ao afirmar que «o nada é uma significação daquilo que é, isto é, de uma coisa existente»⁷¹. É esta, pelo menos, a interpretação de Galonnier⁷².

No que toca às chamadas “Passagens de Munique”, há mesmo uma influência inegável em várias delas. Houve duas dessas passagens que foram copiadas e transmitidas muitas mais vezes do que as restantes, a saber, *dicta Albini* e *dicta Candidi*. Ainda assim, é conveniente olhar para as restantes, porque nos dão uma percepção da

⁶⁸ As duas edições mais recentes são as seguintes: S. HAVERKAMP, *Making Something from Nothing: the Content and Context of Fredegisio of Tours’ De substantia nihili et tenebrarum*, tese de doutoramento, Universiteit Utrecht, Utrecht 2006; Fredegisio, *De substantia nihili et tenebrarum*», ed. D.R. HOWLETT, *Archivum Latinitatis Medii Aevi*, 64 (2006) 123-143.

⁶⁹ Cf. *supra*, 2.2.

⁷⁰ «... non posse dici aliquid nisi quod perceptum fuerit, nec percipi aliquid posse nisi res fuerit de qua imago intuendo capiatur.» Anonymus, *Categoriae decem*, cit., § 21.

⁷¹ «Igitur nihil eius significatio est quod est id est rei existentis.» Fredegisio, *De substantia nihili et tenebrarum*, cit., § 18, p. 127.

⁷² No entanto, temos algumas reservas em aceitá-la, dado que o nosso parafraza, pelo menos numa passagem, distingue claramente o discurso declarativo catafático do apofático: «... neque enim iam intellegitur vel quid imperatum sit vel quid optatum vel quid interrogatum vel quid vocatum, nisi accesserit genus ἀποφαντικόν (id est pronuntiativum) quod habeat in se quandam confirmandi sententiam quae aliquid aut addat aut demat (quod Aristoteles κατάφασιν et ἀπόφασιν dixit); ut est ‘coelum hoc volubile est’, ‘coelum hoc non est volubile.’» [... com efeito, não se pode compreender o que seja o imperado, ou o optado, ou o interrogado, ou o vocado, a não ser que se aceda ao género ἀποφαντικόν, isto é, declarativo (*pronuntiativum*), o qual tenha em si uma certa tese (*sententia*) a ser confirmada, a qual adicione ou subtraia algo, coisa que Aristóteles chama κατάφασιν e ἀπόφασιν, tal como “este céu é volúvel”, “este céu não é volúvel”.] Anonymus, *Paraphrasis Themistianiana*, cit., § 55. Galonnier aponta ainda coincidências no que diz respeito à relação entre a categoria da quantidade e a medida dos corpos.

maneira como as *Categoriae decem* eram interpretadas e deslocadas para outros assuntos, em particular a questão da aplicabilidade das categorias a Deus, em que houve um certo entrecruzamento entre os conteúdos do *De trinitate* de Agostinho e a presente paráfrase.

Das 20 passagens editadas por Marenbon, há duas que se prendem diretamente com os conteúdos das *Categoriae decem*, a saber, na numeração do editor, as passagens XIV e XV. Quase todas as restantes dizem respeito à construção de uma ontologia categorial, na qual se procura dar conta de Deus, da alma e das divisões daquilo que é a partir de Boécio e de Agostinho. Torna-se por demais evidente que é através de uma análise categorial que se constroem e defendem as posições filosófico-teológicas destes autores. As duas curtas passagens que derivam diretamente de uma leitura dos conteúdos das *Categoriae decem* definem o lugar (passagem XIV) e o tempo (XV). Ei-las:

XIV. *O lugar é a capacidade incorpórea (incorporea capacitas) pela qual as extremidades dos corpos estão circundadas (ambiuntur) e pela qual um corpo se separa de <outro> corpo.*

XV. *O tempo é a duração (protractio) de qualquer movimento do início até ao fim, sem intervalo. O movimento, pelo qual o tempo se dá, na verdade, diz respeito tanto às coisas incorpóreas quanto às corpóreas. Às incorpóreas, como as almas ao pensar; às corpóreas, como nos <movimentos de> transladação (translatio) e rotação (circumlatio). De transladação, como de um lugar para <outro> lugar; de rotação: a movimentação (uolubilitas) do mundo⁷³.*

Estas duas passagens são notáveis, porque mostram dois exercícios simultâneos: por um lado, recolhem do capítulo sobre a quantidade elementos do tratamento do lugar e do tempo como quantidades

⁷³ «XIV. Locus est incorporea capacitas qua extremitates corporum ambiuntur et qua corpus a corpore seiungitur. // XV. Tempus est cuiuscumque motus, ex quo incipit usque finem sine interuallo, protractio. Motus uero tam incorporearum quam corporearum rerum est, quo tempus efficitur. Incorporearum, sicut est animorum in cogitando; corporearum autem, in translatione et circumlacione. Translatione, ut de loco in locum; circumlacione: uolubilitas mundi.» MAREN BON, *From the Circle of Alcuin*, cit., app. 1, XIV e XV, p. 166.

contínuas⁷⁴; por outro, podem bem ser uma tentativa de resposta ao repto deixado pelo autor das *Categoriae decem* no final do capítulo dedicado ao *ubi* e ao *quando*, quando pergunta se o lugar e o tempo são corpóreos ou incorpóreos⁷⁵. Estas passagens elaboram por cima dos elementos que as *Categoriae decem* lhes fornecem.

Mais à frente, falaremos das glosas dos séculos IX e X presentes nos manuscritos que contêm o nosso texto. Mas antes, falemos do modo como Escoto Eriúgena se apropria da noção de *usia* (ou *ousia*).

Uma grande parte do primeiro dos cinco livros do *Periphyseon* é dedicada à questão da aplicabilidade das dez categorias a Deus. Embora siga a teoria do *De trinitate* de Agostinho, segundo a qual Deus está acima do discurso categorial, também como ele considera que é possível fazer modificações para aplicar algumas das categorias a Deus, bem como usar outras num sentido metafórico⁷⁶. Mas o que mais nos interessa apontar é o modo como expande as possibilidades teóricas das duas noções de *ousia* apresentadas nas *Categoriae decem*. Como dissemos em 2.1., ao mesmo tempo que o autor da paráfrase temistiana parece manter intacto o primado da substância primeira sobre a substância segunda, diminui ou reconfigura o âmbito desse primado, que diz respeito à ordem da cognição. Simultaneamente, defende que a *ousia* é o tal «nome ingente» que está em todas as coisas, que é tudo, sem o qual nada pode existir nem ser pensado. Mais ainda, propõe que aquilo que é mais genérico produz ou gera aquilo que é mais específico, e que, em toda a sua extensão, o nome mais genérico de todos, *usia*, não pode ser definido. Poder-se-ia mesmo interpretar que as diversas *ousias* são como que partes de uma mesma *ousia* comum, ou universal, que é tudo, que é o sujeito onde tudo ocorre. Por fim, recorde-se ainda a ideia segundo a qual *ousia* é aquilo que é captado pela sensação, ao passo que os acidentes são o fruto das operações mentais por cima daquilo que foi captado.

⁷⁴ Cf. Anonymus, *Paraphrasis Themistiana*, cit., §§ 77-78.

⁷⁵ Cf. Anonymus, *Paraphrasis Themistiana*, cit., § 146.

⁷⁶ Cf. Iohannes Scotus Eriugena, *Periphyseon*, ed. É. JEAUNEAU, (Corpus Christianorum Continuatio Mediaevalis, 161) Brepols, Turnhout 1996, lib. I, 462D-463C., pp. 32-33.

Escoto Eriúgena reelabora estes materiais de modo a descrever um processo criativo, ou processional, em que a especificação do género supremo até ao indivíduo coincide com um esquema em que os indivíduos procedem das (são criados pelas) espécies e as espécies procedem dos (são criadas pelos) géneros até chegarmos à *usia* universal, que não pode ser pensada por nós. Se por um lado, vai além da sua fonte, por outro, não está assim tão distante dela⁷⁷:

*E na verdade, embora a ousia se divida apenas pela razão nos seus géneros, espécies e indivíduos, contudo, pela sua capacidade natural, permanece indivisa e não é separada por nenhum ato ou operação visível; com efeito, toda ela, em simultâneo e sempre, subsiste eterna e imutavelmente nas suas subdivisões; e todas as suas subdivisões, em simultâneo e sempre, são nela algo uno inseparável*⁷⁸.

Este é talvez o exemplo mais manifesto de uma doutrina fundamental no *Periphyseon* que tem como fonte de inspiração as *Categoriae decem*. Porém, o livro I está repleto de passagens que têm a paráfrase por base. Cita explicitamente uma passagem das *Categoriae decem* e utiliza-as como fonte muitas vezes. A passagem citada diz respeito à ordem da exposição dos acidentes, em que se procura explicar porque é que a quantidade é o primeiro acidente a ser exposto logo a seguir à *ousia*. A importância da quantidade prende-se com o facto de esta medir a *ousia*. Escoto Eriúgena cita a passagem e reflete, de seguida, sobre a diferença entre o corpo geométrico e o corpo natural. Pela sua interpretação, segundo a

⁷⁷ Paige Hochschild critica a leitura de Marenbon neste aspeto. Considera que Marenbon não tem razão em dizer que Eriúgena apresenta noções de *usia* contraditórias entre si. Não concordamos, contudo, com a leitura da autora segundo a qual a doutrina da *usia* apresentada nas *Categoriae decem* é uma reportação fiel das *Categorias* de Aristóteles. Parece-nos evidente que não é o caso. Cf. HOCHSCHILD, «*Ousia* in the *Categoriae Decem* and in the *Periphyseon*», cit., p. 214.

⁷⁸ «At uero *ouσία*, quamuis sola ratione in genera sua speciesque numerosque diuidatur, sua tamen naturali uirtute indiuidua permanet ac nullo actu seu operatione uisibili segregatur; tota enim simul et semper in suis subdiviusionibus aeternaliter et incommutabiliter subsistit omnesque subdiviusiones sui simul ac semper in se ipsa unum inseparabile sunt.» Iohannes Scotus Eriugena, *Periphyseon*, cit., lib. I, 492C, p. 70.

qual os corpos geométricos são contemplados apenas na alma, podemos verificar que também abraça e desenvolve a tese segundo a qual os acidentes são o resultado de operações da alma. Efetivamente, para o autor irlandês não existe diferença nenhuma entre o corpo geométrico e o corpo natural. Simplesmente, os corpos naturais subsistem fora da alma pela sua essência (*οὐσία*) natural, ao passo que os geométricos figuram apenas em imagens na alma imaginadas por cima da apreensão sensível dos corpos naturais⁷⁹.

Como dissemos, há muitas outras ocasiões além destas duas nas quais as *Categoriae decem* são usadas como fonte. Com estas duas, ficamos com a plena noção de que as teses mais distintivas da paráfrase são tidas em conta. Uma contagem rápida do aparato de fontes da edição crítica permite-nos ter uma noção (nivelada por baixo, certamente) da importância desta fonte para o livro I do *Periphyseon*: surge nove vezes.

Prossigamos este mapeamento de materiais disponíveis com uma breve análise das glosas dos séculos IX e X editadas por John Marenbon. As glosas têm duas características que as tornam difíceis de editar: a instabilidade e o anonimato. Seria um exercício editorial vão procurar, na transmissão manuscrita de um deter-

⁷⁹ «Placuit etiam sententiam sancti patris Augustini ex libro quem de kategoriis Aristotelis scripsit nostris disceptatiunculis inserere (...) (<segue-se a citação dos §§ 71-72>). / Si igitur geometrica corpora, quae solo animi contuitu contemplamur solisque memoriae imaginationibus fingere procuramus, in aliqua οὐσία subsistunt, profecto naturalia sunt, nullaque inter geometrica et naturalia corpora differentia est. Nunc uero quoniam geometrica corpora solo animo consideramus in nullaque οὐσία subsistunt atque ideo phantastica iure uocantur, naturalia uero corpora propterea naturalia sunt quoniam in naturalibus suis οὐσίς (id est essentiis) subsistunt...» [Também é satisfatória a tese do santo padre Agostinho, que nós inserimos nesta nossa pequena discussão a partir do livro que escreveu sobre as *Categorias* de Aristóteles (...). / Portanto, se os corpos geométricos, que contemplamos apenas no olhar da alma e imaginamos (*procuramus fingere*) apenas pelas imaginações da memória, subsistem em alguma *ousia*, então eles são os naturais e não existe nenhuma diferença entre os corpos geométricos e os naturais. Na verdade, na medida em que consideramos os corpos geométricos apenas na alma e em que não subsistem em nenhuma *ousia*, é correto chamar-lhes coisas imaginárias [*phantastica*]; os corpos naturais, enquanto naturais, existem na medida em que subsistem nas suas *ousias* naturais (isto é, <nas suas> essências)...] Iohannes Scotus Eriugena, *Periphyseon*, cit., lib. I, 493A-493D, pp. 71-72.

minado grupo de glosas, um texto-padrão de que as várias variações, omissões e acrescentos fossem corrupções. Por outro lado, é praticamente impossível saber exatamente quem escreveu o quê. Ainda assim, elas refletem muitas vezes os interesses particulares de um determinado grupo ou centro intelectual. Para a presente introdução, o que nos interessa retirar delas é assinalar os problemas com que os intérpretes se deparavam e as vias de utilização das doutrinas presentes nas *Categoriae decem* para elucidar os mais diversos assuntos.

Marenbon editou 31 glosas (por vezes, conjuntos de elementos sobre um mesmo tema, apontando os testemunhos manuscritos onde esses conjuntos se encontram completos e aqueles onde se encontram apenas alguns desses elementos). No seu estudo sobre elas, conclui que é muito plausível que o seu contexto de produção seja Auxerre e que os glosadores, ou uma parte considerável deles, estejam ligados a Heirico de Auxerre. Além disso, mostra que em muitas delas conseguimos entrever a influência de Eriúgena na interpretação das doutrinas glosadas nas *Categoriae decem*. Embora seja um procedimento aproximativo e simplificador, é possível estabelecer, dentro destas 31, um conjunto de glosas que é mais frequente, algumas glosas “excêntricas” que ocorrem poucas vezes e glosas diretamente inspiradas por Eriúgena, sejam elas as frequentes ou as excêntricas. Desse mapeamento possível, podem ser retiradas algumas conclusões.

A primeira diz respeito ao desenvolvimento da noção de *usia*, ou *ousia*, por vezes de modos extremamente criativos. Para dar um exemplo desse desenvolvimento, vejamos como o conjunto de glosas III (na numeração do editor) apresenta esta noção. A citação permite ter uma ideia de como derivavam da noção de *usia* permanente outras doutrinas, nomeadamente sobre aquilo que é incorruptível na natureza, uma hierarquia de processões a partir da noção de homonímia e a *usia* como género generalíssimo de tudo:

(a) “Na *usia permanente*” <(Cat. dec. § 29)>, isto é, que permanece enquanto mudam os seus acidentes. Mas devemos tomar como melhor

aceção de usia permanente aquela que provém do verdadeiro ser, isto é, de Deus. Com efeito, aquele ser que provém do ser, isto é, de Deus, dura sem corrupção e é sempre. De facto, qualquer criado essencialmente simples persevera de um modo absolutamente (*simpliciter*) perpétuo e permanece imutavelmente segundo a sua essência, como a alma ou os elementos simples. Na verdade, aquilo que é composto a partir dos quatro elementos perece e muda, e não permanece. Logo, a usia permanente diz respeito àquele ser que é criado <e> simples, e não <àquele que é composto> de partes, e por isso permanece absolutamente (*simpliciter*). É por isso que, embora os corpos que adquirem consistência pelos quatro elementos se despedacem (*resoluuntur*), os próprios elementos, porque têm um ser simples, de nenhum modo se despedaçam, mas regressam ao to pan, isto é, ao todo: a saber, a terra à terra, o fogo ao fogo, etc. (...) (b) A ocia primeira é um homónimo hierarquizador (*omonimum ierarquiuum*) simples. A segunda, como homem, é um homónimo dedutivo do primeiro hierarquizador. - - <A terceira é> um triónimo aumentativo (*augmentatiuum trionimum*) dos dois apontados acima. A quarta, é um género quadriónimo que compreende (*comprehensiuum quadronimum*) os três apontados acima. A ocia generalíssima, - - um homónimo coletivo (*homonimum colectiuum*) que procede do primeiro hierárquico simples. É a partir desta usia generalíssima que compomos a ordem analítica até à usia simplicíssima (...)⁸⁰.

⁸⁰ «(a) “In permanente usia” <(Cat. dec., § 29)>, id est quae permanet dum mutantur eius accidentia. Sed melius permanentem usiam illam debemus accipere quae simpliciter ab esse uero, id est Deo, uenit. Illud enim esse, quod ita ab esse, id est Deo, uenit, sine corruptione durat et est semper. Quicquid enim essentialiter simplex creatum et perpetuo simpliciter perseverat atque immutabiliter secundum sui essentiam manet, ut est anima uel elementa simplicia. Illud uero quod ex quattuor elementis est compactum perit et mutatur nec permanet. Ergo permanentem usiam ad illud esse retulit quod simplex creatum est et non ex partibus, et ideo simpliciter manet. Vnde corpora licet resoluuntur, quae ex quattuor elementis constant, ipsa tamen elementa, quia simplex esse habent, nullo modo resoluuntur, sed ad *to pan* id est ad omne, reuertuntur: terra scilicet ad terram, ignis ad ignem et cetera. (...) / (b) Prima ocia est simplex ierarchiuum omonimum. Secunda, ut homo, deductiuum omonimum a primo ierarchiuo - - augmentatiuum superiorum duorum trionimum. Quarta, genus comprehensiuum quadronimum trium superiorum. Ocia generalíssima, - - colectiuum omonimum a primo ierarchico simplici processiuum. Ab hac generalissima usia componamus ordinem analiticum usque ad simplicissimam usiam.» MARENBO, *From the Circle of Alcuin*, cit., app. 3, III, pp. 187-188. Os “- -” indicam pequenos trechos em falta na edição.

A segunda conclusão é a de que não podemos ser precipitados no que diz respeito ao célebre problema dos universais. Contra a leitura de Hauréau, Barach e Prantl, John Marenbon argumenta que não é possível encontrar uma tendência nominalista nas glosas pelo simples facto de encontrarmos discussões linguísticas das noções de género e de espécie (em especial, glosa VI), ou porque tratam da percepção de um modo “empírico” (glosa II)⁸¹. Vejamos o que é dito sobre o facto de “animal” ser simultaneamente género e espécie:

Alguém poderia dizer que isto não é verdade. De facto, género predica-se de animal: com efeito, animal é um género. Porém, género não se predica de homem: com efeito, homem não é um género, mas uma espécie. E por isso, diz, não se pode predicar de homem tudo aquilo que é predicado de animal. Mas opomo-nos a isto, dizendo que género não se predica de animal segundo a coisa (secundum rem), mas enquanto nome que designa que algo é animal, pelo qual animal se designa de várias espécies diferentes. De facto, o género também não pode ter a razão (ratio) de animal quando se diz que animal é a substância animada e sensível. De modo semelhante, a espécie não se diz de homem segundo aquilo que significa, mas devido ao facto de se predicar de vários indivíduos diferentes (numero diferentes). E por isso, é correto dizer que, seja o que for que se predique de animal tomado pela própria coisa (iuxta rem ipsam), também se pode predicar dele, de homem e de Cícero. Por exemplo, animal é corpo e é substância; assim, também homem e Cícero <são> corpo e substância⁸².

⁸¹ Cf. MARENBNON, *From the Circle of Alcuin*, cit., cap. 5, pp. 127-128.

⁸² « Posset aliquis dicere non esse hoc uerum. Nam de animali praedicatur genus: est enim animal genus. Non autem praedicatur genus de homine; neque enim homo genus est, sed species. Ac per hoc, inquit, non possunt praedicari de homine quaecumque praedicantur de animali. Sed huic occurrimus, dicentes genus non praedicari de animali secundum rem, sed designatium nomen esse animalis, quo designatur animal de pluribus specie differentibus, dici. Nam neque rationem animalis potest habere genus, cum dicitur animal est substantia animata et sensibilis. Similiter nec species dicitur de homine secundum id quod significat sed iuxta illud quod de numero differentibus praedicatur. Ideoque rectum esse dicitur quaecumque praedicantur de animali iuxta rem ipsam, quod subauditur eadem et de homine et de Cicerone praedicari posse. Verbi gratia, animal est corpus et substantia, sic et homo et Cicero corpus et substantia.» MARENBNON, *From the Circle of Alcuin*, cit., app. 3, VI(c), p. 190.

Seria precipitado dizer a partir desta passagem que os géneros e as espécies são apenas nomes, ou sequer conceitos. Na verdade, o glosador nunca o diz. O que faz é distinguir entre tomar uma classe enquanto tal e tomar uma classe naquilo que ela predica *secundum rem*. Ao contrário do que poderia parecer por este exemplo (e por outros) numa leitura apressada e sem uma visão de conjunto, a tendência geral de leitura, também pela influência que o *Periphyseon* teve, é o realismo, a saber, postular que as várias classes, mais ou menos específicas, mais ou menos genéricas, são reais⁸³.

Há também glosas sobre o que são as *phantasias*, ou as «imagens das coisas inseridas na alma» (glosas IV, XI e XII); a noção de corpo no início do capítulo sobre a quantidade (VII e VIII); as noções de *dynamis* e *energeia* que aparecem no capítulo sobre o relativo-a-algo (IX); os homónimos, os sinónimos e os poliónimos (XIX e XX); a relação entre a parte e o todo (XXI); a diferenciação entre *usia* e acidente a partir daquilo que é coligido pela alma (XXIII); os quatro elementos (XXV); e a noção de lugar (V e XXXI). Há também algumas glosas que se afastam tanto do texto que, na verdade, não estão a interpretá-lo, como a glosa XXX, onde se diz que a substância não é punida por Deus e que a dor, a tristeza e a amargura são certas imagens impressas na alma. Há, para terminar, algumas glosas que não dizem diretamente respeito às *Categoriae decem*, mas ao prólogo do *De dialectica* de Alcuíno (glosa I), que são aquelas que teorizam sobre a noção de natureza (*natura*, não inteiramente ausente das *Categoriae decem*, mas mencionada sem uma discussão autónoma sobre o seu significado), noção fundamental que estrutura o *Periphyseon*.

Terminemos este capítulo fazendo uma breve menção a Ratramno de Corbie e à sua obra *Liber de anima ad Odonem Bellovacensem*, redigida em 863, escrita no contexto da discussão de *De quantitate anima* de Agostinho e da posição de um Macário, autor irlandês de difícil identificação, segundo a qual existiria uma alma comum a todos os homens. Esta obra está dividida em várias partes, em que

⁸³ Sobre o assunto neste período e bibliografia abundante, cf. ERISMANN, *L'homme commun*, cit.

se fazem (ou reportam) discursos que dialogam com o discurso anterior. Um deles é o discurso de um *discipulus Macarii*, o qual se inspira nos parágrafos iniciais sobre a abreviação dos nomes e a caracterização da *usia* nas *Categoriae decem* para defender a posição de Macário. Trata-se de mais um importante eco da nossa paráfrase⁸⁴.

Assistimos *en passant* a esta espécie de jogo do telefone estragado que vai de deriva em deriva até chegarmos a pontos teóricos inesperados. Esperamos com esta introdução ter dado a entender ao leitor a riqueza deste percurso e a importância histórica do texto que aqui se traduz, no mínimo, enquanto mediador fundamental dessas diversas derivas. Não é possível compreender a recepção das *Categorias* de Aristóteles no mundo latino medieval sem uma compreensão prévia dos conteúdos das *Categoriae decem* e do modo como foram interpretados, reelaborados e misturados com outras fontes e contextos, em especial o teológico.

⁸⁴ Cf. Ratramne de Corbie, *Liber de anima ad Odonem Bellovacensem*, ed. D.C. LAMBOT, Éditions Godenne – Librairie Giard, Namur – Lila 1952, pp. 20-22; Pseudo-Augustin, ‘*Les dix Catégories*’, cit., introd., pp. 120-124.

Bibliografia

Edições

- Anonymus, *Paraphrasis Themistiana (Pseudo-Augustini Categoriae decem)*, in Aristoteles Latinus, *Categoriae vel Praedicamenta*, ed. L. Minio-Paluello, (AL 1.1-5) Desclée de Brouwer, Bruges – Paris 1961, pp. 133-175.
- Pseudo-Augustin, *‘Les dix Catégories’ ou ‘Paraphrase thémistienne’ du Pseudo-Augustin*, ed., trad. e notas A. Galonnier, Peeters, Lovain-la-Neuve 2021.
- Pseudo-Augustinus, *Categoriae decem ex Aristotele decerptae*, *Patrologia Latina*, vol. 32, Paris 1841, 1419-1440.

Fontes

- Agostinho de Hipona (= Santo Agostinho), *Confissões*, ed. bil., trad. A. do Espírito Santo – J. Beato – M.C.C.-M. de Sousa Pimentel, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa 2004.
- Alcuinus, *Contra Felicem*, *Patrologia Latina*, vol. 101, Paris 1863, 83-362.
- Alcuinus, *De dialectica*, *Patrologia Latina*, vol. 101, Paris 1863, 949-974.
- Anicius Manlius Severinus Boetius, *Commentarii in librum Aristotelis Peri Hermeneias*, ed. K. Meiser, Teubner, Lípsia 1880.
- Anicius Manlius Severinus Boetius, *In Categorias Aristotelis*, *Patrologia Latina*, vol. 64, Paris 1847, 159-294.
- Anonymus, *Excerpta isagogarum et categoriarum*, ed. G. d’Onofrio, (Corpus Christianorum Continuatio Mediaevalis, 120) Brepols, Turnhout 1995.
- Aristóteles, *Categorias*, trad. R. Santos, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa 2016.
- Carlos Magno (= Karl der Grosse), *Die Admonitio generalis Karls des Grossen*, ed. H. Mordek – K. Zechiel-Eckes – M. Glatthaar, (Monumenta Germaniae Historica, 16) Hahnsche Buchhandlung, Hamburgo 2012.
- Cassiodorus, *Cassiodori senatoris Institutiones*, ed. A.B. Mynors, Clarendon Press, Oxford 1963.

- Francisco Suárez, *Disputationes metaphysicae*, ed. C. Berton, (Francisci Suarez Opera Omnia, tomos 25 e 26) apud Ludovicum Vivés, Paris 1861.
- Fredegisus, *De substantia nihili et tenebrarum*», ed. D.R. Howlett, *Archivum Latinitatis Medii Aevi*, 64 (2006) 123-143.
- Iohannes Scotus Eriugena, *De divina praedestinatione*, ed. G. Madec, (Corpus Christianorum Continuatio Mediaevalis, 50) Brepols, Turnhout 1978.
- Iohannes Scotus Eriugena, *Periphyseon*, ed. É. Jeaneau, (Corpus Christianorum Continuatio Mediaevalis, 161) Brepols, Turnhout 1996.
- Isidorus Hispalensis, *Etymologiae*, Patrologia Latina, vol. 82, Paris 1830, 9-728.
- Porphyrus, *Isagoge et in Aristotelis Categoriae*, ed. A. Busse, (Commentaria in Aristotelem Graeca, IV.1) Reimer, Berlin 1887.
- Marziano Capella, *Le nozze di Filologia e Mercurio*, ed. e trad. I. Ramelli, Bompiani, Milão 2001.
- Ratramne de Corbie, *Liber de anima ad Odonem Bellovacensem*, ed. D.C. Lambot, Éditions Godenne – Librairie Giard, Namur – Lila 1952.
- Robertus Kilwardby, *Notulae super librum Praedicamentorum*, ed. A. Conti, URL = http://www-static.cc.univaq.it/diri/lettere/docenti/conti/Allegati/Kilwardby_praedicamenta.pdf.

Estudos

- CORREIA, Mário João, *De sufficientia praedicamentorum: suficiência e distinção das categorias na escolástica medieval*, tese de doutoramento, FLUP, Porto 2021.
- COUSIN, Victor, *Ouvrages inédits d'Abélard*, Imprimerie Royale, Paris 1836.
- DALES, Douglas, *Alcuin: His Life and Legacy*, James Clarke, Cambridge 2012.
- DALES, Douglas, *Alcuin: Theology and Thought*, James Clarke, Cambridge 2013.
- DE HAAS, Frans A. J., «Did Plotinus and Porphyry Disagree on Aristotle's «Categories»?», *Phronesis*, 46, 4 (2001) 492-526.
- DE LIBERA, Alain, «La problématique catégoriale du *Periphyseon*», in I. Moulin (ed.), *Philosophie et théologie chez Jean Scot Érigène*, VRIN, Paris 2016, pp. 17-53.
- ERISMANN, Christophe, *L'homme commun. La genèse du réalisme ontologique durant le haut Moyen Âge*, VRIN, Paris 2011.

- GENKE, Victor – GUMERLOCK, Francis X., *Gottschalk & a Medieval Predestination Controversy*, Marquette University Press, Milwaukee 2010.
- GÖRANSSON, Tryggve, *Albinus, Alcinous, Arius Didymus*, Acta Universitatis Gothoburgensis, Gotemburgo 1995.
- GRAHAM, Daniel W., *Aristotle's Two Systems*, Clarendon Press, Oxford 1987.
- HADOT, Pierre, *Marius Victorinus*, Études Augustiniennes, Paris 1971.
- HADOT, Pierre, «L'harmonie des philosophies de Plotin e d'Aristote selon Porphyre dans le commentaire de Dexippe sur les *Catégories*», in AA.VV., *Plotino e il Neoplatonismo in Oriente e in Occidente*, Accademia Nazionale dei Lincei, Roma 1974, pp. 31-47.
- HOCHSCHILD, Paige E., «*Ousia* in the *Categoriae Decem* and in the *Periphyseon* of John Scottus Eriugena», in M. Treschow – W. Otten – W. Hannam (eds.), *Divine Creation in Ancient, Medieval and Early Modern Thought*, Brill, Leida – Boston 2007, pp. 213-222.
- HAVERKAMP, Symke, *Making Something from Nothing: the Content and Context of Fredegisus of Tours' De substantia nihili et tenebrarum*, tese de doutoramento, Universiteit Utrecht, Utrecht 2006
- KAHLOS, Maijastina, *Vettius Agorius Praetextatus – a Senatorial Life in Between*, (Acta Instituti Romani Finlandiae no. 26) Institutum Romanum Finlandiae, Helsínquia 2002.
- MAGNOU-NORTIER, Élisabeth, «L'Admonitio generalis: étude critique», in J. Perarnau (coord.), *Jornades internacionals d'estudi sobre el Bisbe Feliu d'Urgell: La Seu d'Urgell, 28-30 de setembre de 1999*, Facultat de Teologia de Catalunya, Barcelona 2000, pp. 195-242.
- MARENBN, John, «John Scottus and the 'Categoriae Decem'», in J. Marenbn, *Aristotelian Logic, Platonism and the Context of Early Medieval Philosophy in the West*, Ashgate, Aldershot 2000, V, pp. 117-134.
- MARENBN, John, *Form the Circle of Alcuin to the School of Auxerre*, Cambridge University Press, Cambridge 1981
- MINIO-PALUELLO, Lorenzo, «Note sull'Aristotele Latino medievale. XV», *Rivista di Filosofia Neo-Scolastica*, 54, 2 (1962) 137-147.
- MINIO-PALUELLO, Lorenzo, «The Text of the *Categoriae*: The Latin Tradition», *The Classical Quarterly* 39, 3-4 (1945) 63-74.
- RÄDLER-BOHN, Eva M. E., «Re-dating Alcuin's *De dialectica*: or, did Alcuin teach at Lorsch?», *Anglo-Saxon England*, 45 (2007) 71-104.
- RÄDLER-BOHN, Eva M. E., *Alcuin's heirs: the early reception of Alcuin's De Rhetorica and De Dialectica*, tese de doutoramento, University

of Cambridge, Cambridge 2003, URL = <https://doi.org/10.17863/CAM.11637>.

STRANGE, Steven K., «Plotinus, Porphyry, and the Neoplatonic interpretation of the *Categories*», in W. Haase (ed.), *Philosophie, Wissenschaften, Technik. Philosophie*, De Gruyter, Berlin 1987, pp. 955-974.

WEDIN, Michael V., *Aristotle's Theory of Substance: The Categories and Metaphysics Zeta*, Oxford University Press, Oxford 2000.

Nota sobre a tradução

Na presente tradução, utilizámos a edição crítica de Lorenzo Minio-Paluello: Anonymus, *Paraphrasis Themistiana (Pseudo-Augustini Categoriae decem)*, in Aristoteles Latinus, *Categoriae vel Praedicamenta*, ed. L. Minio-Paluello, (AL 1.1-5) Desclée de Brouwer, Bruges – Paris 1961, pp. 133-175. Mantivemos os títulos propostos nesta edição, bem como a numeração. Quando nos pareceu pertinente, acrescentámos parágrafos, de modo a tornar a leitura e a compreensão da divisão de assuntos mais evidente.

Quando fizemos a primeira versão desta tradução, no âmbito da nossa tese de doutoramento, ainda não havia nenhuma. Entretanto, em 2021, Alain Galonnier traduziu as *Categoriae decem* para o francês e propôs algumas modificações ao texto da edição crítica. Apontámos essas propostas em nota de fim, mas mantivemos o texto latino da edição crítica.

Há um conjunto de termos técnicos que exigem alguma atenção e cuidado na sua tradução, dadas as consequências teóricas que advêm da sua eventual confusão, em especial, as nossas opções ao distinguir uma categoria enquanto tal dessa mesma categoria enquanto um sujeito é denominado através dela (por exemplo, a distinção entre *quantitas* e *quantum*). Assim sendo, eis um pequeno glossário com as nossas opções de tradução:

Latim	Português
usia / usian	usia (mantivemos a transliteração, ao invés de “substância”)
quantum ≠ quantitas	quantificado ≠ quantidade
quale ≠ qualitas	qualificado ≠ qualidade
ad-aliquid / ad aliquid	relativo-a-algo
ubi ≠ locus	onde ≠ lugar
quando ≠ tempus	quando ≠ tempo
iacere / situs ≠ positio	jazer / estar posicionado (o autor propõe ambas) ≠ posição
habere ≠ habitus	ter (categoria) ≠ hábito (espécie de qualidade ou de relativo)
facere	fazer
pati	padecer

De qualquer modo, a primeira ocorrência destes termos será assinalada na tradução, com a palavra ou expressão latina em itálico entre parênteses. O mesmo ocorrerá noutras situações mais pontuais, para que o leitor identifique de um modo mais imediato as nossas opções, sobretudo quando palavras do mesmo campo semântico estão a ser comparadas.

Também optámos por não traduzir as expressões gregas por si próprias, dado que, na esmagadora maioria dos casos, o nosso parafrasta explica-as ou tradu-las. Traduzimos, portanto, diretamente a explicação do parafrasta, de modo a não duplicar traduções.

O trecho das *Categorias* de Aristóteles que está a ser comentado, ou parafraseado, ou traduzido, é assinalado em nota de fim.

Por fim, convencionámos as seguintes marcas tipográficas:

|...| : títulos e numeração da edição crítica;

{...} : acrescentos do editor crítico;

[...] : supressões do editor crítico;

†...† : algum problema assinalado pelo editor no texto da edição crítica, devidamente explicado em nota de fim;

<...> : acrescentos do tradutor, que servem o propósito de tornar a tradução mais clara e procuram não ser excessivamente interpretativos.

Texto e tradução

Categoriae decem

(Paraphrasis Themistiana)

As dez categorias

(Paráfrase temistiana)

[1] Cum omnis scientia disciplina que artium diversarum non nisi oratione tractetur, nullus tamen, o fili, in quovis genere pollens inventus est qui de ipsius orationis vellet origine principio ve tractare, idcirco que miranda est Aristotelis philosophi diligentia qui, disserendi de omnibus cupidus, ab ipsius coepit examine quam sciret et praetermissam a cunctis et omnibus necessariam.

[2] Is igitur nos docuit ex octo his quas grammatici partes orationis vocant eam solam recte appellari orationis partem quae indicaret aliquid vocabulo que signaret. Itaque solas orationis partes, auctore Aristotele, nomen et verbum debemus accipere, ceteras vero ex his fieri aut ‘compagines orationis’ potius quam ‘partes eius’ debere nominari: nomen namque personam demonstrat, verbum quid quisque faciat quid ve patiat. [3] Dehinc, hoc docente, debemus advertere quo compendio paulatim oratio, coartata per gradus, cuncta quae sunt uno vocabulo capta conclusit. Nam, cum sit diversa innumerabilis que mortalium nuncupatio nec comprehendi possit nominum tam lata diversitas, uno tamen vocabulo cum ‘hominem’ dixeris noscis omnes; similiter cetera: equus ille Ἐάνθος vel Ἀἴθων vel Δῖος vel ille atque ille; et quamquam sit horum quoque nominum infinita comprehensio, ‘equum’ tamen cum quis dixerit monstrabit omnes. Et si quis leonibus – quod fieri solet – vel bobus imponat nomina, in immensum tenditur uniuscuiusque cognitio, et acies mentis obtunditur; sed, cum ‘leonem’ vel ‘taurum’ dixeris, omnes qui ubique sunt sub

[1] Uma vez que nenhuma ciência nem nenhuma disciplina das diversas artes é tratada a não ser através da oração, e não havia, contudo, ninguém capaz, meu filho, em qualquer um dos géneros <do saber>, que tivesse querido tratar da origem e princípio da própria oração, é de admirar a diligência do filósofo Aristóteles, que desejoso de dissertar sobre todas as coisas, começa pelo exame desta, a qual era sabida, mas descurada por todos e necessária em todas as coisas.

[2] Portanto, ele ensinou-nos que, daquelas oito coisas a que os gramáticos chamam partes da oração, só se dá o nome de parte de oração àquela que indicar algo e que, através de um vocábulo, seja um signo <disso>. Assim, pela autoridade de Aristóteles, as únicas partes da oração que devemos aceitar são o nome e o verbo; as restantes, na verdade, são produzidas a partir destas, ou são mais corretamente denominadas “companheiras da oração” do que “partes” dela. O nome, de facto, mostra a pessoa; o verbo, o que é que cada um faz e de que é que padece. [3] De seguida, ensinado isto, devemos pouco a pouco advertir quanto ao abreviamento: uma oração, contraída por graus, concluirá todas as coisas que são capturadas num único vocábulo. Com efeito, dado que a nomenclatura utilizada pelos mortais é diversa e inumerável, e não se pode compreender uma diversidade tão extensa de nomes, contudo, com um único vocábulo, como <por exemplo> “homem”, dirás conhecer todos. Semelhantemente nos restantes <nomes>: o cavalo <contraí todos>, o Xanto, o Êton, o Divino <Lampo>¹, ou aquele e também aqueloutro; e embora exista deles uma infinita variedade de nomes, todavia quem disser “cavalo” mostrará todos. E se alguém, como se costuma fazer, impuser nomes a leões ou a touros, a cognição vai tender para cada um desses dentre os imensos, e a acutilância da mente fica obtusa; mas, quando disseres “leão” ou “touro”, todos os que estão por todo o lado ficam

uno nomine naturae succidunt. [4] Verum orationis vis, quae infinita genera procreandi varietate singulis vocabulis colligaverat, parum fecisse visa est nisi eadem coacta in unum singulari nuncupatione concluderet; ideo que et hominem et feram et equum dixit ‘animal’ dans cunctis nomen quod omnia possideret. Nec minus ea quae sine anima sunt brevi ex immensa demonstratione signavit; nam, cum sit arbor et nucis et castaneae et glandis et mali cetera que inexplicabilia genera virgultorum, ‘surculum’ vocans singulari omnia et communi vocabulo astrinxit. Similiter ornamentorum diversos lapides compendiose vocavit ‘gemmas’.

[5] Postremo, licet abunde prospexerat dispersa passim genera speciali nota concilians, tamen ingenti quodam et capaci ad infinitum nomine omne quidquid est comprehendens dixit οὐσίαν, extra quam nec inveniri aliquid nec cogitari potest. Haec est una de categoriis decem. [6] Appellatas vero categorias constat propterea quod non possint nisi ex subiectis agnosci, ὡς κατὰ τινῶν λεχθεῖσα; quis enim quid sit homo possit agnoscere nisi aliquem sibi hominem ponat ante oculos quasi subiectum ‘homini’? [7] Ne autem, progrediente tractatu in quo plurimis exemplis opus est, eadem ad docendum nomina repetantur ac saepe accidat ut vel ‘Hortensii’ vel altius ‘hominis’ vel superius ‘animalis’ vel excelsius ‘usiae’ in fastidium frequentata exempla reciderent, alia his vocabula, quibus ad disserendum philosophi uterentur, inflexit. Itaque Hortensium et nucis arborem et equum Xanthum et his similia αἰσθητά, ἄτομα, ἐν ἀριθμῷ, καθέκαστα vocavit: αἰσθητά quod tactu sentiantur, ἄτομα quod dividi et secari nequeant (quis enim credat Hortensium caedi posse per partes? quod si fiat, Hortensius iam non erit), ἐν ἀριθμῷ quod sint numeri unius, καθέκαστα quod singularia (neque enim haec in uno quovis geminari possunt). [8] Deinde altiora, id est hominem, equum, leonem, arbo-

sob a alçada de um único nome da <sua> natureza. [4] Na verdade, a força da oração que coligasse os infinitos géneros engendrados por cada um dos vocábulos, por pouco que possa parecer, não seria senão restringir o mesmo numa só designação; e deste modo, também “animal” diz homem, fera e cavalo, ao dar a todos um nome que os possui a todos. <E “animal”> seria um sinal breve para a imensa amostra <de todas as coisas> menos aquelas sem alma; de facto, uma vez que existem a árvore da noz, da castanha, da bolota, da maçã e os géneros inumeráveis de plantas (*virgulta*), “rebento” (*surculum*) abrevia num vocábulo comum cada um deles. Semelhantemente, “pedras preciosas” (*gemmas*) denominará abreviadamente as diversas pedras ornamentais.

[5] Em suma, embora observasse abundantemente os dispersos géneros especiais conhecidos de um modo a conciliá-los, contudo chama *usian* (οὐσίαν) ao nome ingente e capaz até ao infinito de compreender em si o que quer que seja, fora do qual nada se pode descobrir nem pensar. Esta é uma das dez categorias. [6] Na verdade, consta que são chamadas “categorias” devido ao facto de não poderem ser reconhecidas a não ser a partir dos sujeitos: ὡς κατὰ τινῶν λεχθῆναι. Com efeito, quem pode reconhecer o que é um homem sem que alguém ponha diante dos seus olhos um homem como sujeito de “homem”? [7] Na verdade, ao longo que o tratado, no qual é necessário colocar diversos exemplos, progride, repetiram-se os mesmos nomes para que se ensinasse, e acontecia frequentemente que se regressava aos exemplos num processo fastidioso, como por exemplo quando faz a flexão de “Hortênsio”, ou acima “homem”, ou o superior “animal”, ou o mais excelso “*usia*”, <e> os outros vocábulos que os filósofos utilizavam para dissertar. Do mesmo modo, chamava αἰσθητά, ἄτομα, ἐν ἀριθμῷ e καθέκαστα a Hortênsio, à noqueira, ao cavalo Xanto e a coisas semelhantes a estas: αἰσθητά, os que são sentidos pelo tato; ἄτομα, os que não podem ser divididos ou cortados (quem, com efeito, creria que Hortênsio pudesse ser cortado em partes? Se se o fizesse, já não seria Hortênsio); ἐν ἀριθμῷ, os que são unos em número; καθέκαστα, os que são singulares (nem podem ser duplicados). [8] Depois, aos mais altos, isto é, homem, cavalo, leão, árvore,

rem ars dixit εἶδη, quasi partes generis et rerum formas; dehinc superiora, id est animalia et virgulta et gemmas et lapides, ‘genera’ nuncupavit, ex quibus partes vel formae nascuntur. Eadem tamen ‘genera’, ‘species’ vel εἶδη nominari possunt quod habent excelsius aliquid, id est usian, ex qua oriri videantur et nasci. Ipsam vero usian, supra quam nihil est, ‘genus’ appellari voluerunt.

[9] His ita compositis, ea quae mente concepta signari et demonstrari possunt aggressurus, Aristoteles omisit illa interim quae de verborum ratione tractantur, cum in linguae usu pro-
venerit ut uno nomine res multae et multis nominibus res una nuncupetur.

[10] His rebus quas unum nomen complectitur duo vocabula ars dedit, ut ex his alia ‘omonyma’ alia ‘synonyma’ vocaret. Omonyma sunt cum res quidem plures commune nomen accipiunt, interpretatione vero eiusdem rei separantur, ut homo pictus et verus; in hoc namque idem nomen est; verum si ad definitionem vel ad interpretationem ‘hominis’ redeas, invenientur ista disparia. Cum enim dixeris verum hominem animal esse quod risum capiat et vim rationis admittat, cum de picto non possis idem dicere, necessario inveniuntur esse disparia. [11] Regulariter autem accipere debemus omne nomen, licet proprium, quod possit esse commune cum ceteris ‘omonymon’ vocari; ut ‘Cicero’ non unus sed plures. Sed si, omisso nomine, signis potius demonstrare velis quis sit ille Cicero, quis alius, quis tertius, alia de alio signa narranda sunt, ut alium crassum dicas, alterum tenuem, vel longus dicatur alius, alter brevis, candido colore quis, alter nigro. Haec igitur, quoniam inter se discrepant solo sociata nomine, ‘omonyma’ dicta sunt, vocabulo iuncta, rei interpretatione discreta. [12] Synonyma

a arte chama εἶδη, como que partes de um gênero e formas das coisas; de seguida, aos superiores, isto é, animais, plantas, pedras preciosas e rochas, denominava-as “gêneros”, a partir dos quais procedem as partes ou as formas. Podem, contudo, denominar-se com o mesmo nome “gêneros”, “espécies” ou εἶδη, enquanto têm algo mais excelso, isto é, a *usia*, a partir da qual se originam e são trazidos à existência. Na verdade, à própria *usia*, acima da qual nada existe, quiseram dar-lhe o nome de “gênero”.

[9] Assim, daqueles compostos, os quais, concebidos pela mente, podem ser assinalados ou mostrados, Aristóteles acabou por omitir aquelas coisas que dizem respeito à razão das palavras, uma vez que, no uso de uma língua, se designam num nome muitas coisas e em muitos nomes uma coisa.

[10] Naquelas coisas nas quais um nome é compreendido por dois vocábulos, a arte aprovisionou que, de entre eles, se chamasse a umas “homónimos” e a outras “sinónimos”. São homónimos quando várias coisas tomam um nome comum, mas são separadas na interpretação da coisa, como por exemplo um homem pintado e um verdadeiro: decerto, têm o mesmo nome, mas se retornares à definição ou à interpretação de “homem”, estes encontram-se separados². Com efeito, como dissesses que o verdadeiro homem é um animal que é capaz de rir e acolhe a força da razão, uma vez que não podes dizer o mesmo do <homem> pintado, é necessário que se encontrem separados. [11] Porém, devemos aceitar que regularmente se chama “homónimo” a todo o nome que, embora próprio, possa ser comum com os restantes <que tenham o mesmo nome>; por exemplo, “Cícero” não é um, mas vários. Mas se, omitido o nome, quiseres demonstrar por sinais que se trata mais daquele Cícero do que de outro, e do que um terceiro, devem ser narradas por sinais outras coisas, tais como se dissesses que um deles é entroncado, outro magro, ou que um é alto, outro baixo, um é branco de cor, outro negro. Portanto, estes, já que entre si são discrepantes e apenas estão associados pelo nome, são ditos “homónimos”, juntos pelo vocábulo, separados pela interpretação da coisa. [12] Os sinónimos, na verdade, aquelas coisas

vero sunt res quae et nomine et sui interpretatione iunguntur, ut est ‘animal’: id enim de homine et de equo et fera et de avibus dici potest; animal est quod cibum capiat, quod mortale sit, quod sensu moveatur.

[13] Nunc ad eas res quae singulae multis nominibus signari assolent veniamus, quamquam hanc partem Aristoteles – ut superius dictum est – praetermiserit idcirco quod de his quae significantur, non de his quae significant, disserendum putavit (in his autem non rerum sed nominum vertitur quaestio). Haec divisa sunt similiter in partes duas, et alia polyonyma, alia etheronyma sunt. [14] Polyonyma sunt, cum multa nomina unam rem significant, neque ulla de differentia nominum redditur ratio, ut ‘ensis’, ‘mucro’, ‘gladius’: haec namque, cur unam rem tot significant, nec discerni nec definiri potest. [15] Dehinc etheronyma multis aequae nominibus res singulas tenent. Verum in his habet rationem diversitas nominum, velut est ‘homo mortalis terrenus’: ‘homo’ ab humanitate, ‘mortalis’ a necessitate mortis, ‘terrenus’ a terra in qua cuncta gignuntur. [16] Claret igitur in his nominum originem quaeri in superioribus rerum; quamobrem his omissis Aristoteles superiorum maluit movere tractatum.

[17] Ergo ad omonyma redeamus, quae dividuntur in partes duas: aut enim fortuitu fiunt aut hominum voluntate nascuntur. Fortuitu fiunt cum, quodam casu, simile quis alteri accipit nomen; voluntate, cum similitudo nominis ex industria imponentis affigitur. [18] Horum autem quae industria vel voluntate nascuntur quattuor sunt genera: εἰκῶν, κατὰ ἀναλογίαν, ἀπὸ ἑνός, πρὸς ἓν; ut eadem latinus quoque sermo declarat: similitudo, pro parte, ab uno, ad unum. Similitudo est ut ‘homo pictus’ et ‘verus’; sola

que estão unidas pelo nome e pela sua interpretação³, como é o caso de “animal”: este, com efeito, pode ser dito do homem e do cavalo, das feras e das aves; animal é aquilo que toma o alimento, que é mortal e que se move pelos sentidos.

[13] Quanto àquelas coisas em que cada uma delas costuma ser assinalada por vários nomes, como foi dito acima, Aristóteles omitiu-as, pois pensou que devia falar sobre aquilo que é significado, não sobre aquilo que significa (nesse aspeto, a questão não versa sobre as coisas, mas sobre os nomes). Estas estão semelhantemente divididas em duas partes: umas são poliónimas, outras heterónimas. [14] São poliónimas quando muitos nomes significam uma coisa, e não se reencontra uma razão diferente na diferença de nomes, como por exemplo em “espada” (*ensis*), “lâmina” (*mucrio*) e “gládio” (*gladius*): de facto, posto que todas significam uma só coisa, não se podem discernir nem definir diferentemente. [15] De seguida, <são> heterónimas quando cada uma das coisas tem igualmente vários nomes, <mas> é verdade que nelas a diversidade dos nomes tem uma razão, tal como em “homem mortal terreno”: “homem” pela humanidade, “mortal” pela necessidade da morte; “terreno” pela terra na qual todos são originados. [16] Portanto, esclarece que nestes, se procura a origem dos nomes, <ao passo que>, acima, <se procura a origem> das coisas; por esta razão, omitidos estes, Aristóteles preferiu prosseguir com o tratamento dos <que expôs> acima⁴.

[17] Por isso, retornamos aos homónimos, os quais se dividem em duas partes: com efeito, ou são produzidos de um modo fortuito, ou nascem da vontade do homem. São produzidos de um modo fortuito quando, num certo caso, um nome toma na sua aceção algo que seja semelhante a outra coisa; pela vontade, quando a semelhança do nome é fixada a partir da diligência do que a impõe (*ex industria imponentis*). [18] Porém, destes que são originados pela diligência ou pela vontade, existem quatro géneros: εἰκὼν, κατὰ ἀναλογίαν, ἀπὸ ἑνός, πρὸς ἕν; também por palavras latinas se diz: semelhança (*similitudo*); em função de uma parte (*pro parte*); a partir de um único (*ab uno*); relativo a um único (*ad unum*). A semelhança é como entre um homem pin-

enim similitudine copulatur. Pro parte est (quod κατὰ ἀναλογίαν Graeci vocant) ut, quo pacto ‘principium animalis’ cor dicimus, ita ‘principium aquae’ fontem dicimus: pro parte enim sui similitudo nominis videtur adiuncta. Ab uno est cum dicimus a ‘medicina’ ‘medicinale ferramentum’, ‘medicinalis scientia’, ‘medicinale praeceptum’, ‘medicinalis usus’; ab uno enim cuncta descendunt. Ad unum est ut ‘illa potio salubris est’, ‘ille medicus salubris’, ‘ferramentum illud salubre’: haec enim cuncta unum, id est salutem, videntur attingere.

[19] Sed plerique movere assolent quaestionem de quibus magis Aristoteles voluerit inchoare tractatum: primo de iis quae sunt, secundo de iis quae percipiuntur, tertio de iis quae dicuntur. Primo: sunt, res omnes quas natura peperit; secundo: percipiuntur, ea quorum imagines animo videndo formamus et condimus; tertio: dicuntur, illa quibus ea quae sunt impressa animis efferuntur (id namque quod quis concipit animo, lingua prosequente declarat). [20] Sed, ut erudito nostrae aetatis Themistio philosopho placet, de his Aristoteles tractare incipit quae percipiuntur quae que ipse vocat graeco nomine σημαίνόμενα sive φαντασίας, ‘imagines rerum insidentes animo’; verum, cum de perceptis proposuerit disputare, et de iis quae sunt et de iis quae dicuntur necessario locuturus est. Percepta enim ex his oriuntur quae sunt, quae videndo percipimus; perceptorum autem deerit demonstratio nisi eorum quae dicuntur auxilio fuerint demonstrata. [21] Ergo, quamquam separatim postea ea quae sunt definiturus sit, mixtam tamen de tribus disputationem debemus accipere. Nam de perceptis qui loquitur, et originem rerum trahit et praesidia orationis implorat. Superfluum igitur quaestionem movet qui dicit scrutari oportere cur Aristoteles in principio suo omonyma detexerit, si de

tado e um homem verdadeiro; na verdade, apenas por semelhança eles se juntam. Em função de uma parte (*pro parte*), que os gregos chamam *κατὰ ἀναλογίαν*, é como quando, por convenção, dizemos que o coração é o “princípio do animal” do mesmo modo que a fonte é o “princípio da água”: com efeito, parecem juntas em função de uma parte pela sua semelhança de nome. A partir de um único (*ab uno*) é como quando, a partir de “medicina”, dizemos “instrumento médico”, “ciência médica”, “preceito médico”, “costume médico”: de facto, todos derivam de um único. Relativo a um único (*ad unum*) é, por exemplo, “aquela poção é saudável”, “aquele médico é saudável”, “aquele instrumento é saudável”: estes, com efeito, parecem tocar um único, isto é, a saúde.

[19] Mas muitos pretendem mover uma questão acerca do que Aristóteles quis expor mais no tratado: primeiro, daquelas coisas que são; segundo, daquelas coisas que são percebidas; terceiro, daquelas coisas que se dizem. Primeiro: são – todas as coisas que a natureza gerou. Segundo: são percebidas – todas as imagens que formamos e conservamos na visão da alma. Terceiro: são ditas – todas aquelas coisas que se encontram na alma e são expressas (na verdade, aquilo que alguém concebe na alma, a língua consequentemente declara). [20] Mas, tal como apraz ao erudito filósofo do nosso tempo Temístio, Aristóteles começa por tratar daquelas coisas que são percebidas, as quais o próprio chama pelo nome grego *σημαινόμενα* ou *φαντασίας*, “imagens das coisas inseridas na alma”; na verdade, uma vez que propôs disputar acerca das coisas percebidas, também foi necessário que falasse das coisas que são e das que são ditas. As coisas percebidas, com efeito, originam-se a partir das que são, as quais percebemos vendo; porém, não existe uma demonstração das coisas percebidas a não ser que sejam demonstradas pelo auxílio das que são ditas. [21] Logo, embora aquelas coisas que são devam ser definidas depois separadamente, devemos, contudo, conduzir uma discussão misturada sobre as três. De facto, acerca das coisas percebidas de que fala, traz à discussão a origem das coisas e invoca a ajuda da oração. Portanto, move uma questão supérflua quem diz que é mister escrutinar porque é que Aristóteles no princípio do seu <tratado>

his quae percipiuntur fuerat tractaturus, cum liqueat non posse dici aliquid nisi quod perceptum fuerit, nec percipi aliquid posse nisi res fuerit de qua imago intuendo capiatur.

[22] His igitur cognitis, paronyma videamus quae sunt in omonymorum et synonymorum medio constituta, et quae nec paronyma dici possunt nisi in se habuerint utrorumque contractum (id est nisi et nomen omonymorum et negotium synonymorum videantur habere commune) ut a ‘sapientia’ ‘sapientem’ vel ‘medicum’ a ‘medicina’ dicamus; eadem in medico quae in medicina et actus similitudo videtur et nominis. Propterea recte ‘paronymum’ dictum est quod aliunde nomen acceperit. [23] Verum, ne eadem videantur paronyma et omonyma quae ab uno dicuntur (id est ἀπὸ ἐνός), hanc differentiam debemus agnoscere, quod ipsa paronyma inter se quidem propter similitudinem nominis omonyma sunt, illius tamen nominis paronyma dicuntur unde nomen acceperint, ut puta a ‘sapientia’ dicamus ‘hominem sapientem’, ‘sapiens consilium’: inter se haec omonyma sunt, ipsius vero sapientiae paronyma. [24] Observari tamen oportet ut commutationem ultimae syllabae habeant neque ita finiantur paronyma quemadmodum desinunt ea de quibus originem ducunt, ut ‘medicina’ et ‘medicus’: ‘medicina’ aliis litteris clauditur, aliis ‘medicus’. Hanc igitur differentiam nisi paronyma habuerint, et nisi cum synonymis negotio, cum omonymis nomine fuerint copulata, omonyma potius quam paronyma nominantur; ut, si a ‘malitia’ ‘vitiosum’ dicamus, negotio quidem cum synonymis convenit sed ab omonymis discrepat nomine (neque enim ‘vitiosus’ et ‘malitia’ similia sunt, quamquam eodem intellectu sentiantur); quod si a ‘malitia’ dicatur ‘malus’, recte utrumque convenit.

teorizou os homónimos se ia tratar daquelas coisas que são percebidas, uma vez que é claro que não se pode dizer algo a não ser sobre aquilo que foi percebido, nem perceber algo a não ser que existisse a coisa acerca da qual se captura uma imagem pela intuição.

[22] Compreendidas estas coisas, vejamos os parónimos, os quais se encontram estabelecidos no meio entre os homónimos e os sinónimos, e os quais nem sequer poderiam ser ditos parónimos se não tivessem em si a contração de cada um dos outros – isto é, se não se vislumbrasse que existe algo comum ao nome dos homónimos e à incumbência dos sinónimos –, como por exemplo, pela “sapiência” dizemos “sapiente” ou “médico” pela “medicina”; a semelhança, quer do ato, quer do nome, parece ser a mesma no médico e na medicina⁵. Por isso, é corretamente dito “parónimo” aquilo que se toma por um nome de outra coisa (*aliunde nomen*). [23] Na verdade, os parónimos e os homónimos parecem realmente ser ditos a partir de um único (isto é, ἀπὸ ἐνός), mas devemos reconhecer esta diferença, a saber, que os próprios parónimos, de facto, entre si são homónimos devido à semelhança do nome, mas nesses nomes são ditos parónimos onde um nome os toma na aceção <comum aos dois>, como por exemplo ao dizermos “homem sapiente” e “conselho sapiente” a partir de “sapiência”: estes são homónimos entre si, mas parónimos pela própria sapiência. [24] É necessário, contudo, observar-se que têm uma diferença na última sílaba, e assim os parónimos definem-se do mesmo modo que fazem a desinência daquilo a cuja origem conduzem, como em “medicina” e “médico”: “medicina” termina numas letras, “médico” noutras. Portanto, se os parónimos não tivessem essa diferença e se não se encontrassem na incumbência dos sinónimos (*cum synonymis negotio*), seriam acoplados pelo nome aos homónimos, chamar-se-iam mais homónimos do que parónimos; por exemplo, se pela “maldade” dissermos “vicioso”, convém que caiba na incumbência dos sinónimos, mas no que diz respeito aos homónimos é discrepante no nome (com efeito, “vicioso” e “maldade” não são semelhantes, embora sejam percebidos numa mesma intelecção); só se se disser “mau” a partir

[25] In ultima vero syllaba non mutatur hoc modo, ut si dicamus a 'sapientia' 'verba sapientia'; hic, cum nulla syllaba commutata est, paronymi exclusa est nuncupatio. Unde constat haec et his similia omonymis potius debere coniungi.

[26] Scire etiam debemus verba aut simplicia esse aut certe coniuncta: coniuncta sunt 'equus currit'; simplicia, cum haec separantur et dicuntur singula, ut 'equus,' 'currit'. Sed iam satis de his quae significant dictum puto.

[27] Restat ut †...†^s eorum quae sunt quo pacto Aristoteles tractaverit enarremus. Sunt, igitur, illa quae aut percipimus sensibus aut mente et cogitatione colligimus: sensibus tenemus quae aut videndo aut contrectando aut audiendo aut gustando aut odorando cognoscimus; mente ut, cum quis equum aut hominem vel quodlibet animal viderit, quamquam unum corpus esse respondeat, intellegit tamen multis partibus esse concretum (siquidem alia sit pars capitis, alia pedum ceterorum que membrorum, in ipso capite partes suas aures habeant, habeat propriam lingua, ipsae quoque partes singulae multa in se habeant quae dividi et separari possunt, ut caro sit aliud, aliud corium, aliud venae, aliud nervi, capilli aliud; ergo haec mente vel intellectu colligimus ad quae nostri sensus penetrare non possunt). [28] Consideramus et illa, et animi intentione cognoscimus, vel hominem vel aliud animal crescere, senescere, nunc stare nunc movere gressum, modo angi curis modo securo pectore conquiescere, sanitate alias frui alias dolorem perpeti, ex nigro album, nigrum ex albo colorem mutare, peritum ex imperito, ex indocto doctum, ex mansuetu ferum, ex feroci mansuetum. [29] Cum igitur, in iis quae sunt, alia sensibus, alia mentibus colligantur, separari haec propriis nominibus homines eruditi maluerunt, et id quod dinoscitur

de “maldade” é que convêm corretamente. [25] Na verdade, a última sílaba não é mudada deste modo se dissermos “palavras de sapiência” (*verba sapientia*) a partir de “sapiência” (*sapientia*)⁶; aqui, como nenhuma sílaba fosse mudada, a denominação de parónimo é excluída. Por isso, devem-se juntar mais aos homónimos este e outros casos semelhantes.

[26] Também devemos saber que as palavras (*verba*), ou são simples, ou conjuntadas: são conjuntadas em “o cavalo corre”; simples, quando estas se separam e se dizem individualmente, como “cavalo”, “corre”⁷. Mas penso que já é suficiente o que foi dito acerca das coisas que significam.

[27] †Resta que†⁸ exponhamos sobre aquelas coisas que são, acerca das quais existe acordo que Aristóteles tratou. Portanto, são aquelas coisas que, ou percebemos pelos sentidos, ou coligimos pela mente e pela cogitação: pelos sentidos obtemos aquelas coisas que conhecemos, ou vendo, ou tocando, ou ouvindo, ou saboreando, ou cheirando; pela mente, como alguém visse um cavalo, ou um homem, ou qualquer animal, embora respondesse que se trata de um corpo, compreenderia contudo que o ser concreto é constituído por muitas partes (ora, uma é a parte da cabeça, outra dos pés e dos restantes membros, e na própria cabeça as orelhas têm as suas partes, a língua tem uma parte própria, e também cada uma das muitas partes têm em si <partes> em que podem ser divididas e separadas, como por exemplo a carne é uma coisa, o couro outra, as veias outra, os nervos outra, os cabelos outra; logo, pela mente ou pelo intelecto coligimos estas coisas que os nossos sentidos não podem penetrar). [28] Consideramos e também conhecemos pela intenção da alma (*intentio animi*) estas coisas: que o homem ou outro animal cresce, envelhece, ora está quieto, ora caminha, ora se aflige, ora se apazigua, umas vezes usufrui de saúde, outras suporta a dor, muda de cor de branco para negro e de negro para branco, de inexperiente para experiente, de inculto para culto, de manso para feroz e de feroz para manso. [29] Portanto, uma vez que, daquelas coisas que são, umas se coligem pelos sentidos, outras pelas operações mentais, os homens eru-

sensibus ‘usian’ dici, illud autem quod animi tractatu colligitur ac saepe mutatur συμβεβηκός (id est ‘accidens’) nominari voluerunt. Et quoniam in permanente usia ea quae accidunt inesse noscuntur, ipsam usian ὑποκείμενον (id est ‘subiacens’) et ‘non-in-subiecto’ appellari voluerunt, illa vero quae accidunt, ἐν ὑποκειμένῳ (id est ‘in subiacenti’) dixerunt. [30] Sine dubio tamen illud oportet a nobis agnosci, ut potiolem usian accidentibus dicimus, sic potius ἄτομον vel καθέκαστον, id est hunc hominem vel hunc leonem, iis quae fuerint communia vel communi vocata ‘animalium’ nomine iudicare.

[31] Rursus ad ea quae significantur Aristoteles regressus est, quot modis ea quae sunt significari assolent monstraturus. Ex his igitur quae sunt, alia de subiecto significantur et in subiecto non sunt; ut est homo, de subiecto quidem significatur aliquo homine (neque enim ‘homo’ dici posset nisi esset aliquis de quo dicere-tur), in subiecto autem nullo est, cum ipse sit usia quam superius diximus in nullo umquam subiacenti esse quippe cum sit ceteris ipsa subiecta. Alia vero nec in subiecto sunt nec de subiecto significantur; ut est Cicero nec in subiecto est, quia usia est, nec de subiecto aliquo significatur, siquidem a se ortum vocabulum teneat neque intellegi possit aliunde. [32] Dicta sunt duo quae ad usian pertinent quo pacto significantur, quorum superius κοινόν (id est commune), inferius καθέκαστον (id est pro parte) dicitur. Nunc ea quae sunt ex accidentibus, quonam modo significantur dicendum est. [33] Sunt igitur ex iis alia quae et in subiecto sint et de subiecto significantur, ut est scientia vel color (sunt enim in subiecto aliquo, id est in animo vel corpore; neque enim scientia

ditos preferiram separá-las pelos nomes que lhes são próprios, e aquilo que se distingue pelos sentidos é dito “*usia*”; porém, aquilo que é coligido pelo tratamento da alma e frequentemente se altera, quiseram nomear *συμβεβηκός*, isto é, acidente. E porque aquelas coisas que são acidentais são conhecidas como inerentes (*inesse*) na *usia* permanente, quiseram chamar *ὑποκείμενον* à própria *usia*, isto é, subjacente (*subiacens*), e “não-num-sujeito” (*non-in-subiecto*); àquelas coisas que, na verdade, são acidentais, chamaram *ἐν ὑποκειμένῳ*, isto é, “no subjacente” (*in subiacenti*). [30] Contudo, sem dúvida que é necessário que isto seja reconhecido por nós: que dizemos que a *usia* é superior aos acidentes, e igualmente é preferível ajuizar pelo nome *ἄτομον* ou *καθέκαστον*, isto é, este homem ou este leão, do que por aquelas coisas que são comuns ou chamadas em comum “animais”.

[31] De novo Aristóteles regressou àquelas coisas que são significadas, demonstrando em quantos modos as coisas que são costumam ser significadas. Por isso, das coisas que são, umas são significadas de um sujeito e não estão num sujeito, tal como é homem, que é decerto significado de um sujeito de algum homem (e nem se poderia dizer “homem” a não ser que existisse algo do qual se dissesse), mas não está em nenhum sujeito, uma vez que o mesmo é *usia*, a qual acima dissemos não se encontrar em nenhum subjacente, já que é o próprio sujeito das restantes coisas⁹. Outras, na verdade, nem estão num sujeito, nem são significadas de um sujeito, tal como é Cícero, o qual nem está num sujeito, pois é uma *usia*, nem é significado de um sujeito, dado que tem um vocábulo originado para si e não pode ser compreendido noutra lugar¹⁰. [32] Foram ditos os dois membros que pertencem à *usia*, que se pactuou que a significassem, dos quais o superior se diz *κοινόν*, isto é, comum, e o inferior *καθέκαστον*, isto é, pela parte (*pro parte*). Agora, devem ser ditas aquelas coisas que são a partir dos acidentes, de acordo com o modo como são significadas. [33] Portanto, a partir destas, umas são as que estão num sujeito e são significadas de um sujeito, tais como o são a ciência ou a cor¹¹ (estão, de facto, nalgum sujeito, isto é, na alma ou no corpo; e realmente uma ciên-

potest esse nisi sit anima subiecta qua contineatur, nec significari scientia possit nisi de subiecta grammatica; vel color quisquam esse possit nisi in subiecto corpore, nec significari possit nisi de subiecto aliquo colore; ita fit ut et in subiecto sint et de subiecto significantur). [34] Alia vero sunt ex iisdem συμβεβηκόσι (id est accidentibus) quae in subiecto quidem sunt sed de subiecto minime significantur; ut est haec grammatica vel hic albus color, in subiecto quidem sunt animo vel corpore, de subiecto autem non significantur (neque enim his aliunde vocabulum pendet, sed suo et speciali nomine designantur). In iis quoque superius accedens ‘commune’ nominamus, inferius (ubi iam certa res est) ‘pro parte’, hoc est καθέκαστον, dicitur.

[35] Verum ne aliquid non apertum praeterire Aristoteles existimaretur et oriundis quaestionibus occasionem dare, de eo quod in subiecto est voluit tractare diligentius ac definire quid esset, ut calumniantibus aditus clauderetur. Definit ergo in subiecto esse quod in altero est aliquo, non ut pars sit quaedam, neque sine eo in quo est potest umquam esse. Haec definitio addita propterea est, quia dici posset et digitum vel pedem in subiecto esse, id est in corpore; hoc igitur exclusit cauta definitione, dicendo id esse in subiecto quod pars eius non sit in quo est (digitum autem vel pedem partem esse corporis constat). [36] Dehinc a calumniantibus dici posset aquam vel vinum in quodam cado quasi in subiecto esse; sed id oriri docta definitio non sinit, addens id esse in subiecto quod sine subiecto esse non possit (vinum autem vel aquam sine cado in quo fuerit posse esse alibi non potest dubitari).

[37] Interea hoc loco debemus advertere qua arte definitio disponatur. Primum enim hanc per immensum tendi oportet, incipientem a genere, dehinc paulatim currendo per partes pervenire debet ad id in quo solum est id quod definitur. Ut ii qui

cia não pode existir a não ser que se encontre numa alma que seja o sujeito que a contenha, e não pode ser significada a não ser, <por exemplo>, como de um sujeito-gramática; ou a cor, que não pode senão estar num sujeito que é um corpo, nem ser significada a não ser de algum sujeito-cor; e assim dá-se que simultaneamente estão num sujeito e são significadas de um sujeito). [34] Outras, na verdade, são a partir dos próprios συμβεβηκόσι, isto é, dos acidentes, os quais estão realmente num sujeito, mas não são significados de um sujeito; por exemplo, esta gramática ou esta cor branca <particular> estão num sujeito que é uma alma ou um corpo, mas não são significadas de um sujeito (com efeito, o vocábulo não pende para nenhum outro lado, mas são designadas em especial pelo seu nome)¹². Nestas, também nomeamos o acidente superior como “comum” e o inferior, onde já é uma coisa particular, “pela parte” (*pro parte*), isto é, καθέκαστον.

[35] Na verdade, talvez para que não se estimasse deixar algo em aberto, dando ocasião a questões, Aristóteles quis tratar de um modo mais diligente aquilo que está num sujeito e definir o que é, para fechar a ocasião aos caluniadores. Por isso, define que “num sujeito” é aquilo que é algo noutro, não como uma certa parte, nem podendo existir sem que aquilo no qual se encontra exista¹³. Esta definição é adicionada porque se poderia dizer que também um dedo ou um pé estão num sujeito, isto é, num corpo; portanto, exclui isto pela cauta definição, ao dizer que está num sujeito aquilo que não é uma parte sua (o dedo ou o pé, pelo contrário, são evidentemente partes de um corpo). [36] Depois poderia ser dito pelos caluniadores que a água e o vinho estão num certo odre como se estivessem num sujeito; mas a douta definição não permite que se origine isto ao acrescentar que está num sujeito aquilo que sem o sujeito não pode existir (não se pode duvidar que o vinho ou a água pode existir sem o odre no qual se encontrasse).

[37] Entretanto, nesta passagem devemos advertir como está disposta uma definição numa arte. Com efeito, primeiro é necessário distendê-la ao máximo, começando pelo género, depois paulatinamente, percorrendo por partes, deve chegar àquilo no qual só se encontra aquilo que é definido. Tal como aqueles que esculpem

signa formant primo immensum subdeligunt lapidem, dehinc paulatim minuendo et abscidendo superflua ad formandos vultus et membra perveniunt; sic definitio a genere incipiens, depulsa paulatim generalitate verborum, ad proprium demonstrandae rei cubile tendit accedere.

[38] Sed ad propositum revertamur; tractatus enim de iis erat quae sunt quemadmodum significantur. De quibus quoniam multa iam dicta sunt, illud regulariter tenendum nobis est, omnia καθέκαστα vel ἐν ἀριθμῶν vel ἄτομα vel αἰσθητά, id est hunc hominem vel hunc equum vel hanc arborem de subiecto significari non posse; sin vero, haec eadem de accidentibus fuerint, id est hic color, haec disciplina in subiecto esse † posse (quemadmodum enim superius demonstratum est, omne accidens sine subiecto esse non potest). Docti igitur sumus quo pacto vel subiectum vel in-subiecto possimus agnoscere.

[39] Dehinc nos Aristoteles docet et illa quae de subiecto significantur qua ratione noscamus. In his autem speciale illud est quod eadem in ipso subiecto inveniuntur, quae sunt in eo quod de subiecto significatur. Ut enim animal de subiecto significatur homine vel equo, sic et homo de subiecto aliquo homine significetur necesse est; Cicero autem et homo est et animal. Quaecumque igitur praedicari de animali possunt, eadem et de homine et de Cicerone praedicantur. [40] Quapropter ea quae in eo quod de subiecto significatur inveniuntur, et in eo quod subiectum est necesse est inveniri; ut, si dicas “animal est quod cibum capiat, quod mortale sit, quod sensu moveatur”, animal autem de subiecto significatur homine, eadem tamen et de homine dici necesse est quae de animali dicta sunt. Deinde quae de homine dicta fuerint, eadem et de Socrate; certum autem est Socraten subiectum esse homini, hominem autem animali. [41] Quidquid igitur in iis quae de subiecto significantur dictum fuerit, idem et de iis quae subiecta dicimus praedicabitur. Regulariter autem illa de subiecto

uma estátua subtraem primeiro uma enorme pedra, e depois paulatinamente chegam a formar um vulto e os membros diminuindo e cortando as partes supérfluas, assim também a definição começa pelo género, remove a pouco e pouco a generalidade dos nomes, tendendo a aceder ao covil onde se esconde a coisa a demonstrar.

[38] Mas regressemos ao que foi proposto; com efeito, o tratado era sobre o modo como são significadas as coisas que são. Acerca disto, uma vez que já muitas coisas foram ditas, é melhor que nós as tomemos como regras: todos os καθέκαστα, ou ἐν ἀριθμῷ, ou ἄτομα, ou αἰσθητά, isto é, este homem, ou este cavalo, ou esta árvore, não podem ser significados de um sujeito; mas se estes fizessem parte dos acidentes, isto é, esta cor, esta disciplina, poderiam estar num sujeito (do mesmo modo que foi demonstrado acima, nenhum acidente pode existir sem um sujeito). Portanto, somos doutos se podermos reconhecer o que se convencionou sobre o sujeito e sobre estar num sujeito.

[39] De seguida, Aristóteles ensina-nos também sobre aquelas coisas que são significadas de um sujeito, cuja razão temos vindo a conhecer. Porém, isto é especial nelas: que aquelas coisas que se encontram naquilo que é significado do sujeito são igualmente descobertas no próprio sujeito. Com efeito, tal como animal é significado do sujeito homem ou do sujeito cavalo, assim também é necessário que homem seja significado de algum sujeito que seja homem; por isso, Cícero é homem e é animal¹⁴. Portanto, o que quer que possa ser predicado do animal, também é igualmente predicado do homem e de Cícero. [40] Por causa disso, se forem descobertas aquelas coisas que se encontram naquilo que é significado do sujeito, também é necessário que sejam descobertas naquilo que é o sujeito; por exemplo, se disseres “animal é aquilo que apanha comida, é mortal e se move pelos sentidos”, como animal é significado do sujeito homem, as mesmas coisas que foram ditas do animal são necessariamente ditas do homem; porém, é certo que Sócrates é um sujeito do homem, e que o homem o é do animal. [41] Logo, o que quer que tenha sido dito naquelas coisas que são significadas de um sujeito igualmente será predicado daquelas coisas que dizemos serem <esse> sujeito.

significantur quae per se ipsa cognosci non possunt; ut animal intellegi non potest nisi de subiecto homine, sic homo adverti non potest nisi de subiecto aliquo homine dinoscatur.

[42] Nunc, quoniam de categoriarum omnium generibus et speciebus et differentia locuturus est, inspiciendum primum videtur quid sit genus, quid species, quid differentia. [43] Genus est igitur quod secundum multa et differentia quid sit specie ostenditur atque significatur, ut est usia; omnia quidem 'usian' dicimus, sed hoc commune nomen specie separatur cum dicimus 'animal' vel 'lapidem'; ita fit ut, uno quasi coniuncta vocabulo, specie separentur. [44] Differentia vero est quae secundum multa et differentia, non quid sit sed quale sit specie praedicatur, ut est animal 'gressutum, volatile, aquatile, bipes, quadrupes'. Et genus ergo et differentia specie significantur, sed genus quid sit, differentia autem quale sit specie possunt agnosci. [45] Species autem est (quam quidam et 'formam' vocant) quae secundum multa et differentia quid sit numero praedicatur atque agnoscitur, ut est 'homo'. Hoc nomen homines cunctos amplectitur, et videtur idem facere quod species quae de aliquo homine praedicatur, qui numerum in seipso contineat; id est hic primus, ille secundus, ille tertius. [46] Ut tamen haec tria uno exemplo monstremus, genus est 'animal', differentia 'bipes, quadrupes', species 'homo, equus'. Sed ut genus nullum est quod non habeat differentiam, sic nec differentiam intellegere debemus quae species non habebit, ut nigrum et album non habent differentiam propterea quod ex se species non emittunt (quae enim alia species inveniri potest albi vel nigri?).

Estabelecendo uma regra, aquelas coisas que são significadas de um sujeito não podem ser conhecidas por si próprias, tal como o animal não pode ser compreendido senão a partir do sujeito homem, e assim o homem não pode ser considerado senão sendo reconhecido nalgum homem <particular>.

[42] Agora, já que devemos falar dos géneros, espécies e diferenças de todas as categorias, inspecione-se primeiro o que é um género, o que é uma espécie e o que é uma diferença. [43] Por isso, o género é aquilo que é mostrado e significado segundo muitas coisas e diferenças que sejam espécies <suas>, como a *usia*; de facto, dizemos que todas as coisas são *usia*, mas este nome comum separa-se na espécie ao dizermos “animal” ou “pedra”; assim, acontece que as coisas conjuntadas num único vocábulo se separam na espécie. [44] A diferença, na verdade, é aquilo que é predicado pela espécie segundo muitas coisas e diferenças, não no “o que é” (*quid sit*), mas no “qual é” (*quale sit*), como por exemplo “animal terrestre”, ou “voador”, ou “aquático”, ou “bípede”, ou “quadrúpede”. Logo, quer o género, quer a diferença são significados pela espécie, mas enquanto o género pode ser reconhecido no “o que é” da espécie, a diferença pode sê-lo no “qual é”. [45] Já a espécie, a qual alguns chamam também “forma”, é aquilo que é predicado e reconhecido no “o que é” em número segundo muitas coisas e diferenças, como o é “homem”. Este nome abarca todos os homens, e parece fazer o mesmo que uma espécie que se predica de algum homem, o qual contém em si próprio o número, isto é, este <homem> é o primeiro, aquele o segundo, aqueloutro o terceiro. [46] Para que mostremos um exemplo de cada um dos três, género é “animal”; diferença é “bípede, quadrúpede”; espécie é “homem”, “cavalo”. Mas tal como não há nenhum género que não tenha diferença, assim também não devemos pensar uma diferença que não tivesse espécie, como por exemplo negro e branco não têm diferença devido ao facto de não derivarem espécies a partir de si (com efeito, que outras espécies se podem descobrir a partir de branco e de negro?).

[47] Quoniam igitur quid sit genus, quid differentia, quid species separatim est, ad Aristotelis iam dicta veniamus. † Hoc etenim †¹⁵ eorum generum quae inter se diversa sunt nec differentias easdem posse esse nec species; alia enim et species et differentia est dum quaeritur quid sit, alia dum quale sit, alia dum quantum sit; ut, si velis animalis dicere differentiam, dicas ‘volatile, bipes, gressutum’, si velis speciem, dicas ‘hominem’ vel ‘avem’ vel ‘equum’. Numquidnam et de disciplina eadem differentia vel species dici potest? Propterea quod genera diversa sunt animal et disciplina; animal enim categoria est usiae, disciplina categoria qualitatis. [48] Denique illa genera quae alterna sibi societate coniuncta sunt, easdem differentias et easdem species habent, ut est usia: huius species est animal, sed idem animal genus est ceteris, ideo que et species et genus dicitur. Quoniam igitur haec duo genera invicem se tenent (quae Aristoteles quoque ὕπ ἀλλήλα nominavit), easdem differentias habent; ut, si dicas usian esse animal mortale, bipes, risus capax, eadem et de animali potes dicere: “animal est homo bipes, risus capax, mortalis” (eadem et de homine potes dicere: “homo est animal mortale, bipes, risus capax”). [49] Certum est ergo invicem sibi coniunctis generibus easdem et species et differentias inveniri, in diversis autem generibus hoc provenire non posse.

[50] Rursus Aristoteles ad ea quae dicuntur revertitur, quamquam superius dixerimus alterum sine altero tractari non posse (nam et qui dicit aliquid, de eo dicit quod est, et id quod est non potest ab altero intellegi nisi dicatur). [51] Eorum ergo quae nulla sui copulatione dicuntur, quodcumque singulare dictum fuerit aut usian significat aut quantitatem aut qualitatem aut ad aliquid aut iacere aut facere aut pati aut ubi aut quando aut habere. Hae

[47] Por isso, dado que foi discriminado o que é o género, o que é a diferença e o que é a espécie, já chegámos aos ditames de Aristóteles. E de facto¹⁵, aqueles géneros que são diversos entre si não podem ter nem as mesmas diferenças, nem as mesmas espécies; efetivamente, uma será a espécie e a diferença quando se perguntar “o que é” (*quid sit*), outra quando se perguntar qual é (*quale sit*), outra quando se perguntar quanto é (*quantum sit*); por exemplo, se quiseses dizer uma diferença do animal, dirás “voador, bípede, terrestre”, se quiseses uma espécie, dirás “homem”, ou “ave” ou “cavalo”¹⁶. E será que se pode dizer a mesma espécie e diferença também de uma disciplina? <Não>, devido ao facto de animal e disciplina serem géneros diversos; com efeito, animal é uma categoria da *usia*, a disciplina, uma categoria da qualidade.

[48] Por fim, aqueles géneros que são conjuntados entre si por outra comunidade <mais ampla> têm as mesmas diferenças e as mesmas espécies, tal como acontece com a *usia*: uma das suas espécies é o animal, mas o animal é igualmente género de outros, e por isso é dito quer espécie, quer género. Por isso, dado que estes dois géneros se têm um ao outro (os quais Aristóteles também nomeava ὑπ’ ἄλληλα), têm as mesmas diferenças; por exemplo, se disseres que uma *usia* é um animal mortal, bípede, capaz de rir, igualmente podes dizer sobre um animal que “um animal é o homem bípede, capaz de rir, mortal”, e igualmente podes dizer sobre um homem que “o homem é um animal mortal, bípede, capaz de rir”. [49] Logo, é certo que se encontram as mesmas espécies e diferenças nos géneros que estão mutuamente conjuntados; porém, isso não pode provir em géneros diversos.

[50] Aristóteles de novo retorna àquelas coisas que são ditas, porquanto disséramos acima que não se pode tratar de umas sem as outras: de facto, quem diz algo, também diz que isso é, e aquilo que é não pode ser compreendido por outro a não ser que seja dito.

[51] Logo, daquelas coisas que se dizem sem nenhuma copulação, seja o que for dito de singular, ou significa *usia*, ou quantidade, ou qualidade, ou relativo-a-algo (*ad aliquid*), ou jazer (*iacere*), ou fazer, ou padecer, ou onde, ou quando, ou ter (*habere*)¹⁷. Estas são

sunt categoriae decem, quarum prima usia est – scilicet quae novem ceteras sustinet – reliquae vero novem συμβεβηκότα (id est accidentia) sunt. [52] Ex quibus novem sunt alia in ipsa usia, alia extra usian, alia et intra et extra. Qualitas, quantitas et iacere in ipsa usia sunt (mox enim ut usian vel hominem vel equum dixerimus, advertamus necesse est bipedalem, tripedalem¹⁸, aut album aut nigrum, aut stantem aut iacentem; haec in ipsa sunt, et sine hac esse non possunt). [53] Alia sunt extra usian: ubi, quando, habere (et locus enim ad usian non pertinet, et tempus et vestiri vel armari ab usia separata sunt). [54] Alia sunt communia, id est et intra et extra usian: ad aliquid et facere et pati; ad aliquid, ut maius et minus (utraque enim dici non possunt nisi coniuncto altero quo maius sit vel minus; propterea ergo unum in se habent, aliud extra se). Item facere et extra est et intra ut caedere quisque dici non potest nisi alterum caedat, vel legere nisi ipse legens aliud sit, aliud quod legit (ita ergo et in usia est et extra). Pati similiter; caedi enim vel uri nullus potest nisi ab altero patiatur; propterea hoc quoque et in usia est et extra usian.

[55] Haec igitur, cum singularia sunt, nihil affirmant, copulata vero faciunt ex se aliquem sermonem †...†²⁰ vel προστακτικόν vel εὐκτικόν vel ἐρωτηματικόν vel ἀνακλητικόν, id est (ut haec quoque latino ore monstremus) vel imperativum vel optativum vel interrogativum vel vocativum. Haec quoque sermonis quasi quattuor genera suspensa sunt interim, ideo que semiplena; neque enim iam intellegitur vel quid imperatum sit vel quid optatum vel quid interrogatum vel quid vocatum, nisi accesserit genus ἀποφαντικόν (id est pronuntiativum) quod habeat in se quandam confirmandi sententiam quae aliquid aut addat aut demat (quod Aristoteles κατάφασιν et ἀπόφασιν dixit); ut est ‘coelum hoc volubile est’, ‘coelum hoc non est volubile’. [56] Ipsum deinde pronuntiativum (quod diximus ἀποφαντικόν) aut falsum est aut verum.

as dez categorias, das quais a primeira é a *usia*, a qual sustém as restantes nove; as restantes, na verdade, são os nove συμβεβηκότα, isto é, acidentes. [52] Destes nove, uns estão na própria *usia*, outros fora da *usia*, outros quer dentro, quer fora. Qualidade, quantidade e jazer estão na própria *usia* (com efeito, depois de dizermos que uma *usia* é homem ou cavalo, é necessário advertirmos que tem dois pés, ou três pés¹⁸, ou que é branco, ou preto, ou levantado, ou jacente; estas coisas encontram-se nela própria e sem ela não podem existir). [53] Outros estão fora da *usia*: onde, quando, ter (com efeito, nem o lugar pertence à *usia*, nem o tempo, e o estar vestido ou armado estão separados da *usia*). [54] Outros são comuns, isto é, quer dentro, quer fora da *usia*: relativo-a-algo, fazer e padecer. Relativo-a-algo, como mais e menos: um e outro, de facto, não podem ser ditos senão em conjunto com outro que seja mais ou menos; logo, posto isto, um tem-se em si, outro, fora de si. Do mesmo modo, fazer está dentro e fora, tal como não se pode dizer “assassinar” a não ser que outro assassine, ou “ler” a não ser que o próprio leitor seja uma coisa e aquilo que ele lê outra (e logo, quer na *usia*, quer fora). Semelhantemente para o padecer: com efeito, ser assassinado ou ser queimado não pode ser nada a não ser que seja padecido por outro; devido a isso, esta <categoria> também está dentro e fora da *usia*.

[55] Estas <categorias>, como fossem singulares, não afirmam nada, e apenas copuladas produzem a partir de si algum discurso¹⁹, †...†²⁰ ou προστακτικόν, ou εὐκτικόν, ou ἐρωτηματικόν, ou ἀνακλητικόν, isto é, tal como lhes chamamos na língua latina, ou imperativo, ou optativo, ou interrogativo, ou vocativo. Estes discursos ficarão suspensos, por agora, pois são semiplenos (*semi-plena*); com efeito, não se pode compreender o que seja o imperado, ou o optado, ou o interrogado, ou o vocado, a não ser que se aceda ao género ἀποφαντικόν, isto é, declarativo (*pronuntiativum*), o qual tenha em si uma certa tese (*sententia*) a ser confirmada, a qual adicione ou subtraia algo, coisa que Aristóteles chama κατάφασις e ἀπόφασις, tal como “este céu é volúvel”, “este céu não é volúvel”. [56] De seguida, <é de dizer> que o declarativo, que dizemos ἀποφαντικόν, ou é falso ou é verdadeiro. Por esta

Quamobrem, omissis illis quattuor quae magis ad grammaticos vel oratores pertinent, huius apofantici – quod philosophos attingit – Aristoteles habuit mentionem.

|Divisio substantiae|

[57] Expositis ergo omnibus quae disputaturis necessaria videbantur, singulas categorias oportuit definire. Sed usian, quoniam secundum artem definiri non poterat – quae praecipit ut definitio, quo possit tendi latius, a genere sumat exordium, ipsa autem usia genus non habet cum omnia ipsa sustineat -, per partes eam voluit definire, ut quid sit, non solum eius definitione, verum partium quoque cognitione noscatur. Est igitur usia proprie et principaliter dicta quae neque in subiecto est neque de subiecto significatur, ut est hic homo vel hic equus. [58] Secundae dicuntur usiae genus et species, id est animal et homo. Has ergo ‘secundas substantias’ nominari dicit propterea quod illa sit potior quae neque in subiecto est neque de subiecto praedicatur. ‘Secundae’ autem ‘substantiae’ idcirco dictae sunt genus et species quod solae indigent primam; ut, si quis nolit vel nesciat dicere ‘Socraten’, dicat ‘animal’ vel ‘hominem’, id est genus vel speciem. His vero dictis, quid sit Socrates agnoscitur; aliud autem si dicat, vel ‘currit’ vel ‘ambulat’, nihil possit agnosci. [59] Manifestum est autem ea quae de subiecto significantur cum iis quae subiecta sunt et nomen et rationem nominis habere communem; ut ‘homo’ de subiecto significatur aliquo homine, sed non solum nomen, verum etiam rationem eandem in subiecto invenies quam in eo quod de subiecto significatur poteris invenire. [60] Ipsarum deinde secundarum usiarum potior est species genere; magis enim proxima est species primae usiae quam genus. Si enim quis velit ostendere quid sit prima usia, facilius monstrabit si dixerit speciem quam si dixerit genus; ut, si quis

razão, foram omitidos aqueles quatro <géneros>, que pertencem mais aos gramáticos ou oradores, e Aristóteles fez menção ao apofântico, que diz respeito aos filósofos.

|Divisão da usia|

[57] Expostas todas as coisas que se vislumbravam necessárias para que se disputasse, é mister definir cada uma das categorias. Mas a *usia*, dado que não pôde ser definida de acordo com a arte – a qual prescreve que a definição, que se pode estender a um sentido mais lato, começa pelo género, mas a própria *usia* não tem um género com todas as coisas que ela sustém –, quis defini-la pelas suas partes, enquanto o que é (*quid sit*), não só na sua definição, mas também nas partes em que é reconhecida na cognição. Por conseguinte, é dito *usia* própria e principalmente aquilo que nem está num sujeito, nem é significado de um sujeito, tal como este homem, ou este cavalo. [58] *Usias* segundas são ditas os géneros e as espécies, isto é, animal e homem²¹. Logo, diz que estas se denominam “substâncias segundas” (*secundae substantiae*) devido ao facto de que a <primeira> é mais corretamente a que nem está num sujeito, nem se predica de um sujeito. Por este motivo, os géneros e as espécies que indiquem as primeiras são chamados “substâncias segundas”²²; por exemplo, se alguém não quiser ou não souber dizer “Sócrates”, diga “animal” ou “homem”, isto é, o género ou a espécie. Na verdade, ditos estes, reconhece-se o que é Sócrates; se outro, porém, disser “corre” ou “anda”, não se pode reconhecer nada²³. [59] Porém, é manifesto que aquelas coisas que são significadas de um sujeito têm em comum com aquilo que é o seu sujeito, quer o nome, quer a razão do nome; por exemplo, “homem” é significado de um sujeito que é algum homem, e encontra não só o mesmo nome, mas também a mesma razão no sujeito e naquilo que é significado do sujeito²⁴. [60] Além disso, das substâncias segundas, a espécie é preferível ao género; com efeito, a espécie está mais próxima da *usia* primeira do que o género. Efetivamente, se alguém quisesse mostrar o que é uma *usia* primeira, mais facilmente a mostraria se dissesse a espécie do que se dissesse

Socraten volens dicere, omisso eius nomine, magis eum significet si ‘hominem’ dixerit quam si ‘animal’ (‘animal’ enim et equum et aquilam possumus agnoscere). Deinde, ut primae substantiae subiectae sunt omnibus et his omnia continentur, ita etiam species generi, atque ideo magis usia ista quam cetera. [61] Videndum est etiam ne, quam speciem solum putamus, eadem sit et genus (ut, si quis ‘animal’ dixerit, dixit et genus); dehinc, si dicat ‘hominem’, ‘equum’, ‘piscem’, ‘avem’, pronuntiemus omnia solas species esse? Cum enim sint homo et equus, species manifestae sunt; piscis autem et avis, et genera et species (non enim una est forma avium vel piscium); propterea ergo et ‘species’ et ‘genera’ nominantur. Illae autem quae species solum sunt, id est homo, equus, aquila, taurus, aequa virtute usia sunt; ut enim homo usia est, sic et equus et aquila et taurus [in suo]²⁷.

[62] Decursis igitur partibus per quas usia definita est, et alio modo voluit eam definire si ostenderet ea quae necesse est in ea naturaliter inveniri. Ea enim quae insunt cuique, aut in solo et in omni, aut in solo et non in omni, aut in omni et non in solo, aut nec in solo nec in omni (haec Graeci vocant ἐν μόνῳ καὶ παντί, ἐν μόνῳ καὶ οὐ παντί, ἐν παντί καὶ οὐ μόνῳ, ἢ οὔτε ἐν μόνῳ οὔτε ἐν παντί). [63] Ut si, hominem definire volens, dicat ‘risus capacem esse’; hoc et in solo est et in omni (solus namque homo ridet et cunctis ridere naturale est). In solo et non in omni; ut {si quis} definiens hominem ‘capacem disciplinae’ dicat esse (hoc in solo quidem homine inveniri potest, non tamen in omni; neque enim omnes disciplinas aliquas didicerunt). In omni et non in solo; ut si quis hominem definiens dicat id esse hominem quod ambulat, quod cibum capit (hoc in omni quidem est homine, non tamen

o género; por exemplo, se alguém quiser dizer Sócrates, omitido o seu nome, se dissesse “homem”, significá-lo-ia mais do que se dissesse “animal” – em “animal”, na verdade, podemos reconhecer, quer o cavalo, quer a águia²⁵. Além disso, tal como as substâncias primeiras são os sujeitos de todas as coisas e nelas todas as coisas estão contidas, assim também acontece com a espécie relativamente ao género, e por isso esta é mais *usia* do que o género²⁶. [61] Também se deve ver se, quando pensamos numa espécie, ela é igualmente um género. Por exemplo, se alguém disser “animal”, também diz o género; a partir daí, se disser “homem”, “cavalo”, “peixe”, “ave”, pronunciamos que todas são apenas espécie? Com efeito, quando se trata do “homem” ou do “cavalo”, as espécies são manifestas; porém, “peixe” e “ave” são espécie e género (não é uma só a forma das aves ou dos peixes); logo, posto isto, são denominadas, quer “espécies”, quer “géneros”. Porém, aquelas coisas que são apenas espécies, isto é, homem, cavalo, águia, touro, são *usia* com igual dignidade; com efeito, tal como homem é *usia*, assim também cavalo, águia e touro²⁷.

[62] Decorridas as partes pelas quais a *usia* é definida, também quis defini-la de outro modo ao mostrar aquilo que é necessário encontrar nelas naturalmente. Com efeito, todas as coisas que se encontram dentro (*ea quae insunt*), ou se encontram apenas num (*in solo*) e em todo (*in omni*), ou apenas num e não em todo, ou em todo e não apenas num, ou nem apenas num nem em todo (a estas, os gregos chamam ἐν μόνῳ καὶ παντί, ἐν μόνῳ καὶ οὐ παντί, ἐν παντί καὶ οὐ μόνῳ, ἢ οὔτε ἐν μόνῳ οὔτε ἐν παντί). [63] Por exemplo, se alguém quiser definir o homem e disser “é capaz de rir”, isto encontra-se apenas num e também em todo (com efeito, apenas o homem ri e rir é natural a todos os homens). Apenas num e não em todo, como por exemplo se alguém, ao definir o homem, disser que é “capaz de aprender uma disciplina do saber” (*capax disciplinae*) – isto apenas no homem se pode encontrar, mas não em todo, a não ser que todos fossem educados nalguma área do saber. Em todo e não apenas num, como por exemplo se alguém, ao definir o homem, disser que homem é aquilo que anda e que apanha o alimento – isto, deveras, encontra-se no homem, mas não apenas

in solo; nam et pecudes cibum capiunt et ferae currunt). Nec in solo nec in omni²⁸; ut si quis in hominis definitione id esse dicat hominem quod album est (nec in solo nec in omni est; neque enim aut homo solus candidus invenitur, et non bos aut equus, aut omnis homo albus est). [64] Duo ergo sunt quae ad investigandum aliquam viam monstrant, et duo quae certum aliquid significare non possunt. Id quod est nec in solo nec in omni, nihil ex hoc possumus agnoscere siquidem generale est; alterum in omni non in solo non habet differentiam, propterea quae similiter respuendum est. [65] Duo sunt reliqua, quae certis signis id in quo fuerint poterunt demonstrare, id est in solo et in omni (dubitari enim non potest quin, cum inveneris, pronunties quid sit id in quo inesse cognoscitur); alterum est in solo non in omni, non quidem virtutis eiusdem, verumtamen quod ad definiendam rem necessario quaerendum sit si primum non potuerit inveniri.

[66] Nunc igitur, ut designet usian, ab in-omni-non-in-solo argumentari incipit cum demonstrat esse secundas usias, quas idcirco secundas dicit esse quia id in his inveniri poterit quod in primis. Denique dicit commune hoc esse cuilibet usiae, ut in subiecto non sit. [67] Cum igitur nec genus nec species in subiecto inveniantur, manifestum est haec ‘secundas usias’ debere nominari. Deinde hinc quoque ostendit genus et speciem secundas usias esse, quod omnia quae sunt cum iis quae sibi subiecta sunt interdum solum nomen, non tamen et rationem possunt habere communem; genus autem et species cum subiectis (id est cum aliquo homine) certam et rationis habent et nominis societatem.

[68] Monstratis ergo secundis usiis, id est genere et specie, differentia sola restabat quae, consideranti diligentius, quasi accidens videtur esse; siquidem ‘bipes’ vel ‘mortale’ vel ‘rationale’ cum animal dicitur, non quid sit sed quale sit potius demonstratur, ideo

nele; de facto, também os animais domésticos (*pecudes*) apanham o alimento e as feras correm. Nem apenas num, nem em todo²⁸, como por exemplo se alguém na definição do homem disser que homem é aquilo que é branco (nem é apenas nele, nem em todo ele; com efeito, não se encontra o branco apenas no homem, e nem o boi, nem o cavalo, nem todo o homem é branco). [64] Logo, dois são os que mostram alguma via para investigar, e dois os que certamente não podem significar algo. Daquilo que nem é apenas num nem em todo, não podemos reconhecer, a partir dele, nada que seja geral; o que é em todo e não é apenas num não tem diferença, e devido a isso deve ser semelhantemente rejeitado. [65] Os restantes são dois, os quais poderão demonstrar por certos sinais aquilo no qual se encontram, isto é: apenas num e em todo – com efeito, não se pode duvidar que, quando o encontras, se o pronunciares, é conhecido o que é aquilo no qual se encontra –; o outro é num só e não em todo, mas não com a mesma dignidade, embora seja necessário procurá-lo para definir uma coisa se não se puder descobrir o primeiro.

[66] Agora, por conseguinte, para que designe a *usia* a partir do em-todo-não-apanas-num (*in-omni-non-in-solo*), começa por argumentar demonstrando o que são *usias* segundas, as quais diz que são segundas porque nelas poderia descobrir aquilo que está nas primeiras. Por fim, diz que isto é comum a qualquer uma das *usias*: que não está num sujeito. [67] Portanto, uma vez que, nem os géneros, nem as espécies se encontram num sujeito, é manifesto que se deve nomeá-los “*usias* segundas”²⁹. Depois, a partir daqui também mostra que o género e a espécie são *usias* segundas, posto que todas as coisas que são <sujeitos> só podem ter em comum com aquelas de que são sujeitos o nome, mas não a razão; porém, o género e a espécie têm uma certa comunidade de razão e também de nome com os sujeitos (isto é, <por exemplo>, com algum homem)³⁰.

[68] Demonstradas as *usias* segundas, isto é, o género e a espécie, restava <dizer> que apenas a diferença, considerada de um modo mais diligente, parece ser quase um acidente; se se disser “bípede”, ou “mortal”, ou “racional” de um animal, demonstra-

que videtur vim tenere qualitatis. Verum quando a genere prima oritur differentia, et sic sequitur species, in accidentibus non debet numerari. [69] Atque ideo Aristoteles eam significatione quidem mixtam dixit esse, virtute autem inter usias habendam decrevit; eadem enim in hac inveniri pronuntiat quae et in ceteris substantiis reperiuntur, id est cum subiecto posse et nomen et rationem habere consimilem (cum enim ‘gressutum hominem’ dicimus, in subiecto idem et vocabulum et eius rationem eandem possumus invenire; Socrates enim et homo est et gressutus). [70] Similiter sequitur cetera argumentando variata, demonstrans quaedam inesse usiae quae sola et omnis habeat, quaedam quae sola et non omnis, quaedam quae omnis et non sola, quaedam nec sola nec omnis. Quae, quoniam in Aristotele ipso manifesta sunt, superfluum visum est aperire, maxime cum hic sermo non transferre omnia quae a philosopho sunt scripta decreverit, sed ea planius enarrare quae rudibus videbantur obscura.

[De quantitate]

[71] Descripta igitur usia, quoniam definiri non potuit propter eas causas quas superius memoravi, accidentium definitionem necessarius ordo poscebat. Quorum primum est quantum, nec sine causa; nam, cum aliquid viderimus, id necesse est quantum sit aestimare. Quantum vero sit inveniri non potest, nisi fuerit adhibita mensura collectum. [72] Si ergo, omissa latitudine, solam quis longitudinem voluerit emetiri, longitudo sine latitudine mensurae subiecta γραμμή dicitur; non quod sit longitudo aliqua quae careat latitudine, sed quod solam quis metiens longitudinem γραμμὴν dicitur metiri. Emensa vero cum longitudine latitudo dicitur ἐπιφάνεια. Si autem et altitudo fuerit mensurae sociata, corpus cuncta perficiunt; quod tamen non ita accipimus

se mais ‘qual é’ (*quale sit*) do que ‘o que é’ (*quid sit*), e por isso parece ser uma qualidade. Mas na verdade, quando a diferença é originada primeiro pelo género, e assim se segue a espécie, não se deve enumerar entre os acidentes. [69] E por essa razão, Aristóteles diz que a sua significação é mista, mas que pela sua natureza se estabelece entre as *usias*; com efeito, pronuncia nela o mesmo que aquilo que se encontra também nas restantes substâncias, isto é, pode ter um nome e uma razão semelhante: quando dizemos “homem entroncado”, podemos encontrar o mesmo vocábulo e a mesma razão; de facto, Sócrates é homem e é entroncado³¹. [70] Segue-se algo semelhante dos restantes, argumentando outras variantes, ao demonstrar que algumas coisas se encontram numa *usia*, apenas nela e em toda ela; outras apenas nela e não em toda ela; outras em toda ela, mas não apenas nela; outras nem apenas nela, nem em toda ela³². Destas, uma vez que são manifestas em Aristóteles, é supérfluo abrir os olhos, sobretudo porque este discurso não deliberava sobre todas as coisas que são escritas pelos filósofos, mas mais sobre aquelas que se vislumbravam obscuras para os incultos.

[Sobre a quantidade]

[71] Descrita a *usia*, posto que não pôde ser definida devido às causas que acima recordei, consultou a ordem necessária da definição dos acidentes. Destes, o primeiro é o quantificado (*quantum*), e não sem uma causa: com efeito, quando vemos algo, é necessário que se estime ‘quanto é’ (*quantum sit*). Na verdade, o ‘quanto é’ não se pode descobrir se não for aplicada uma medida a uma coleção. [72] Logo, omissa a latitude, se alguém quisesse medir apenas a longitude, a longitude sem a latitude que é sujeito de medida diz-se γραμμή <(gramme, =linha)>; não é que a longitude seja algo que careça de latitude, mas quem medir apenas a longitude, diz-se que mede a γραμμή. Por sua vez, a latitude medida com a longitude diz-se ἐπιφάνεια <(epiphaneia, =superfície)>. Se, porém, também fosse associada a medida da altitude, o conjunto delas todas perfaz um corpo; contudo, não o tomamos

quemadmodum solemus accipere naturale, ne ad usian reverti videamur. [73] Deinde metimur et locum in quo aliquid constitutum est. Tempus quoque mensurae subicitur; nam, cum movetur aliquid, ipso motu necesse est et temporis habere mensuram cum dicimus ‘primo’ vel ‘secundo’ vel ‘tertio anno pervenit’, et ‘mense’ vel ‘die’ vel ‘hora’ vel ‘momento’. [74] Hoc modo igitur quantum sit quid que colligitur; ipsius autem quanti aliud est cohaerens, aliud separatum. Cohaerens est gramme, epiphania, corpus, locus et tempus; in his enim singularum partium terminos non potest habere mensura. [75] Simul namque ut gramme medio punctum figens quasi certum mensurae terminum dederis, utrarumque partium quae, divisa gramme, factae sunt, fit terminus ille communis, ut incertum sit cui parti affixus terminus videatur; adeo sibi pars utraque cohaeret atque coniuncta est. [76] Epiphania quoque, simili de causa, conexa dicitur et cohaerens; denique si quis hanc dividere voluerit, in eius medio grammen ponat necesse est, haec gramme quae epiphaniam dividit cum ex hac duas partes fecerit. Ipsarum duarum partium ipsa gramme terminus incipit esse communis; sic enim sibi conexa est ut non appareat cui terminus videatur infixus. [77] Similiter corpus si quis secare voluerit, dividendi corporis terminus gramme vel epiphania sit necesse est; ipsa enim praecisio quam gramme facit cum epiphania necesse est descendat in corpus; atque ideo incertum est sive gramme sive epiphania cui parti terminum dederint, cum, diviso corpore, in utraque parte epiphaniam necesse sit reperiri. Ideo que corpus cohaerens est in quo faciendarum duarum partium communis est terminus. [78] Temporis quoque similis ratio est cui dividendo, si velimus terminum dare, dicamus ‘modo’. ‘Modo’ autem inter praeteritum et futurum tempus ita confusum est, ut incertum sit quo debeat separari. Locus autem, quoniam corpus quodcumque

na mesma aceção que costumamos tomar na <filosofia> natural, nem se nos vislumbra reconduzir <esta aceção de corpo> à *usia*. [73] De seguida, medimos também o lugar no qual algo se encontra constituído. E também o tempo é sujeito a medida; de facto, quando algo se move, é necessário haver uma medida do próprio movimento e do tempo quando dizemos “chega ao primeiro”, ou “ao segundo”, ou “ao terceiro ano”, e também “mês”, ou “dia”, ou “hora”, ou “momento”. [74] Portanto, o ‘quanto é’ de qualquer coisa é coligido deste modo. Porém, no próprio quantificado, um é contínuo (*cohaerens*), outro separado (*separatum*)³³. Contínuo é a linha (*gramme*), a superfície (*epiphania*), o corpo, o lugar e o tempo; nestes, decerto, não pode haver uma medida dos termos das partes singulares. [75] Deste modo, se cindires uma linha num ponto intermédio, fornecerás como que um termo da medida de uma e outra das partes produzidas ao dividir a linha, mas o termo é-lhes comum, enquanto é incerto a que parte parece estar fixado, pelo que cada uma das partes continua nele e está conjuntada. [76] Também a superfície, por semelhança de causa, se diz conexa e contínua (*cohaerens*); de resto, se alguém a quisesse dividir, seria necessário pôr uma linha a meio dela, linha esta que divide a superfície, uma vez que a partir dela se fazem duas partes. Essa mesma linha é um termo comum das duas partes; assim, estão-lhe conexas de tal modo que não se vê a qual delas o termo está fixado. [77] Semelhantemente, se alguém quisesse cortar um corpo, seria necessário que uma linha ou uma superfície constituíssem um termo que dividisse o corpo; com efeito, é necessário que desça ao corpo essa cisão que a linha faz com a superfície; e nesse caso também é incerto a que parte a linha ou a superfície deram termo, uma vez que, dividido o corpo, é necessário encontrar a superfície numa e noutra parte. Por isso, também o corpo é contínuo enquanto o termo pelo qual se fazem as duas partes é comum. [78] Também no que toca ao tempo, há uma razão semelhante, o qual ao dividir, se quisermos postular um termo, podemos chamar-lhe “modo” (*modo*)³⁴. Porém, o “modo” está confundido entre o pretérito e o futuro, enquanto é incerto em qual deva ser separado. O lugar, dado que circunda qualquer corpo e está ocupado

circumdat et corporis partibus occupatur, ita communi termino partitur quemadmodum partitur et corpus, ac propterea necesse est eum ‘cohaerentem’ ut cetera nominari.

[79] Separata vero sunt numerus et oratio. Quis enim non advertat propriis terminis unum separatum esse a duobus, duos a tribus? Et in oratione singulae syllabae separatae sunt; et natura enim et numero segregantur cum alteram ‘brevem’ dicimus alteram ‘longam’, et ‘unam’ vel ‘duas’. Nimirum apparet haec quae diximus et ad quantum pertinere et ‘separata’ oportere nominari.

[80] Horum quantorum est et alia differentia; nam ex his alia sunt quorum partes positionem habeant ex qua possit agnosci quae pars cuique iungatur, alia vero quorum partes positionem habere non possunt. Positionem autem dico cum videmus cuiusque rei dexteram, laevam, superiora, inferiora, ante, post, longe, iuxta.

[81] Sunt ergo quorum partes sibi manifesta positione iunguntur haec: gramme, epiphania, corpus, locus. Sive enim in gramme sive in epiphania sive in quolibet horum positis terminis partes feceris, quamquam sibi cohaerentes videantur atque coniunctae, tamen adverti corporaliter licet quae pars ubi sit, cui vicina sit, cui que iungatur. [82] Sunt vero quorum partes positionem non habent haec: tempus, numerus, oratio. ‘Unum’ enim cum dicimus (ipsum numerum solum dicentes, non aliquid corporaliter numerantes), non videmus eius dexteram vel sinistram: quippe cum in verbo sit et in nullo sit corpore, positionem suarum partium non potest demonstrare; nisi forte ordinem dixerimus, quod unum sequuntur duo; positio autem in his dumtaxat non potest inveniri.

[83] Similiter et in tempore atque sermone, maxime cum haec mox videantur labi cum dixeris; et tempus currit⁴¹; et sermo, cum nondum dictus fuerit non apparet. Manifestum est igitur haec tria positionem diversarum partium non habere.

[84] Proprie igitur haec sola, quae dicta sunt, ‘quanta’ nominantur; si qua vero praeter⁴² haec inveniri potuerint, debent pro acci-

pelas partes do corpo, é assim partido por um termo comum, do mesmo modo que um corpo é partido; e devido a isso é necessário que, tal como nos restantes, seja nomeado “contínuo”³⁵.

[79] Separados, na verdade, são o número e a oração³⁶. Com efeito, quem é que não vai observar que, nos termos, um é separado de dois e dois de três? E também na oração, cada uma das sílabas se encontra separada; e separam-se por natureza e no número, uma vez que a uma chamamos “breve”, a outra “longa”, e “uma”, ou “duas”. Sem dúvida, é patente aquilo que dissemos: a sua pertença ao quantificado e a necessidade de denominar < o número e a oração > como “separados”³⁷.

[80] Há outra diferença nestes quantificados (*quanta*). Com efeito, entre eles, uns são os que têm posição das partes, a partir da qual se pode reconhecer que parte se une a outra; outros, na verdade, os que não podem ter posição das partes³⁸. Porém, digo posição quando dizemos que alguma coisa está à direita, à esquerda, acima, abaixo, antes, depois, longe, perto. [81] Logo, estes são aqueles cujas partes se unem entre si numa posição manifesta: a linha, a superfície, o corpo e o lugar. De facto, se criares partes ao posicionar um termo numa linha, ou numa superfície, ou em qualquer um daqueles, embora se vislumbrem contínuas e conjuntadas entre si, contudo é observado corporalmente onde está uma parte, a que é que está próxima e com o que é que se une³⁹.

[82] Estes são aqueles que não têm posição das partes: o tempo, o número e a oração. De facto, quando dizemos “um” (dizendo apenas o número, não enumerando algo corporal), não vemos que esteja à direita ou à esquerda: naturalmente, como é uma palavra e não se encontra em nenhum corpo, não se pode demonstrar a posição das suas partes, a não ser que talvez disséssemos a ordem (que ao um se segue o dois); porém, a posição não se pode encontrar neles⁴⁰. [83] Semelhantemente no tempo e também no discurso, uma vez que se vê que rapidamente desaparecem: o tempo corre⁴¹ e o discurso não se mostra quando nada é dito. Portanto, é manifesto que estes três não têm posição das diversas partes.

[84] Por isso, apenas estes que foram ditos são propriamente nomeados “quantificado”; na verdade, se além destes⁴² se pudes-

dentibus poni; sunt enim quaedam quae accidentibus ipsis accidunt. Ut, si dicamus ‘multum album’, propterea ‘multum’ album dicitur non quod ipsum album sit immensum, sed quod epiphania, in qua album est, multa cernatur; manifestum est igitur, cum ‘multum’ album dicimus, ex epiphaniae quantitate album quod illi accidit aestimari. Similiter, cum longos actus dicimus, non quod actus immensi sint longi dicuntur, sed ex temporis mensura, quo continentur actus, actuum quantitas aestimatur.

[85] Illud tamen speciale debemus agnoscere, quanto contrarium nihil esse; epiphaniae enim sive grammatae sive duobus cubitis sive tribus contrarium nihil est. Nisi forte errore quodam multum et exiguum esse putemus contraria, non advertentes haec in eorum numerum quae ad-aliquid dicuntur debere transferri. Nihil enim multum vel exiguum dicitur nisi alteri fuerit comparatum; cum enim dicimus montem ‘breven’, grandiosem esse alterum cui comparatus est indicamus; vel, cum dicimus ‘grande’ milii granum, comparatione sui generis in quo brevius aliquid invenitur, illud esse grandius⁴⁴. Ac propterea manifestum est multum et exiguum, vel grande et breve cum aliquo comparata sui vocabulum reperire. [86] Nec in hoc solo errat qui putat multum et exiguum quanto debere coniungi, verum etiam si existimet esse contraria: quod fieri penitus non potest. Nam si haec quodam errore decepti contraria dicimus, fiet ut in una re uno atque eodem tempore contraria videantur incidere. Una enim res et ‘maior’ a minore et ‘brevis’ a maiore uno atque eodem tempore poterit nominari, quod fieri nec rerum natura patitur nec ratio ipsa permittit. Ac propterea eorum sententia repellenda est qui haec credunt esse contraria. [87] Magis in quanto contrarietas circa locum videri potest. Veteres enim supra et infra propter coeli terrae que dis-

sem descobrir <outros>, deveriam ser postos em relação com acidentes; de facto, existem algumas coisas que são acidentes dos próprios acidentes. Por exemplo, se dissermos “muito branco”, por causa do “muito”, não se diz que o próprio branco é imenso, mas que a superfície na qual o branco está é discernida como muito <branca>; portanto, é manifesto que, quando dizemos “muito” do branco, estima-se que é a partir da quantidade de branco na superfície que isso acontece. Semelhantemente, quando dizemos “atos prolongados”, não é que os atos se digam prolongados, mas estima-se isso a partir da medida do tempo, o qual está contido nos atos como quantidade dos atos⁴³.

[85] Contudo, devemos reconhecer esta especificidade: no quantificado não existe nenhum contrário; com efeito, nada é o contrário de uma superfície, ou de uma linha, ou de dois ou três côvados. A não ser que talvez pensemos que muito e pouco são contrários, não atentos que estes se dizem no seu número de tal modo que devem ser transferidos para <a categoria do> relativo-a-algo (*ad aliquid*). Efetivamente, nada é dito muito ou pouco a não ser que seja comparado; quando dizemos “monte pequeno”, indicamos que é comparado com outro que é maior; ou quando dizemos “grão de milho grande”, ele é maior⁴⁴ por comparação com o seu género, no qual se encontra algo mais pequeno. E por essa razão, é manifesto que muito e pouco, ou grande e pequeno, são um vocábulo obtido por comparação com algo⁴⁵. [86] Não só erra nisto quem pensa que o muito e o pouco se devem juntar no quantificado, mas também quem estima que se trata de contrários, o que é algo que não se pode fazer de todo. Com efeito, se dissermos, enganados por algum erro, que estes são contrários, dar-se-ia que os contrários incidiriam numa coisa, num e no mesmo tempo. Com efeito, uma coisa poderia ser nomeada “maior” pela menor e “menor” pela maior num e no mesmo tempo, o que não se pode dar na natureza das coisas, nem a própria razão permite. E por esta razão, deve-se repelir a tese daqueles que creem que se trata de contrários⁴⁶. [87] No quantificado, a contrariedade pode ver-se mais no que diz respeito ao lugar. Os antigos, com efeito, disseram que “acima” e “abaixo” são contrários entre si devido à

tantiam contraria sibi esse dixerunt, undiqueversum asserentes terram subter esse, coelum super. Contemplantibus enim nobis naturam rerum, terra quae videtur in medio, ubique subter est; nam et antipodes nostri, qui nobis dicuntur adversa figere vestigia, coelum super se habent. Claret igitur terram semper in inferioribus constitutam. [88] Deinde illa quoque a physicis iungitur ratio quod propterea ex diversitate locorum terra coelo contraria est (id est illud super, haec deorsum) quod omnia quae pondere gravia sunt naturaliter feruntur ad terram, ad coelum vero levari necesse est quae videntur esse leviora. Hinc igitur coelum terram que contraria sibi esse dixerunt quod hanc deorsum, illud vero superius naturalis necessitas collocavit. Ex hac igitur ratione videtur contrariorum omnium definitio constituta: dicuntur enim illa esse contraria quae, cum sint ex uno eodem que genere, multo tamen a se spatio separantur. [89] Sed haec qui asserunt habent advertere ad aliquid dictis potius debere coniungi, siquidem ‘supra’ dici non potest nisi et ‘infra’ fuerit designatum. Quod si calumniari quibusdam libet, ‘supra’ et ‘infra’ categoria magis quae ‘ubi’ dicitur videri potest (cum enim ‘supra’ vel ‘infra’ dicimus, ubi aliquid geratur agnoscitur); sed haec, ut diximus, garrientium sint; nos vero in quanto admitti contrarium credere non debemus. [90] Advertere interea licet huius occasione tractatus aliud esse super et subter naturale, aliud vero quod circa nos; naturale enim non potest immutari, nostrum autem migratione hominum commutatur; ut, si quis, cum in inferioribus fuerit, ad superiora conscendat aut e superioribus velit ad inferiora descendere, omnia quae illi ante fuerant commutantur, cum descendentem inferiora quae fuerant superiora cernuntur.

[91] Illud quoque quanto inest – in omni quidem, non tamen in solo – ut non recipiat magis et minus (quod graece dictum est

distância do céu à terra, pelo que asseriram que a terra está sob (*subter*) e o céu está sobre (*super*). Ao contemplarmos a natureza das coisas, a terra que parece estar a meio, na verdade, está sob por todo o lado; e os nossos antípodas, que, relativamente a nós, são ditos terem os pés na direção inversa, têm o céu sobre eles. Portanto, é claro que a terra está sempre constituída nos lugares inferiores⁴⁷. [88] De seguida, também se junta aquela razão dada pelos físicos de que a partir da diversidade dos lugares, a terra é contrária ao céu, isto é, este sobre, aquela sob, devido ao facto de todas as coisas que são graves no peso naturalmente serem conduzidas à terra; e em direção ao céu, é necessário que se ergam as coisas mais leves. Por isso, disseram que a terra e o céu são contrários entre si, dado que ela se encontra abaixo e a ele, na verdade, a necessidade natural colocava-o acima. Logo, a partir desta razão, parece que a definição de todos os contrários está constituída: dizem-se contrárias aquelas coisas que, como fossem de um e do mesmo género, contudo estão muito separadas entre si no espaço⁴⁸. [89] Mas aqueles que fazem esta asserção têm de advertir que estes ditames se devem juntar mais <corretamente> àquelas coisas que são ditas “relativo-a-algo”, pois não se pode dizer “acima” a não ser que “abaixo” fosse designado. Se alguém quiser caluniar, pode apontar que “acima” e “abaixo” são mais da categoria que é chamada “onde” (quando dizemos “acima” e “abaixo”, reconhece-se que algo se apresenta num onde); mas estes, como dissemos, são uns charlatães; nós, com efeito, não devemos crer que no quantificado se admitem contrários. [90] Todavia, embora fique para outro tratado, advirta-se que uma coisa é o sobre e o sob naturais, outra, na verdade, o que nos diz respeito; o natural, de facto, não pode ser mudado, mas o nosso é mudado conforme a movimentação dos homens; por exemplo, se alguém, como estivesse nos lugares inferiores, subisse aos superiores, ou dos superiores descesse aos inferiores, todas as coisas que eram <ditas> dele seriam comutadas, uma vez que, ao descerem, as coisas que estiveram acima passam a ser discernidas como inferiores.

[91] Além disso, encontra-se no quantificado – em todo, contudo não apenas nele – aquilo que não recebe mais nem menos,

μᾶλλον καὶ ἥττον). ‘Bipedale’ enim cum dicimus, non possumus aliud ‘bipedale magis’ vel ‘minus’ dicere; simili enim modo bipedale secundum est quemadmodum et primum; quod si aliud alio amplius fuerit, iam non bipedalis sed alterius mensurae suscipit nomen. Nec numerus magis et minus sustinet, siquidem tres ‘magis aut minus tres’ nominare dementiae est; et tempus non potest esse tempore magis aut minus. Claret igitur his expositis magis et minus in quanto inveniri non posse. [92] Proprium vero quanti et quod in omni et in solo invenitur, illud est, † ut omnia eius ‘paria’ aut ‘imparia’ dicantur, ut numerus ‘par’ et ‘impar’ (non ‘aequalis numerus’ si par est, aut, si impar, non ‘inaequalis’) dicatur; similiter que eius omnia non ‘aequalia’ et ‘inaequalia’, sed ‘paria’ aut ‘imparia’ nuncupantur †⁵⁰. Cetera vero quae ad quantum non pertinent, ‘similia sibi’ potius quam ‘aequalia’ nominamus, ut album ‘albo simile’ aut ‘non simile’ dicatur. Hoc enim verbum specialiter iis quae in quanto sunt videtur infixum.

|De ad-aliquid|

[93] Categoriarum tertia est quae latine ‘ad-aliquid’, graece πρὸς τι censetur. Et quidem hanc tertiam non ordo, sed tractatus necessitas fecit; nam, post quantum, quale sequebatur; verum, quoniam in fine quanti quaedam eiusdem generis {in} ad-aliquid videbantur posse transferri, hanc categoriam, quae quarta fuerat, necessario tertiam voluit ordinare ut, discussis atque monstratis omnibus quae cuique convenirent, frequens orta confusio solveretur. [94] Incipit autem non a definitionibus suis Aristoteles, sed ab eorum terminis qui ante se ad-aliquid perperam definire voluerunt. Ita tamen haec debemus audire quasi tractatui necessaria. Astute enim et dat illis auxilium philosophus et medelam male

que é dito pelos gregos μᾶλλον καὶ ἥττον. Com efeito, quando dizemos “com dois pés” (*bipedale*), não podemos dizer que tem mais e menos dois pés; uma primeira coisa com dois pés tem dois pés da mesma maneira que uma segunda; é que se uma fosse mais ampla do que a outra, já não teria dois pés, mas teria como nome outra medida. O número também não contém mais e menos, pois seria demência dizer do três que é “mais três ou menos três”; e o tempo não pode ser mais ou menos tempo. Portanto, exposto isto, é claro que não se pode encontrar mais e menos no quantificado⁴⁹. [92] Na verdade, o próprio (*proprium*) do quantificado, <ou seja>, o que se encontra em todo ele e apenas nele, é isto: que todos eles se dizem, ou “pares”, ou “ímpares”, tal como o número é dito “par” e “ímpar” (e não “número igual” se é par e “número desigual” se é ímpar)⁵⁰. Na verdade, as restantes coisas que não pertencem ao quantificado, denominamos “semelhantes entre si” mais do que “iguais”, tal como se diz que o branco “é semelhante ao branco” ou “não semelhante”. Esta palavra, com efeito, parece estar especialmente estabelecida para aquelas coisas que se encontram no quantificado⁵¹.

|Sobre o relativo-a-algo|

[93] A terceira das categorias é a que em latim se diz *ad-aliquid* (relativo-a-algo), em grego πρὸς τι. E sem dúvida que esta é a terceira, não em ordem, mas pela necessidade da exposição; com efeito, depois do quantificado, seguir-se-ia o qualificado (*quale*); contudo, dado que, no final do quantificado, foram vistas umas certas coisas que se podem transferir para o género do relativo-a-algo, <Aristóteles> pensou que fosse necessário ordenar esta categoria, que seria a quarta, em terceiro, para que, discutidas e mostradas todas as coisas que conviessem, se resolvesse a frequente confusão que despontava. [94] Porém, Aristóteles não começa pelas suas definições, mas por aqueles termos que de um modo incorreto quiseram, antes dele, que definissem o relativo-a-algo. Contudo, devemos ouvir aquelas coisas que são como que necessárias para o tratado. De facto, o filósofo também dá astuta-

positis terminis quaerit, postea suae prolatione sententiae omnia quae improprie definita sunt repulsurus.

[95] |ΠΕΡΙ ΤΟΥ ΠΡΟΣ ΤΙ|. ‘Ad-aliquid’ ergo categoriam vocamus eam quae id quod est dicitur ex altero sine cuius societate esse non possit et cuius vis omnis ex alterius coniunctione descendit; ut duplum simpli dicitur duplum, maius minoris dicitur maius, simile simili dicitur simile. Claret igitur ad-aliquid non sua vi sed alterius coniunctione consistere. [96] Eodem modo accipienda sunt cetera quae eiusdem categoriae esse noscuntur, ut est habitus, affectio, disciplina, positio, sensus (haec Aristoteles ἕξι, διάθεσι, ἐπιστήμη, θέσι, αἴθησι nominavit). Et haec namque pendent ex altero, siquidem habitus alicuius habitus dicitur, et affectio alicuius ad aliquid affectio, et scientia et positio et sensus simili ratione noscuntur. [97] Non nos autem turbet quod quaedam huius categoriae esse narrantur quae et qualitati videantur esse coniuncta; habitus enim et affectio et scientia et cetera quae cum his dicta sunt, qualitati videntur maxime convenire. Sed differentiam debemus advertere qua hae duae categoriae, id est qualitas et ad-aliquid sive πρὸς τι καὶ ποιότης, a se invicem separantur. Quoties enim scientia cuiuslibet rei quae sit scibilis scientia dicitur, et sensus rei eius quae sit sensibilis sensus dicitur, tunc ad-aliquid debemus accipere. At cum scientia vel disciplina non rei cuiuslibet, sed hominis dicitur, qualitatem debemus agnoscere. [98] Haec est interim differentia; licet, si proprie hanc categoriam (quae ad-aliquid dicitur) volumus definire ut a ceteris separetur (in omnes enim videtur incurrere), alio modo eam debeamus definire ne semper parum considerantibus error oriatur. Tunc ergo et vere et proprie ‘ad-aliquid’ dicitur cum sub uno

mente auxílio e remédio àqueles que buscam mal os termos postulados, depois de afastar todas as coisas que são impropriamente definidas na sua exposição.

[95] Logo, chamamos “relativo-a-algo” àquela categoria na qual aquilo que é se diz a partir de outro, sem o qual não poderia ser e cujo vigor (*vis*) no seu todo descende da conjunção com outro. Por exemplo, o dobro diz-se dobro da metade (*simplum*); o maior diz-se maior do menor; o semelhante diz-se semelhante do semelhante. Portanto, é claro que tem consistência, não em virtude de si próprio, mas da conjunção com outro. [96] Do mesmo modo, são tomadas as restantes coisas que são reconhecidas como sendo da mesma categoria, tais como o hábito (*habitus*), a afeção (*affectio*), a disciplina do saber (*disciplina*), a posição (*positio*) e a sensação (*sensus*), que Aristóteles nomeava como ἔξις, διάθεσις, ἐπιστήμην, θέσις, αἴσθησις. Estes também se sustentam a partir de outro, pois o hábito diz-se de algum havido (*habitus*), e a afeção é relativo-a-algo <na medida em que é> afeção de alguma coisa, e também o conhecimento (*scientia*), a posição e a sensação, por uma razão semelhante⁵². [97] Porém, não nos perturbe que algumas das coisas desta categoria também sejam vistas conjuntamente na da qualidade; decerto, o hábito, a afeção, o conhecimento e as restantes que são ditas com esta convêm maximamente com a qualidade. Mas devemos advertir para a diferença pela qual estas duas categorias, isto é, qualidade e relativo-a-algo, ou πρὸς τι καὶ ποιότης, se encontram separadas uma da outra. Com efeito, na medida em que conhecimento se diz conhecimento de alguma coisa cognoscível, e sensação se diz sensação de uma coisa que é sensível, então devemos tomá-las como relativo-a-algo. Mas quando se diz conhecimento, ou disciplina do saber, não de alguma coisa, mas num homem, devemos reconhecê-la como qualidade. [98] Por agora, esta é a diferença, embora, se quisermos definir propriamente esta categoria que é chamada relativo-a-algo enquanto está separada das restantes – de facto, parece encontrar-se dentro de todas –, devemos defini-la de outro modo para que, ao considerá-la, não se origine o mais pequeno erro. Logo, diz-se verdadeira e propriamente “relativo-a-algo” quando se descobre

ortu atque occasu et id quod iungitur et id cui iungitur invenitur; ut puta servus et dominus, utrumque vel simul est vel simul non est (etenim cum ‘dominum’ dixeris, necessario existet et servus, cum vero dominum tuleris, nec servus apparet); similiter duplum et simplum alterutrum se vel interimunt vel ostendunt (apparente enim duplo nascitur simplum, duplo pereunte nec simplum poterit permanere; similiter que si simplum non sit, nec duplum est, at si simplum fuerit, et duplum necessario apparebit). [99] Specialiter tamen ac regulariter, ut haec categoria manifestius dinoscatur, haec via est, qua debemus advertere non recte dici ad-aliquid nisi cum καθέκαστον πρὸς καθέκαστον ἀναφέρεται, hoc est singulare ad singulare refertur; siquidem, cum dicimus ‘duplum’, sine dubio non generaliter sed specialiter hoc ‘duplum’ dicimus, et huius simpli duplum dicimus. Ac propterea tunc vere ad-aliquid categoria est quoties, verbi gratia, Socraten Chrysippo dicimus vultu esse consimilem (ceterum quo pacto vel quis vel cui sit similis demonstrabimus nisi et quis similis et cui sit similis personaliter indicemus?).

[100] Sunt quidam qui huic definitioni velint movere superfluum quaestionem asserentes inveniri posse ‘ad-aliquid’ dictum quod ante sit, et postea nascatur quod de ipso debeat nuncupari, ut iam videantur haec duo nec ortu nec occasu sibi esse coniuncta. Ac dant exempla scibilis et scientiae, asserentes ante scibile fuisse et post eius scientiam consecutam (verbi gratia apud geometricos ante γραμμὴ vel circulus fuit, sed eorum scientia postea a sapientibus comprehensa est) propterea que ante fuisse scibile in quo possit scientia reperiri. Hoc argumento igitur monstrant multa esse huius categoriae quibus non ortus et occasus videatur esse

sob um originado e ocasionado, quer aquilo que se junta, quer aquilo ao qual se junta⁵³. Por exemplo, o servo e o senhor, ou existem simultaneamente, ou não: com efeito, quando dizes “senhor”, necessariamente existe um servo, e quando eliminas o senhor, o servo desaparece. Semelhantemente, o dobro e a metade mostram-se ou suprimem-se um ao outro: ao aparecer o dobro, origina-se a metade, e ao desaparecer o dobro, também a metade não pode permanecer; e semelhantemente, se não houver a metade, também não existe o dobro, e se a metade aparecesse, também o dobro necessariamente apareceria⁵⁴. [99] Todavia, especialmente, e à maneira de uma regra, para que esta categoria seja conhecida de um modo mais manifesto, existe esta via segundo a qual devemos advertir que não se diz corretamente relativo-a-algo senão quando καθέκαστον πρὸς καθέκαστον ἀναφέρεται, isto é, <cada> singular se refere <apenas a> um singular (*singulare ad singulare refertur*); portanto, como disséssemos “dobro”, não geralmente, mas especialmente, dizemos este dobro, e dizemos dobro desta metade específica. E por essa razão, estamos verdadeiramente perante a categoria do relativo-a-algo todas as vezes que, por exemplo, dizemos que Sócrates é semelhante a Crisipo na aparência (como podemos ter o acordo dos outros ao demonstrar quem e a quem é semelhante se não indicarmos pessoalmente quem e a quem é semelhante?)⁵⁵.

[100] Há certos autores que, a propósito daquela definição, pretendem mover uma questão supérflua ao asserirem que se pode encontrar que o “relativo-a-algo” se diz daquilo que existia antes e daquilo que proveio disso depois de ser gerado, de tal modo que estas duas coisas, nem se encontram conjuntadas na origem, nem no desaparecimento. E dão o exemplo do conhecível e do conhecimento (*scibilis et scientia*), asserindo que antes era o conhecível e depois o conhecimento que se lhe segue – por exemplo, entre os géometras, antes, era a linha ou o círculo, mas depois, o conhecimento sobre eles é compreendido pelos sábios –, e por esta razão, existia antes o conhecível pelo qual se pôde obter o conhecimento⁵⁶. Portanto, por esse argumento, mostram que há muitas coisas desta categoria que não parecem ser comuns

communis. [101] Et sensibilis enim sensus que exemplum simili ratione constare contendunt, siquidem sensibilia ante fuerint; elementa enim quibus omne corpus constat ante fuerunt quam corpus ex his aliquod nasceretur in quo sensus existeret. His igitur argumentis ostendunt definitionem categoriae quae ad-aliquid dicitur non recte esse defixam. [102] Haec solent parum diligenter naturam rerum intuentes astruere. Omnia enim quae sunt, aut naturali potentia dicuntur esse aut operatione faciendi, quas Graeci δύναμιν καὶ ἐνέργειαν vocant. Quas si quis separare voluerit nec ulla societate confundere, intelletet ‘ad-aliquid’ dictum non posse esse sine altero cuius esse dicitur; scibili enim [sive circulo] in ipso⁵⁸ ortu naturae scientia sociata est; simul namque ut scibile esse coepit, habuit scientiam sui, sed necdum ἐνέργειαν (id est operatione) monstrata[m]. Non ergo tunc coepit esse scientia eius quando coepit operari, sed cum ipso scibili orta est, et operatio est postea consecuta. Discernere enim nos oportet operationis exordium; tunc enim possumus advertere scientiam cum scibili esse procreatam, operationem vero eius apparuisse postea indagatione prudentium. Quibus depulsis, optima definitio est ad aliquid relatorum semper ea simul vel extingui vel nasci. [103] Illud sane debemus memoria continere non omnia ‘ad-aliquid’ dicta iisdem casibus referri ad ea quibus iunguntur, sed alia genitivo casui, alia dativo, pleraque ablativo copulari. Et genitivo quidem ut servus domini, duplum simpli; dativo, simile simili, par pari; ablativo vero, sensibile sensu sensibile, scibile scientia scibile, et cetera huiusmodi quae variis casibus alterius societate nectuntur.

na origem e no desaparecimento. **[101]** E contendem com uma razão semelhante contra o exemplo do sensível e da sensação, pois as coisas sensíveis foram anteriores <à sensação>; com efeito, os elementos de que todo o corpo é constituído existiram antes do corpo a partir do qual se originou algo em que a sensação se deu⁵⁷. Portanto, estes argumentos mostram que a definição da categoria que se diz relativo-a-algo não está corretamente fixada. **[102]** Costumam acrescentar estas coisas os que não intuem com suficiente diligência a natureza das coisas. De facto, todas as coisas que são, ou se diz que são potência natural, ou operação de produzir, as quais os gregos chamam δύνανται καὶ ἐνέργειαι. Se alguém as quiser separar e não confundir as duas coisas, que entenda “relativo-a-algo” como não podendo ser dito sem outro relativamente ao qual ele é; com efeito, o conhecimento da natureza está associado ao conhecível na própria origem⁵⁸; semelhantemente, quando o conhecível começa a ser, tem um conhecimento sobre si, mas não ainda uma ἐνέργεια (isto é, uma operação) que o demonstre. Logo, não começa a existir um conhecimento dele quando começa a operação, mas é originado com o próprio conhecível, e depois segue-se a operação. É necessário que discernamos o início da operação; só então poderemos advertir que o conhecimento é procriado com o conhecível, e a operação, na verdade, aparece depois disso, com a indagação dos prudentes. Repelidos estes <argumentos>, a definição do relativo-a-algo segundo a qual os relacionados se extinguem ou nascem simultaneamente é a melhor⁵⁹. **[103]** É razoável que devamos reter isto na memória: nem todas as coisas que são ditas “relativo-a-algo” se referem àquelas a que estão juntas nos mesmos casos, mas umas estão copuladas no caso genitivo, outras no dativo, e outras ainda no ablativo. No genitivo, como por exemplo *servus domini* (servo do senhor), *duplum simpli* (dobro da metade); no dativo, *simile simili* (semelhante ao semelhante), *par pari* (par relativamente ao par); no ablativo, na verdade, *sensibile sensum sensibile* (sensível sensível no sentido), *scibile scientia scibile* (conhecível conhecível no conhecimento)⁶⁰, e para os restantes do mesmo modo.

[104] Inest autem huic categoriae et soli et omni ut inter coniuncta duo, quae ex se pendeant, sit alterna conversio (quae graece dicitur ἀντιστροφή), et duplum enim simpli dicitur et simplum dupli, et servus domini et dominus servi. Apparet ergo haec copulata vicaria in semet replicatione converti, si tamen scienter et prudenter fiat ista conversio; nam, si imperite haec vocabula convertantur, oritur magna confusio, ut, si quis imperite dixerit ‘avis pennam’ stulta conversio est (non enim penna omnis avis est, siquidem sunt quaedam pennae quae non sunt avium, ut cicadarum, muscarum ceterorum que animalium quae similiter natura formavit); quod si quis ‘pennam pennati pennam’ dixerit, quasi recta conversio est.

[105] Hoc loco libitum est quasdam tenebras, quae emergere ex categoriarum similitudine assolent, aperire; siquidem, cum dicimus ‘pennam pennati’ et ‘caput capitati’, videmur usiae partes in accidentibus ponere (penna enim sine dubio pars usiae est vel caput vel manus, quae, si ad aliquid referantur, inter usias et ad-aliquid videbitur nulla esse discretio)⁶². [106] Ut igitur amoveatur universa confusio, advertere nos oportet quo pacto et vere et proprie ad-aliquid definitum sit. Ita enim se eius definitio habet ut dicatur ‘ad-aliquid’ cuius id quod est pendet ex altero cui que necesse sit singulariter (id est καθ’ ἕκαστον) vicaria in semet mutatione converti. Hoc quis considerato reperiet nec pennati pennam nec capitati caput recte posse ‘ad-aliquid’ nominari; non enim, ut pennati pennam dicimus, sic possumus dicere pennae pennatum vel capitis capitatum (id namque qui dixerit irridebitur). Esse enim pennato non ex penna descendit, neque penna ex pennato constat. Similiter que capitatum non constat ex capite, neque caput videtur ex capitato consistere. [107] At quod vere

[104] Encontra-se nesta categoria, apenas nela e em toda ela, que entre duas coisas conjuntadas que se sustentam a partir dela, existe uma conversão entre elas (que em grego se diz ἀντιστροφή): com efeito, o dobro diz-se da metade e a metade do dobro, o servo do senhor e o senhor do servo. Logo, é visível que estas coisas copuladas, que se substituem uma à outra, se convertem de um modo circular se esta conversão se fizer sábia e prudentemente; com efeito, se estes vocábulos forem convertidos desajeitadamente, origina-se uma grande confusão, como por exemplo se alguém desajeitadamente dissesse que existe a estulta conversão da “pena do animal voador” (*avis pennam*) – nem todo o voador tem penas, pois há alguns que não têm penas, tais como as cigarras, as moscas e os restantes animais que a natureza semelhantemente formou; mas se alguém dissesse “pena pena no plúmeo” (*pennam pennati pennam*), faria quase uma conversão correta⁶¹.

[105] Esta passagem abre umas certas trevas que emergem da semelhança entre categorias, posto que, quando dizemos “pena no plúmeo” ou “cabeça no capitado” (*caput capitati*), parece que pomos partes da *usia* nos acidentes (uma pena, sem dúvida, é parte duma *usia*, ou uma cabeça, ou uma mão, as quais, se são relativas-a-algo, fariam com que parecesse que entre as *usias* e os relativos-a-algo não existisse nenhuma diferença)⁶². [106] Portanto, para que se remova toda a confusão, é necessário que advirtamos como se convencionou que seja definido verdadeira e propriamente o “relativo-a-algo”. Assim, tem esta definição: diz-se “relativa-a-algo” aquela coisa na qual aquilo que é depende de outro, e a qual necessariamente se converte comutando com apenas um substituto (isto é, καθ’ ἑκαστον). Quem considerar isto, não pode nomear corretamente como “relativo-a-algo” nem “pena no plúmeo” nem “cabeça no capitado” (*capitati caput*); com efeito, não podemos dizer “plúmeo da pena” e “capitado da cabeça” do mesmo modo que dizemos “pena do plúmeo” (aquele que o dissesse, de facto, seria alvo de chacota). Na verdade, ser plúmeo não descende de pena, nem pena é consistente a partir de plúmeo. Semelhantemente, capitado não é consistente a partir de cabeça, nem a cabeça é consistente a partir de capitado⁶³. [107] E aquilo

‘ad-aliquid’ dicitur, converti per vices potest, ut superius diximus, dominus servi dominus et servus domini servus; et rursus, subtracto servo, dominus non est, remoto domino, nec servus apparet; pennatum vero esse poterit etiam penna pereunte, et rursus penna potest esse pereunte pennato. Considerata ergo definitione huius categoriae, poterit etiam confusionis ex similitudine exortae discretio reperiri.

[108] Eodem pacto possumus hanc categoriam et ab oppositorum similitudine separare; nam et opposita (quae ἀντικείμενα Aristoteles vocat) quandam huius categoriae similitudinem reddunt, siquidem calidum et frigidum videntur sibi oppositionis societate coniuncta; sed calidum non frigidi calidum sed frigido oppositum dicimus; et iustum non iniusti iustum, sed iniusto contrarium nominamus. [109] Aristoteles quidem, ut in principio huius categoriae diximus, multa exempla proponit quae ad hanc non sub certa forma pertinere videantur, volens de consequentibus reprehendere vitia ceterorum qui hanc secus definire voluerunt. Denique et virtutem malitiae et scientiae ignorantiam quasi ad-aliquid posuit ea que dixit posse recipere contrarium, non quo ita res postulet sed ut indocte disserentium vitia posset ostendere; haec namque, ut superius explicavimus, opposita potius quam ad-aliquid dicta iudicanda sunt. [110] Mihi vero – ut et ipsi Aristoteli placet – magis et minus haec categoria, non omnis quidem nec sola, videtur posse suscipere; simile enim cuilibet et magis simile et minus simile possumus dicere. Sed hoc non in omnibus, ut dixi, quae sunt ad-aliquid poterit inveniri; namque nec magis pater nec minus pater dici potest, nec minus filius aut magis filius, nec minus duplum aut magis duplum. [111] Non nos autem fallat ut putemus ad-aliquid esse quoties, verbi gratia, dicimus ‘cuius equus’ vel ‘cuius lignum’ vel ‘cuius fundus’; haec enim, dominum vel possidentis personam monstrantia, non ‘ad-aliquid’

que se diz verdadeiramente “relativo-a-algo” pode converter-se alternadamente, tal como dissemos acima que o senhor é senhor do servo e o servo é servo do senhor; e inversamente, subtraído o servo, não existe o senhor, e removido o senhor, também o servo desaparece; um plúmeo, na verdade, poderia existir se a pena desaparecesse, e inversamente, a pena pode existir se o plúmeo desaparecesse. Logo, considerada a definição desta categoria, poder-se-á também aprender a distinção da confusão originada pela semelhança⁶⁴.

[108] Do mesmo modo, podemos separar esta categoria pela semelhança dos opostos; com efeito, também os opostos (que Aristóteles chama ἀντικείμενα) apresentam uma certa semelhança com esta categoria, pois quente e frio aparentam estar conjuntados, enquanto associados pela sua oposição; só que o quente não é quente do frio, mas dizemos que é oposto ao frio; e o justo não é justo do injusto, mas denominamo-lo contrário ao injusto⁶⁵. [109] Aristóteles, deveras, como dissemos no princípio desta categoria, propõe muitos exemplos que de certa forma não pertencem a esta, querendo repreender conseqüentemente os vícios daqueles que a quiseram definir de um modo contrário. Finalmente, dada a força da malícia e a ignorância do conhecimento, diz que o relativo-a-algo como que (*quasi*) possui e pode receber contrário⁶⁶ – não é que postule que as coisas sejam assim, mas para que possa mostrar os vícios dos ignorantes; com efeito, é de julgar que estes são mais bem chamados opostos do que relativos-a-algo, como acima explicámos. [110] Quanto a mim, na verdade, e tal como apraz ao próprio Aristóteles, não me parece que esta categoria possa ser suscetível de mais e de menos, nem ela toda, nem apenas ela. Com efeito, de algo semelhante, podemos dizer que seja mais e menos semelhante. Mas isto, como disse, não se poderá descobrir em todas as coisas que são relativas-a-algo; de facto, não se pode dizer mais pai ou menos pai, nem menos filho ou mais filho, nem menos dobro ou mais dobro⁶⁷. [111] Porém, não nos enganemos por pensar que há relativo-a-algo todas as vezes que, por exemplo, dizemos “de cujo cavalo”, ou “de cujo lenho”, ou “de cujo fundo”⁶⁸; estes, na verdade, mostram o dono ou a pessoa possidente, não é

dicta censenda sunt. [112] Qua de categoria, quantum potuimus explanavimus; licet tanta huic cum ceteris videatur esse permixtio ut ipse quoque Aristoteles huius discretionem haud facile repererit, cuius etiam longa ac diuturna non sit indecens retractatio.

[De qualitate]

[113] Nunc de qualitate tractemus secundum quam ea quae sunt qualia nuncupantur. Multi autem quaerunt quid sit qualitas et quid quale, quorum facilis separatio est; 'qualitatem' namque dicimus dulcedinem, austeritatem, albedinem, nigredinem; 'quale' vero intellegitur quoties album aliquid vel dulce vel austum vel nigrum dicimus (licet Aristoteles indifferenter et pro 'qualitate' 'quale' posuerit et 'qualitatem' pro 'quali', propterea quae etiam nos eundem secuti similia senserimus). [114] Hanc autem categoriam propterea ceteris difficiliorem volunt, quia facilius quam ceterae in omnes videtur incurrere; ut puta in usia invenitur, cum dicimus 'homo grammaticus'; in quanto 'alba' vel 'nigra epiphania'; in ad-aliquid 'prudens pater', 'optimus filius'; in facere 'dure saltat'; in pati 'fert fortiter vulnera'; in loco 'obscurus locus'; in tempore 'calidus mensis' aut 'frigidus'; in iacere 'pronus aut supinus iacet'; in habere 'decenter armatus'. Erit igitur non parvae prudentiae qualitatem cum ceteris paene confusam mentis vivacitate discernere. [115] Huius sunt species numero quattuor, quas Aristoteles pro generibus posuit, scilicet propterea quia et ipsae singulae habent species suas. Id vero cum acciderit 'subalterna' nominantur (quae Graeci ὑπ' ἄλληλα vocaverunt). Ergo primum genus est habitus et affectio, secundum potentia naturalis, tertium passivae quali-

de estimar que sejam ditos “relativos-a-algo”. [112] No que diz respeito a esta categoria, explicámos quanto pudemos, embora nesta se encontre uma mistura, em tantas coisas, com as restantes, de tal modo que o próprio Aristóteles não tornou fácil a sua separação, a qual não é desadequado que volte a ser tratada de um modo mais longo e claro⁶⁹.

|Sobre a qualidade|

[113] Agora, tratemos da qualidade, de acordo com a qual aquelas coisas que são qualificadas (*qualia*) se denominam⁷⁰. Porém, muitos perguntam o que é a qualidade (*qualitas*) e o que é o qualificado (*quale*), cuja separação é fácil. De facto, chamamos “qualidade” à doçura, à austeridade, à brancura, à negridão⁷¹; “qualificado”, na verdade, é entendido de todas as vezes que dizemos que algo é branco, ou doce, ou austero, ou negro, embora Aristóteles postulasse indiferentemente qualificado na vez de qualidade e qualidade na vez de qualificado, e por isso também nós os compreenderemos como semelhantes. [114] Porém, pretendem que esta categoria seja mais difícil do que as restantes, pois parece encontrar-se em todas as coisas de um modo mais fácil do que as outras; por exemplo, encontra-se na *usia* quando dizemos “homem gramático”; no quantificado, em “superfície branca” ou “negra”; no relativo-a-algo, em “pai prudente”, “ótimo filho”; no fazer, em “salta desajeitadamente”; no padecer, em “foi fortemente ferido”; no lugar, em “lugar obscuro”; no tempo, em “mês quente” ou “frio”; no fazer, “jaz curvado” ou “virado para cima”; no ter, “armado convenientemente”. Portanto, não pequena será a prudência para que a qualidade não se discirna como confundida com as restantes <categorias> pela vivacidade da mente. [115] As suas espécies são quatro em número, as quais Aristóteles postula como géneros por causa disto, a saber, cada uma delas tem as suas próprias espécies. Quando isto acontece, denominam-se “subalternas”, que os gregos chamavam ὑπ’ ἄλληλα⁷². Portanto, o primeiro género é o hábito (*habitus*) ou afeição; o segundo, a potência natural; o terceiro, as qualidades passivas ou paixões; o quarto,

tates sive passionēs, quartum formae ac figurae (haec Aristoteles ἔξιν καὶ διάθεσιν dixit, φυσικὴν δύναμιν, παθητικὰς ποιότητας καὶ πάθη, σχήματα καὶ μορφάς). [116] *Habitus est affectio animi longo tempore perseverans, ut est virtus et disciplina quae perseveratione sui et perpetuitate temporis aestimantur, nisi forte eas languor aliquis corporis et casu iniecta debilitas amputaverit. Affectio vero est mutabilis mentis impulsio vel cupiditas levis quae brevi tempore deletur. Habitus ergo et affectio videri potest (ab hac namque incipit et, si ipsa permanserit, habitus nascitur); affectio autem habitus videri non potest (si enim ad habitum pervenerit, vocabulum proprium non tenebit).*

[117] *Hoc loco non est incongruum – quod saepe quaesitum est – brevi tractatu dissolvere ac docere, quid virtutem disciplinam que discernat: hoc profecto, quod disciplina in ea parte animae quae rationalis dicitur tantummodo deversatur, virtus vero omnes animae partes amplectitur omnem que animam suo imperio gubernat et regit, ut et iracundiam domet et cupiditates amoveat, quod disciplina facere haudquaquam valet.*

[118] *Potentia naturalis est quoties quis videtur vel posse vel non posse aliquid facere per naturam; ut, verbi gratia, plerumque visis corporibus puerorum et contemplatis artibus, pronuntiamus aliquid de futuro eos que dicimus vel cursores vel pugillatorios fore; non quod iam hac arte vel studio teneantur, sed videantur positione corporis haec facilius impleturi. Similiter et salubres et imbecilles⁷⁵ dicimus qui aut facile aut non facile recipiunt aegritudinem. Eodem modo namque et in his potentia naturalis advertitur quae eos facit vel languori crebrius subiacere vel retinere perpetuam sospitatem. ‘Durum’ quoque et ‘molle’ cum dicitur, ostendit potentiam naturalem; durum siquidem quod firmitate*

a forma ou figura (a estas, Aristóteles chama ἔξιν καὶ διάθεσιν, φυσικὴν δύναμιν, παθητικὰς ποιότητας καὶ πάθη, σχήματα καὶ μορφάς⁷³). [116] O hábito é uma afeção da alma que é perseverante no tempo, como a virtude e a disciplina do saber, que são estimados na sua perseverança e perpetuidade a não ser que porventura o langor de um corpo de alguma pessoa, ou a debilidade que inicia a decadência, as amputasse. Uma afeção, na verdade, é mutável pelos impulsos da mente, ou uma cupidez leve que em pouco tempo é eliminada. Logo, parece que o hábito também pode ser uma afeção – começa por ela e, se a mesma permanecer, origina-se o hábito; porém, a afeção não pode ser um hábito – se, com efeito, proviesse do hábito, não teria um vocábulo próprio⁷⁴.

[117] Não é incongruente – coisa que frequentemente se pergunta – que esta passagem seja ensinada e resolvida num breve tratado: o que distingue a virtude da disciplina do saber? Incontestavelmente, enquanto a disciplina do saber está alojada apenas naquela parte da alma que é dita racionável (*rationabilis*), a virtude, na verdade, estende-se a todas as partes da alma, e governa e rege toda a alma com o seu poder, tal como quando doma a ira e remove a cupidez, algo que a disciplina do saber tem pouca força para fazer.

[118] Há potência natural de todas as vezes que alguém pode ou não pode fazer algo por natureza; por exemplo, quando, ao olhar para os corpos das crianças, e contempladas as suas articulações, pronunciamos algo acerca do futuro e dizemos deles que serão corredores ou pugilistas; não é que já tenham essa arte ou estudo, mas aparentam pela posição do corpo que vão conseguir obtê-la mais facilmente. Semelhantemente, também chamamos saudáveis ou débeis⁷⁵ a quem padece de uma doença, ou dificilmente, ou facilmente. Do mesmo modo, também neles a potência natural chama a atenção para que neles, ou se produza um langor mais frequente, ou que retenham uma perpétua saúde. Também quando se diz “duro” e “mole” se mostra uma potência natural; duro é aquilo que, pela firmeza da natureza, não admite facilmente a sua corrupção; mole, na verdade, aquilo no qual se

naturae corruptionem sui non facile admittit, molle vero in quo est natura laxior nec ad contraria repellenda sufficiens.

[119] Tertium qualitatis genus est sive species, passivae qualitates et passiones, quae sunt huiusmodi: austeritas, caloratio et frigidatio (sic enim θερμότητα et ψυχρότητα placet dicere) et albedo et nigredo; quae non idcirco passivae dicuntur quod patiantur aliquid, sed quod faciant passiones (mel namque, ut dulce sit, non a dulcedine aliquid passum est, sed dulcem gustantibus efficit passionem). [120] Passivae autem qualitates rectius dicuntur albedo et nigredo et eorum media, id est rubor et pallor. Haec enim nonnisi animae vel corporis passione nascuntur; ut enim nigrescat aliquis, corporis passio est, ut pallescat vel rubescat, animae quae, cum turpitudinis verecundiam ferre non quiverit, quasi ad obtentum sui, sanguinis copiam in exteriores partes corporis fundit, eo que fit ut pudore nimio rubescamus. Pallor quoque simili animae passione constat, cum percussa metu nimio ad cordis ulteriora confugit eam que sanguis insequitur adeo ut, desertum sanguine quod est in conspectu, corpus albescat. Haec animae passio ita a philosophis vera esse firmatur ut, etiamsi pallor vel rubor in corpore iugiter perseveret, simili passione asserant evenisse. [121] Hae igitur qualitates si in corpore perseverent, quia secundum eas quales dicimur, ipsae quoque qualitates passivae censentur; sin vero ad breve tempus exstiterint ita ut cito discedant, ‘passiones’ eas potius nominamus. Non enim quis si ad tempus iratus est aut erubuit aut incaluit aut refrixit, mox ad statum naturae rediturus iterum, ‘rubicundus’ iam vel ‘iracundus’ vel ‘calidus’ vel ‘frigidus’ appellari potest, si ad tempus aliquid passus sit. [122] Erit igitur inter passivas qualitates et passiones ista discretio quod passiones ad tempus exortae facile commutantur, passivae vero qualitates, secundum quas ‘quales’ dicimur, perpetuo perseverant.

encontra uma natureza mais lassa e que não repele suficientemente os contrários⁷⁶.

[119] O terceiro género ou espécie de qualidade são as qualidades passivas ou paixões, que são do mesmo género que isto: austeridade, aquecimento e arrefecimento (também ditos θερμότητα e ψυχρότητα), brancura e negridão; as quais não são ditas passivas porque são padecidas por algo, mas porque produzem paixões – de facto, o mel, enquanto é doce, não é algo padecido pela doçura, mas produz a paixão do que saboreia o doce⁷⁷. [120] Porém, a brancura e a negridão, e os meios delas, isto é, o rubor e a palidez (*rubor et pallor*), chamam-se de um modo mais correto qualidades passivas. Estas, com efeito, não são originadas senão pela paixão da alma ou do corpo, como por exemplo, quando alguém escurece, trata-se de uma paixão do corpo, e quando empalidece ou cora, <trata-se de uma paixão> da alma, a qual, como não fosse capaz da discrição da turbidez, para que se esconda de si própria, infunde um pedaço de sangue nas partes exteriores do corpo, de modo a que coremos para que se produza o pudor. A palidez também se constitui por uma paixão da alma semelhante: quando se abate o medo, o sangue refugia-se no coração para que, afastado o sangue que se encontra mais à vista, o corpo empalideça. Esta paixão da alma também é confirmada como verdadeira pelos filósofos, porquanto, também se a palidez ou o rubor perseverar continuamente no corpo, afirmam que semelhante paixão se desvaneceria⁷⁸. [121] Portanto, se estas qualidades perseveram no corpo – pois de acordo com elas são ditos por nós os qualificados –, elas devem ser chamadas também “qualidades passivas”; se, na verdade, existirem por breve tempo e prontamente se desfizerem, é melhor nomeá-las “paixões”. De facto, se alguém estiver irado durante algum tempo e enrubescer, ou aquecer, ou resfriar, e retornar velozmente ao seu estado natural, não pode ser chamado “rubicundo”, ou “irado”, ou “quente”, ou “frio”⁷⁹. [122] Portanto, existe esta distinção entre as qualidades passivas e as paixões: que as paixões mudam facilmente ao longo do tempo, enquanto que as qualidades passivas, de acordo com as quais são ditos por nós os qualificados, perseveram de um modo perpétuo.

[123] Quartam nunc qualitatis speciem retractemus in qua sunt formae et figurae. Figurae inanimalibus, formae animalibus tribuuntur. Figuras enim tunc designamus cum vel ‘trigonum’ vel ‘tetragonum’ vel ‘conum’ vel ‘cylindrum’ vel ‘sphaeram’ dicimus; formas autem cum ‘formosos’ asserimus aliquos vel ‘deformes’. In eodem qualitatis genere sunt curvitas et rectitudo (audemus enim εὐθύτητα καὶ καμπυλότητα hoc pacto convertere; ab his namque ‘curvum’ vel ‘rectum’ quidpiam dicitur). [124] Lenitudo quoque et asperitas et raritas ac densitas (e quibus ‘rarum’, ‘densum’, ‘lene’, ‘asperum’ designamus) qualitatum quidem numero sociantur; sed habent alteram interpretationem sui, siquidem ‘densum’ coartationem nimium coniunctarum partium videtur ostendere, ‘rarum’ contra in quo intervallis frequentibus laxior partium videtur esse coniunctio; quin etiam ‘lene’ illud proprie videtur ostendere in quo positio partium ita apte pariliter que digesta est ut nulla earum mensurae alterius emereret; contra, ‘asperum’ discrepantia coniunctarum partium facit (asperitatem namque non gignit nisi inaequalitas partium, ut sit longior una, altera inferior). [125] Ac propterea haec quidam volunt categoriae alteri sociare, quae apud Graecos κείσθαι, apud nos ‘iacere’ (sive, ut Agorius – quem ego inter doctissimos habeo – voluit, ‘situs’) dicitur. Claret enim unumquodque earum partium quae corpus efficiunt positione constare; verumtamen, cum ‘lene’ vel ‘asperum’ vel ‘densum’ vel ‘rarum’ dicimus, qualia demonstramus ea que omnia quae de his superius explicata sunt ad interpretationem non vocabuli, sed naturae videntur potius pertinere; qua de causa cogit ratio ut haec quoque inter qualia numeremus. [126] Ab his igitur quas enumeravimus qualitibus παρωνύμως qualia nominantur, ut ‘lene’ a lenitate, a densitate ‘densum’, cetera que his similia. Sed plerum-

[123] Agora, tratemos da quarta espécie de qualidade, na qual se encontram as formas e as figuras (*formae et figurae*). As figuras atribuem-se aos inanimados, as formas aos animais. Com efeito, designamos como figuras quando dizemos “trígono”, ou “tetragono”, ou “cone”, ou “cilindro”, ou “esfera”; as formas, quando afirmamos que alguém é “formoso” ou “disforme”. Neste mesmo género de qualidades encontram-se a curvilinearidade e a retilinearidade (ousamos convertê-las convencionalmente de εὐθύτητα καὶ καμπυλότητα; com efeito, a partir destas, diz-se que algo é “curvo” ou “reto”)⁸⁰. [124] Também se associam ao número das qualidades a suavidade e a aspereza, a raridade e a densidade (a partir dos quais designamos “raro”, “denso”, “suave”, “áspero”); mas têm outra interpretação sua, pois é verdade que “denso” parece mostrar o avizinhamo de uma grande quantidade de partes conjuntas, e “raro”, pelo contrário, é a conjunção na qual parece que há intervalos frequentes entre as partes mais lassas; também “suave”, deveras, parece mostrar propriamente aquilo em que a posição das partes está ordenada paralelamente de tal modo que nenhuma das suas medidas se destaca das outras; pelo contrário, “o áspero” produz a discrepância das partes conjuntas (de facto, a aspereza não se origina se não pela desigualdade das partes, tal como quando uma é mais longa e outra inferior)⁸¹. [125] E devido a isso, certos autores pretendem associar estas coisas a outra categoria, que é dita pelos gregos κείσθαι, por nós “jazer” (*iacere*), ou, como pretendeu Agório⁸², o qual eu tenho entre os mais doutos, “estar posicionado” (*situs*). Com efeito, é claro que a posição é constituída por cada uma das partes que perfazem um corpo; contudo, quando dizemos “suave”, ou “áspero”, ou “denso”, ou “raro”, demonstramos que todos os qualificados que acima foram explicados pertencem mais à natureza do que ao vocábulo; por causa disto, a razão colhe que também enumeremos estes entre os qualificados. [126] Portanto, por estas coisas que enumerámos entre as qualidades, os qualificados são denominados “parónimos” (παρωνύμως), como “suave” pela suavidade, “denso” pela densidade, e nos restantes que se lhes assemelham. Mas acontece algumas vezes, embora raramente, que os qualificados não sejam

que accidit, [licet raro,] ut qualia non παρωνύμως a sua qualitate descendant, ut a virtute non potest dici ‘virtuosus,’ sed ‘moderatus’ et ‘industrius’ (nec in graeco quidem ἀπὸ τῆς ἀρετῆς ἀρετός dicitur, sed σπουδαῖος). Unde apparet qualia, etiam neglecta plerumque paronymorum derivatione, constare. Haec hactenus.

[127] Nunc qualitatis huius, propter quam diversas species explanavimus, consequentias et proprium videamus. Et primum contrarietatem recipere qualitates nulla dubitatio est. Quis enim dubitat saluti contrarium esse languorem, iustitiae iniustitiam, calorem frigori, malo bonum, non erudito litteris eruditum? Sed hoc non in omni qualitate reperies; nam pallido vel fusco vel quadrato vel trigono nihil potest esse contrarium. [128] Non ergo erit incommodum regulam quandam dare qua quae qualitates contrarietatem non recipiant possit adverti. Erit igitur notum doctis eas qualitates quae contrariis mediae sunt et eas quae ex formis figuris que nascuntur contrarietatem penitus excusare. [129] Contrariis autem medias dixi ut est fuscum vel pallidum; haec enim duo de albedine nigredine que nascuntur ac sunt his media, ipsa vero nigredo et albedo sunt sibi contraria; fusco autem pallido que contrarium nihil est. Claret ergo contrariorum media contrarium non habere. Quin etiam qualitas quae ex forma vel figura consistit, contrarietatis ignara est; quid enim quadrato, quid trigono, quid circulo vel cono vel cylindro contrarium quis opponat? Regulariter ergo teneamus contrarietatis receptricem qualitatem nec omnem posse esse nec solam. [130] Nec illud est omittendum ut sciamus in contrariis qualitatum sub eadem categoria esse alterum sub qua aliud invenitur; ut iustitiae iniustitia contraria est, qualitas iustitia, et iniustitia igitur qualitas; qualitas est albedo, nigredinem quoque

parónimos que descendem da sua qualidade, como por exemplo da virtude não se pode dizer “virtuoso”, mas “moderado” ou “diligente” (nem em grego, na verdade, se diz ἀπὸ τῆς ἀρετῆς ἀρετός, mas σπουδαῖος)⁸³. Daí ser evidente que constam alguns qualificados dos quais a derivação dos parónimos não se dá. Quanto a estes, finalizámos <a exposição>⁸⁴.

[127] Agora, vejamos as consequências e o que é próprio da qualidade, da qual explanámos as diversas espécies. E em primeiro lugar, não há nenhuma dúvida de que as qualidades recebem contrariedade. Com efeito, quem duvida que o contrário da saúde é o langor, da justiça a injustiça, do frio o calor, do mau o bom, do não erudito nas letras o erudito? Mas não encontrarás isto em todas as qualidades; com efeito, nada pode ser o contrário de pálido, ou de fosco, ou de quadrado, ou de triângulo⁸⁵. [128] Logo, não seria incómodo dar uma certa regra que possa advertir quais as qualidades que não recebem contrariedade. Portanto, era conhecido pelos doutos que aquelas qualidades que são intermédias entre contrários, e aquelas que nascem das formas e das figuras, excluem completamente a contrariedade. [129] Ora, são ditas intermédias entre contrários, por exemplo, “fosco” ou “pálido”; estas duas, de facto, nascem da brancura e da negridão e são intermédias entre elas, enquanto que as próprias brancura e negridão são contrárias entre si; porém, nada é o contrário de fosco ou de pálido. Logo, é claro que os intermédios entre contrários não têm contrários⁸⁶. E também a qualidade que consiste a partir de uma forma ou figura é incapaz de contrariedade; com efeito, o que é o contrário que se opõe ao quadrado, ou ao triângulo, ou ao círculo, ou ao cone, ou ao cilindro? Portanto, temos a regra segundo a qual a qualidade recebe contrariedade, mas nem toda ela, nem apenas ela. [130] Nem é de omitir que sabemos que nos contrários das qualidades, um se encontra sob a mesma categoria sob a qual o outro se encontra: por exemplo, a injustiça é contrária à justiça – a justiça é uma qualidade, e, portanto, a injustiça é uma qualidade –; a brancura é uma qualidade, pelo que também é necessário que a negridão seja uma qualidade⁸⁷. Igualmente, produz-se uma

esse qualitatem necesse est. Itaque fit ut regulariter contrariae qualitates categoria semper eadem vinciantur.

[131] Quaerentes interea quid sit proprium qualitatis, quoniam contrarietatem suscipere nec solius est nec totius, aliud perscrutemur. Video enim magis et minus (hoc est μάλλον καὶ ἥττον) in se recipere qualitatem; namque ‘magis album’ vel ‘magis nigrum’ vel ‘magis musicum’ vel ‘minus musicum’ possumus dicere. Verum id quoque nec in omni qualitate nec in sola poterit inveniri. Quis enim prudentiam {prudential} prudentiorem possit dicere vel albedinem {albedine} clariorem vel doctrinam doctrina doctiorem vel trigono magis trigonum vel quadrato quadratius? Si enim trigonum fuerit, magis esse quam trigonum non potest; at si magis aut minus fuerit, iam trigonum non erit. [132] Separare tamen placet atque discernere eas qualitates quae magis et minus recipiunt ab iis quae hunc quasi gradum comparationis excusent. Sit ergo haec regula: qualitates ipsas magis et minus non posse suscipere, ea vero quae ex his fiunt, comparata, vel magis recipere posse vel minus; ut eloquentiam magis eloquentiam seu minus dicere nullus potest, eum vero qui eloquens dicitur magis vel minus ceteris eloquentem possumus dicere. Claret ergo magis et minus in qualibus inveniri posse, numquam posse in qualitates incidere. [133] Figurae quoque, ut superius explicatum est, non admittunt magis et minus; siquidem circulo si aliquid addas aut minuas, ‘circuli’ iam vocabulum non tenebit et in alterius figurae nomen immigrat. Manifeste igitur designatum est quae qualitates huiusmodi gradus comparationis accipiunt et quae ab his videntur alienae esse. [134] Reliquum est ut qualitatis proprium (quod est apud Graecos ἴδιον) vestigemus. Namque usia habet hoc proprium ut singularis atque una numero contraria in se suscipiat (‘suscipiat’ autem dixi, non ‘habeat’, ‘contraria’; meminisse autem nos oportet quod usiae, cum de ea tractarem, nihil diximus esse contrarium); ergo eius est proprium suscipere contraria (id

regra: que as qualidades contrárias estão sempre juntas na mesma categoria.

[131] Ao procurarmos entretanto o que é próprio da qualidade, dado que ser suscetível de quantidade nem é apenas dela, nem dela toda, perscrutemos outra coisa. Vejo, com efeito, que a qualidade recebe em si mais e menos (isto é, μάλλον καὶ ἥττον); e de facto, podemos dizer “mais branco” ou “menos branco”, ou “mais músico” ou “menos músico”. Contudo, também isto não poderá ser encontrado nem em toda a qualidade, nem apenas nela. Quem poderá dizer que a prudência é mais prudente do que a prudência, ou a doutrina mais douta do que a doutrina, ou o trígono mais trígono, ou o quadrado mais quadrado? Com efeito, se existir um trígono, não pode ser mais do que o trígono; e se fosse mais ou menos, já não seria trígono⁸⁸. [132] Contudo, apraz separar e discernir aquelas qualidades que recebem mais e menos daquelas que excluem um grau de comparação. Logo, existe esta regra: as qualidades que não podem receber mais e menos são aquelas em que, na verdade, nas coisas a partir das quais se produzem, quando comparadas, podem receber mais e menos; por exemplo, a eloquência não se pode dizer mais ou menos eloquência, mas aquele que é dito eloquente, podemos dizer que é mais ou menos eloquente do que os restantes. Logo, é claro que nos qualificados se pode encontrar mais e menos, mas isso nunca pode incidir sobre as qualidades. [133] Também as figuras, como acima foi explicado, não admitem mais e menos; pois se acrescentares ou diminuïres algo ao círculo, já não teria como vocábulo “círculo” e migraria para o nome de outra figura. Por isso, é manifestamente designado quais as qualidades que aceitam deste modo graus de comparação e quais, a partir destas, está visto que são alheias <a graus de comparação>⁸⁹. [134] Resta que investiguemos o próprio da qualidade, que é, entre os gregos, ο ἴδιον. Efetivamente, a *usia* tem este próprio: que é suscetível em si de coisas contrárias singulares e unas em número (porém, foi dito que “é suscetível de contrários”, não que os “tem”; recordemos que, quando tratámos dela, dissemos que é necessário que da *usia* não exista nenhum contrário). Logo, é próprio dela ser suscetível de contrários (isto é, ora a

est sanitatem modo, modo aegritudinem), quanti vero (id est τοῦ ποσοῦ) ut par imparve dicatur, τοῦ δὲ πρὸς τι (id est ad-aliquid) ut sint ἀντιστρέφοντα (hoc est, ut in se convertantur ac sint sibi natura coniuncta), ita et qualitatis hoc proprium est ut cuncta qualia similia aut dissimilia nominentur. Et dulce enim dulci et albo album et stulto stultum et levi leve et calido calidum similia vel dissimilia proprie nuncupantur; aliter enim si dicta fuerint, nuncupationem propriam non habebunt.

[135] Ne autem nonnulli in legendo turbentur quod affectio et habitus et disciplina quae, in ‘ad-aliquid’ dictis (id est ἐν πρὸς τι) positae, eidem qualitati quoque conexae sunt, hanc discretionem damus: ut tunc categoriae ad aliquid socientur quando sunt genera, cum vero species, qualitati. Ut puta, si ‘disciplinam’ dixeris quae est genus ceterarum, ad-aliquid referenda est (disciplina enim discibilis rei disciplina dicitur); quod si ‘musicam’ (musica species disciplinae est, non genus), qualitati nectenda est; neque enim musicam musici musicam possumus dicere, sed musici disciplinam. [136] Similiter et affectio et habitus, secundum genera et species, nunc ad-aliquid nunc qualitati nectuntur; siquidem si affectum vel habitum (hoc est ἔξιπ et διάθεσιν) generis dixeris (id est disciplinae) ad-aliquid referentur; sin autem affectum vel habitum speciei esse dixeris (id est musicae vel grammaticae), qualitates debemus agnoscere. [137] Quamvis ipse quoque Aristoteles magnus ingenio huic paene permixtioni concesserit ac dixerit posse contingere ut, quod qualitati{s} fuerit, idem referatur ad aliquid, nec esse importunum si una res duarum categoriarum vocabulo concludatur.

[De facere et pati]

[138] Dicta sunt omnia quae ad quattuor categorias maximas atque difficiles pertinebant; nunc ordo commonet ut, post qua-

saúde, ora a doença); no quantificado (isto é, τοῦ ποσοῦ), que seja dito par ou ímpar; nos τοῦ δὲ πρὸς τι (isto é, nos relativos-a-algo), que sejam ἀντιστρέφοντα (isto é, que sejam convertíveis entre si e estejam conjuntados pela sua natureza). E assim, é próprio da qualidade que todos os qualificados se denominem semelhantes e dissemelhantes⁹⁰. E denominam-se propriamente semelhantes ou dissemelhantes o doce do doce, o branco do branco, o estulto do estulto, o leve do leve e o quente do quente; de outro modo, se não fossem ditos assim, não teriam uma denominação própria⁹¹.

[135] Porém, para que ninguém fique perturbado ao ler que a afeção, o hábito e a disciplina do saber⁹² – que foram postulados nos que se dizem relativos-a-algo (isto é, ἐν πρὸς τι) – também estão conexos à própria qualidade, damos esta distinção: que se associam à categoria do relativo-a-algo quando são géneros, mas quando são espécies, <associam-se> à da qualidade. Por exemplo, se disseres “disciplina do saber” que é género das restantes, deve ser referida ao relativo-a-algo – disciplina, com efeito, é dita disciplina da coisa que se aprende (*discibilis*); quando se <diz> “música” (a música é uma espécie de disciplina, não um género), deve ser ligada à qualidade; certamente, não podemos dizer que a música é música do músico, mas disciplina do músico. [136] Semelhantemente, também a afeção e o hábito, segundo o género e a espécie, ora se ligam ao relativo-a-algo, ora à qualidade; por isso, se disseres uma afeção ou um hábito (isto é, ἔξις e διάθεσις) do género (isto é, da disciplina do saber), são referidos ao relativo-a-algo; se, porém, disseres uma afeção ou hábito da espécie (isto é, da música ou da gramática), devemos reconhecer qualidades. [137] Eis porque também Aristóteles, grande no génio, concedeu esta mistura e disse que pode acontecer que aquilo que fosse qualidade igualmente se referisse ao relativo-a-algo, e que não é inoportuno se uma coisa se concluir, como vocábulo, de duas categorias⁹³.

|Sobre o fazer e o padecer|

[138] Foram ditas todas as coisas que pertenciam às quatro maiores e mais difíceis categorias; agora, a ordem adverte para

litatem, de facere et pati tractatus habeatur. Quae duo videntur, ex qualitatis fonte descendere; id namque quod calidum facit, calidum sit necesse est; calidum vero quale esse cognoscimus. Similiter quod calidum fit, passione sui accipit qualitatem; et qui docet, cum docet, doctor est et discipulum facit; uterque autem sive doctor sive discipulus qualis est; et cetera his similia considerata demonstrant recte has duas categorias praeposita qualitate tractari. [139] Haec autem duo, facere et pati, multi dixerunt non posse nisi iis quae fuerint contraria provenire. Id enim quod dulce est dulce non facit nisi id quod dulce non fuerit; nam si id quod patitur dulce fuerit, per naturam sui alterius⁹⁴ dulcedinem quo recipiat non habebit; necesse est ergo dulce non esse id quod patitur ut dulcedinem recipiat alienam; ac propterea, cum quod facit dulce est et quod patitur dulce non est, necessario dicuntur videri contraria. [140] Nonnulli diversa senserunt, asserentes non posse haec nisi in similibus inveniri et sub eodem genere constitutis; nec posse aliquid pati vel facere nisi simile faciat aut a simili patiatur. Dulce enim et amarum vel calidum et frigidum, licet contraria videantur, tamen, cum sub eodem sensu sunt, similia esse confirmant. [141] Denique ab alienis penitus que discretis patiendi faciendi ve rationem dicunt non posse subsistere; ut, verbi gratia, quid faciat numerus in amaro vel quid albedo pati possit a numero? Sed haec sit conflictio ceterorum; nobis autem regula illa sufficiat ut sciamus facere et pati genere esse coniuncta, qualitate discreta. Etenim calidum quod frigido praestat calorem sui, sub eodem genere est quo est et frigidum, sed discrepat qualitate quod calet; et doctus, cum docet indoctum, sub eodem genere est, sed qualitate discernitur. [142] Claret ergo facere et pati genere esse similia, contraria qualitate. Sed haec duo, ut superius dixi-

que se tenha de tratar do fazer e do padecer depois da qualidade. É que as duas parecem descender da fonte da qualidade; com efeito, é necessário que aquilo que produz o calor seja quente; e conhecemos, na verdade, que o quente é um qualificado. Semelhantemente, aquilo que se torna quente, recebe uma qualidade como paixão sua; e quem ensina, quando ensina, é docente e faz o discípulo <aprender>; um e outro, docente e discípulo, são qualificados; e os restantes casos semelhantes considerados demonstram corretamente que, para tratar estas duas categorias, se antepõe a qualidade. [139] Porém, sobre estas duas, fazer e padecer, muitos disseram que não podem provir senão daquelas coisas que são contrárias. De facto, aquilo que é doce não se torna doce a não ser que não fosse doce; se aquilo que padece fosse doce, não teria pela sua natureza uma doçura de outra⁹⁴ coisa que recebe; logo, é necessário que o doce não seja aquilo que padece enquanto recebe outra doçura; e por esta razão, quando aquilo que faz é doce, aquilo que padece não é doce, e parece necessário que sejam ditos contrários. [140] Alguns autores pensaram coisas diversas, afirmando que estes não se podem encontrar senão nas coisas semelhantes e constituídas sob o mesmo género; nem pode algo padecer ou fazer a não ser que faça o semelhante ou padeça do semelhante. Na verdade, embora doce e amargo, ou quente e frio, sejam contrários, no entanto, como se encontram sob o mesmo sentido, confirma-se que são semelhantes. [141] Por fim, alguns dizem de um modo mais profundo que não pode subsistir uma distinção na razão entre o que padece e o que faz: por exemplo, o que faria o número no amargo, ou do que é que o branco poderia padecer por ação do número? Mas este é um conflito dos outros; quanto a nós, é suficiente aquela regra segundo a qual sabemos que o fazer e o padecer estão juntos no género e separados na qualidade. De facto, o quente, que oferece o seu calor ao frio, encontra-se sob o mesmo género que o frio, mas é discrepante na qualidade que aquece; e o douto, como ensinasse o ignorante, encontra-se sob o mesmo género, mas é discrepante na qualidade. [142] Logo, é claro que o fazer e o padecer são semelhantes no género e contrários na qualidade. Mas é visível que estes dois,

mus, adeo videntur qualitati non modo ordine sed etiam ratione coniungi, ut eadem recipiant quae recipere diximus qualitatem; namque et contrarietatem non respuunt quam qualitas recipit, et magis et minus admittunt quorum qualitatem quoque diximus receptricem. [143] Harum vero categoriarum proprium (quod graece ἰδιον), quoniam ipse quoque Aristoteles omisit, nec a nobis lector inquirat.

[De iacere]

[144] Sequitur ut de iacere dicamus (sive de situ, ut quidam putant) quae categoria in ad aliquid relatis iam videtur esse tractata; siquidem quod iacet positum iacet, positum vero positionis est et positio positi. Qua de causa, ut ipse quoque Aristoteles – quem sequimur – fecit, ad alia transeamus.

[De ubi et quando]

[145] Ubi et quando videntur locus et tempus esse cum non sint; sed sunt in loco et in tempore, ut Romae, in senatu, ante horam tertiam, post mensem martium. Haec, ut diximus, in loco sunt et in tempore, non locus et tempus. [146] Denique, ut claras et nullius tractatus indigas categorias, Aristoteles quoque transgressus est; quod nos etiam faciemus: de tempore enim et loco inter summos philosophos vetus et magna quaestio est, quibusdam volentibus haec corporata esse, aliis vero sine corporibus aestimari.

[De habere]

[147] Non uno modo habere aliquid dicimur; quantum enim tractando collegimus, sub hoc verbo octo sunt quasi quaedam species. Prima est quoties animo habemus aliquid, ut iustitiam,

como dissemos acima, estão juntos na aproximação à qualidade, não apenas pela ordem, mas também pela razão, enquanto recebem o mesmo que aquilo que dissemos que a qualidade recebe; com efeito, também não rejeitam a contrariedade que a qualidade recebe, e admitem mais e menos, os quais também dissemos que a qualidade é recetora⁹⁵. [143] Na verdade, o próprio, que os gregos <chamam> ἴδιον, destas <categorias>, dado que o próprio Aristóteles o omitiu, também o leitor não no-lo pergunte.

|Sobre o jazer|

[144] Segue-se que falemos sobre o jazer, ou sobre o estar posicionado (*situs*), como alguns autores pensam, categoria que está visto que já foi tratada nos relacionados do relativo-a-algo⁹⁶; deveras, o que jaz, jaz num posicionado (*positum*), e o posicionado é da posição (*positio*) e a posição do posicionado. Por causa disto, tal como também fez o próprio Aristóteles, a quem seguimos, transitemos para as outras <categorias>.

|Sobre o onde e o quando|

[145] O onde e o quando parecem ser o lugar e o tempo, embora não sejam; mas estão no lugar e no tempo, tal como em Roma, no senado, antes da hora terceira, depois do mês de março. Estes, como dissemos, estão no lugar e no tempo, não são o lugar e o tempo⁹⁷. [146] Finalmente, dado que são claras e não é desejável tratar nada sobre estas categorias, Aristóteles também as passou à frente, coisa que nós também fazemos: acerca do tempo e do lugar, é velha e grande a questão entre os maiores filósofos, os quais uns pretendem que são corporais, outros, na verdade, sem corpos.

|Sobre o ter|

[147] Não dizemos “ter algo” (*habere aliquid*) apenas de um modo; com efeito, do quanto coligimos do seu tratamento, sob este verbo, são oito as suas espécies, por assim dizer. A primeira

castitatem, vel iniustitiam vel libidinem. Secunda quoties in corpore habere aliquid dicimur, ut albedinem, nigredinem, varietatem, vel cetera quae per qualitatem corpori insidunt. Tertia de quantitate descendit, quoties quattuor vel quinque pedum habere dicimur longitudinem. Quarta cum non in toto corpore sed in parte corporis aliquid habere firmamur, ut in digito anulum, in pede calceos vel cothurnos. Quinta species est cum non in corpore sed circa corpus habere aliquid dicimur, ut est vestis atque indumenta omnia. Sexta quoties ipsas partes corporis habere naramur, ut manus, pedes, caput, aut reliqua quae sunt in compage membrorum. Septimus vero locus est quoties far vel vinum vas aliquod habere dicitur. Octavus habendi gradus est qui possessionem nostram vel dominium videtur ostendere, cum aedes vel rus quis habere dicitur vel maiorum sepulcra.

[148] Hi sunt habendi modi quos designato numero comprehendimus; extra quem si quis potuerit invenire desidiae nostrae culpa non erit, cum philosophus ipse liberum arbitrium dimiserit inquirentibus. Sane illud verbum multi doctorum respuunt atque improprie proferri confirmant, cum mulier habere maritum dicitur vel vir uxorem vel pater filium vel filius genitorem, propterea quod asserunt nihil haberi posse quod habeat habentem; sed rectius dici autumant esse mulieri virum vel uxorem viro esse, patrem filio esse, famulis dominum, siquidem verbi huius vim in hoc esse contendunt ut significare non possit et habere aliquem et haberi.

[149] Tandem, quasi magni aequoris freta transgressi, categoriarum numerum terminavimus, ut arbitror, non insuasibiliter doctis, satis vero clare volentibus discere. Sed quaedam restant

é de todas as vezes que temos algo na alma, tal como a justiça, a castidade, ou a injustiça, ou a luxúria. A segunda, todas as vezes que dizemos ter algo no corpo, tal como a brancura, a negridão, a variedade, ou as restantes coisas que dizem respeito à qualidade do corpo. A terceira descende da quantidade, de todas as vezes que dizemos <que algo> tem a longitude de quatro ou cinco pés. A quarta, quando reforçamos que <uma coisa> tem algo, não em todo o corpo, mas numa parte do corpo, como um anel no dedo e calçado ou coturnos no pé. A quinta espécie é quando dizemos que o corpo tem algo, não nele, mas na sua cercania, tal como acontece com todas as vestes e indumentárias. A sexta, todas as vezes que narramos termos as próprias partes do corpo, tais como as mãos, os pés, a cabeça, ou as restantes coisas que estão associadas aos membros. O sétimo, na verdade, todas as vezes que se diz que algo tem do mesmo modo que um recipiente tem espigas ou vinho. O oitavo grau do ter é o que mostra a nossa posse ou domínio, tal como se diz que alguém tem um edifício, ou um campo, ou os sepulcros dos antepassados⁹⁸.

[148] Estes são os modos do ter, os quais compreendemos no número designado; se alguém puder encontrar outros fora destes, não será por culpa da nossa preguiça, uma vez que o próprio filósofo renunciou à sua inquirição de livre vontade⁹⁹. Muitos doutos rejeitam de um modo razoável e confirmam que se profere impropriamente aquela palavra quando se diz que uma mulher tem um marido, ou um homem uma esposa, ou um pai um filho, ou um filho um genitor, devido ao facto de afirmarem que não se pode ter nada que tenha algo que o tem (*habens*)¹⁰⁰; mas de um modo mais correto de falar, afirmam que o homem é da mulher ou a esposa é do homem, o pai é do filho, o senhor da escrava, na medida em que contendem que o sentido dessa palavra não pode significar ter alguém ou ser tido.

[149] Por fim, como que atravessando as ondas do mar, terminámos as categorias, penso que de um modo não desagradável para os doutos, e de um modo satisfatório e claro para os que desejam aprender. Mas restam algumas coisas que contradizem o que

quae calcem libri huius nos tangere contradicunt; namque et in categoriis singulis de contrarietate tractatum est, cum quae reciperet contrarium et quae respueret diceremus; tamen quid sit ipsum contrarium nullus adhuc tractatus ostendit; et adhuc quaedam verba remanent quorum vis ac proprietas debeat explicari. Qua de causa ad oppositorum tractatum necessario transeamus.

|De oppositis|

[150] Oppositorum species sunt quattuor; opponitur namque aliud alteri aut figura eius categoriae quae ad-aliquid dicitur; aut contrariorum modo; aut eorum quorum circa nos esse dicitur vel habitus vel privatio – habitum sane hoc loco ex habendo debemus accipere, non ut in superioribus definivimus esse habitum affectionem quandam animi sempiternam –; aut cum confirmamus aliquid vel negamus. [151] Ut, verbi causa, ab iis quae ad aliquid dicuntur ponamus exemplum, oppositum videtur duplum simpli vel pater filio; contrariorum vero exemplum sit malum bono; eorum quoque quae per habitum et privationem dicuntur, sit caecitas et visio; illorum etiam in quibus est negatio et affirmatio, sit ‘currit, non currit’.

[152] Discretio vero contrariorum et eorum quae ad aliquid dicuntur contemplantibus manifesta est; ad aliquid enim dicta de sibi oppositis nominantur (simplum namque oppositum dupli est, et duplum oppositum simpli), contraria vero id quod dicuntur ex se habent neque alterius indigent (quis enim malum boni dixerit aut quis bonum mali?). [153] Haec est ergo harum duarum specierum quae ex oppositis veniunt dilucida et clara discretio. Ipsa vero contraria in tres species dividuntur: aut enim mediata sunt (id est habent inter se aliquid medium), aut sine medio, aut – ut in quibusdam reperit ratio – habent quidem medium, sed eius vocabulum non apparet nisi utriusque oppositi negatione consistat. [154] Mediata ergo sunt haec, album et nigrum, inter quae quando

pretendemos atingir e que estão na base deste livro; com efeito, também foi tratada a contrariedade em cada uma das categorias, como disséssemos o que é que recebia contrário e o que é que o rejeitava. No entanto, o que é o próprio contrário, nenhuma exposição o mostra ainda; e ainda restam algumas palavras das quais se deve explicar o seu sentido e propriedade. Por isso, é necessário que transitemos para o tratamento dos opostos.

|Sobre os opostos|

|150| São quatro as espécies de opostos. De facto, opõe-se uma coisa a outra: ou na figura daquela categoria que é dita relativo-a-algo; ou ao modo dos contrários; ou daqueles que junto a nós se dizem ser posse (*habitus*) ou privação – nesta passagem, posse (*habitus*) toma-se a partir da aceção de ter (*habere*), não como nos capítulos acima definimos que o hábito (*habitus*) era uma certa afeção permanente da alma –; ou quando confirmamos ou negamos algo¹⁰¹. |151| Por exemplo, quanto àqueles que se dizem relativos-a-algo, ponhamos como exemplo que o dobro é oposto à metade, ou o pai ao filho; de contrários, na verdade, o exemplo é o mau e o bom; daqueles que se dizem pela posse e privação, a cegueira e a visão; daqueles nos quais existe negação e afirmação, “corre” e “não corre”¹⁰².

|152| Na verdade, a distinção entre os contrários e aqueles que se dizem relativos-a-algo, se virmos bem, é manifesta. Com efeito, as coisas ditas relativas-a-algo nomeiam-se a partir dos seus opostos – a metade, de facto, é o oposto do dobro, e o dobro o oposto da metade –; os contrários, por sua vez, aquilo de que se dizem, têm-no a partir de si, se lhes faltar o outro – de facto, quem diria o mau do bom ou o bom do mau? |153| Logo, é clara e luzidia esta distinção entre estas duas espécies de opostos¹⁰³. Mas os próprios contrários dividem-se em três espécies: ou são mediados, isto é, têm entre si algum meio, ou sem meio, ou – como se encontra a razão nuns certos contrários – têm um meio, mas o seu vocábulo não aparece a não ser que consista na negação de um e outro dos opostos¹⁰⁴. |154| Assim, estes são mediados: branco e negro, entre

nasci potest pallidum vel fuscum, mediata haec opposita dicuntur. Quae vero mediata sunt, non necesse est unum de duobus oppositis in corpore reperiri: si enim nigrum non fuerit, potest esse fuscum, aut, si album defuerit, pallidum poterit inveniri. At vero ex his oppositis quae mediata non sunt, unum necesse est accidere de duobus, ut est salus et aegritudo; horum medium nihil est propterea quod aut salutem necesse est aut aegritudinem humana corpora retinere. [155] At illa quibus est quidem medium sed caret nomine nisi huic oppositorum negatione formetur, sunt haec, iustus et iniustus. Est aliquid in medio, sed non habet nomen, atque ideo utriusque oppositi negatio ei vocabulum creat, ut 'nec iustum nec iniustum' dicamus id quod est medium.

[156] Nunc ea opposita quae per habitum privationem que fiunt, diligentius retractemus; in his namque observari oportet ut sint utraque in eodem negotio, in eodem loco, in oportuno tempore. In eodem negotio sunt caecitas et visio (in videndo enim et in non videndo consistunt); haec et in eodem loco sunt (utriusque namque et caecitati et visioni in oculis locus est). [157] Maxime tamen in his oportunitas temporis quaeritur; nemo enim recte calvus dicitur nisi eo tempore quo capillos habere debuerit non habebit; nec sine dentibus (quem $\nu\delta\delta\acute{o}\nu$ Graeci vocant) infantem quisquam poterit dicere eum cui dentes adhuc aetas parva denegavit; siquidem privatio (quae graece $\sigma\tau\acute{\epsilon}\rho\eta\sigma\iota\varsigma$ dicitur) hanc vim tenet ut ostendat quemlibet habuisse aliquid et non habere. [158] Inter haec meminisse nos convenit aliud esse visionem et caecitatem, aliud habere visionem vel ea esse privatum, ne, si haec esse eadem iudicemus, confundi ratio videatur. Quod si quis hoc dubium putat aut parum certum, quid quamque rem sequatur advertat; etenim, si esset idem caecus et caecitas, de uno utraque dicerentur; dicimus autem hominem caecum, sed homo dici caecitas non potest. Claret igitur aliud esse caecum, aliud caecitatem.

os quais se pode originar o pálido ou o fosco, que se dizem opostos mediados. Nestes mediados, não é necessário que se encontre um dos dois opostos no corpo: na verdade, se não houver negro, pode existir o fosco, ou, se o branco deixasse de existir, poder-se-ia encontrar o pálido¹⁰⁵. E no que diz respeito aos opostos que não são mediados, é necessário que aconteça um dos dois, como por exemplo, a saúde e a doença; nada é o meio destes devido ao facto de ser necessário que os corpos humanos detenham, ou a saúde, ou a doença. [155] E aqueles nos quais existe um meio, mas falta um nome a não ser que se forme pela negação dos opostos, são estes: justo e injusto. Existe algo no meio, mas não tem nome, e por isso a negação de ambos os opostos cria esse vocábulo, como por exemplo dizemos “nem justo nem injusto” daquilo que é intermédio.

[156] Agora retratemos de um modo mais diligente aqueles opostos que se fazem pela posse e pela privação; com efeito, também neles é necessário observar que existem ambos na mesma situação, no mesmo lugar, no tempo oportuno. Na mesma situação encontram-se a cegueira e a visão (de facto, consistem em ver e não ver); e também no mesmo lugar (o lugar, quer da cegueira, quer da visão, encontra-se nos olhos). [157] Todavia, mais ainda se procura neles a oportunidade do tempo; decerto, ninguém é dito calvo corretamente a não ser que não tivesse cabelos no tempo em que deveria tê-los; nem se poderia dizer desdentado (que os gregos chamam *ωδόν*) de uma criança qualquer cuja idade impedisse que já tivesse dentes; a privação (que em grego se diz *στέρησις*) tem a virtude de mostrar que alguém que tivesse algo não o tem. [158] Entre estas coisas, recordemos que uma coisa é a visão e a cegueira, outra ter visão ou estar privado dela – se julgarmos que estas coisas são a mesma, está visto que a razão se confunde. É que se alguém pensa duvidar disto ou achar que é pouco certo, que se advirta para o que se segue: de facto, se cego e cegueira fossem o mesmo, dir-se-iam um do outro; porém, dizemos homem cego, mas não se pode dizer que o homem é a cegueira. Portanto, é claro que uma coisa é o cego, outra a cegueira¹⁰⁶.

[159] Nec affirmatio et negatio idem est quod sunt sub affirmatione negatione que cadentia. Affirmatio enim sive negatio est verbum confirmans aliquid aut negans; alia vero sunt quae sub his inveniuntur, ut est ‘Socrates disserit, non disserit Socrates.’ [160] Similiter tamen omnia sibi habentur opposita. Aliquoties autem mala malis opponuntur, quoties contrariorum media bona sunt, ut est indigentia et redundantia (quod Graeci ἔνδειαν καὶ ὑπερβολήν vocant); his enim duobus malis sibi oppositis mediocritas media reperitur. Hanc rationem Peripatetici secuti virtutes medias esse dixerunt ut plus iusto πλεονεξίαν, minus iusto μειονεξίαν dicerent: inter quae mala mediam iustitiam locaverunt. Similiter inter versutiam hebetudinem que prudentiam posuerunt; inter libidinem insensibilitatem que (quod Graeci ἀναισθησίαν vocant) temperantia constituta est; inter timiditatem et audaciam, fortitudo. Ita occultum quoddam genus oppositorum repperit perscrutata ratio, ut interdum mala malis inveniantur esse contraria. [161] Sed Aristoteles harum quattuor specierum quae ex oppositis veniunt, proprietates et differentias latius et multis modis explicavit; nos autem genus et species posuisse sufficiat ne, minutoribus occupati, fastidium necessariis afferamus.

[De priore]

[162] Quinque modis aliud altero prius dicitur: quorum primus est cum dicimus aliquem tempore seniores; secundus modus est in quo aliquid nascitur ex priore, sed, priore pereunte, secundum perit, secundo pereunte prius incolume perseverat, ut est unum prius naturaliter a duobus (ex eo enim nascuntur duo, sed sine uno duo esse non possunt, sine duobus status unius manet; et duobus exstantibus esse unum necesse est, uno vero apparente duo esse nulla necessitas cogit). [163] Tertio modo ordo quidam prius alteri alterum facit, ut in disciplinis et artibus liberalibus

[159] Nem a afirmação e a negação são o mesmo que as coisas que recaem sob a afirmação e a negação. Efetivamente, a afirmação ou a negação são palavras que confirmam ou negam algo; na verdade, outra coisa é aquilo que sob elas se encontra, como o é “Sócrates dissertou”, “Sócrates não dissertou”¹⁰⁷. [160] Semelhantemente, todas as coisas têm coisas opostas a si. Porém, alguns males opõem-se ao mal, que são contrários a intermédios bons, tal como o é a indigência e a redundância, que os gregos chamam ἔνδειαν καὶ ὑπερβολήν; com efeito, destes dois males, encontra-se um equilíbrio intermédio (*mediocritas media*) que se lhes opõe¹⁰⁸. Por esta razão, os Peripatéticos diziam que as virtudes intermédias eram como mais justo (πλεονεξιά) e menos justo (μειονεξιά), que entre eles teriam a meio a justiça¹⁰⁹. Semelhantemente, postularam a prudência entre a astúcia e o torpor; entre a luxúria e a insensibilidade (que os gregos chamam ἀναισθησίαν) constitui-se a temperança; entre o temor e a audácia, a coragem (*fortitudo*). Assim, a perscrutada razão dá conta da ocultação de um certo género de opostos, enquanto de vez em quando, de um mal são contrários dois males. [161] Mas Aristóteles, quanto a estas quatro espécies que advêm dos opostos, explicou de um modo mais lato e de muitas maneiras as propriedades e diferenças; quanto a nós, porém, é suficiente postular o género e as espécies, para que, ao ocupar-nos com minudências, não levemos o fastio para as coisas necessárias.

|Sobre o anterior|

[162] Algo é dito anterior a outro de cinco modos: o primeiro é quando dizemos que algo é anterior no tempo; o segundo modo é aquele no qual algo se origina a partir do anterior, mas, perecendo o anterior, o posterior também perece, embora perecendo o posterior, o anterior permaneça incólume, tal como um é naturalmente anterior a dois – com efeito, a partir dele, originam-se os dois, e sem um, não podem existir dois, mas sem dois, o um permanece estável; e é necessário um para que dois existam, mas não colhe nenhuma necessidade que existam dois para que um apa-

invenimus; namque et in grammatica prius est singularum discernere formas et nomina litterarum, dehinc syllabarum coniunctiones agnoscere, tunc verborum sumere notionem, postremus nobis est orationis usus assumendus propter quem cuncta eius, quasi praecurrentia, membra cognoscimus; et in rhetorica prioris locus similiter collocatur; nam prius prooemium dicimus, dehinc narrationem, post depulsionem, tunc confirmationem, postremus epilogus ponitur. His igitur exemplis tertium prioris modum sufficiat demonstrasse. [164] Quartus vero modus non multum probabilis et ab ipso Aristotele improbatus exponitur, ut fortuna meliores vel ditiores ‘prios’ vulgus assolet dicere. Sed, mea sententia, vis huius prioris explosa est. [165] Hi sunt quattuor eius quod ‘prius’ dicitur modi; sed occultior quidam quintus adiungitur, quoties ex duobus quae in se invicem convertuntur illud est prius quod esse alterum facit; ut, exempli gratia, si est homo, recte eum dicimus animal rationale, mortale, risus capax; et, si vera est ista hominis definitio, esse hominem verum. Ita utrumque in se convertitur, hoc est et hominis veram definitionem esse et definitionis hominem verum. [166] Sed quoniam definitio vera esse non poterat nisi prius natura hominis appareret, idcirco ex his duobus, quae in semet converti diximus, homo prioris locum tenet cuius exstantia definitionis suae exprimit veritatem.

[De simul]

[167] Sequitur ut proprietatem verbi quo simul esse quaedam dicimus exprimamus. Ratio enim videtur exigere ut post ‘prioris’ tractatum de his disputetur quae simul esse firmantur. Simul igitur dicuntur tribus modis †...†¹¹¹ cum quaelibet simul exsistat.

reça. [163] O terceiro modo produz uma ordem de anterioridade entre uma coisa e outra, como por exemplo nas disciplinas do saber e artes liberais; com efeito, também na gramática se aprende primeiro as formas singulares e os nomes das letras, depois reconhece-se as conjunções das sílabas, então assume-se a noção das palavras, e por fim é assumido por nós o uso da oração devido à qual conhecemos as restantes coisas, como que antecedentes. E na retórica, postula-se semelhantemente passagens anteriores <e posteriores>: de facto, dizemos que o proémio é anterior, de seguida a narração, depois a defesa, a seguir a confirmação, por último o epílogo. Portanto, por estes exemplos, o terceiro modo do anterior fica suficientemente demonstrado. [164] Na verdade, o quarto modo não é muito provável e é exposto pelo próprio Aristóteles como rejeitável, enquanto o vulgo costuma chamar “anteriores” aos melhores e mais ditosos em fortuna. Mas o meu juízo é que este sentido de anterior deve ser afastado. [165] Estes são os quatro modos nos quais “anterior” é dito; mas um certo autor acrescenta um quinto mais oculto, de todas as vezes que de dois que entre si se convertem, é anterior aquele que produz o ser do outro, como por exemplo, se existe um homem, corretamente dizemos que é um animal racional, mortal, capaz de rir; e se é verdadeira esta definição do homem, então é verdadeiro que é homem. Assim, uma coisa e outra convertem-se entre si, isto é, a definição verdadeira no homem e o homem verdadeiro na definição. [166] Mas dado que a verdadeira definição não poderia existir a não ser que antes aparecesse a natureza do homem, então entre estes dois, os quais dissemos que se convertem entre si, o homem detém o lugar anterior, cuja existência a verdade da sua definição exprime¹¹⁰.

|Sobre o simultâneo|

[167] Segue-se que exprimamos uma certa propriedade da palavra que é o simultâneo. Com efeito, parece que a razão exige que, tratado o “anterior”, se dispute sobre aquelas coisas que se afirmam serem simultâneas. Portanto, simultâneo diz-se de três modos. †...†¹¹¹ quando duas coisas quaisquer existem em simul-

tunt uno tempore vel apparent ita ut neutrum de duobus vel prius sit vel alterum consequatur, sed utriusque ortus videatur esse communis. [168] Secundus locus est cum naturaliter simul sunt, nullum tamen eorum praestat alteri, ut, verbi gratia, si simplum et duplum ponamus, necesse est simul esse naturaliter, sed neque duplum facit ut simplum sit neque simplum efficit duplum. Hoc loco confundere nos non oportet ne, quoniam, cum de ad aliquid dictis tractaremus, id esse ad aliquid diximus quod penderet ex altero, videamur nunc contra superius definita tractare; omnia namque ad aliquid dicta dici ex altero, non esse ex altero, disputavimus; nec ullus error est si quis verborum nostrorum pondera diligentius perscrutetur. [169] Tertius locus est quoties ex eodem genere manantia simul videntur esse natura, sed specie discernuntur, neque vero sibi, in eo quod dicuntur, aliquid praestant; ut est animal, idem genus est sed species longe discreta. Nec vero aut volatile quidquam pedestri tribuit ut sit aut volatili pedestre aut omnino aliud alteri in eo quod est ullam substantiam subministrat, nullum que alteri aliud prius est, sed simul omnia ab animali (id est ab uno genere) orta nascuntur.

[De motu]

[170] Omnis immutatio (quae μεταβολή graece est) fit modis tribus: aut ex non subiecto in subiectum ut est ortus vel nativitas (quam Graeci γένεσιν vocant), aut ex subiecto in non subiectum ut est interitus vel corruptio (quam φθοράν Graeci dixerunt), aut ex subiecto in subiectum ut est motus (qui graece κίνησις dicitur). Sed et ipse motus tres species habet, incrementum, imminutionem, commutationem qualitatis sive loci (haec a Graecis αὔξισις, μείωσις, ἀλλοίωσις sive φορά dicta sunt; namque commutationem circa locum φοράν dici voluerunt, quam nos quoque 'trans-

tâneo num tempo ou aparecem de tal modo que nenhuma delas é anterior ou é consequência da outra, mas a sua origem é comum. [168] O segundo modo é quando são naturalmente simultâneas e, contudo, nenhuma delas existe previamente à outra: por exemplo, se postularmos a metade e o dobro, é necessário que sejam simultâneas naturalmente, mas nem o dobro faz com que a metade exista, nem a metade tem como efeito o dobro. Não é necessário que este modo nos confunda, dado que, quando tratámos das coisas que se dizem relativas-a-algo, aquilo que dissemos sobre ele, que dependia de outro, vemos agora ser tratado quanto às coisas acima definidas; com efeito, todas as coisas que se dizem relativas-a-algo são ditas a partir de outro, mas disputámos que não existem a partir de outro; nem há qualquer erro se se perscrutar de um modo diligente as nossas palavras. [169] O terceiro modo é de todas as vezes que manam do mesmo género duas coisas simultâneas por natureza, mas que se discernem na espécie, e, naquilo em que são ditas, não preexistem entre si; por exemplo, animal é um mesmo género, mas distingue-se imensamente em espécies. E na verdade, qualquer voador ou pedestre não atribui ao outro nada naquilo em que a sua substância supõe, nem um é anterior ao outro, mas todos simultaneamente são originados pelo animal, isto é, por um único género¹¹².

|Sobre o movimento|

[170] Toda a mutação (*immutatio*), que em grego é μεταβολή, é produzida de três modos: ou a partir do não-sujeito em direção ao sujeito, que é a origem ou o nascimento (*ortus vel natiuitas*), que os gregos chamam γένεσιν; ou a partir do sujeito em direção ao não-sujeito, que é a morte ou a corrupção (*interitus vel corruptio*), que os gregos chamaram φθοράν; ou a partir do sujeito em direção ao sujeito, que é o movimento (*motus*), que em grego se diz κίνησις¹¹³. Mas também o próprio movimento tem três espécies: aumento, diminuição e mudança (*commutatio*) de qualidade ou de lugar – estes são ditos pelos gregos αὔξισις, μείωσις e ἀλλοίωσις ou φορά; realmente, quiseram chamar φοράν

gressionem' maluimus dicere secuti doctores). [171] Verum hunc ordinem quem nos in praesenti, quasi discrepantes ab eo libro qui *Categoriarum* dicitur, diligenti examinatione digessimus, ipse quoque Aristoteles in naturalium libris exposuit, in *Categoriis* autem, secutus docendi compendium, speciem pro genere, id est motum pro immutatione non dubitavit assumere, ut motui diceret, quasi generi, sex species esse subiectas, γένεσιν, φθοράν, αὔξησιν, μείωσιν, ἀλλοίωσιν, κατὰ τὸν τόπον μεταβολήν (haec nos latino sermone 'ortum' diximus, 'interitum', 'augmentum', 'immutationem', 'commutationem qualitatis', 'transgressionem loci'). [172] Hae sex species omni a se ratione discretæ sunt, nisi forte cuiquam parum docte intellegenti qualitatis commutatio (id est ἀλλοίωσις) etiam ceteris existentibus fieri videatur ut, cum nascitur aliquid aut interit aut crescit aut minuitur, tunc facta dicatur etiam commutatio. Sed id ratio falsum docet; nam quæ crescunt aut minuuntur, quantitate immutantur, non commutantur qualitate (commutatio enim proprie qualitatis est; meminisse autem nos oportet aliud esse immutationem, aliud commutationem; namque immutatio genus est, commutatio species subiecta motui quem immutationis speciem diximus). [173] Denique, ut horum sit manifesta discretio, geometricum ponamus exemplum: si tetragonum maius, quod intra depictum est currentibus per medium lineis, in brevia tetragona partiaris ei que, post, unum breve tetragonum detrahas, minuisti tetragonum maius; at si detracti loco addas gnomonem, qui hemicycli specie ponitur, plus tetragono maiori quam detraxeras reddidisti; id que quantitatis est, non qualitatis, et immutationi potius quam commutationi tribuitur, eo que a se plurimum differunt. [174] Fit autem differentia rerum omnium modis tribus, aut materia aut opere aut utroque: materia, si sint anuli similes duo unus que sit aureus alter argenteus; opere,

à mudança de lugar, a qual nós, seguindo os doutos, preferimos dizer “progressão” (*transgressio*)¹¹⁴. [171] Na verdade, esta ordem pela qual nós, quase diferenciando-nos do livro das *Categorias*, presentemente resumimos com diligente exame, o próprio Aristóteles expô-la nos livros naturais, enquanto que nas *Categorias*¹¹⁵, seguindo o modelo do compêndio, não teve dúvidas em assumir a espécie pelo género, isto é, o movimento pela mutação, ao dizer que são seis as espécies, ou como que géneros, de movimento: γένεσιν, φθοράν, ἀΐξησιν, μείωσιν, ἀλλοίωσιν, κατὰ τὸν τόπον μεταβολήν, que nós em latim dizemos “origem” (*ortum*), “morte” (*interitum*), “aumento” (*augmentum*), “diminuição” (*imminutio*), “mudança de qualidade” (*commutatio qualitatis*), “progressão no lugar” (*transgressio loci*). [172] Todas estas seis espécies são diversas pela sua razão, a não ser que porventura alguém pouco inteligente ensinasse que a mudança de qualidade (isto é, ἀλλοίωσις) também se produz nas restantes, como por exemplo, quando algo nasce ou morre, ou cresce ou diminui, também se diz que se produz uma mudança. Mas esta razão ensina o falso: com efeito, aquilo que cresce ou diminui muda de quantidade, não muda de qualidade (a mudança, com efeito, é própria da qualidade; é necessário que recordemos que uma coisa é a mutação [*immutatio*], outra a mudança [*commutatio*]; de facto, a mutação é um género, e a mudança uma espécie de movimento, o qual dissemos que é uma espécie de mutação). [173] Por fim, para que a sua distinção seja manifesta, ponhamos um exemplo geométrico: se de um tetrágono maior – que tem dentro desenhado, pelo meio de linhas, tetrágonos mais pequenos que o partem – retirares um tetrágono pequeno, diminuístes o tetrágono maior; e se, no lugar do que foi retirado, acrescentares um gnómon¹¹⁶, o qual é postulado como espécie do hemiciclo, reconstruístes um tetrágono maior do que aquele que retiraste; este é da quantidade, não da qualidade, <e> atribui-se mais à mutação do que à mudança, e elas diferem muito entre si¹¹⁷. [174] Porém, a diferença de todas as coisas faz-se por três modos, <a saber,> ou pela matéria, ou pela operação, ou por ambas: pela matéria, se em dois anéis semelhantes, um é de ouro e outro de prata; pela operação, se a partir do ouro se fabricarem

si ex auro dissimiles anuli fabricentur; utroque, si anulus sit aureus et stilus argenteus. [175] Claret igitur has immutationis species nec materia sibi nec opere nec utroque coniungi; adeo autem seiunctae sunt ut earum nonnullae etiam sibi contrariae videantur. Quis enim dubitet γενέσει φθοράν (id est ortui interitum) esse contrarium, augmento imminutionem? Ipsa quoque commutatio sive qualitatis sive loci, licet non ex eodem specierum numero, tamen habent quod sibi contrarium videatur; nam commutatio qualitatis est cum ex albo fit aliquid nigrum vel album de nigro (quae sibi manifeste contraria sunt); loci quoque commutatio, quam ‘transgressionem’ diximus, superiorum et inferiorum contrarietatem patitur, ac propterea eam quoque apparet habere contraria.

[176] Haec sunt, fili carissime, quae iugi labore assecuti, cum nobis Themistii nostra memoria egregii philosophi magisterium non deesset, ad utilitatem tuam de graeco in latinum convertimus, scilicet ut ex his quoque bonam frugem studii a nobis profecti suscipias si te non, dissimilem nostri, aliarum rerum quae lubricae atque inanes sunt cupiditas retentaverit; nihil namque omisimus in hoc libro quod posset aut delectare iam doctos aut indoctos manifestius erudire.

dois anéis dissemelhantes; por ambos, se um anel for de ouro e um estilete for de prata. [175] Portanto, é claro que as espécies de mutação não se conjugam, nem pela matéria, nem pela operação, nem por ambas; porém, estão separadas de um modo tal que algumas delas parecem ser contrárias entre si. Quem duvida, deveras, que γενέσει é o contrário de φθοράν (isto é, a geração da morte) e o aumento da diminuição? Também a própria mudança, ou de qualidade ou de lugar, embora não a partir das mesmas espécies em número, têm um contrário. Com efeito, a mudança de qualidade é como quando de branco, algo se torna negro, e de negro branco (os quais manifestamente são contrários entre si); também a mudança de lugar, que chamámos progressão, padece de contrariedade entre os superiores e os inferiores, e devido a isso é evidente que também tem contrários¹¹⁸.

[176] Estas são, caríssimo filho, as coisas que pelo labor do jugo obtive; como não nos faltasse a nossa memória do magistério do egrégio filósofo Temístio, traduzimo-lo do grego para o latim para tua utilidade, a saber, para que a partir dele também acolhas os bons frutos do estudo por nós começado, se te não retiver a cupidez de outras coisas lúbricas e inanes, ao contrário do que se deu connosco; com efeito, nada omitimos neste livro que possa, ou deleitar os que já são doutos, ou educar mais manifestamente os ignorantes.

Notas

¹ Cf. Homero, *Iliada*, VIII, 185.

² Aristóteles, *Categorias*, 1a1-4 (doravante, *Cat.*).

³ *Cat.*, 1a6-8.

⁴ Não estamos inteiramente certos da nossa tradução deste parágrafo. Alain Galonnier traduz do seguinte modo: «Par conséquent, il est clair que dans ces derniers on recherche l'origine des noms, dans les premiers celle des choses; c'est pourquoi, Aristote a préféré traiter des premiers en laissant de côté les derniers.» Pseudo-Augustin, *Les dix Catégories*, cit., p. 165.

⁵ *Cat.*, 1a12-15.

⁶ O exemplo não resulta em português. Daí termos alterado “palavras sapientes” (a tradução correta) para “palavras de sapiência”.

⁷ *Cat.*, 1a16-19.

⁸ De acordo com o editor crítico, há várias versões diferentes da expressão em vários manuscritos: «Restat ut eorum quae»; «Restat ut in ea quae»; «Restat ut ea quae»; ou «Restat ut naturam eorum quae».

⁹ *Cat.*, 1a20-22.

¹⁰ *Cat.*, 1b3-6.

¹¹ *Cat.*, 1a29-b2.

¹² *Cat.*, 1a23-29.

¹³ *Cat.*, 1a24-25.

¹⁴ *Cat.*, 1b10-13.

¹⁵ Texto emendado por Galonnier: «Hoc enim docente cognovimus, eorum...».

¹⁶ *Cat.*, 1b16-20.

¹⁷ *Cat.*, 1b25-27.

¹⁸ Texto emendado por Galonnier: «bipedalem, quadrupedalem...»

¹⁹ *Cat.*, 2a4-7.

²⁰ De acordo com a edição crítica, falta uma parte do texto aqui. O que aparece a seguir é uma enumeração de vários tipos de discurso que não o declarativo (ou pronunciativo, ou apofântico), ou seja, todos os discursos que nem são verdadeiros nem falsos.

²¹ *Cat.*, 2a11-16.

²² *Cat.*, 2b29-31.

²³ *Cat.*, 2b31-35.

²⁴ *Cat.*, 2a19-24.

²⁵ *Cat.*, 2b7-12.

²⁶ *Cat.*, 2b15-22.

²⁷ Texto emendado por Galonnier: «... taurus in suo genere.»

²⁸ Texto emendado por Galonnier: «Secundo, in solo et non in omni... Tertio, in omni et non in solo... Quarto, nec in solo nec in omni...» em vez de «In solo et non in omni... In omni et non in solo... Nec in solo nem in omni...».

²⁹ *Cat.*, 3a7-10.

³⁰ *Cat.*, 3a15-20. Não temos a certeza de ter traduzido a frase de um modo inteiramente correto. Trata-se de uma tentativa de, mantendo um mínimo de fidelidade

ao texto, torná-lo coerente com a tese que está a ser proposta, a saber, que as *usias* segundas (gêneros e espécies de *usias*) não se encontram num sujeito, como os acidentes, mas são ditas de um sujeito na medida em que há uma possibilidade de transferir a sua definição para o sujeito, pelo que podem nomeá-lo (comunidade de nome) e defini-lo (comunidade de razão [*ratio*]). Eis a tradução de Galonnier: «En suite de quoi, il montre également que ‘genre’ et ‘espèce’ sont des ousties secondes, parce que tout ce qui est peut avoir quelquefois, avec ce qui lui est sujet, le nom seul en commun, sans qu’il puisse pour autant posséder aussi la formule; tandis que le genre et l’espèce accompagnés de sujets (par exemple de tel homme) possèdent l’association incontestable et de la formule et du nom.» Pseudo-Augustin, *Les dix Catégories*, cit., pp. 191-192.

³¹ *Cat.*, 3a21-28.

³² *Cat.*, 3a33-4b19.

³³ Equivale a discreto. Cf. *Cat.*, 4b20-25.

³⁴ Uma tradução mais livre seria “agora”, ou “instante”, isto é, o instante presente entre o passado e o futuro.

³⁵ Sobre os §§ 76-78, cf. *Cat.*, 5a1-14.

³⁶ *Cat.*, 4b22-23.

³⁷ *Cat.*, 4b25-37.

³⁸ *Cat.*, 4b21-22, 5a15-16.

³⁹ *Cat.*, 5a17-23.

⁴⁰ *Cat.*, 5a23-29, 32-33.

⁴¹ Texto emendado por Galonnier: «... maxime cum haec mox videantur labi; cum dixeris et tempus currit...»

⁴² Texto emendado por Galonnier: «... si quae vero praeter...»

⁴³ *Cat.*, 5a38-b9.

⁴⁴ Texto emendado por Galonnier: «... illud esse grandius monstramus.»

⁴⁵ *Cat.*, 5b11-22.

⁴⁶ *Cat.*, 5b30-6a1.

⁴⁷ *Cat.*, 6a11-15.

⁴⁸ *Cat.*, 6a15-18.

⁴⁹ *Cat.*, 6a19-25.

⁵⁰ É possível que haja nesta passagem algum problema com o texto latino.

⁵¹ *Cat.*, 6a26-35.

⁵² *Cat.*, 6a36-b6.

⁵³ A tradução talvez não seja muito satisfatória, mas o que se está a propor é, de acordo com a discussão em Aristóteles (o § 98 é uma tradução quase literal de *Cat.*, 7b15-22), que há reciprocidade entre os relacionados, isto é, se desaparece um, desaparece o outro: o dobro só é dobro se tiver uma metade e vice-versa; e o senhor (um *dominus*) só é senhor se tiver um servo e vice-versa. Nesse sentido, é preciso ter em conta a objeção que se vai seguir no § 100: se um dos termos da relação for anterior ao outro e puder existir sem o outro, então não seria correto considerá-los relativos. Galonnier traduz esta passagem do seguinte modo: «Ainsi donc, ‘relativement à quelque chose’ est dit véritablement et à proprement parler quand on trouve, à l’occasion d’une même apparition et d’une même disparition,

à la fois ce qui est relié et ce à quoi il est relié, comme, par exemple, ‘esclave’ et ‘maître’...» Pseudo-Augustin, *Les dix Catégories*, cit., p. 209.

⁵⁴ *Cat.*, 7b15-22.

⁵⁵ *Cat.*, 11a20-38.

⁵⁶ *Cat.*, 7b23-33.

⁵⁷ *Cat.*, 7b33-8a12.

⁵⁸ Texto emendado por Galonnier: «... scibili enim rei in ipso...»

⁵⁹ *Cat.*, 7b15-23.

⁶⁰ Dado que o português não é uma língua casual como o latim, o exemplo tem de ser adaptado com preposições, forçando os usos mais habituais do português para encaixar as preposições nos casos enumerados.

⁶¹ *Cat.*, 6b28-7a5.

⁶² *Cat.*, 8a13-28. Texto emendado por Galonnier: «vel caput, vel manus; si ... nulla esse discretio.» em vez de «... vel caput vel manus; quae, si ... nulla esse discretio.»

⁶³ *Cat.*, 8a35-b7.

⁶⁴ *Cat.*, 6b28-7a13.

⁶⁵ *Cat.*, 11b32-38.

⁶⁶ *Cat.*, 6b15-17.

⁶⁷ *Cat.*, 6b20-27.

⁶⁸ *Cat.*, 8a21-25.

⁶⁹ *Cat.*, 8b21-24.

⁷⁰ *Cat.*, 8b25.

⁷¹ *Cat.*, 9a29-31.

⁷² *Cat.*, 8b26-27.

⁷³ *Cat.*, 9a16.

⁷⁴ *Cat.*, 8b28-9a13.

⁷⁵ Texto emendado por Galonnier: «Similiter salubres vel imbecilles dicimus...»

⁷⁶ *Cat.*, 9a14-27.

⁷⁷ *Cat.*, 9a28-b8.

⁷⁸ *Cat.*, 9b9-19.

⁷⁹ *Cat.*, 9b20-10a5.

⁸⁰ *Cat.*, 10a11-15.

⁸¹ *Cat.*, 10a16-24.

⁸² Vécio Agório Pretextato (c. 314/319 - 384). Cf. introdução.

⁸³ Este exemplo não resulta em português. O objetivo do autor é mostrar que há determinados qualificadores que remetem para uma qualidade de que não são um parónimo. De acordo com o tradutor para o francês, este texto mostra que *virtuosus* em latim e ἀρετός em grego seriam neologismos que não eram generalizadamente aceites neste período. Cf. Pseudo-Augustin, *Les dix Catégories*, cit., p. 228, nota 191.

⁸⁴ *Cat.*, 10a27-b11.

⁸⁵ *Cat.*, 10b12-17.

⁸⁶ *Cat.*, 12a17-19.

⁸⁷ *Cat.*, 10b17-21.

⁸⁸ *Cat.*, 10b26-11a1.

⁸⁹ *Cat.*, 11a8-12.

⁹⁰ *Cat.*, 4a10-b29; e 6b28 e ss..

⁹¹ *Cat.*, 11a15-19.

⁹² O autor utiliza *disciplina* em dois sentidos. No relativo-a-algo, tratava-se de uma disciplina do saber, ou ciência, tomada enquanto relacionada com o objeto por ela tratado, por assim dizer. Na qualidade, *disciplina* é um hábito, a saber, um conhecimento adquirido por uma alma que aprendeu uma disciplina do saber.

⁹³ Sobre os §§ 135-137, cf. *Cat.*, 11a20-38.

⁹⁴ Texto emendado por Galonnier: «... per naturam sui, alterius...» em vez de «... per naturam sui alterius...».

⁹⁵ *Cat.*, 11b1-2, 6-7.

⁹⁶ *Cat.*, 11b9-10.

⁹⁷ *Cat.*, 11b10-12.

⁹⁸ *Cat.*, 15b17-27.

⁹⁹ *Cat.*, 15b31-32.

¹⁰⁰ *Cat.*, 15b28-29.

¹⁰¹ *Cat.*, 11b17-19.

¹⁰² *Cat.*, 11b19-23.

¹⁰³ *Cat.*, 11b32-38.

¹⁰⁴ *Cat.*, 12a22-24.

¹⁰⁵ *Cat.*, 11b38-12a21.

¹⁰⁶ Sobre os §§ 155-158 cf. *Cat.*, 12a21-b1.

¹⁰⁷ *Cat.*, 12b6-10.

¹⁰⁸ *Cat.*, 14a1-6.

¹⁰⁹ Isto é, a justiça encontra-se no meio entre dois excessos. “Mais justo” e “menos justo” não indicam graus de justiça, mas um excesso ou um déficit de severidade na aplicação da justiça.

¹¹⁰ Sobre o capítulo dos anteriores, cf. *Cat.*, 14a26-b22.

¹¹¹ De acordo com o editor, falta aqui um pedaço de texto.

¹¹² Sobre este capítulo, cf. *Cat.*, 14b24-15a2.

¹¹³ Cf. Aristóteles, *Física*, 225a7-20.

¹¹⁴ Cf. Aristóteles, *Sobre a alma*, 406a12-13.

¹¹⁵ *Cat.*, 15a13-14.

¹¹⁶ Um gnómon é uma figura que, ao ser acrescentada a uma figura original, produz uma figura semelhante.

¹¹⁷ *Cat.*, 15a17-33.

¹¹⁸ *Cat.*, 15b1-16.

Anónimo, Livro dos seis princípios

Anonymus, Liber sex principiorum

Introdução, texto latino, tradução e notas

Introdução

O *Liber sex principiorum* (*LSP*) tem um lugar muito particular na história da filosofia. Mais particular se torna pelo facto de ser de autoria desconhecida e de nem sequer se tratar de um texto integral, mas sim de um rearranjo fragmentário de um texto maior.

É sobretudo enquanto parte de um *corpus* muito seletivo de obras comentadas no contexto da instituição de um currículo universitário para o estudo da lógica que esta obra adquire uma especial importância. De facto, integrou um *corpus* muito pequeno de obras a que se deu o nome de *logica vetus*¹, sendo frequentemente lida e comentada como um complemento às *Categorias* de Aristóteles. São nela expostas as seis categorias que o Estagirita enumera na sua célebre lista², mas não comenta, a saber, onde (*ποῦ, ubi*), quando (*πότε, quando*), posição/estar posicionado (*κεῖσθαι,*

¹ Eis a lista de obras que integravam este *corpus*: *Isagoge* de Porfírio; *Categorias e Da interpretação* de Aristóteles; e o *LSP*, cuja tradução aqui se publica. Na verdade, antes da introdução da *logica nova* – constituída pelas traduções latinas dos restantes textos de Aristóteles habitualmente agrupados como partes do *Organon*, a saber, *Analíticos anteriores*, *Analíticos posteriores*, *Tópicos* e *Refutações sofisticas* –, também se comentavam algumas obras lógicas de Boécio, em especial o *De divisione*. Mesmo depois da generalização da *logica nova*, essas obras de Boécio continuaram a ser muito importantes e até por vezes comentadas na íntegra, embora não com tanta frequência.

² «Cada uma das expressões que são ditas sem nenhuma combinação significa ou uma substância, ou de uma quantidade, ou de uma qualidade, ou relativamente a algo, ou nalgum lugar, ou nalgum momento, ou estar numa posição, ou fazer, ou sofrer. Para dar apenas uma ideia, uma substância é, por exemplo, “homem”, “cavalo”; de uma quantidade: “de dois côvados”, “de três côvados”; de uma qualidade: “branco”, “literato”; relativamente a algo: “o dobro”, “metade”, “maior”; nalgum lugar: “no Liceu”, “na praça”; nalgum momento: “ontem”, “o ano passado”; estar numa posição: “está deitado”, “está sentado”; ter: “está calçado”, “está armado”; fazer: “cortar”, “queimar”; sofrer: “ser cortado”, “ser queimado”.» Aristóteles, *Categorias*, trad. R. SANTOS, INCM, Lisboa 2016, pp. 65-66 (1b25-2a4).

situs), posse/ter/hábito (ἔχειν, *habitus*), agir (ποιεῖν, *agere*) e padecer (πάσχειν, *pati*)³. Por conseguinte, o *LSP* constituía um excelente instrumento de ensino para aflorar problemas a partir do cotejo de um texto, como era prática no ensino universitário, dada a ausência de um tratamento específico das seis categorias “menores” em Aristóteles. Talvez por isso, chegaram até nós mais de duas centenas de manuscritos (pelo menos 231, provavelmente mais) que o conservam. É também pelo facto de fazer parte do currículo universitário que há centenas de comentários dos séculos XIII e XIV a este texto. Apesar de muitas vezes depreciado no seu valor⁴, o peso deste aspeto institucional tornou-o central e incontornável.

Deve dizer-se também que a sua longevidade não termina nos comentários decorrentes da sua inclusão num currículo de estudos. Houve várias edições impressas desta obra entre o final do século XV e o início do século XVI. Entre o século XVI e o início do século XVIII continua a ser referido, embora não com tanta frequência. Casos disso seriam o tratamento da categoria do onde nas *Disputationes metaphysicae* (1597) de Suárez, do quando no comentário conimbricense (*In universam dialecticam Aristotelis*, 1606), ou ainda a referência indireta (por via de

³ Na verdade, dedica um capítulo pequeno ao agir e ao padecer (o capítulo 9), o qual contém diversos elementos problemáticos, nomeadamente uma parte de texto espúria (11b10-16, talvez até o capítulo como um todo) e uma estrutura de exposição muito diferente daquela que é feita nos quatro capítulos anteriores, sobre a substância, a quantidade, os relativos e a qualidade. Editores de Aristóteles como Minio-Paluello e Richard Bodéüs têm colocado várias hipóteses para enquadrar mais corretamente este capítulo, sem que haja um consenso entre os estudiosos sobre a melhor solução a adotar. Para bibliografia sobre o assunto, cf. R. SANTOS, «Introdução», in Aristóteles, *Categorias*, cit., § 3, pp. 41-43.

⁴ Veja-se, por exemplo, a opinião de João Buridano: «Ad auctoritatem auctoris Sex Principiorum dico quod, ut mihi videtur, melius fuisset quod numquam illum librum fecessit.» [Quanto à autoridade do autor dos *Seis princípios*, digo que me parece que teria sido melhor que ele nunca tivesse feito aquele livro.] Iohannes Buridanus, *Quaestiones super octo libros Physicorum Aristotelis (secundum ultimam lecturam)*. Libri III-IV, ed. M. STREIJGER – P.J.J.M. BAKKER, Brill, Leida 2016, l. 3, q. 13, p. 120.

uma paráfrase de Ermolao Barbaro⁵) na *Monadologia* (1714) de Leibniz⁶.

Nesta introdução, pretendemos em primeiro lugar fazer uma pequena exposição sobre o contexto histórico da produção deste fragmento, sublinhando as possíveis fontes do mesmo e o carácter problemático da sua atribuição a Gilberto de Poitiers. De seguida, tendo como pano de fundo esta contextualização, faremos uma pequena introdução aos conteúdos principais dos oito capítulos que constituem o *Liber sex principiorum*. Por fim, mostraremos a sua centralidade na tradição de comentário à *logica vetus* nos séculos XIII e XIV.

1. Contextualização histórica: fontes, datação e autoria do *Liber sex principiorum*

O *Liber sex principiorum* (*LSP*), como foi adiantado, não é propriamente um livro, mas um texto fragmentário. É relativamente fácil de entender que o é pelo modo abrupto como começa e acaba, pelo facto de conter remissões internas para partes que estariam antes do início do texto⁷ e, ainda, por conter teorias ou doutrinas cuja função chega a ser incompreensível no conjunto do texto que chegou até nós.

Com efeito, o *LSP* começa por uma frase cuja formulação mostra que haveria algo antes: «Forma vero est compositioni...»⁸. O termo *vero* na segunda posição é regularmente usado na conti-

⁵ De facto, trata-se de uma tentativa de reconstrução elegante do texto original. Esta versão acabou por ter alguma circulação ao longo dos séculos XVII-XVIII. Na *Patrologia Latina*, como fez notar Jean-Barthélémy Hauréau, é o texto de Ermolao, e não o original, que é publicado. Cf. J.-B. HAURÉAU, «Sur le *Livre des six principes*», *Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres* 32/2 (1888) 144-147.

⁶ Cf. F. PAPARELLA, «Introduzione», in [Gilberto Porretano], *Libro dei sei principi*, ed. bil., intro., trad. e notas F. PAPARELLA, Bompiani, Milão 2009, pp. 6-7.

⁷ Por exemplo: «De his autem alibi dictum est.» [Acerca disto, porém, falou-se noutra lugar.] *LSP*, cap. 1, §5.

⁸ Cf. *LSP*, cap. 1, §1.

nuação de uma cadência de frases, nunca ou raramente numa primeira frase. Além disso, há que perguntar: o que é que a noção de forma, e uma taxonomia das formas que se lhe segue, tem que ver com as seis categorias “menores” de Aristóteles? O desenrolar do capítulo, como veremos, torna-a pertinente, mas seria de esperar algum tipo de introdução ou de enquadramento que está ausente. Teremos também oportunidade de ver na próxima secção que há elementos dessa taxonomia das formas que não têm uma função clara para aquilo que é exposto nos capítulos seguintes, cada um deles dedicado a uma das seis categorias, seguidos de um último capítulo que versa sobre o mais e o menos, o qual não tem uma relação muito evidente com os anteriores, abrindo a possibilidade de terem existido outros capítulos posteriores. Por fim, diga-se que este último capítulo também termina de um modo muito diferente daquilo que seria de esperar, sobretudo comparando-o com os anteriores. Mais ainda, houve muitas cópias desta obra que continham no final um aditamento espúrio com excertos de uma tradução latina de *Sobre a geração e a corrupção* de Aristóteles, talvez numa tentativa de conferir ao livro a completude que lhe falta⁹.

Além de fragmentário, é impossível atribuir-lhe um autor e não é fácil ditar se há alguma tradição que lhe seja mais próxima. O LSP teve atribuições para todos os gostos: Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.), Porfírio (234? – 305?), Boécio (475/7 – 526?), Alão de Lila (c. 1120/8 – 1203), “um certo bacharel parisiense” (*quidam bascallarius parisiensis*), até mesmo Alfarabi (870? – 950/1). Mas de todas as atribuições, a mais frequente foi a de Gilberto de Poitiers (ou Gilberto Porreta, ou de la Porrée, *Gilbertus Porretanus*, c. 1085/90 – 1154), famoso comentador dos opúsculos teológicos de Boécio no século XII. De facto, este erro foi perpetuado pela influência que o comentário de Alberto Magno teve para o futuro¹⁰.

⁹ Cf. Anonymus, *Liber sex principiorum*, in Aristoteles Latinus, *Categoriarum supplementa*, ed. L. MINIO-PALUELLO, (AL, 1.6-7) Desclée de Brouwer, Bruges – Paris 1966, pp. 58-59. Cf. igualmente o estudo introdutório do editor crítico, Lorenzo Minio-Paluello, no mesmo volume.

¹⁰ Cf. *infra*, nota 13.

Resumindo muito sucintamente os três principais estudos sobre o problema da autoria¹¹, a conexão mais antiga que se pôde encontrar entre o *LSP* e Gilberto de Poitiers dá-se pela mão de Rolando de Cremona, o qual, por volta de 1230, o atribui a um *Porretanus*, o que pode querer dizer uma de duas coisas: ou o texto seria de Gilberto, ou seria de um seguidor seu. Parece haver atribuições que têm diretamente que ver com corrupções, ou erros de copista, deste termo *Porretanus*. Seria o caso de *Gilbertus Peripateticus* e de *Porphyrius* (com outras grafias alternativas).

Há muitas vezes uma questão de estilo por trás da exclusão de Aristóteles do leque de possibilidades de autoria, embora também alguns autores assumissem que este texto fosse escrito pelo Estagirita, na sequência das *Categorias*¹². São também alguns os casos em que a problematidade da autoria é descartada, dado que a causa eficiente de um texto é considerada supérflua, extrínseca ao mesmo.

A longevidade da sua atribuição a Gilberto deve muito às palavras de Alberto Magno:

*Do mesmo modo que no livro dos Predicamentos seguimos e acompanhámos a ciência de Aristóteles, assim neste livro seguir-se-á Gilberto Porretano, o qual descobre e compõe para uma compreensão mais fácil aquelas coisas que se dizem acerca dos seis princípios, as quais no livro dos Predicamentos pareciam ser ditas sucintamente*¹³.

¹¹ Cf. L. MINIO-PALUELLO, «Magister sex principiorum», in L. MINIO-PALUELLO, *Opuscula: The Latin Aristotle*, Hakkert, Amesterdão 1972, pp. 536-564; O. LEWRY, «The *Liber sex principiorum*, a supposedly porretanean work. A study in ascription» in J. JOLIVET – A. DE LIBERA, *Gilbert de Poitiers et ses contemporains. Aux origines de la Logica Modernorum*, Bibliopolis, Nápoles 1987, pp. 251-278; PAPARELLA, «Introduzione», cit., especialmente caps. 4-5, pp. 45-126. Cf. igualmente o estudo introdutório da edição crítica de Minio-Paluello.

¹² Veja-se, a título de exemplo, o caso do comentador anónimo do *LSP* no ms. Oxford, Bodleian Library, D'Orville 207, f. 1ra. Cf. LEWRY, «The *Liber sex principiorum*», cit., p. 264.

¹³ «Sicut autem in *Praedicamentorum* libro secuti et prosecuti sumus scientiam Aristotelis, sic in hoc libro sequemur Gilbertum Porretanum, qui ea quae de sex principiiis dicuntur, invenit et composuit ad faciliorem intellectum eorum quae in libro *Praedicamentorum* succinte dicta esse videbantur.» Albertus Magnus, *De*

Apenas para dar um exemplo, Raul, o Bretão (Radulphus Brito), cerca de meio século mais tarde, continua com toda a segurança a atribuí-lo a Gilberto¹⁴. Contudo, numa grande quantidade de casos, mesmo depois de Alberto, os comentadores contentam-se com o uso da expressão *auctor Sex Principiorum*, ou algo semelhante.

A questão da atribuição a Gilberto não é, de todo, supérflua. De facto, como se pode verificar pela longuíssima introdução do tradutor para italiano do *LSP*, Francesco Paparella, ela dá-nos a ocasião de comparar uma constelação de doutrinas do século XII e de ver que as posições deste fragmento não são inteiramente identificáveis com nenhuma das “escolas”, por assim dizer, do seu tempo, embora contenham elementos que nos permitem asseverar com algum grau de certeza que se trata de um texto de meados do século XII. Pela leitura de Paparella, que, de certa maneira, já estava presente em Osmund Lewry, os textos em que podemos encontrar maior afinidade com as posições filosóficas do *LSP* são a *Logica Ingredientibus* e a *Dialectica* de Abelardo, embora com algumas contradições insanáveis. Esta hipótese, decorrente de uma análise de conteúdos, pode ser apoiada também por algumas informações codicológicas e de carácter circunstancial. Com efeito, o manuscrito

sex principiis, in Albertus Magnus, *De sex principiis – Liber divisionum*, ed. R. MEYER – H. MÖHLE, (Alberti Magni Opera Omnia, tomo I, pars II) Aschendorff, Münster 2006, tract. 1, cap. 1, p. 1. A tradução é nossa: M.J. CORREIA, *De sufficientia praedicamentorum: suficiênciã e distiñção das categorias na escolástica medieval*, tese doutoramento, FLUP, Porto 2021, vol. 2 (Anexos), Anexo 6, URL = <https://hdl.handle.net/10216/134615>.

¹⁴ «Etiam liber Sex Principiorum ordinatur ad librum Praedicamentorum; quia Philosophus in Praedicamentis breviter expedit se de ultimis sex praedicamentis, scilicet actione et passione etc., ideo Gilbertus Porretanus, ut dicit Albertus, ad completiorem doctrinam libri Praedicamentorum illum libellum de Sex Principiis composuit.» [Também o livro dos Seis Princípios está ordenado relativamente ao livro dos *Praedicamentos*; porque o Filósofo, nos *Praedicamentos*, expôs brevemente os seis últimos predicamentos, a saber, ação, paixão, etc., pelo que Gilberto Porreta, como diz Alberto, compôs aquele livrinho dos Seis Princípios para completar a doutrina do livro dos *Praedicamentos*.] Radulphus Brito, *Quaestiones super Sophisticos Elenchos, proemium*, in S. EBBESEN – J. PINBORG, «Gennadios and Western Scholasticism: Radulphus Brito's *Ars vetus* in Greek translation», *Classica et Mediaevalia*, 33 (1981-1982) 289.

mais antigo, que é também um dos mais fidedignos, que contém o *LSP* provém da região de Bolonha (Ms. Vaticano, Vat. Lat. 2982). Em dois códices coevos da mesma região que referem neles algumas das definições presentes no *LSP*, há muito comumente menções elogiosas aos ensinamentos de dois mestres: *magister Petrus* (Abelardo, certamente) e *magister Albericus* (Alberico de Paris, autor de meados do séc. XII). Um desses manuscritos (Berlim, Ms. Lat. Fol. 624) permite, embora sempre com um certo grau de incerteza, situar estes materiais (que citam ou pelo menos parafraseiam alguns conteúdos do *LSP*, como foi dito) no período do episcopado de Gerardus Crassus (1145-1165)¹⁵.

O que se pode dar como certo e sabido é que Gilberto de Poitiers não foi o autor do *LSP*, quer por serem demasiado frequentes e flagrantes as diferenças doutrinárias entre as obras de Gilberto e este pequeno livro, quer porque há fontes de que está mais próximo.

Por conseguinte, deixaremos para o próximo capítulo um desenvolvimento maior das semelhanças e diferenças entre o *LSP* e alguns textos coetâneos. Por agora, resumiremos. O *LSP* é um fragmento de um texto maior cujas partes anteriores (e talvez posteriores) estão perdidas, escrito *grosso modo* em meados do século XII por um autor desconhecido que parece ter sido influenciado especialmente por doutrinas de origem abelardiana. Passemos ao estudo introdutório dos conteúdos deste fragmento para que esta sumarização se torne mais consequente.

2. Estudo introdutório dos conteúdos do *LSP*

2.1. A forma, as suas divisões e as categorias advenientes extrínsecas

Dos oito capítulos que constituem o *LSP*, o primeiro é o mais problemático, deixando o leitor perplexo pela catadupa de noções introduzidas sem um enquadramento prévio. Este capítulo parece

¹⁵ Cf. LEWRY, «The *Liber sex principiorum*», cit., pp. 269-274.

ser dedicado à noção de forma, mas ao longo dos seus parágrafos são debatidos os mais diversos assuntos sem que haja uma compreensão imediata da conexão entre eles. Esquemáticamente, o capítulo desenvolve-se assim:

§§ 1-5. Define-se a noção de forma;

§ 6. Introduce-se a noção de *substantiale*;

§§ 7-10. Distinguem-se as formas que são produzidas por natureza daquelas que são produzidas por uma ação (*a natura* vs. *in actu*); no § 8, devido ao exemplo do ato de cortar dado no parágrafo anterior, discute-se se é possível algo existir em várias coisas (*in pluribus*);

§§ 11-13. Aplica-se o chamado “quadrado ontológico” de Aristóteles (ser dito de um sujeito vs. não ser dito de um sujeito; estar num sujeito vs. não estar num sujeito)¹⁶ às formas. No § 12, as formas que estão num sujeito e não são ditas de um sujeito são subdivididas em sensíveis e não-sensíveis.

§§ 14-15. O autor divide as categorias, ou aquilo que é dito sem nenhuma complexão, em subsistentes e contingentes. As contingentes, por sua vez, são divididas em advenientes intrínsecas (quantidade, qualidade e relação) e advenientes extrínsecas (as restantes seis). É através desta divisão que se introduz, enfim, o assunto principal do *LSP*: as categorias contingentes advenientes extrínsecas.

Posto isto, tentemos articular esta diversidade de assuntos sem forçar excessivamente a unidade ausente¹⁷. Começemos pela noção de forma, definida nos seguintes termos:

¹⁶ Cf. Aristóteles, *Categorias*, cap. 2, 1a20 e ss.

¹⁷ Convém dizer, desde já, que a nossa leitura não corresponde em alguns aspetos com aquela que é proposta por Francesco Paparella, dado que este, também na busca de uma coerência difícil de discernir, dá alguns saltos interpretativos que nos parecem injustificáveis pelo texto. Ao longo da tradução, indicaremos em nota os momentos mais relevantes de discordância de leitura.

A forma é aquilo que se junta a um composto (compositioni contingens), consistindo numa essência simples e invariável. E na verdade, não é o composto na medida em que se distingue da natureza dele; com efeito, qualquer composto que advenha a um outro produz um composto maior na sua conjunção; porém, na forma, isto não é assim. (...) Contudo, posto que talvez aconteça que outros exponham o mesmo, considero convenientemente acrescentar “consistindo numa essência invariável”; efetivamente, na alma descobre-se a alteração por contrariedade, tal como a tristeza e a alegria. Mas dado que, como afirmam, uma coisa simples não é sujeito de nenhuma verdadeira variação, tal como acontece com a alma do mundo, acrescentei “que se junta a um composto”, dissociando esta de todas as coisas¹⁸.

Nesta tentativa de definir a noção de “forma”, o autor começa por diferenciar a forma do composto no qual essa forma ocorre, ou ao qual essa forma se junta¹⁹. Um composto pode sofrer alterações, como por exemplo aumentar ou diminuir, ou ainda juntar-se a outros compostos, sem que isso altere a sua forma. Para usar o exemplo textual, se um corpo (um composto de matéria e forma) que contém em si a forma da brancura aumentasse ou diminuísse de tamanho, a forma da brancura nele presente permaneceria invariável. Se esse corpo se juntasse a outros corpos, fazendo uma composição de corpos vários, fossem eles todos brancos, fosse

¹⁸ LSP, cap. 1, §§1-4.

¹⁹ Note-se que vertemos *contingens* em “aquilo que se junta a”, numa tentativa de tornar o texto coerente, dado que mais à frente o autor vai dividir as formas em subsistentes e contingentes. Talvez também se pudesse traduzir a expressão como “aquilo que acontece” ou “aquilo que ocorre”, no sentido em que a forma é algo que ocorre/acontece num composto (de matéria e forma?) de tal modo que é um elemento invariável que ocorre nesse composto, mas que não se confunde com ele, de acordo com o seguimento do texto. Também se poderia interpretar de outro modo a passagem, numa tentativa de articulação diferente, talvez igualmente válida: pode ser que o autor esteja já a introduzir qual é o tipo de forma sobre a qual pretende falar nos capítulos seguintes. Só depois, mais à frente, é que iria mostrar que há formas subsistentes que vai excluir da sua exposição. Contudo, se o objetivo é circunscrever de antemão o assunto dos capítulos seguintes, deveria ter introduzido também a distinção entre as intrínsecas e as extrínsecas, ambas contingentes... Olhando apenas para o texto, não há uma resposta única e inequívoca.

apenas ele branco, a forma da brancura nele presente permaneceria, mais uma vez, invariável.

Essa invariabilidade exclui outro tipo de entidade ao qual também se poderia dar o nome de “forma”, a saber, a alma com as suas paixões, sujeita a variações de todo o tipo: a alegria e a tristeza, ou, como é dito no parágrafo subsequente, o ajuizamento da verdade e da falsidade de uma oração, ou o reconhecimento das *rationes* que são reais e daquelas que não são²⁰. Parece-nos que a interpretação possível desta exclusão é que o autor não tem como objetivo falar acerca do modo como concebemos na alma as formas, mas das formas mesmas, ainda que tomadas discursivamente, como a alusão ao tratamento *in voce* no §14 nos levará a supor.

À invariabilidade e à simplicidade, segue-se uma menção à figura platônica da alma do mundo²¹, que serve para distinguir essa forma simples e invariável que não está agregada a um composto daquelas formas que estão. Mas estão sem que variem com ele, como vimos. A conclusão geral a que se chega é que não são as formas que variam, mas os sujeitos nos quais elas se encontram.

Deste modo, num esforço interpretativo que, decerto, reconstrói especulativamente uma passagem cuja articulação é difícil de entender, parece-nos que a noção de forma apresentada pode ser resumida do seguinte modo: as formas não são um composto de matéria e forma, mas encontram-se nele (ou neles, isto é, em vários deles). Portanto, exclua-se delas as formas “puras”, como a alma do mundo. Também não são aquilo que resulta das paixões da alma, isto é, não são conhecimentos, ou conceitos, ou *notae*, nas palavras do autor. São essências simples e invariáveis. O que varia são os sujeitos onde se encontram, não elas. Os sujeitos onde se encontram parecem ser estes compostos, ou estas *compositio-nes*, que incluem a possibilidade de um agrupamento de vários compostos, uma composição de compostos (vários sujeitos com a mesma forma?).

²⁰ Cf. *LSP*, cap. 1, § 5.

²¹ Cf. Platão, *Timeu*, 34b-39e.

Eis a questão: o que são estes compostos? A resposta não é imediata, até porque a palavra *compositio* só aparece mais uma vez no capítulo, ao definir a noção de *substantialia*. Portanto, vejamos o que é dito acerca desta noção:

O substancial (substantialia) é aquilo que, dentro de um certo composto (composto enquanto em vários [compositio ut in pluribus]), confere o ser que é impossível que falte, como por exemplo a razão e os sentidos, ou coisas semelhantes a eles, ou como o contínuo e o discreto. Na verdade, este será assim, ou enquanto matéria, ou enquanto forma, tal como o corpo é a matéria do homem e a alma a forma. Portanto, o substancial será como “corpo”, “homem” e “razão”²².

Um humano, um composto, tem dois elementos substanciais: a sua alma é uma forma substancial; o seu corpo é uma matéria substancial. Por conseguinte, as formas substanciais são uma espécie dentro da noção mais genérica de “substancial”, a qual, no entanto, parece incluir elementos que não pertencem à categoria da substância, como o contínuo e o discreto²³.

Mas voltemos ao composto. Esta passagem permite-nos verificar novamente que a noção de *compositio* diz respeito ao composto hilemórfico. Francesco Paparella aponta como fonte desta noção o comentário de Boécio às *Categorias*:

Porém, uma vez que são três as substâncias – a matéria, a espécie (species), e aquela substância composta e compacta que é produzida a partir destas –, aqui <Aristóteles> também não se propôs falar apenas da espécie, nem apenas da matéria, mas sim dos mistos e compostos de uma e outra. As partes da substância, a partir das quais essa mesma substância é produzida, são incompostas e simples: a espécie e a maté-

²² LSP, cap. 1, §6.

²³ A leitura que Francesco Paparella propõe de *substantialia* é manifestamente errada: não é possível fazer equivaler *substantialia* e forma substancial, porque *substantialia* também é a matéria que, dentro de um certo composto, não lhe pode faltar para que ele exista. Isso é evidente pelos exemplos dados pelo autor. Cf. [Gilberto Porretano], *Libro dei sei principi*, cit., p. 171; PAPARELLA, «Introduzione», cit., cap. 3, p. 24.

ria, para as quais transfere o nome <de substância> ao dizer “também as próprias partes das substâncias são substâncias”²⁴.

A noção de *species* nesta passagem parece ter alguns elementos afins à noção de forma apresentada pelo autor do *LSP*. Porém, poder-se-ia dizer o mesmo de qualquer noção de forma utilizada no século XII, dada a influência geral dos comentários de Boécio neste período.

No que toca ao composto, resta saber o que quer dizer o autor com a expressão entre parêntesis: «composto enquanto em vários» (*compositio ut in pluribus*). Mais uma vez, o único esforço interpretativo que podemos fazer é tentar reconstruir alguma coerência a partir do que é dito nos parágrafos seguintes. De facto, após uma diferenciação entre as formas produzidas por natureza e as formas produzidas por uma ação, os §§ 8 a 10 são dedicados *àqueles que se encontram em vários* (*his que in pluribus sunt*). Afirma logo que este assunto não é, de todo, evidente. A conclusão a que chega é que estes não são criaturas, dado que nem podem ser produzidos por natureza, nem por um ato. Criação e singularidade são equivalentes. O autor aproxima-se de uma posição “nominalista” ao afirmar que a comunidade natural procede da singularidade e que estas formas que se encontram em vários excedem o conjunto dos singulares na predicação. Ou seja, enquanto predicados abstraídos ou separados (*ex discretione* é a expressão utilizada) dos singulares, estas formas são algo para além dos singulares, mas não existem enquanto criaturas²⁵. Conjugando esta passagem com a referência ao tratamento *in voce* no último parágrafo deste capítulo, ou ainda com alguns elementos do último capítulo que se tornarão explícitos em 2.3, resta-nos interpretar que as formas de

²⁴ «Cum autem tres substantiae sint, materia, species, et quae ex utrisque conficitur undique composita et compacta substantia, hic neque de sola specie, neque de sola materia, sed de utrisque mistis compositisque proposuit. Partes autem substantiae incompositae et simplices sunt, ex quibus ipsa substantia conficitur, species et materia, quas post per transitum nominat dicens, substantiarum partes et ipsas esse substantias, atque haec hactenus.» Boethius, *In Categorias Aristotelis libri quatuor*, Patrologia latina, vol. 64, Paris 1847, 184A.

²⁵ Cf. *LSP*, cap. 1, §9.

que aqui se fala são predicados ou algo desse género, não enquanto *notae* numa alma humana, mas enquanto palavras que indicam a essência de várias criaturas singulares, ou, talvez melhor, o conjunto das essências singulares de várias criaturas semelhantes. Veremos em 3 como evoluiu a interpretação dos comentadores neste ponto sensível.

Depois de estabelecer que as formas que se encontram em vários não são criaturas, o texto aproxima-se dos conteúdos dos capítulos 2 (quadrado ontológico) e 4 (enumeração e exemplificação das dez categorias) das *Categorias* de Aristóteles. O quadrado ontológico, no entanto, não é bem um quadrado, porque só enumera três possibilidades: estar num sujeito e ser dito de um sujeito; estar num sujeito e não ser dito de um sujeito (aqui, afirma taxativamente que se trata das formas individuais); e ser dito de um sujeito, mas não estar num sujeito. A quarta possibilidade, não estar num sujeito nem ser dito de um sujeito, não aparece, talvez porque as substâncias individuais sejam os sujeitos onde as formas ocorrem.

Há ainda uma última divisão das formas, desta vez as individuais (ou as que estão num sujeito e não são ditas de um sujeito), em sensíveis e não-sensíveis, conforme sejam compreendidas pelos sentidos ou pela razão.

Só então, em mais um corte abrupto – posto que a noção de forma desaparece e que não se compreende inteiramente para que serve grande parte da discussão que se teve até este ponto –, o autor anónimo chega ao assunto principal dos capítulos seguintes, a saber, as categorias contingentes extrínsecas. Os últimos dois parágrafos deste capítulo tratam justamente de dividir «cada um daqueles que são ditos sem complexão» (*singulum eorum que dicta sunt incomplexionis eius*) em vários pares mutuamente exclusivos. Adverte logo, em concordância com os parágrafos anteriores, que os incomplexos são *in voce*, isto é, à maneira boeciana e porfiriana, são palavras que indicam ou dizem os géneros primeiros das coisas²⁶.

²⁶ Na formulação de Boécio: «Ut igitur concludenda sit intentio, dicendum est in hoc libro de primis vocibus, prima rerum genera significantibus in eo quod

A primeira divisão dos incomplexos dá-se entre os subsistentes e os contingentes, divisão que corresponde à que se dá entre substância e acidentes, posto que os contingentes vão ser subdivididos de acordo com a sua relação com a substância. Uns são intrínsecos, outros extrínsecos. Os extrínsecos são os seis princípios, o que significa que a relação é agrupada no conjunto dos acidentes ou dos contingentes intrínsecos, elemento importante para comparar as posições do autor desta obra com outras, como veremos já a seguir. Todas as categorias contingentes *advêm* (são *aduenientes*, na expressão latina) à substância, algo que ecoa o uso do verbo *adesse* para falar dos acidentes em Gilberto de Poitiers²⁷.

É esta divisão que dita o assunto dos capítulos seguintes.

Antes de fazermos uma breve exposição desses capítulos, façamos uma também breve nota sobre as possíveis fontes das doutrinas deste difícil capítulo.

No que diz respeito às fontes possíveis da noção de forma, Francesco Paparella aponta para o facto de ter sido talvez esta uma das razões que levou Rolando de Cremona a atribuir o texto a um *Porretanus*. É que há, de facto, alguns elementos comuns a este texto, a algumas passagens de Gilberto de Poitiers, ao *Dialogus*

significantes sunt, dispositum esse tractatus.» [Portanto, para que se conclua a intenção, deve dizer-se que neste livro dispõe-se tratar das palavras primeiras que significam os géneros primeiros das coisas naquilo em que são significantes.] Boethius, *In Categorias*, cit., 161A. Pouco depois: «...praedicamentorum tractatus non de rebus, sed de vocibus est...» [...o tratado dos predicamentos não é sobre as coisas, mas sobre as palavras...] Boethius, *In Categorias*, cit., 162C.

²⁷ «Accidentia uero de illis quidem substantiis, que ex esse sunt aliquid, dicuntur – siue in eis creata siue extrinsecus affixa sint – sed eis tantum, que esse sunt, accidunt quia illis recte non “inesse” sed “adesse” dicuntur.» [Os acidentes, na verdade, são ditos daquelas substâncias que são algo a partir do ser – ou criados nelas, ou afixados extrinsecamente –, mas são acidentes apenas daquelas coisas que são ser, pois <apenas> delas se diz, não que inerem (*inesse*), mas que aderem (*adesse*).] Gilbertus Porretanus, *Expositio in Boecii Librum De Trinitate*, cap. 4, § 18, in L. VALENTE, *Concreti et dividui. Il lessico filosofico di Gilberto di Poitiers*, ILIESI-CNR, Roma 2022, p. 330, URL = <https://www.iliesi.cnr.it/publicazioni/Testi-03-Valente.pdf>, (consultado a 27/06/2022). O verbo *adesse*, que traduzimos por “aderir” (para emparelhar com “inerir”), também poderia ser traduzido por “estar próximo”, “estar junto”, “estar contíguo”, ou simplesmente “advir”.

Ratii et Everardi e ao *Compendium logicae porretanum*. Os dois últimos textos, embora não sejam de Gilberto, defendem assumidamente doutrinas suas.

No seu comentário aos opúsculos teológicos de Boécio, Gilberto de Poitiers considera que forma e matéria têm diversos sentidos. No caso da forma, distingue quatro: a *prima forma*, que é Deus; as formas exemplares dos quatro elementos, “deduzidas” da concreção das coisas materiais e sensíveis; as formas enquanto aquilo que confere o ser às coisas materiais, ou aquilo que nelas as torna subsistentes; e, por último, as formas enquanto figuras aparentes dos corpos, correspondentes ao quarto tipo de qualidade apresentado por Aristóteles nas *Categorias*²⁸. No entanto, apenas a forma primeira é chamada essência, ou também *usia*, transliterada à maneira das *Categoriae decem*, fonte ainda fundamental no século XII²⁹. Ainda assim, caracteriza o terceiro tipo de formas (as que aqui nos interessam) como simples, destrincháveis da sua concreção e complexão sensível, invariáveis se separadas desta.

No *Dialogus Ratii et Everardi*, texto escrito em defesa das posições teológicas de Gilberto contra as acusações de Bernardo de Claraval (1090 – 1153)³⁰, faz-se menção à explicação da noção de forma em Gilberto, mas estende-se a caracterização das formas como essências às formas substanciais, caracterizadas à maneira porretana como *subsistentiae*, por oposição com o *subsistens*, que é todo o composto. A forma substancial é, por conseguinte, a essência de um composto, ou, equivalentemente, a *subsistentia* de um *subsistens*³¹. Aproximamo-nos bastante daquilo que é dito no *LSP*.

²⁸ Cf. Gilbertus Porretanus, *Expositio in Boecii*, cit., cap. 2, especialmente §§ 16-19, pp. 305-306.

²⁹ Cf. a introdução, neste volume.

³⁰ Gilberto havia sido alvo de uma tentativa de condenação, embora sem sucesso, devido à sua teoria acerca das propriedades pessoais das hipóstases trinitárias.

³¹ Cf. L. VALENTE, *Concreti e dividui*, cit., pp. 17-21; N. M. HÄRING, «A Latin Dialogue on the Doctrine of Gilbert of Poitiers», *Mediaeval Studies* 15, 1 (1953) 243-289, especialmente 280 e ss.

Este par tipicamente porretano é explicado do seguinte modo no *Compendium logicae porretanum*:

(...) são dois os géneros das coisas: um <é o género> dos subsistentes e outro o das subsistências. Porém, todo o subsistente é dito sujeito e toda a subsistência é chamada forma. E o género dos subsistentes contrai o seu ser a partir do género das subsistências. Por exemplo: quando um determinado singular (iste) é homem e é Sócrates, na sua própria existência (isto é, forma pessoal), é Sócrates; mas é homem na forma substancial (a saber, na humanidade, pela participação da essência específica), e também animal, corpo e substância pela participação das subsistências genéricas. O mesmo se passa com o qualificado (qualis) relativamente à qualidade, com o quantificado (quantus) relativamente à quantidade, com o relacionado (ad quid) relativamente à relação, com o algures relativamente ao lugar, com o quando relativamente ao tempo, com o posicionado relativamente à posição, com o agente relativamente à ação, com o paciente relativamente à paixão, e com o que tem (habens) relativamente ao hábito (habitus). E do mesmo modo que Sócrates é branco pela sua brancura singular, também é homem pela sua humanidade singular, e assim, qualquer forma que se encontre em algo é singular. Mas foi dito que apenas a forma é declarativa de um sujeito; logo, apta para a predicação, ou predicável. Igualmente, uma vez que toda a forma é singular, e que toda a forma e apenas ela é predicável, então, conversamente, todo o predicável é singular³².

³² «(...) duo genera esse rerum, unum subsistentium et aliud subsistentiarum, omne autem subiectum subsistens dicitur, omnis vero forma subsistentia appellatur. At genus subsistentium esse suum contrahit a genere subsistentiarum. Verbi gratia: cum iste sit homo et sit Socrates, sui propria existentia (id est personali forma) est Socrates; sed est homo forma substanciali (scilicet humanitate, scilicet participatione specialis essentie), animal vero et corpus et substantia a participatione generalium subsistentiarum; idem quoque qualis a qualitate, quantus a quantitate, ad quid <a> relatione, alicui a loco, aliquando a tempore, positus a positione, agens ab actione, patiens a patione, habens ab habitu. At sicut Socrates singulari albedine sui est albus, ita singulari humanitate sui est homo, et sic quecumque forma in aliquo est singularis est. Sed dictum <est> quod sola forma est subiecti declarativa, ergo apta ad predicandum, atque predicabile. Cum itaque omnis forma sit singularis et omnis forma est sola predicabile et e converso, omne predicabile est singulare et convertitur.» Anonymus, *Compendium logicae porretanum*, ed. S. EBBESEN – K.M. FREDBORG – L.O. NIELSEN, *CIMAGL* 46 (1983) III, 13, 39-40.

Esta passagem mostra que, tal como o nosso autor, este compêndio considera que as formas universais, *ut in pluribus*, não existem. Toda a forma é singular. Uns parágrafos à frente, discute explicitamente o estatuto dos universais a partir da ideia de que são a coleção de todas as formas singulares semelhantes³³.

O ponto que queríamos frisar é que, de facto, há bastantes semelhanças entre a teoria da forma apresentada no *LSP* e as fontes porretanas. No entanto, não encontramos nestes textos a taxonomia do final do primeiro parágrafo do *LSP*. Em primeiro lugar, note-se que as formas, nos textos dos porretanos, são subsistências, não os subsistentes. A primeira divisão dos que são ditos sem nenhuma complexão dá-se entre os subsistentes e os contingentes. Quer isto dizer que os que são ditos sem nenhuma complexão são os sujeitos das formas e não elas? É provável. Em si, esta diferença altera pouco, dado que os subsistentes contraem o seu ser a partir das subsistências.

Em segundo lugar, a caracterização que Gilberto de Poitiers faz da relação não coincide com a do *LSP*. Sem entrarmos em grandes pormenores, que nos levariam demasiado longe, acerca do estatuto da relação e das torções que a noção aristotélica sofreu por via da discussão trinitária, Boécio postulou que os predicados relacionais são extrínsecos ao sujeito, de modo a poder defender que a relação não institui qualquer tipo de alteração na essência do relacionado³⁴. Gilberto segue esta posição³⁵. O nosso autor, talvez pelo facto de Aristóteles trabalhar a categoria da relação conjuntamente com a substância, a quantidade e a qualidade nas *Categorias*, vai considerar extrínsecas apenas as seis restantes.

O agrupamento dos acidentes de acordo com o papel que estes ocupam relativamente à substância também tem anteceden-

³³ Cf. Anonymus, *Compendium logicae porretanum*, cit., III, 28-30; C.J. MARTIN, «The *Compendium Logicae Porretanum*: a Survey of Philosophical Logic from the School of Gilbert of Poitiers», *CIMAGL* 46 (1983): XVIII-XLVI.

³⁴ Cf. Boethius, *De Sancta Trinitate*, in Boethius, *De consolatione Philosophiae. Opuscula Theologica*, ed. C. MORESCHINI, K. G. Saur, Munique – Lipsia 2000, caps. 5-6, pp. 177-181.

³⁵ Cf. Gilbertus Porretanus, *Expositio in Boecii*, cit., cap. 5, pp. 344-353.

tes, não só em Boécio – com a ideia de que há categorias que não indicam uma *res*, mas sim a *circumstantia rei*³⁶, que tem uma certa semelhança com a ideia de que há categorias extrínsecas aos sujeitos de que são predicadas –, mas também nas *Categoriae decem*. Todavia, mais uma vez, a posição do *LSP* não é coincidente com a desta fonte, a qual divide os acidentes em três grupos: os que se encontram dentro da substância, os que se encontram fora, e os que se encontram parcialmente dentro e parcialmente fora³⁷. No *LSP*, não se vislumbra a possibilidade dessa terceira hipótese. Trata-se de algo importante, que influenciou muitíssimo a leitura que autores dos séculos seguintes fizeram das categorias aristotélicas³⁸.

2.2. Os seis princípios: definições e articulação “dinâmica” das categorias extrínsecas

Tal como ficou anunciado atrás, os capítulos 2 a 7 são mais estruturados do que o primeiro. Neles, o autor usa como modelo expositivo os capítulos centrais das *Categorias* de Aristóteles, isto é, usa o modo como as quatro categorias intrínsecas são expostas por Aristóteles para expor as seis restantes. Assim, a estrutura geral destes capítulos consiste no seguinte: definição (nominal) da categoria; procura das propriedades dessa categoria; segue-se a tentativa de encontrar a gênese da categoria; por fim, à maneira aristotélica, pergunta-se se a categoria é suscetível à contrariedade e ao mais ou ao menos.

São estas as definições dadas a cada um dos seis princípios:

³⁶ Cf. Boethius, *De Sancta Trinitate*, cit., cap. 4, p. 177.

³⁷ Cf., na primeira parte deste volume, a nossa introdução às *Categoriae decem*, cap. 2.3.

³⁸ Para mais informações e bibliografia abundante acerca deste tópico, cf. M.J. CORREIA, *De sufficientia praedicamentorum*, cit., vol. 1, especialmente 1.3.

- Ação (*actio*): «A ação é aquilo segundo o qual dizemos, naquilo em que subjaz, que age, tal como se diz “cortante” (*secans*) daquele que corta³⁹.»
- Paixão (*passio*): «A paixão é o efeito e a consequência da ação, segundo a qual as coisas padecem⁴⁰.»
- Quando (*quando*): «O quando é aquilo que resta (*relinquitur*) a partir das coisas adjacentes ao tempo; o tempo, porém, não é o quando, mas a razão de um e outro é conjunta: por exemplo, o tempo passado não é o quando, mas o quando é o seu efeito e afeição (*infectio*) segundo a qual se diz que algo foi <no passado>⁴¹.»
- Onde (*ubi*): «O onde (*ubi*) é a circunscrição do corpo procedente da circunscrição do lugar (*locus*), ao passo que o lugar <se encontra> naquilo que contém e circunscreve; portanto, está no lugar o que quer que seja circunscrito pelo lugar, mas não no mesmo lugar e onde: o lugar naquilo que contém, o onde, porém, naquilo que é circunscrito e circundado⁴².»
- Posição (*positio*): «A posição é uma certa ordenação da situação das partes e das gerações, segundo a qual <as coisas> são ditas em pé, ou sentadas, ou ásperas, ou macias, ou de qualquer outro modo dispostas; sentar-se ou jazer não são posições, mas ditas denominativamente delas⁴³.»
- Hábito (*habitus*): «O hábito diz respeito aos corpos e àquelas coisas que estão adjacentes aos corpos, segundo o qual aqueles são ditos ter e estas, na verdade, ser tidas; isto, porém, não segundo o todo, mas segundo a divisão particular, como por exemplo estar armado e estar calçado⁴⁴.»

³⁹ LSP, cap. 2, § 16.

⁴⁰ LSP, cap. 3, § 29.

⁴¹ LSP, cap. 4, § 33.

⁴² LSP, cap. 5, § 48.

⁴³ LSP, cap. 6, § 60.

⁴⁴ LSP, cap. 7, § 69.

Todas estas definições têm elementos dignos de nota e muitas delas, como se pode verificar pelos estudos de Osmund Lewry e de Paparella, são identificáveis com posições de Abelardo.

Seguindo a ordem dos capítulos, o autor segue a linha boeciana⁴⁵ segundo a qual a ação tem uma relação estreita com o movimento, na medida em que tudo aquilo que se move age e que tudo aquilo que age está em movimento. No entanto, ao passo que o movimento é uma espécie de *quale* (qualificado, ou qualificação), a ação é uma categoria diversa: «a ação não é um algo (*aliquid*), mas age em algo (*in quid agat*).⁴⁶». Encontramos aqui um primeiro vislumbre da influência de Abelardo. De facto, na sua *Logica ingredientibus*, argumenta que o movimento é um *quale*, pertence à categoria da qualidade, posto que o seu contrário, o repouso, o é certamente. Dado que os contrários devem necessariamente pertencer à mesma categoria, o movimento também é um *quale*⁴⁷. O LSP inverte o argumento, mas afirma essencialmente o mesmo. Coincidem também na ideia de que a ação e a paixão são coextensivas com o movimento.

⁴⁵ Cf. Boethius, *In Categorias*, cit., 263D.

⁴⁶ LSP, cap. 2, §21.

⁴⁷ «Motus autem hoc loco neque actionis nomen est, a qua ‘moveo, moves’ activum verbum sumptum, neque passionis, a qua ‘moveor, moveris’ dicatur sed nomen esse videtur qualitatis. Cum enim quies qualitas videbatur cuilibet motuum esse contraria, oportet et motum qualitatem esse. Ut enim in qualitate dictum est, si ex contrariis unum fuerit quale et reliquum erit quale. At vero cum sit motus qualitas valde inconstans, est transitoria ad modum actionum vel passionum et simul quandoque est motus cum actione et passione.» [Porém, o movimento, nesta passagem, nem é um nome de uma ação – pela qual “moveo, moves” é assumido como um verbo ativo –, nem de uma paixão – pela qual “sou movido, és movido” é dito –, mas parece ser um nome de uma qualidade. Efetivamente, como o repouso parece ser uma qualidade da qual o movimento é o contrário, então é necessário que o movimento seja uma qualidade. De facto, enquanto foi dito <que se encontra> na qualidade, se um dos contrários for um *quale*, o outro também será um *quale*. E, na verdade, uma vez que o movimento é uma qualidade inconstante, então é transitória do mesmo modo que as ações e as paixões; e o movimento é simultâneo com a ação e a paixão.] Petrus Abaelardus, *Logica “Ingredientibus”*, ed. B. GEYER, Verlag der Aschendorffschen Verlagsbuchhandlung, Münster 1919-1927, 2.14, p. 296.

Mas a articulação de um “sistema” dinâmico categorial em que umas categorias acompanham outras não fica por aqui. De facto, um dos aspetos mais interessantes deste capítulo é uma passagem na qual se tenta mostrar de que modo umas categorias estão na génese de outras:

Aquilo que é um qualificado (quale) origina a partir de si o fazer (facere); com efeito, o calor é uma qualidade, mas efetiva a ação de aquecer. A posição, na verdade, é aquilo que torna efetivas as qualidades particulares e as quantidades – a aspereza e a lisura, deveras, bem como as coisas semelhantes, são qualificados (qualia); e a linha, a superfície e a solidez são quantidades; todas estas, porém, adquirem a substância e a geração pelo estar posicionado (situs). Todavia, a quantidade é da quantidade (como por exemplo, a linha da longitude, o plano da latitude, o corpo sólido da altitude); a qualidade também é da qualidade (como o calor do quente); o estar posicionado, porém, é do agir e do padecer (a geração dos simples, a qual é necessário que consista numa ação motiva, produz-se numa certa composição e disposição); o onde, na verdade, do lugar; o ter, do corpo (dizemos “ter” aquelas coisas que estão à volta do corpo)⁴⁸.

Nesta descrição dinâmica, o autor procura mostrar que aquilo que está sob a alçada de uma categoria origina algo que está sob a alçada de outras categorias, havendo mesmo uma espécie de fecho de ciclo. Uma qualidade gera ações e paixões, mas ela mesma é gerada pela posição (das partes de uma substância, ou também da posição relativa entre várias coisas, talvez). A posição, por sua vez, é gerada por ações e paixões que a configuraram. O quando, o onde e o hábito ficam de fora desta visão dinâmica ou genética de um “sistema” das categorias, embora talvez fosse possível integrá-los também. Há, aliás, a tentativa de compreender a génese do onde e do hábito, respetivamente, no lugar e no corpo.

Esta passagem deve ser destacada por constituir uma espécie de contrapeso para uma visão mais estática das categorias provocada,

⁴⁸ LSP, cap. 2, §§ 25-26.

quanto a nós, pelo fechamento de cada categoria em si mesma (a famosa proibição da metábase, *μετάβασις εἰς ἄλλο γένος*).

O terceiro capítulo, dedicado à paixão, é bastante mais reduzido, dado que há muitas equivalências a fazer com o que já fora dito sobre a ação. Isso é compreensível pela própria definição da paixão como «efeito ou consequência da ação». Ainda assim, é digno de nota que o autor faz uma espécie de gradação dos seres a partir do par ação / paixão: quanto mais animado é um ser, mais age e menos padece⁴⁹.

No que diz respeito ao quando e ao onde, também agrupáveis por terem como característica a sua relação de dependência, respetivamente, com o tempo e com o lugar, encontramos mais uma vez grandes semelhanças com as posições de Abelardo na *Dialectica* e na *Logica Ingredientibus*. De facto, para Abelardo, quando é o mesmo que *esse in tempore* (ser no tempo) e onde é o mesmo que *esse in loco* (ser no lugar). O *LSP* não diz outra coisa.

A definição do quando dada por Abelardo consiste também na tese de que as coisas que são adjacentes ao tempo adquirem uma certa propriedade⁵⁰. Faz-se igualmente menção ao facto de haver três modalidades do quando que coincidem com os tempos pretérito, presente e futuro. Por fim, há ainda uma coincidência de opiniões no facto de ambos considerarem que o quando não está sujeito à contrariedade, nem ao aumento e à diminuição. Contudo, o *LSP* desenvolve mais a diferenciação do tempo e do quando. Estes têm uma relação estreita, mas o tempo é uma medida e o quando não, dado que apenas indica que algo está sujeito ao tempo sem medir essa quantidade. Em segundo lugar, ao passo que há uma coincidência entre o tempo presente e o seu efeito

⁴⁹ Cf. *LSP*, cap. 3, § 29.

⁵⁰ «Est autem quando: in tempore esse, quedam scilicet proprietates que ex adiacentia temporis ad substantiam ipsi innascitur persone...» [Porém, o quando, <ou> o ser no tempo é uma certa propriedade, a saber, a qual nasce na pessoa a partir da adjacência entre o tempo e a própria substância...] Petrus Abaelardus, *Dialectica*, ed. L. M. DE RIJK, Van Gorcum, Assen 1970, trac. I, vol. II, lib. III, p. 77. Cf. também Petrus Abaelardus, *Logica Ingredientibus*, cit., 2, 2.09, pp. 256-257.

(“ser no presente”, um quando), há uma divergência entre passado e futuro e os seus efeitos (“ser no passado”, “ser no futuro”): ser, ou ter sido, no passado é posterior ao tempo passado, enquanto ser no futuro é anterior ao tempo futuro⁵¹.

No que toca ao onde, podemos verificar que há uma clara semelhança entre a *Dialectica* de Abelardo e o *LSP*: as definições de onde são idênticas, embora com formulações distintas; a argumentação acerca da suscetibilidade ao aumento e à diminuição, bem como à contrariedade, também; por fim, ambos mencionam um problema afim, embora de maneira diferente, a saber, se a extremidade da esfera celeste (ou o firmamento) se encontra contida por um lugar, que seria o lugar que circunda ou contém tudo.

Assim, ambos consideram que o onde é uma propriedade adquirida por aquilo que se encontra circunscrito por um lugar e, por conseguinte, diz respeito aos corpos. No entanto, ao passo que o lugar se encontra naquele que circunscreve, o onde é predicado daquele que é circunscrito. O onde, novamente de acordo com ambos, não tem mais nem menos e não tem contrários. Poder-se-ia pensar que estar acima e estar abaixo são um exemplo de contrariedade, mas é possível encontrá-los num mesmo sujeito relativamente a circunscrições diferentes no lugar, pelo que teríamos de assumir que uma mesma coisa é algo e o seu contrário. Deste modo, dado que não é possível coexistirem dois contrários numa mesma coisa, não é correto dizer que as diversas modalidades do onde perfazem alguma contrariedade.

No que toca ao problema do firmamento, ou da esfera celeste, as respostas não são exatamente coincidentes. Abelardo divide a noção de lugar (*locus*) em duas, a saber, o lugar substancial e o lugar quantitativo. O *LSP* não o faz. A resposta que dá ao problema do firmamento é um não absoluto. A extremidade da esfera celeste não pode estar ou ser num lugar, não tem um onde, caso contrário, teria de haver um lugar para além dela que a circunscrevesse⁵². A resposta de Abelardo é mais complexa. Se assumirmos

⁵¹ Cf. *LSP*, cap. IV, §§ 42-44.

⁵² Cf. *LSP*, cap. 5, § 55.

uma noção substantiva de lugar, e não quantitativa, então o firmamento não está contido num lugar⁵³. Embora não seja explicitado, a noção quantitativa de lugar – decorrente do facto de pontos constituírem linhas, as linhas superfícies, e as superfícies corpos –, não impede que se diga que o firmamento está num lugar: ele tem uma certa espessura, é um corpo, no sentido em que não é apenas uma superfície (ou uma linha, ou um ponto), e ocupa um espaço⁵⁴.

O capítulo dedicado à posição, ou ao estar posicionado, tem uma característica que o aproxima parcialmente da exposição das *Categoriae decem*, a saber, uma espécie de primado da posição devido ao facto de ser «auxiliar da substância»⁵⁵. Efetivamente, nas *Categoriae decem*, a posição é agrupada no conjunto dos acidentes que estão dentro da substância, a par da quantidade e da qualidade, embora mais à frente seja (contraditoriamente) reduzida à categoria da relação⁵⁶. O *LSP*, apesar de dizer que aquilo que é mais próprio da posição é o facto de ser a própria ordenação da substância natural, continua a considerá-la extrínseca, o que não deixa de ser surpreendente. De que modo a ordenação das partes de uma substância lhe é extrínseca? O autor do *LSP* tem o cuidado de mostrar que a posição não se deve confundir com os *qualia circa situm existentia*, isto é, com qualificados ou qualidades geradas pela posição das partes, como a aspereza, a maciez, ou

⁵³ «Si vero 'ubi' ad substantialem locum potius quam ad quantitativum reducimus, illud annotandum est non omnia corpora loco contineri, ut firmamentum ipsum, ultra quod nichil reperitur.» [Se, na verdade, reduzirmos o “onde” ao lugar substancial, mais do que ao quantitativo, deve-se anotar o seguinte: nem todos os corpos estão contidos por um lugar, como o próprio firmamento, para além do qual nada se encontra.] Petrus Abaelardus, *Dialectica*, cit., tract. I, vol. II, lib. III, p. 79.

⁵⁴ Note-se a importância que a análise geométrica do corpo nas *Categoriae decem* tem neste assunto. Cf. Anonymus, *Paraphrasis Themistianae (Pseudo-Augustini Categoriae decem)*, in Aristoteles Latinus, *Categoriae vel Praedicamenta*, ed. L. MÍNIO-PALUELLO, (AL 1.1-5) Desclée de Brouwer, Bruges – Paris 1961, §§ 71-72.

⁵⁵ *LSP*, cap. 6, § 67.

⁵⁶ Cf. Anonymus, *Categoriae decem*, cit., § 144. Abelardo faz algo semelhante, baseando-se em Boécio: cf. Petrus Abaelardus, *Dialectica*, cit., tract. I, vol. II, lib. III, p. 81.

as diversas formas que uma coisa pode adquirir por ter as partes dispostas de uma determinada maneira (quadrangular, triangular, curva, reta, etc.). Ainda assim, a pergunta permanece.

Por fim, chegamos ao ter, ou ao hábito (*habitus*). O décimo quinto e último capítulo das *Categorias* de Aristóteles faz uma enumeração dos diversos modos ou sentidos do ter⁵⁷. Ele não tem, de todo, a estrutura dos capítulos centrais, e o “ter” que está a ser desambiguado muito dificilmente tem um sentido categorial. No entanto, os autores medievais aproveitaram inúmeras vezes esse capítulo para discorrer sobre a categoria do ter, embora ressaltando que há nele umas partes que dizem respeito à categoria propriamente dita e outras que dizem respeito a membros de outras categorias, como é claro pela própria enumeração dos oito modos. O *LSP* faz algo semelhante: dedica uma primeira parte do capítulo à sua definição da categoria do hábito; de seguida, enumera cinco modos do “ter”, e não oito, dado que funde alguns dos modos aristotélicos em apenas um. Parafraseia partes deste último capítulo, embora com algumas alterações provenientes da já várias vezes aludida paráfrase temistiana⁵⁸.

Assinale-se que, na primeira parte do capítulo, há um elemento abelardiano evidente na exposição do *LSP*, a saber, a ideia de que o ter diz respeito àquilo que circunda os corpos, não como um todo, mas segundo uma certa divisão das partes, o que corresponde ao quarto modo do ter apresentado nas *Categoriae decem*⁵⁹. Aquilo que circunda um corpo como um todo é, como vimos, o lugar. Dizemos que “temos” algo no sentido categorial do termo quando uma parte do corpo é circundada por isso, como por exemplo uma luva numa mão, ou uma bota num pé.

⁵⁷ Cf. Aristóteles, *Categorias*, cap. 15, 15b17 e ss. Cf. *supra* a introdução às *Categoriae decem*, cap. 2.4.

⁵⁸ Cf. Anonymus, *Categoriae decem*, cit., §§ 147-148.

⁵⁹ Cf. Petrus Abaelardus, *Dialectica*, cit., tract. I, vol. II, lib. III, p. 110; *Logica Ingredientibus*, cit., 2.09, pp. 258-259; Anonymus, *Categoriae decem*, cit., § 147.

2.3. O mais e o menos: reflexões abelardianas

Resta-nos fazer um pequeno apontamento sobre o último capítulo do *LSP*, dedicado ao mais e ao menos. A tese defendida pelo autor neste capítulo é exatamente igual àquela que é defendida por Abelardo. Mais ainda, o exemplo dado na argumentação dessa tese é o mesmo. A tese consiste no seguinte: o mais e o menos não são ditos devido à magnitude dos sujeitos, nem devido à magnitude dos acidentes que neles inerem; algo é mais (ou menos) alguma coisa por se aproximar mais (ou menos) do sentido de uma palavra. O mais e o menos são *in voce*, não *in re*. O argumento por trás desta tese certamente controversa passa pela comparação entre a brancura de uma pérola e a brancura de um cavalo. Um cavalo é muito maior do que uma pérola, mas é possível dizer que há pérolas mais brancas do que um cavalo branco. Ora, isso só é possível se o “mais” não for dito de acordo com a magnitude do sujeito (o cavalo é maior do que a pérola) ou de um acidente nesse sujeito (a brancura no cavalo é maior em quantidade do que a brancura numa pérola, porque o cavalo tem uma superfície branca muito maior). Assim sendo, das duas uma: ou não se pode dizer que uma pérola é mais branca do que um cavalo branco, o que é simplesmente falso; ou a pérola é mais branca no sentido em que se aproxima mais do universal “brancura”, que, como vimos, é *in voce*, ou seja, é um predicado que, enquanto tal, excede todas as formas individuais da brancura, mas que na realidade não é uma criatura, não é nada a não ser a coleção das brancuras individuais⁶⁰.

O que é curioso notar aqui é que o *LSP* reproduz exatamente o mesmo exemplo que a *Logica Ingredientibus* de Abelardo⁶¹, o que nos leva a concluir mais uma vez que o *LSP* se aproxima mais vezes de Abelardo do que de qualquer outra fonte próxima ou distante.

⁶⁰ Cf. *LSP*, cap. VIII, §§ 84-90.

⁶¹ Cf. Petrus Abaelardus, *Logica Ingredientibus*, cit., 2.08, pp. 246-248.

3. Influências para a posteridade: a tradição de comentário ao *LSP*

Ainda está por fazer um estudo pormenorizado da tradição de comentário ao *LSP*. Apenas Charles Girard, ao que pudemos apurar, tem feito sistematicamente este estudo comparado entre vários comentadores, na tentativa de tecer as linhas interpretativas e de influências. Aqui faremos apenas uma pequena resenha do seu trabalho⁶².

De facto, Girard faz uma análise comparativa de dezanove comentários produzidos ao longo de cerca de cem anos (entre c. 1230/40 e 1337) na tentativa de perceber como evoluiu a resposta a uma constelação de questões interligadas: a que ciência pertence este livro, qual o seu “sujeito”, porque é que há potencialmente dois livros sobre o mesmo sujeito e qual a razão do uso da palavra “princípio” para se falar destas seis categorias.

Para os comentadores dos séculos XIII e XIV, a conceção mais comum daquilo que era a prática científica pressupunha, a partir da assimilação das exigências de cientificidade dos *Analíticos Posteriores* de Aristóteles, que a um mesmo objeto (ou sujeito, para usar a expressão corrente na época) deveria corresponder apenas uma ciência e, preferencialmente, apenas um livro (ou um grupo restrito de livros) que constituísse a autoridade de base nessa ciência. Por exemplo, ao livro da *Metafísica* corresponderia a ciência da metafísica, cujo sujeito seria o ente enquanto tal (*nuances* à parte), o qual não seria tratado assim em mais nenhuma outra ciência. Assim sendo, tendo em conta a autoridade que o *LSP*

⁶² Cf. C. GIRARD, «L'objet du *Liber sex principiorum* d'après ses commentateurs (c. 1230-1337)», *Archives d'histoire doctrinale et littéraire du Moyen Âge*, 86, 1 (2019) 97-140. Cf. também C. GIRARD, «Les catégories d'action et de passion dans le «Livre des Six principes» et quelques-uns de ses commentaires», *Documenti e studi sulla tradizione filosofica medievale*, 27 (2016) 239-271. No mesmo número desta revista, há também um estudo de Bruno Tremblay sobre um dos aspetos do comentário de Alberto Magno, a saber, uma *via divisiva* que procura justificar a completude da lista aristotélica das categorias: cf. B. TREMBLAY, «Albertus Magnus on the Problem of the Division of the Categories», *Documenti e studi sulla tradizione filosofica medievale*, 27 (2016) 303-345.

constituía nos currículos universitários, era necessário perguntar a que ciência os seus conteúdos pertenciam, até porque já havia outros livros que coincidiam, pelo menos parcialmente, com os assuntos nele tratados.

A *communis opinio* era que o *LSP* é um livro que pertence à lógica. De facto, a solução para este problema era análoga à solução que era dada para o livro das *Categorias*, tendo em conta a coincidência temática. No entanto, enquanto nas *Categorias* as hipóteses possíveis de enquadramento científico eram essencialmente duas, a saber, lógica ou metafísica, no *LSP* havia ainda uma terceira hipótese, a saber, física. Esta terceira hipótese é pertinente devido a dois fatores. O primeiro prende-se com o facto de haver no livro assuntos pertencentes ao domínio da física, tais como a reflexão de imagens num espelho⁶³, a influência das estações do ano nos temperamentos⁶⁴ e a transmissão do discurso pelo ar⁶⁵. O segundo, mais fundamental, prende-se com a questão de qualquer uma das seis categorias que são trabalhadas parecer determinar, não tanto o ente como um todo, mas apenas o ente móvel e mutável, sujeito da física. De facto, há até um tratamento aprofundado de algumas destas categorias na *Física* e no *De generatione*. Mais ainda, o próprio *LSP* foi transmitido pela tradição manuscrita muitas vezes com uns excertos finais provenientes do *De generatione*, como vimos.

Contudo, a resposta comum dada foi geralmente coincidente com a resposta dada para as *Categorias*: tal como as *Categorias*, o *LSP* é um livro de lógica porque os géneros não são tratados diretamente como géneros primeiros das coisas (assunto pertencente ao metafísico). Numa primeira fase do século XIII, os géneros (e os seis princípios, por inerência) são vistos não em si, mas enquanto aquilo que é dito pelo discurso (a coisa enquanto dita, o *dicibile*), ou, alternativamente, enquanto o discurso mesmo (*sermo*). Com a introdução, por via das interpretações de Avicena, da termino-

⁶³ *LSP*, cap. 2, § 19.

⁶⁴ *LSP*, cap. 4, §46.

⁶⁵ *LSP*, cap. 5, §§ 51-53.

lógica das intenções primeiras e segundas, o sujeito do *LSP* passou similarmente a ser enquadrado a partir da ideia segundo a qual a lógica trata das intenções segundas, pelo que os seis princípios pertenceriam à lógica na medida em que são fundamento das intenções segundas⁶⁶. Também por analogia com as *Categorias*, o facto de haver um tratamento das categorias noutros contextos da obra de Aristóteles – ação e paixão na *Física* e no *De generatione*, as restantes quatro no livro V da *Metafísica* – leva, por exclusão de partes, a que este livro (e com ele, o *LSP*, seu complemento) não possa pertencer senão a outra ciência, que é a lógica. Caso contrário, o mesmo sujeito seria trabalhado em livros diferentes da mesma maneira.

No que diz respeito ao sujeito propriamente dito do *LSP*, é importante frisar que todos os comentadores se baseiam nos parágrafos finais do primeiro capítulo: o sujeito do livro é o incompleto contingente adveniente extrínseco. Variam, no entanto, pelo modo como ligam ou não o incompleto à noção anteriormente apresentada de forma, por um lado, e pelo modo como teorizam o incompleto, ora como *dicibile*, ora como *sermo*, ora como *ens*. *Dicibile* e *sermo* são termos usados na procura de manter uma certa conexão ou unidade entre o discursivo e o real, e são expressões próprias de autores que escrevem na primeira metade do século XIII, tais como o anónimo do *Compendium examinatorium parisiense* (ou *Compendium «Nos gravamen»*, também conhecido como “Guia do Estudante”, c. 1230-1240), Nicolau de Paris (? – 1263), ou Roberto Kilwardby (c. 1215 – 1279), embora também apareçam em autores mais tardios como Simão de Faversham (c. 1260 – 1306)⁶⁷. De modo a separar as

⁶⁶ Acerca desta mudança de enquadramento da lógica, cf. G. PINI, *Categories and Logic in Duns Scotus. An Interpretation of Aristotle's Categories in the Late Thirteenth Century*, Brill, Leida – Boston – Colónia 2002, especialmente caps. 1-3; H.H. SALINAS LEAL, «Observaciones sobre la constitución medieval de la lógica: de *scientia sermocinalis* a *scientia rationalis*» *Universitas Philosophica*, 64 (jan-jun 2015) 97-111.

⁶⁷ Cf. C. LAFLEUR – J. CARRIER, *Le “Guide de l'étudiant” d'un maître anonyme de la faculté des arts de Paris au XIII^e siècle. Édition critique provisoire du ms. Barcelona, Arxiu de la Corona d'Aragó, Ripoll 109, ff. 134ra-158va*, Publications du Laboratoire

ciências reais, como a metafísica e a física, da ciência discursiva e/ou racional que é a lógica, não é possível que os seis princípios sejam tomados como as formas enquanto tais, mas enquanto significadas pelo discurso.

Daqueles que consideram que o sujeito do livro é a forma ou o ente, é raro pensarem que o seja em si, mas na medida em que este elemento real é o fundamento da nossa ordenação predicamental do real em géneros e espécies⁶⁸. Deste modo, embora haja esta e aquela variação, o enquadramento geral deste livro é sempre o mesmo, ou melhor, varia na exata medida em que vai variando o modo como os autores medievais perspetivam a lógica como um todo.

No que toca à questão de saber por que razão há dois livros sobre um mesmo assunto, houve dois grupos de orientações. Uns tomaram este problema como um problema efetivo, isto é, como algo que necessita de facto de uma resolução, a qual só pode consistir, ou numa tentativa de distinguir claramente o sujeito das *Categorias* do sujeito do *LSP*, ou num argumento de cariz didático. Outros abordam o problema, mas julgam que ele é de fácil resolução, ora porque não há qualquer incompatibilidade em haver dois

de Philosophie Ancienne et Médiévale de la Faculté de Philosophie de l'Université Laval, Quebeque 1992, III – Philosophia Rationalis, I; Nicolaus Parisiensis, *Commentarii in librum sex principiorum*, Munique, BSB, Clm. 14460, ff. 174-188r; Robertus Kilwardby, *Scriptum super librum sex principiorum*, Madrid, Biblioteca Universitaria, 73, ff. 67-85; Simon de Faverisham, *Liber sex principiorum cuius expositionem intendimus*, Oxford, Merton College, 288, ff. 1-34r.

⁶⁸ Seria o caso, entre outros, e com as devidas nuances, de Alberto Magno, Martinho de Dácia, Pedro de Alvérnia ou Raul, o Bretão. Cf. Albertus Magnus, *De sex principiis*, cit., especialmente tract. 1, cap. 1, pp. 1-3; Martinus de Dacia, *Quaestiones super librum sex principiorum*, ed. H. Roos, in *Martini de Dacia Opera*, Det Danske Sprogog Litteraturselskab, Copenhaga 1961; Petrus de Alvernia, *Quaestiones circa librum sex principiorum*, Florença, Biblioteca Laurenziana, Plut. XII, sin. 3, ff. 12r-15v. Charles Girard prepara-se para publicar em breve o comentário de Raul, o Bretão, o qual tem, ao que parece, duas versões diferentes de algumas questões. Os comentários de Raul, o Bretão encontram-se em quatro manuscritos: cf. J.-L. DEUFFIC, «Un logicien renommé, proviseur de Sorbonne au XIV^e s.. Raoul le Breton de Ploudiry. Notes bio-bibliographiques.», *Pecia. Le livre et l'écrit*, 1 (2002) 45-154, especialmente pp. 68-69.

tratados de dois autores diferentes sobre um mesmo sujeito⁶⁹, ora porque a relação entre *LSP* e *Categorias* é como a relação entre a parte e o todo, isto é, ambos têm o mesmo sujeito, mas tratam de partes diversas desse sujeito comum⁷⁰.

Aqueles que tentaram distinguir claramente os dois sujeitos acabam por ter de mostrar que a divisão das dez categorias em dois grupos distintos não é uma divisão arbitrária de matérias. As seis categorias que o *LSP* expõe têm, por conseguinte, algo em comum que as agrupa e distingue das restantes. Eis como uma questão de enquadramento disciplinar se torna numa tese filosófica: o caráter extrínseco dos seis princípios significa que, ao contrário das outras categorias, estes precisam de algo além da substância onde se encontram para existirem⁷¹. Por outro lado, embora o *LSP* seja indubitavelmente enquadrado no âmbito da lógica, houve diversos autores que defenderam que o tratado contém na generalidade uma aproximação maior às questões da natureza, dado que os seis princípios são mais naturais do que as outras quatro categorias⁷². Por fim, há o argumento didático: nas *Categorias*, houve coisas que foram ditas sucintamente e que é necessário expor de outra forma para as tornar mais fáceis⁷³.

A última questão desta constelação prende-se com o uso do termo “princípio”. Neste assunto, Girard identifica três grandes grupos de justificações para o uso do termo “princípio” ao invés de categoria (*praedicamentum*), ou algo semelhante.

⁶⁹ É o caso do comentário anónimo presente no ms. Cambridge, Peterhouse, 205, ff. 37r-52r.

⁷⁰ É esta a posição de Martinho de Dácia e de António André. Cf. Martinus de Dacia *Quaestiones super librum sex principiorum*, cit., q. 3-II, p. 271; Antonius Andrae, *Scriptum super librum sex principiorum*, in Antonius Andrae, *Scriptum Antonii Andree in arte veteri*, Johannes Maria Mapellus, Veneza 1508, ff. 43r-62r, especialmente ff. 43r-v.

⁷¹ A título de exemplo, veja-se a citação de Nicolau de Paris em C. GIRARD, «L'objet du *Liber sex principiorum*», cit., p. 127, nota 105.

⁷² É esta a posição de Roberto Kilwardby, por exemplo. Cf. C. Girard, «L'objet du *Liber sex principiorum*», cit., p. 129, nota 108.

⁷³ Cf. a citação de Alberto Magno na nota 13.

Um primeiro grupo, no qual se encontra António André⁷⁴, é o daqueles que não vêm nisto qualquer problema. “Princípio” e “categoria” são sinónimos.

Um segundo grupo toma “princípio” por princípio constitutivo. Caso paradigmático deste grupo seria Alberto Magno, ao defender que, embora seja verdade que todos os géneros generalíssimos são, de algum modo, princípios, uns são mais propriamente ditos “princípios” do que “géneros” e vice-versa. A razão disso é que os seis princípios não dizem propriamente um *quid*, como as outras quatro categorias, mas indicam algo que, de uma determinada maneira, se constitui como um princípio para aquilo de que são ditos⁷⁵.

O terceiro grupo interpreta “princípio” como princípio que reenvia ao universal enquanto fonte de conhecimento, isto é, não se pode interpretar “princípio” neste contexto como se os seis princípios constituíssem algum tipo de princípio natural de determinadas coisas⁷⁶.

Esta resenha da excelente recolha de informação preciosa da parte de Charles Girard debruça-se essencialmente sobre o modo como os comentadores enquadraram o *LSP* no conjunto das ciências, na lógica e na relação complexa entre este e as *Categorias*. Vimos que esse enquadramento tem efeitos teóricos dignos de nota. Contudo, aquilo que seria mais importante fazer ainda não foi feito⁷⁷: um estudo sistemático da influência do modo como este texto determina e expõe cada uma das seis categorias menores. Esperamos que esta edição bilingue constitua um incentivo para esse trabalho futuro.

⁷⁴ Cf. Antonius Andreae, *Scriptum super librum sex principiorum*, cit., f. 43rB.

⁷⁵ Cf. Albertus Magnus, *De sex principiis*, cit., tract. 1, cap. 1, p. 2. Para uma tradução portuguesa de todo o capítulo 1, cf. M.J. Correia, *De sufficientia praedicatorum*, cit., vol. 2, Anexo 6.

⁷⁶ Seria o caso de Martinho de Dácia ou de Guilherme Arnaud.

⁷⁷ Na verdade, novamente Charles Girard procurou uma primeira abordagem das categorias da ação e da paixão, mas esta não é exaustiva, como o próprio reconhece. Cf. nota 62.

Bibliografia

Edições

Anonymus, *Liber sex principiorum*, in Aristoteles Latinus, *Categoriarum supplementa*, ed. L. Minio-Paluello, (AL, 1.6-7) Desclée de Brouwer, Bruges – Paris 1966, pp. 35-59.

[Gilberto Porretano], *Libro dei sei principi*, ed. bil., intro., trad. e notas F. Paparella, Bompiani, Milão 2009.

Fontes

Albertus Magnus, *De sex principiis*, in Albertus Magnus, *De sex principiis – Liber divisionum*, ed. R. Meyer – H. Möhle, (Alberti Magni Opera Omnia, tomo I, pars II) Aschendorff, Münster 2006.

Anonymus, *Compendium logicae porretanum*, ed. S. Ebbesen – K.M. Fredborg – L.O. Nielsen, *CIMAGL* 46 (1983) 1-113.

Anonymus, *Paraphrasis Themistianae (Pseudo-Augustini Categoriae decem)*, in Aristoteles Latinus, *Categoriae vel Praedicamenta*, ed. L. Minio-Paluello, (AL, 1.1-5) Desclée de Brouwer, Bruges – Paris 1961.

Antonius Andreae, *Scriptum super librum sex principiorum*, in Antonius Andreae, *Scriptum Antonii Andree in arte veteri*, Johannes Maria Mapellus, Venezia 1508, ff. 43r-62r.

Aristóteles, *Categorias*, trad. R. Santos, INCM, Lisboa 2016.

Boethius, *De consolatione Philosophiae. Opuscula Theologica*, ed. C. Moreschini, K. G. Saur, Munique – Lipsia 2000.

Boethius (= Anicius Manlius Severinus Boetius), *In Categorias Aristotelis libri quatuor*, Patrologia latina, vol. 64, Paris 1847.

Gilbertus Porretanus, *Expositio in Boecii Librum De Trinitate*, in L. Valente, *Concreti et dividui. Il lessico filosofico di Gilberto di Poitiers*, ILIESI-CNR, Roma 2022, pp. 145-371, URL = <https://www.iliesi.cnr.it/pubblicazioni/Testi-03-Valente.pdf>.

Iohannes Buridanus, *Quaestiones super octo libros Physicorum Aristotelis (secundum ultimam lecturam). Libri III-IV*, ed. M. Streijger – P.J.J.M. Bakker, Brill, Leida 2016.

- Martinus de Dacia, *Quaestiones super librum sex principiorum*, ed. H. Roos, in *Martini de Dacia Opera*, Det Danske Sprogog Litteraturselskab, Copenhagen 1961.
- Nicolaus Parisiensis, *Commentarii in librum sex principiorum*, Munique, BSB, Clm. 14460, ff. 174-188r.
- Petrus Abaelardus, *Dialectica*, ed. L. M. de Rijk, Van Gorcum, Assen 1970.
- Petrus Abaelardus, *Logica "Ingredientibus"*, ed. B. Geyer, Verlag der Aschen-dorffschen Verlagsbuchhandlung, Münster 1919-1927.
- Petrus de Alvernia, *Quaestiones circa librum sex principiorum*, Florença, Biblioteca Laurenziana, Plut. XII, sin. 3, ff. 12r-15v.
- Platão, *Timeu – Crítias*, trad. Rodolfo Lopes, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra 2013.
- Radulphus Brito, *Quaestiones super Sophisticos Elenchos, proemium*, in S. Ebbesen – J. Pinborg, «Gennadios and Western Scholasticism: Radulphus Brito's *Ars vetus* in Greek translation», *Classica et Mediaevalia*, 33 (1981-1982) 263-319.
- Robertus Kilwardby, *Scriptum super librum sex principiorum*, Madrid, Biblioteca Universitaria, 73, ff. 67-85.
- Simon de Faverisham, *Liber sex principiorum cuius expositionem intendimus*, Oxford, Merton College, 288, ff. 1-34r.

Estudos

- CORREIA, Mário João, *De sufficientia praedicamentorum: suficiência e distinção das categorias na escolástica medieval*, tese de doutoramento, FLUP, Porto 2021, URL = <https://hdl.handle.net/10216/134615>.
- DEUFFIC, Jean-Luc, «Un logicien renommé, proviseur de Sorbonne au XIV^e s.. Raoul le Breton de Ploudiry. Notes bio-bibliographiques.», *Pecia. Le livre et l'écrit*, 1 (2002) 45-154.
- GIRARD, Charles, «L'objet du *Liber sex principiorum* d'après ses commentateurs (c. 1230-1337)», *Archives d'histoire doctrinale et littéraire du Moyen Âge*, 86, 1 (2019) 97-140.
- GIRARD, Charles, «Les catégories d'action et de passion dans le «Livre des Six principes» et quelques-uns de ses commentaires», *Documenti e studi sulla tradizione filosofica medievale*, 27 (2016) 239-271.
- HÄRING, Nikolaus M., «A Latin Dialogue on the Doctrine of Gilbert of Poitiers», *Mediaeval Studies* 15, 1 (1953) 243-289.

- HAURÉAU, Jean-Barthélemy, «Sur le *Livre des six principes*», *Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres* 32/2 (1888) 144-147.
- LAFLEUR, Claude – CARRIER, Joanne, *Le "Guide de l'étudiant" d'un maître anonyme de la faculté des arts de Paris au XIII^e siècle. Édition critique provisoire du ms. Barcelona, Arxiu de la Corona d'Aragó, Ripoll 109, ff. 134ra-158va*, Publications du Laboratoire de Philosophie Ancienne et Médiévale de la Faculté de Philosophie de l'Université Laval, Québec 1992.
- LEWRY, Osmund, «The *Liber sex principiorum*, a supposedly porretanean work. A study in ascription», in J. Jolivet – A. de Libera (eds.), *Gilbert de Poitiers et ses contemporains. Aux origines de la Logica Modernorum*, Bibliopolis, Nápoles 1987, pp. 251-278.
- MARTIN, Christopher J., «The *Compendium Logicae Porretanum*: a Survey of Philosophical Logic from the School of Gilbert of Poitiers», *CIMAGL* 46 (1983): XVIII-XLVI.
- MCMAHON, William E., «The *Liber Sex Principiorum*, a Twelfth-Century Treatise in Descriptive Metaphysics», in E.F.K. Koerner (ed.), *Progress in Linguistic Historiography. Papers from the International Conference on the History of the Language Sciences, Ottawa, 28–31 August 1978*, John Benjamins Publishing Company, Amesterdão 1980, pp. 3-12.
- MINIO-PALUELLO, Lorenzo, «Magister sex principiorum», in L. Minio-Paluello, *Opuscula: The Latin Aristotle*, Hakkert, Amesterdão 1972, pp. 536-564.
- PINI, Giorgio, *Categories and Logic in Duns Scotus. An Interpretation of Aristotle's Categories in the Late Thirteenth Century*, Brill, Leida – Boston – Colónia 2002.
- SALINAS LEAL, Hector H., «Observaciones sobre la constitución medieval de la logica: de *scientia sermocinalis* a *scientia rationalis*» *Universitas Philosophica*, 64 (jan-jun 2015) 97-111.
- TREMBLAY, Bruno, «Albertus Magnus on the Problem of the Division of the Categories», *Documenti e studi sulla tradizione filosofica medievale*, 27 (2016) 303-345
- VALENTE, Luisa, *Concreti et dividui. Il lessico filosofico di Gilberto di Poitiers*, ILIESI-CNR, Roma 2022, URL = <https://www.iliesi.cnr.it/pubblicazioni/Testi-03-Valente.pdf>.

Nota sobre a tradução

O texto crítico do *Liber sex principiorum* que aqui traduzimos é o seguinte: Anonymus, *Liber sex principiorum*, in Aristoteles Latinus, *Categoriarum supplementa*, ed. L. Minio-Paluello, (AL, 1.6-7) Desclée de Brouwer, Bruges – Paris 1966, pp. 35-59.

Fizemos uma primeira versão da presente tradução na nossa tese de doutoramento. O que aqui se apresenta é uma versão revista e melhorada dessa tradução.

Foi de grande utilidade comparar as nossas opções com as da tradução italiana de Francesco Paparella. Por vezes, apontámos divergências de leitura em nota. Muitas vezes, foi graças à interpretação de Paparella que encontramos uma solução satisfatória para as nossas dúvidas. A sua recolha, mais exaustiva do que a de Minio-Paluello, de possíveis fontes para as posições apresentadas pelo autor anónimo, também foi de extrema utilidade, como já se pôde verificar na introdução.

Há alguns termos técnicos que exigem atenção redobrada. Por vezes, o seu sentido técnico particular choca forçosamente com a sua utilização mais comum no português. Outras vezes, há termos que, pertencendo a um mesmo campo semântico, estão a ser distinguidos, pelo que o leitor deve saber que não são usados como sinónimos. Outras, ainda, são utilizadas várias palavras para o mesmo termo técnico. Assim sendo, à primeira ocorrência de cada uma destas opções terminológicas segue-se o termo latino entre parênteses. Na presente nota, deixamos um pequeno glossário com os termos mais importantes e respetiva tradução:

Latim	Português
compositio	composto
substantiale	(o) substancial
actus / actio / facere	ato / ação / fazer
pati / passio	padecer / paixão
dispositio / positio / situs	posição / posição / estar posicionado
esse alicubi / ubi ≠ locus	estar algures / onde ≠ lugar
in mora / quando ≠ tempus	num período de tempo / quando ≠ tempo
quale ≠ qualitas	qualificado ≠ qualidade
habere / habitus	ter / hábito

Por fim, convencionámos as seguintes marcas:

|...| : títulos e numeração da edição crítica

{...} : acrescentos do editor crítico

†...† : algum problema no texto assinalado pelo editor crítico, devidamente explicado em nota de fim.

< ... > : acrescentos do tradutor, com o objetivo de clarificar o texto sem determinar excessivamente uma interpretação específica.

Texto e tradução

Liber sex principiorum

Livro dos seis princípios

|I. Forma|

[1] Forma vero est compositioni contingens, simplici et invariabili essentia consistens. [2] Compositio etenim non est, quoniam a natura compositionis seiungitur; compositionum enim unaqueque alteri adveniens compositioni maiorem se coniunctam quodam modo efficit, in forma autem hoc minime est. Nam in eo quod corpus album est, non dicitur maius et minus se ipso non albo; nec, si non album intelligatur, destructio compositionis vel minoratio aliqua facta est, sed alteratio sola. [3] Quoniam autem fortasse in aliis contingit idem proferri, additum convenienter existimo “invariabili essentia consistens”; in anima enim alteratio contrarietatis reperitur, ut tristitiae et gaudii. [4] Sed quoniam, ut aiunt, quiddam simplicitati {quidem}, nulli vero variationi subiectum est, ut ea quae mundi est anima, dissocians hanc ab omnibus addidi “compositioni contingens”. Erit itaque terminus forme dicta definitio; neque enim superfluum neque minus continere, si quis subtiliter investigaverit, reperietur.

[5] Habet autem dubitationem, ex precedenti, utrum nulla forma invariabilis sit. Hoc autem videtur ut in pluribus; nam eadem oratio veri et falsi susceptiva est, et albedo claritatis et obscuritatis, et ratio eius quod in re est et non est. Sed non est ita; nam nihil differt albedinem claram dicere quam subiectum clarum dicere; non est autem oratio contrariorum susceptiva, nec ratio eius quod in re est et non est; sed sunt note eorum quae sunt in anima passionum. De his autem alibi dictum est.

|I. Forma|

[1] A forma é aquilo que se junta a um composto (*compositio*), consistindo numa essência simples e invariável¹. [2] E na verdade, não é o composto na medida em que se distingue da natureza dele; com efeito, qualquer composto que advenha a um outro produz um composto maior na sua conjunção; porém, na forma, isto não é assim. De facto, naquilo em que o corpo é branco, não se diz mais ou menos de si próprio enquanto não-branco, nem, se for pensado como não-branco, se produz a destruição ou diminuição do composto, mas apenas a alteração. [3] Contudo, posto que talvez aconteça que outros exponham o mesmo, considero convenientemente acrescentar “consistindo numa essência invariável”²; efetivamente, na alma descobre-se a alteração por contrariedade, tal como a tristeza e a alegria. [4] Mas dado que, como afirmam, uma coisa simples não é sujeito de nenhuma verdadeira variação, tal como acontece com a alma do mundo, acrescentei “que se junta a um composto”, dissociando esta de todas as coisas³. Por conseguinte, será esta a definição do termo “forma”: com efeito, se alguém investigasse subtilmente, não encontraria nela nenhum conteúdo supérfluo nem em falta.

[5] Porém, relativamente ao assunto precedente, há uma dúvida: se nenhuma forma é invariável. Isto parece encontrar-se em variados <casos>: de facto, a mesma oração é suscetível ao verdadeiro e ao falso; e a brancura, à claridade e à escuridão; e a razão (*ratio*)⁴, àquilo que é na coisa e àquilo que não é⁵. Mas não é assim; na verdade, não difere em nada dizer que a brancura é clara ou dizer que o sujeito é claro; e a oração não é suscetível de contrários, nem a razão <é suscetível> àquilo que é na coisa e àquilo que não é; mas são conhecidas daquelas coisas que se encontram nas paixões da alma. Acerca disto, porém, falou-se noutro lugar.

[6] Substantiale vero est quod esse confert ex quadam compositione (compositioni ut in pluribus) quod impossibile est deesse, ut ratio et sensus, sive horum similia, ut continuum et discretum. Hoc vero erit ut materia vel ut forma, ut corpus quidem est materia hominis, anima vero forma. Erit itaque substantiale ut est 'corpus', 'homo', atque 'ratio'. Hec autem in his que de categoriis sunt, expedita sunt.

[7] Videtur autem forma quedam a natura esse, quedam vero in actu; ratio etenim a natura est, calor vero et passio quedam in actu consistunt. In quibusdam autem dubitatio est utrum a natura an ab actu incipiant, ut in figura incisionis (nam nihil additionis fit, sed separatio quedam partium); dico autem figuram esse a natura, †⁸ sentiri vero ab actu; sed que coniunctionis est, actus est, ut domus. Manifestum est autem de his.

[8] Sed in his que in pluribus sunt palam non est; nam ea que in pluribus sunt, in actione esse impossibile est, a natura vero non videtur fieri, quoniam ea que a natura sunt, a creatura existente principium sumunt; palam vero est creaturas non esse (nihil enim rationis omnino quare huiusmodi creature sint poterit explicari).

[9] Natura igitur occulte in his operatur; nam, sicut ex plurium coniunctione constitutio quedam priorum excedens quantitatem efficitur, sic ex singularium discretione unum quiddam intelligitur eorum excedens predicationem. Quapropter communitas omnis naturalis est quoniam a singularitate procedit, que creationi coequatur. [10] Subtiliter autem speculantes, sicut naturam in actionibus latenter operari invenimus, sic creaturarum creatorem in

|6| O substancial (*substantiale*) é aquilo que, dentro de um certo composto (composto enquanto em vários [*ut in pluribus*]), confere o ser que é impossível que falte, como por exemplo a razão e os sentidos, ou coisas semelhantes a eles, ou como o contínuo e o discreto. Na verdade, este será assim, ou enquanto matéria, ou enquanto forma, tal como o corpo é a matéria do homem e a alma a forma. Portanto, o substancial será como “corpo”, “homem” e “razão”. Ora, estas coisas foram explicadas naquilo que diz respeito ao assunto das categorias⁶.

|7| Parece, porém, que certas formas existem por natureza e outras, na verdade, num ato; com efeito, a razão existe por natureza, enquanto que o calor e uma certa paixão adquirem consistência num ato⁷. Todavia, nalguns casos, duvida-se se têm início através da natureza ou através dum ato, como numa figura de uma incisão (de facto, não se produz qualquer adição, mas uma certa separação das partes); digo que a figura existe através da natureza e é sentida através de um ato; mas o que é da conjunção, é ato, tal como a casa⁸. Porém, <isto> é manifesto no que diz respeito a estas coisas.

|8| Mas no que diz respeito àquelas coisas que se encontram em vários⁹, não é evidente. De facto, é impossível que existam numa ação aquelas coisas que se encontram em vários, e pela natureza não parece que sejam produzidas, dado que aquelas coisas que existem pela natureza tomam o princípio de uma criatura existente; é evidente, na verdade, que não são criaturas (efetivamente, nenhuma razão poderia explicar de que modo existem estas criaturas de todo).

|9| Por isso, a natureza é operada nelas de um modo oculto; com efeito, do mesmo modo que a partir da conjunção de vários se efetiva uma certa constituição que os excede em quantidade, assim a partir da separação dos singulares é inteligida uma certa unidade que os excede na predicação. Por causa disso, toda a comunidade natural existe na medida em que procede da singularidade, a qual é equivalente à criação. |10| Porém, ao especularmos subtilmente, descobrimos que, do mesmo modo que a natureza opera latentemente nas ações, assim também o criador <opera>

natura ex actu; numero etenim naturam stabilivit. Sed hec hactenus; alterius enim considerationis sunt.

[11] Forma vero alia quidem est in subiecto et de subiecto dicitur, ut scientia in subiecto quidem est anima et de subiecto dicitur ut de grammatica; quedam vero est in subiecto, de subiecto autem nullo dicitur, ut albedo Socratis (similiter autem his quecumque formarum sunt individue); quedam vero dicuntur de subiecto, in subiecto autem nullo sunt, ut rationale atque mortale. [12] Eorum vero que in subiecto sunt, de subiecto autem indicibilia sunt, alia sunt sensibilia, alia insensibilia; sensibile vero est quod sensu comprehenditur (ut est albedo, sonus, sapor, odor et calor, percussio et dulcedo), insensibilia vero que ratione (ut disciplina). Simpliciter autem nihil eorum que de subiecto dicuntur sensibilia sunt. [13] Manifestum autem ex his que preposita sunt quoniam quedam sunt sita alicubi, ut nigredo in oculo; quedam vero difficile erit assignare, ut scientia et paternitas et filiatio, nisi forte in generantium et componentium complexione.

[14] Singulum vero eorum que dicta sunt incomplexionis eius que in voce est notatio est. Hoc vero erit vel subsistens vel contingens. Eorum vero que existenti contingunt singulum aut extrinsecus advenit aut intra substantiam simpliciter consideratur (ut linea, superficies, corpus). [15] Ea vero que quod extrinsecus est exigunt, aut actus aut pati aut dispositio aut esse alicubi aut in mora aut habere necessario erunt. Sed de his que subsistunt et que solum in quo existunt exigunt, in eo qui De Categoriis inscribitur libro sufficienter disputatum est; de reliquis vero continuo.

na natureza das criaturas a partir do ato; e na verdade, estabeleceu a natureza mediante o número¹⁰. Mas isto chega; com efeito, é da consideração de outra <ciência>.

[11] Há uma forma que está num sujeito e é dita de um sujeito, tal como a ciência se encontra num sujeito, que é a alma, e é dita de um sujeito, como da gramática; outra, na verdade, está num sujeito, mas não é dita de nenhum sujeito, como a brancura de Sócrates (e semelhantemente quaisquer formas que sejam individuais); outras, por sua vez, são ditas de um sujeito, mas não estão em nenhum sujeito, tais como racional e mortal¹¹. [12] Das que são ditas de um sujeito, mas não estão em nenhum sujeito, umas são sensíveis, outras não-sensíveis (*insensibilia*). Sensível, na verdade, é aquilo que é compreendido pelo sentido, como o são a brancura, o som, o sabor, o odor, o calor, o toque e a doçura. As não-sensíveis, aquelas que <são compreendidas> pela razão, como uma disciplina do saber. Porém, em sentido absoluto (*simpliciter*), nenhuma daquelas que são ditas de um sujeito é sensível. [13] É manifesto que, daquelas que atrás foram postuladas, umas estão situadas nalgum lugar, tal como a negridão num olho; outras, porém, é difícil de se lhes atribuir <um lugar>, como por exemplo a ciência, a paternidade e a filiação, a não ser talvez na complexão dos que os geram e os compõem.

[14] Na verdade, de cada um daqueles que são ditos sem complexão, que são *in voce*¹², faça-se uma nota. De facto, ou são subsistentes ou contingentes. Cada um daqueles que são contingentes ao existente, ou advém extrinsecamente (*extrinsecus advenit*), ou é considerado simplesmente (*simpliciter*) dentro da substância, tal como a linha, a superfície ou o corpo. [15] Na verdade, aqueles que determinam o que é extrínseco, serão necessariamente ou ato (*actus*), ou padecer (*pati*), ou posição (*dispositio*), ou ser algures (*esse alicubi* <= onde>), ou num período de tempo (*in mora* <= quando>), ou ter (*habere*). Mas sobre aqueles que subsistem e que determinam apenas aquilo em que existem, já se disputou suficientemente naquele livro que se intitula *Categorias*; sobre os restantes, na verdade, <tratá-los-emos> de seguida¹³.

|II. Actio|

[16] Actio vero est secundum quam in id quod subicitur agere dicimur, ut ‘secans’ quis eo quod secet dicitur. Est autem alia quidem anime, alia vero corporis; differunt autem quoniam ea que corporea est, movens necessario est id in quo est (idem enim et quod agens corpus est mobile est), anime vero actio non id movet in quo est, sed coniunctum (anima enim, dum agit, immobilis est, movet autem corpus). [17] Anima vero inmutabilis permanet, quoniam quidem nec secundum locum nec secundum aliorum motuum quemquam movetur nisi secundum alterationem; non enim crementum suscipiendo movetur neque decrescendo neque ad oppositum locum transeundo. [18] Locus enim corpus est, anima vero non corpus; impossibile vero est non-corpus corpore moveri, quare nullam loci anima suscipit mutationem; solum enim corpus in eo quod de loco ad locum transit movetur. [19] Hoc autem quibusdam dubitabile apparebit; speculo enim immobili permanente, imaginis motus fieri videtur ad oppositi mutationem; impossibile ergo erit solvere, concesso quod vere ibi forma existat; † si vero non, esse incredibilis error putabitur in vulgo (licet convenientius sit) dicere †¹⁵.

[20] Scire autem oportet quoniam omne quod in motu est actio est; moveri etenim actio est; si quid igitur movetur, agit necessario; omnis igitur actio in motu omnis que motus in actione firmabitur; proprium igitur actionis est in motu esse, sicut proprium motus in actione. [21] Et in his quidem actionibus ex quibus generatio est aliqua palam est; de his vero que corrumpuntur fortasse obicitur, nam qui destruit in motu est, nihil autem agere videtur (nam nihil efficitur, sed quod factum est destruitur); dico autem actionem non aliquid, sed in quid agat, exigere. [22] Non est autem motus

|II. Ação|

|16| A ação (*actio*) é aquilo segundo o qual dizemos, naquilo em que subjaz, que age, tal como se diz “cortante” (*secans*) daquele que corta¹⁴. Porém, umas <ações> são da alma, outras, do corpo; diferem, dado que, naquela que é corpórea, é necessário que se mova aquilo no qual se encontra (com efeito, o corpo agente também é móvel); a ação da alma, na verdade, não move aquilo no qual se encontra, mas o conjunto (a alma, com efeito, enquanto age, é imóvel, mas move o corpo). |17| A alma permanece imutável na medida em que, de facto, não se move, nem segundo o lugar, nem segundo qualquer um dos outros movimentos a não ser segundo a alteração (*secundum alterationem*); efetivamente, não se move por suscetibilidade ao aumento ou à diminuição, nem transita para um lugar oposto. |18| Com efeito, o lugar é um corpo e a alma não é um corpo; ora, é impossível que um não-corpo seja movido por um corpo, pelo que a alma não é suscetível a nenhuma mutação de lugar; só o corpo se move enquanto transita de um lugar para outro lugar. |19| Porém, para alguns, isto parece ser dubitável: permanecendo imóvel um espelho, contudo parece que se produz o movimento de uma imagem, numa mutação para os opostos. Seria impossível resolver <esta questão> se se conceder que aqui existe verdadeiramente uma forma; † se, na verdade, não <se conceder isso>, será um erro incrível dizer-se que isto fosse pensado vulgarmente, embora fosse mais conveniente †¹⁵.

|20| Porém, é mister saber que tudo o que se encontra em movimento é ação. De facto, ser movido é uma ação; portanto, se algo se move, necessariamente age; por isso, toda a ação se afirma em movimento e todo o movimento em ação; logo, o próprio da ação é ser em movimento, do mesmo modo que o próprio do movimento é <ser> em ação¹⁶. |21| Isto é evidente naquelas ações a partir das quais se dá alguma geração. Mas objeta-se, talvez, relativamente àquelas coisas que se corrompem – de facto, aquilo que destrói está em movimento, mas parece não agir nada (nada se efetiva, mas o que é feito destrói-se). Digo, porém, que a ação não é um algo (*aliquid*), mas age em algo (*in quid agat*). |22| O

actio, sed quale. Quiescere enim quale est, quare et motus quale quid erit; simpliciter enim quecumque contrariorum oppositionem suscipiunt, eiusdem recipiunt generis predicationem.

[23] Naturalis vero proprietas actionis est passionem ex se in eo quod subicitur inferre; omnis enim actio passionis effectiva est omne que passionem inferens actio est. Contingit tamen actionem actione effici; actio enim eius quod per se movetur eius actionis quod per aliud generativa est; actio enim ab animali illata ab ea, que animalis est, principium sumit. [24] Nihil tamen interest sive agere sive pati animalis eius quod ab animali agere est principium dicatur (etsi actus quidem primordiale principium sit, pati vero permixtum); quamobrem actionis et passionis actus est generativus.

[25] Facere vero id quod quale est ex se gignit; qualitas etenim calor est, efficit autem eam que calefacere est actionem. Qualitatum vero particularium positio effectrix est et quantitatum (asperitas enim et lene et similia qualia sunt, linea vero et superficies et soliditas sunt quantitates, universa autem hec a situ substantiam et generationem habent); [26] quantitas autem quantitatis (ut longitudinis linea, latitudinis planum, altitudinis vero solidum corpus); qualitas etiam qualitatis (ut caliditatis calor); situs autem agere et pati (in dispositionis namque compositione quedam generatio simplicium fit, quam in motiva actione consistere necesse est); ubi vero locus; habere autem corpus (ea enim que circa corpus sunt habere dicimur). [27] Eorum vero que in subiecto non sunt individuorum corruptio quidem in primis, generatio vero in his que mox post primorum destructionem consistunt; eorum vero

movimento, de resto, não é uma ação, mas um qualificado (*quale*). Repousar (*quiescere*) também é um qualificado, porque também o movimento é um qualificado; com efeito, na aceção simples (*simpliciter*), quaisquer suscetíveis à oposição dos contrários recebem a predicação do mesmo género¹⁷.

[23] A propriedade natural da ação é que a partir de si se introduz uma paixão naquilo que é sujeito <a essa ação>; com efeito, toda a ação efetiva uma paixão e a ação é aquilo que introduz toda a paixão¹⁸. Contudo, acontece que a ação é produzida por uma ação; de facto, a ação daquele que se move por si é que gera a ação daquele <que se move> por outro; na verdade, é a ação movida pelo animal que assume o princípio do seu ser animal¹⁹. [24] Todavia, não difere em nada que se chame agir ou padecer do animal àquilo que é princípio do agir no animal (e se o ato for o princípio primordial, na verdade, o padecer estará lá misturado); por isso, o ato é gerador da ação e da paixão.

[25] Aquilo que é um qualificado (*quale*) origina a partir de si o fazer (*facere*); com efeito, o calor é uma qualidade, mas efetiva a ação de aquecer. A posição, na verdade, é aquilo que torna efetivas as qualidades particulares e as quantidades – a aspereza e a lisura, deveras, bem como as coisas semelhantes, são qualificados (*qualia*); e a linha, a superfície e a solidez são quantidades; todas estas, porém, adquirem a substância e a geração pelo estar posicionado (*situs*)²⁰. [26] Todavia, a quantidade é da quantidade (como por exemplo, a linha da longitude, o plano da latitude, o corpo sólido da altitude); a qualidade também é da qualidade (como o calor do quente); o estar posicionado, porém, é do agir e do padecer (a geração dos simples, a qual é necessário que consista numa ação motiva, produz-se numa certa composição e disposição); o onde, na verdade, do lugar; o ter, do corpo (dizemos “ter” aquelas coisas que estão à volta do corpo). [27] A corrupção daqueles indivíduos que não estão num sujeito encontra-se nos primeiros, enquanto que a geração, naquelas coisas que se tornam rapidamente consistentes depois da destruição dos primeiros; <a corrupção e a geração> daquelas coisas que são predicadas dos próprios <indivíduos derivam> daquelas coisas acerca das quais

que de ipsis predicata sunt, ea a quibus nulla omnino est predicatio (ut omnes quidem homines eius hominis qui communis et universalis est).

[28] Recipit autem facere et pati contrarietates et magis et minus; secare enim ad plantare contrarium est, et urere ad humidum quidem facere contrarium est; et caleferi magis et minus dicitur, et infrigidari, et siccari et humidum fieri, et tristari et gaudere magis et minus dicitur.

[III. Passio]

[29] Passio autem est effectus illatio que actionis secundum quam hec quidem patiuntur, illa vero minime, secundum quod quedam animantiora sunt (ut animantius quidem brutum arbore est, animantius vero rationale inrationali). [30] † Omnia vero que de generatione dicta sunt, eadem etiam dici possunt de ea que in rebus est actione; quedam vero prolatione non recta sed in transmutatione †²². [31] Est enim pati eorum que multipliciter dicuntur. Anime enim actionum unaqueque passio dicitur, quas quidem sub actione locavimus; ut amor odium, tristari gaudere, que omnia passibiles actiones anime appellamus. Dicitur quoque passio quod in naturam agit, ut morbus, febris et egritudines et reliqua que qualia dicta sunt. Passio vero est, ut dictum est, prima actionis generatio. [32] Non est autem in agente passio, sed in eo in quod agitur et quod operantis actum suscipit; percutiens etenim pati non dicitur, sed materia ictum suscipiens.

Et de passione quidem hec dicta sufficiant; ea autem que nunc relinquuntur in eo qui De Generatione est tractantur.

[IV. Quando]

[33] Quando vero est quod ex temporis adiacentia relinquitur, tempus autem quando non est; utriusque autem ratio coniuncta

não existe qualquer predicação, como por exemplo todos os homens <são aquilo a partir do qual deriva a geração e a corrupção> daquele homem que é comum e universal²¹.

[28] O fazer e o padecer recebem contrariedade e mais e menos: de facto, segar é o contrário de plantar, e queimar é o contrário de molhar; e diz-se mais e menos de aquecer e de arrefecer, de secar e de molhar, e de entristecer-se e de alegrar-se.

[III. Paixão]

[29] A paixão (*passio*) é o efeito e a consequência da ação, segundo a qual as coisas padecem; mas aquelas coisas que são mais animadas (tal como é mais animado o animal irracional do que a árvore, e é mais animado o racional do que o irracional) <padecem> muito pouco. [30] † Na verdade, todas as coisas que foram ditas acerca da geração também podem ser ditas igualmente daquelas nas quais existe uma ação nas coisas; algumas, todavia, não através duma exposição direta, mas de uma transposição †²². [31] O padecer, de facto, é uma daquelas coisas que se dizem de múltiplos modos. Com efeito, chama-se paixão às ações da alma que localizámos sob a ação, como o amor, o ódio, entristecer-se, alegrar-se, as quais chamamos ações passíveis da alma (*passibiles actiones animae*). Também se chama paixão àquilo que age na natureza, tal como a enfermidade, a febre, as doenças e as restantes coisas que foram ditas qualificados (*qualia*). A paixão, como foi dito, é a primeira geração da ação. [32] Porém, a paixão não se encontra no agente, mas naquilo em que é agido e que é suscetível ao ato operante; portanto, não se diz que aquele que percute padece, mas a matéria suscetível à percussão.

E no que diz respeito à paixão, estas coisas que se disseram são suficientes; as que restam, são tratadas no *Sobre a Geração*²³.

[IV. Quando]

[33] O quando é aquilo que resta a partir das coisas adjacentes ao tempo; o tempo, porém, não é o quando, mas a razão de um e

est: ut tempus quidem preteritum quando non est, effectus autem eius et infectio que est secundum quam aliquid dicitur fuisse quando quidem est. [34] Instans quoque quando non est (sed secundum quod equale vel inequale est), eius autem affectio qua aliquid dicitur nunc et in instanti esse quando est; futurum similiter tempus quando non est, sed id quod futurum est, quoniam contingere necesse est secundum quod aliquid dicitur futurum esse. [35] Est igitur quando aliud quidem ex eo quod abiit, aliud vero ex eo quod instat, aliud vero ex eo quod contingere necesse est.

[36] Dictum est enim in Categoriis preteritum et futurum quantitates esse et, quod magis est, continuas ad presens. De preterito autem hoc dictum est, non quod in substantia permaneat, sed quoniam in excessu suo nondum preteriit; de futuro vero quoniam necessarium est contingere quod tantumdem est ac si instaret; nulla enim differentia est in eo quod permanet et quod futurum est et quod nunc abiit. [37] Quamobrem et de futuris agitur, et secundum ea aliquid dicitur, et nuncupationem existentium sortiuntur (ut 'cras orietur sol', 'cras erit navale bellum', 'heri obiit Socrates'), et aliquid dicitur secundum tempus id quod futurum est eo quod nascitur necessario futurum de eo quod est (ut 'Callias disputabit cras' et 'non disputabit'; 'disputabit' enim futuram actionem significat); nihil autem est quod in substantia adhuc sit.

[38] Differt autem quando ab eo quod ubi est, quoniam in quocumque tempus est vel erit vel fuit, in eodem et quando est vel erit vel fuit, quod secundum tempus dicitur; quando enim quod ex instanti est cum ipso instanti insimul in eodem est, quando vero ex eo quod abiit et quod futurum est numquam insimul erunt;

outro é conjunta: por exemplo, o tempo passado não é o quando, mas o quando é o seu efeito e afeção (*infectio*) segundo a qual se diz que algo foi <no passado>²⁴. [34] O instante <presente> também não é o quando, mas aquilo segundo o qual <algo> é síncrono (*equale*) ou assíncrono (*inequale*); porém, o quando é a sua afeção a partir da qual se diz que algo é agora e no instante <presente>. O tempo futuro semelhantemente não é o quando, mas aquilo segundo o qual se diz que algo vai ser no futuro, na medida em que é necessário que venha a acontecer. [35] Portanto, há um quando a partir daquilo que aconteceu, outro a partir daquilo que acontece, e outro, na verdade, a partir daquilo que é necessário que venha a acontecer.

[36] Com efeito, é dito nas *Categorias*²⁵ que o passado e o futuro são quantidades e, o que é mais, contínuas relativamente ao presente. Do passado, todavia, isto foi dito não porque permaneça na substância, mas na medida em que, na sua partida, ainda não passou (*in excessu suo nondum preterit*); do futuro, enquanto é necessário que aconteça, na exata medida em que venha a tornar-se presente (*quod tantumdem est ac si instaret*). De facto, nenhuma é a diferença entre aquilo que permanece, aquilo que virá a ser e aquilo que agora aconteceu. [37] Por isso, também se trata das coisas futuras e segundo elas se diz algo, e procura-se fazer afirmações sobre os existentes (por exemplo, “amanhã surgirá o sol”, “amanhã vai haver uma batalha naval”, “ontem morreu Sócrates”); e é dito algo segundo aquele tempo que vai ser <quando> aquilo que é necessariamente vai ser originado no futuro. Por exemplo, em “Cálias discutirá amanhã”, ou “não discutirá”, “discutir” significa, com efeito, uma ação futura. Porém, não existe ainda nada que esteja na substância²⁶.

[38] O quando difere daquilo que é onde na medida em que, do mesmo modo que o tempo é, ou será, ou foi, assim também o quando é, ou será, ou foi, coisa que é dita segundo o tempo. Decerto, o quando que é a partir do instante <presente> existe simultaneamente com o mesmo instante, mas o quando que é a partir daquilo que aconteceu e daquilo que vai ser, nunca existirá em simultâneo; porém, o onde e o lugar pelo qual este se dá

ubi autem et locus a quo fit numquam in eodem (ubi enim circumscriptio est, locus autem in complectente). [39] Distat autem quando quod ex preterito est ab eo quod ex futuro procedit, quoniam quando quod ex preterito est preterito posterius est, quod vero ex futuro est prius futuro est. Quando autem unum et idem, primum quidem ex futuro est, secundo ex presenti, posterius vero ex preterito; quemadmodum et tempus primum nunc quidem futurum est, postea vero presens, demum preteritum.

[40] Sicut autem et tempus aliud quidem compositum aliud vero simplex (est autem compositum quod in composita actione consistit, simplex vero quod cum simplici recedit), ita et quando aliud simplex aliud vero compositum: simplex quidem ut in momento esse et nunc esse, compositum autem ut in hora, die, hebdomada, et similibus. [41] Amplius autem, quemadmodum et temporis partes sibi sine mora succedunt, similiter et quando; quando quippe preteriti et futuri ad presens copulative reducuntur. [42] Distat autem tempus ab eo quod quando est quoniam secundum tempus aliquid mensurabile est, ut annus quidem dicitur tempore diuturnus, et motus multus dicitur eo quod multo tempore permaneat; at secundum quando nihil mensuratur sed aliquando dicitur esse, et secundum idem temporale et variabile pronunciabitur.

[43] Inest autem quando non suscipere magis et minus; non enim dies magis et minus a die dicitur, nec unus quidem diuturnior altero. Similiter autem et de aliis, quare omni quidem quando inest non dici magis et minus.

[44] Quando quoque nihil est contrarium; etenim quando quod ex presenti est, unum et idem ex futuro et preterito est; impossibile autem erit duas de eodem predicari contrarietates individuo. [45] Amplius autem contraria numquam in eodem insimul erunt;

nunca <se encontrarão> na mesma coisa (o onde, de facto, é a circunscrição, o lugar, por sua vez, <está> no que circunda)²⁷. [39] Porém, é diferente o quando que é a partir do passado daquele que procede a partir do futuro, dado que o quando a partir do passado é posterior ao passado, enquanto aquele que é a partir do futuro é anterior ao futuro. Mas trata-se de um e do mesmo “quando” o que é primeiro a partir do futuro, segundo a partir do presente e posterior a partir do passado; do mesmo modo, também o tempo, primeiro é futuro, depois presente, por fim passado.

[40] Contudo, do mesmo modo que no tempo, um é composto, outro, na verdade, simples – é composto aquele que adquire consistência numa ação composta, é simples aquele que se retira da <ação> simples –, assim também no quando, um é simples e outro composto: simples como quando é no momento, ou agora; composto, como numa hora, num dia, numa semana e semelhantes. [41] Além disso, do mesmo modo que as partes do tempo se sucedem sem intervalo, semelhantemente <é assim> com o quando, já que os quando passado e futuro se reduzem copulativamente ao presente. [42] Porém, o tempo difere daquilo que é quando na medida em que algo é mensurável segundo o tempo, como ao dizer que um ano tem uma duração no tempo, e como ao dizer “muito movimento” daquele que permanece durante muito tempo; segundo o quando, nada é medido, mas apenas se diz que é nalgum momento, e de acordo com isto, será considerado como temporal e variável.

[43] Inere no quando que não seja suscetível ao mais e ao menos. Com efeito, um dia não se diz mais nem menos do que um dia, nem um mais longo do que outro. Semelhantemente das restantes coisas, porque inere a todo o quando que não seja dito mais nem menos.

[44] E também nada é contrário ao quando; e de facto, o quando que é a partir do presente é um e o mesmo que <o quando que é> a partir do futuro e a partir do passado; contudo, seria impossível predicar duas contrariedades do mesmo indivíduo. [45] Além disso, os contrários nunca estarão simultaneamente num mesmo; o quando, porém, que é segundo o presente, o que

quando autem quod secundum presens et preteritum et futurum est, insimul in eodem sunt; idem namque quod est, fuisse verum est et permansurum; contrariorum vero rationis est numquam in eodem insimul existere neque de eodem dici individuo in eodem tempore, quare contrarietas in eo quod quando est non annunciabitur.

[46] Est autem quando in omni eo quod cepit esse, ut corpus quidem universum aliquando est et in tempore; suscipit enim temporum alterationes (alteratur enim corpus in estu, hieme, vere et autumno). Similiter autem et anima; acutius etenim quidam in hieme, quidam in estate, quidam in vere speculantur secundum instrumenti complexionem; anima enim coniuncta complexiones comitatur, ut qui aride et gelide compaginationis dementiores se ipsis in autumno sepe sunt, quibus vero sanguis principatur, in vere. [47] Similiter autem et de aliis secundum similitudinem animalium et temporum. Erit igitur in tempore quidquid, temporum suscipiens variationes, alteratur secundum corpus; huiusmodi vero sunt que dicta sunt, de paucis autem vel de nullis aliis conveniens erit proferre.

[V. Ubi]

[48] Ubi vero est circumscriptio corporis a loci circumscriptione procedens, locus autem in eo quod capit et circumscribit; est igitur in loco quidquid a loco circumscribitur, non autem in eodem locus et ubi, locus siquidem in eo quod capit, ubi autem in eo quod circumscribitur et complectitur. [49] Videtur autem non omni adesse; anima etenim nusquam est, nullum etenim locum occupat neque implet; animatum namque aliud capere potest, numquam autem contingere palam est occupatum quidem aliquo locum aliud capere et complecti posse occupante permanente. [50] Granum etenim modio adveniens retineri non posset aere

é segundo o passado e o que é segundo o futuro estão simultaneamente no mesmo; com efeito, o que é, foi e permanecerá, é o mesmo; é da razão dos contrários, deveras, que nunca existam no mesmo em simultâneo, nem serem ditos do mesmo indivíduo no mesmo tempo, razão pela qual a contrariedade não se mostra naquilo que é quando.

[46] Todavia, o quando está em tudo aquilo que começa a ser, como por exemplo um corpo, na sua totalidade, existe num determinando quando e no tempo; efetivamente, é suscetível às alterações dos tempos (o corpo é alterado no verão, no inverno, na primavera e no outono). E semelhantemente a alma: de facto, alguns especulam com maior acuidade no inverno, outros no verão, outros na primavera, conforme os instrumentos da sua complexão; a alma acompanha as complexões a que está junta, como por exemplo aqueles que têm uma complexão mais árida e gélida, pela ação do sangue, são mais insensatos no outono do que na primavera²⁸. [47] <Diga-se algo> semelhante das outras coisas, de acordo com a semelhança dos seres animados e dos tempos. Portanto, o que quer que exista no tempo está suscetível às variações dos tempos, e altera-se segundo o corpo; e do mesmo modo são as coisas que foram ditas, mas de poucas ou nenhuma outras será conveniente considerar.

|V. Onde|

[48] O onde (*ubi*) é a circunscrição do corpo procedente da circunscrição do lugar (*locus*), ao passo que o lugar <se encontra> naquilo que contém e circunscreve; portanto, está no lugar o que quer que seja circunscrito pelo lugar, mas não no mesmo lugar e onde: o lugar naquilo que contém, o onde, porém, naquilo que é circunscrito e circundado²⁹. [49] Parece, contudo, que não está presente em tudo; a alma, de facto, não está em lugar nenhum, nem ocupa nem impregna nenhum lugar; o ser animado, com efeito, pode conter coisas de outra natureza, mas nunca acontece que, em algum lugar que esteja ocupado, se possa conter e circundar outro além do seu ocupante nesse momento. [50] Decerto, um

quo implebatur quiescente; aere autem expulso granum utique recipitur; nequaquam ergo duo in eodem esse poterunt nec idem in diversis; quamobrem nec anima quidem localis erit cum locum nullatenus occupet. Similiter autem et quecumque a corporis ratione deseruntur loci circumscriptione carent.

[51] Movet autem quis fortasse questionem idem in diversis et pluribus concludens. Etenim vox in auribus diversorum est; vox autem, si aer non est, esse non poterit, quare aer in auribus diversorum est; quare et corpus idem in diversis locis est; vox etenim omnino una et eadem in diversis quidem aeris partibus esse non potest. [52] Concedentibus itaque nobis unam et eandem vocem omnino in auribus diversorum sentiri, utique et confiteri oportet unam omnino aeris particulam ad aures diversorum pervenire; simpliciter enim unum et idem in pluribus totum impossibile est inveniri; quamobrem et concedere cogimur vel diversum quidem in auribus sentiri, vel unum et idem omnino in pluribus quidem locis † relinqui. [53] †³⁰ Eligitur autem diversorum quidem sensus esse ymaginabiliter se generantium et similiter; quare et vox quedam non animalis est (ea enim que ymaginabiliter fit et similiter animalis non est, quoniam ab animali non profertur). Ad hec autem dicimus omnem quidem vocem animalis esse; quis enim ab initio vocem audivit in silentio quidem simpliciter animalium? Quare et vox quidem cuiuslibet animalis dicitur, quecumque ipso quidem proferente fit; unius igitur vox ad aures diversorum dirigitur, una autem et eadem non contingit esse.

[54] Ubi autem aliud quidem simplex aliud vero compositum; simplex quidem est quod a simplici loco procedit, compositum autem quod ex coniuncto. Locus autem simplex est origo et constitutio eius quod continuorum est, locus vero (ut dictum est quidem)

grão que seja colocado num alqueire não pode ser retido permanecendo o ar que estava a preencher <o alqueire>; expulso o ar, o grão é então recebido; logo, de nenhum modo os dois poderiam estar no mesmo, nem o mesmo em diversos, razão pela qual a alma também não se encontra num lugar, uma vez que não ocupa nenhum lugar. Semelhantemente, todas as coisas que não têm a razão do corpo carecem de uma circunscrição de lugar.

[51] No entanto, talvez alguém possa colocar uma questão ao concluir que a mesma coisa <pode estar> em diversas e variadas coisas. E de facto, uma voz (*vox*) encontra-se nos ouvidos de diversas pessoas; mas a voz, se não existir ar, não poderia existir, porque o ar está nos ouvidos de diversas pessoas; então também o mesmo corpo está em diversos lugares... Em todo o caso, uma e a mesma voz não pode estar em diversas partes do ar. [52] Por conseguinte, sendo concedido por nós que uma e a mesma voz é sentida nos ouvidos de diversas pessoas, é necessário confessar também que uma única partícula de ar chega aos ouvidos de diversas pessoas; contudo, é absolutamente impossível encontrar um e o mesmo todo em vários; por esta razão, também concluímos que se concede ou que é sentido algo diverso nos <vários> ouvidos, ou que uma e a mesma coisa sobra em vários lugares †. [53] †³⁰ Escrutina-se, porém, que é sentido por aqueles que o geram em si mesmos através da imaginação ou de um modo semelhante; por isso, uma certa voz não é do ser animado – com efeito, aquela que se produz pela imaginação, ou de um modo semelhante, não é do ser animado, já que não é proferida pelo ser animado. Quanto a isto, dizemos que toda a voz é do ser animado; de facto, quem ouviria inicialmente a voz perante o silêncio absoluto dos seres animados? Por esta razão, qualquer voz é dita <ser produzida> por um ser animado, e seja qual for, é produzida por aquele que a profere; portanto, uma única voz dirige-se aos ouvidos de diversas pessoas, mas não acontece que seja uma e a mesma³¹.

[54] O onde, na verdade, ou é simples, ou é composto; simples é aquele que procede de um lugar simples; composto, o que <procede> de um <lugar> conjunto. Porém, o lugar simples é a origem e a constituição daquilo que diz respeito aos contínuos;

compositus habet particulas quidem ad eundem terminum copulatas ad quem et corporis particule coniunguntur, corporis vero partes ad punctum. Loci ergo partes iuxta punctum necesse fieri; erit itaque locus simplex in quo punctum adiacere constabit, loci vero particule soliditatis particulas claudunt; etenim loca quidem simplicia minimi corporis occupativa sunt. Quare nec locus sine corpore nec soliditas sine loco erit. [55] Contentio autem oritur de sere extremitate. Nihil enim extra idem; in eo autem locus esse non poterit (ut dictum est, a superioribus) quod ab eo quidem loco ambitur; confitentibus igitur nobis speram localem, confiteri utique et necesse est aliud quidem preter idem esse in quo extremitatis locus existat; nihil autem preter idem est, quare extremitas quidem in loco non est. De huiusmodi autem insolitum quidem et occultum est pronunciare, et contra sensibilia.

[56] caret autem ubi intensione et remissione; non enim alterum dicitur altero magis in loco esse vel minus, licet et minorem et maiorem locum possidere, non autem secundum ubi vel quantitatem aliquam, sed secundum id quod quale est. [57] Inest autem nihil ubi esse contrarium, eo quod nec loco quidem contrarietas inest; locus enim loco contrarius non est. Quoniam autem nec aliis manifestum est; sursum autem esse et deorsum esse contraria pluribus videntur (multum etenim distare videntur id quod sursum est esse et id quod deorsum est esse, quemadmodum et sursum et deorsum); quare contrarietas ubi maxime videtur circa sursum esse et deorsum esse, quemadmodum et quantitatis circa locum. [58] Contingit autem duo in eodem contraria esse; sursum enim esse et deorsum in eodem sunt (idem enim sursum et deor-

o lugar composto, como foi dito, tem partículas copuladas a um mesmo termo, ao qual também as partículas do corpo se juntam, enquanto que as partes do corpo <se juntam> ao ponto. Logo, é necessário que as partes do lugar se produzam em conformidade com o ponto; por conseguinte, o lugar simples será aquele que corresponde ao ponto, <posto que> as partículas do lugar confundam as partículas <dos corpos> sólidos; de facto, os lugares simples são os ocupadores (*occupativa*) dos corpos minúsculos. Por essa razão, não existe lugar sem corpo, nem solidez sem lugar³². [55] Todavia, origina-se uma contenda quanto à extremidade da esfera <celeste>³³. Com efeito, nada está fora dela mesma; porém, quanto a ela, não poderia existir lugar (como foi dito pelos autores antigos) na medida em que <tudo> é circundado por esse lugar; portanto, se reconhecêssemos que a esfera é local, também seria necessário reconhecer que além da mesma existe outra coisa na qual o lugar da extremidade exista; todavia, nada está para além dela, razão pela qual a extremidade não está num lugar. Acerca deste tipo <de raciocínios>, é insólito e obscuro pronunciarmos, e contra as coisas sensíveis.

[56] O onde carece de intensão e remissão (*intensio et remissio* <= mais e menos>); com efeito, não se diz de uma coisa que esteja mais ou menos num lugar do que outra, embora possa possuir um lugar maior e menor, não segundo o onde, ou segundo alguma quantidade, mas segundo aquilo que é qualificado. [57] Além disso, nada é contrário ao onde, pelo que também a contrariedade não inere no lugar; efetivamente, um lugar não é contrário a um lugar. Porém, isto não é manifesto relativamente a outras coisas: para muitos, estar acima e estar abaixo parecem ser contrários (parecem, efetivamente, distar muito aquilo que é acima e aquilo que é abaixo, do mesmo modo que o acima e o abaixo); por isso, parece que a máxima contrariedade no onde diz respeito ao estar acima e ao estar abaixo, enquanto quantidade acerca do lugar. [58] Mas acontece que os dois são contrários na mesma coisa; de facto, estar acima e estar abaixo encontram-se numa mesma coisa (a mesma coisa, tomada relativamente a diversas coisas, está acima e abaixo; uma torre, relativamente a nós, está acima, mas está <num

sum est ad diversa quidem sumptum; nam turris altitudo sursum est ut ad nos, spera vero extremitati comparata inferior). [59] Amplius contrarium quoque idem sibimet fore continget; si enim sursum esse et inferius esse contraria sunt, cum idem sursum et deorsum sit, colligitur idem sibimet contrarium fieri. Non est ergo contrarietas ulla in eo quod in loco esse est.

[VI. Positio]

[60] Positio vero est quidam situs partium et generationis ordinatio secundum quam dicuntur vel stantia vel sedentia vel aspera vel lenia vel quomodolibet aliter disposita; sedere autem et iacere positiones non sunt, sed denominative ab eis dicta. [61] Solet autem et questio induci de curvo et recto, aspero et leni, quadrangulo et triangulo, bicubito et tricubito, magno et parvo, brevi et longo, et similibus; quamdam enim partium positionem significare videntur (asperum enim dicitur cuius partium una alteri supereminet, lene autem cuius quidem particule equaliter porrecte sunt, similiter autem et de reliquis). [62] Non sunt autem positiones ea que dicta sunt omnia, sed qualia circa situm existantia; ex eo namque quod partes sic disposite sunt, ex eo talia sensibus iudicantur, non autem, ex eo quod talia, idest aspera et lenia vel tricubita vel bicubita, sunt; similiter autem et de aliis huiusmodi que in partibus dispositionem habent. Erit igitur unumquodque predictorum non positio, sed quale quod circa positiones nascitur.

[63] Suscipere autem videtur situs contrarietates; nam sedere ad id quod est stare contrarium videtur (contraria enim sunt que in individuo eodem tempore impossibile est reperiri, vicissim possibilia esse; sedens enim ilico stare potest et stans sedere, quoquam

lugar> inferior quando comparada com a extremidade da esfera celeste). [59] Além disso, aconteceria que a mesma coisa seria o contrário de si própria; se, com efeito, estar acima e estar abaixo são contrários, como a mesma coisa está acima e abaixo, recolhe-se disto que a mesma coisa é o contrário de si própria. Logo, não existe nenhuma contrariedade naquilo que é o ser num lugar³⁴.

|VI. Posição|

[60] A posição (*positio*) é uma certa ordenação da situação das partes e das gerações, segundo a qual <as coisas> são ditas em pé, ou sentadas, ou ásperas, ou macias, ou de qualquer outro modo dispostas; sentar-se ou jazer não são posições, mas ditas denominativamente delas³⁵. [61] Costuma-se colocar a questão acerca do curvo e do reto, do áspero e do macio, do quadrângulo e do triângulo, dos dois côvados e dos três côvados (*bicubitus et tricubitus*), do grande e do pequeno, do curto e do longo, e similares: parecem, com efeito, significar uma certa posição das partes. De facto, áspero diz-se daquele em que uma das partes se destaca das outras e macio daquele cujas partículas estão distendidas da mesma maneira; e semelhantemente dos restantes. [62] Todavia, não são posições todas as coisas que foram ditas, mas qualificados acerca da existência numa posição (*qualia circa situm existentia*); na verdade, ajuízam-se tais coisas pelos sentidos a partir do modo como as partes estão assim dispostas, mas não a partir daquilo que tais coisas são, isto é, ásperas e macias, ou com três ou dois côvados; e do mesmo modo no que diz respeito às outras coisas do mesmo género, que têm a disposição nas partes. Portanto, cada uma das coisas anteriormente ditas será, não uma posição, mas um qualificado que se origina relativamente às posições.

[63] Parece que o estar posicionado (*situs*) é suscetível às contrariedades; de facto, sentar-se parece o contrário daquilo que é estar de pé: com efeito, contrárias são aquelas coisas que é impossível encontrar num mesmo indivíduo ao mesmo tempo, mas que são possíveis quando uma se segue à outra; o que está sentado pode estar de pé logo a seguir, e o de pé sentar-se, mas é impos-

autem sedente impossibile est eundem stare). [64] Ponentibus autem nobis hec contraria esse, inconuenientia recipere cogimur hec, quod unum sit plurium; secundum etenim collectionis continentiam non magis sedere ad id quod stare contrarium quidem est quam ad accumbere (similiter enim et quemadmodum sedere et stare numquam in eodem insimul reperiuntur, ita et sedere et accumbere, et stare et accumbere). Secundum igitur huiusmodi disputationes situi nulla contrarietas inerit. [65] Fortassis autem nec insolitum quidem putabitur unum plurium esse: pallor etenim ad nigrum et album contrarium videtur, nam, sub eodem genere cum sint, numquam in eodem inveniuntur et vicissim transmutantur; relinquitur igitur unum pluribus aduersum esse. Non est autem pallidum ad nigrum vel album contrarium; etenim cum utroque in eodem est; pallidum enim et colores reliqui ex albo et nigro conficiuntur; necessarium ergo est, in quocumque pallidum est, in omni quidem eo esse album et nigrum. Similiter autem et de ceteris quidem coloribus. [66] Amplius autem contrariorum quidem ratio est circa idem natura existere, sedere autem et iacere non circa idem natura, sed seiuncta (etenim sedere circa rationabilia proprie, iacere vero et accumbere circa aduersa; huius autem signum est equi et hominis similitudo, quibus sine dubio accubitus esse probatur).

[67] Proprium autem positionis est neque cum magis neque cum minus dici; sedere namque non magis positio est quam accumbere neque minus, neque sedens alterum altero magis vel minus dicitur neque accumbens, neque universaliter secundum aliquam aliam positionum. [68] Magis proprium autem videtur esse positionis substantie propius assistere omnibus quidem aliis formis superpositis; positio enim nihil aliud est quam naturalis ipsius substantie ordinatio que vel a principio quidem innata est, ut ea que asperis vel lenibus, equalibus vel inequalibus inest, vel

sível que alguém sentado igualmente esteja de pé. [64] Porém, ao postularmos que estas coisas são contrárias, concluímos esta inconveniência: que uma é <o contrário> de várias. Na verdade, segundo aquilo que está contido na coleção <de coisas que considerámos serem posições>, sentar-se não é mais contrário àquilo que é estar de pé do que a reclinar-se: do mesmo modo que sentar-se e estar de pé nunca são encontrados na mesma coisa ao mesmo tempo, assim também sentar-se e reclinar-se, e estar de pé e reclinar-se. Portanto, de acordo com argumentos deste género, não inere nenhuma contrariedade no estar posicionado. [65] Todavia, talvez não fosse insólito que se pensasse que uma coisa seja <contrária> a várias: de facto, a palidez parece ser contrária ao negro e ao branco, pois encontram-se sob o mesmo género, nunca se encontram no mesmo e mudam de uns para os outros; portanto, resta que um seja contrário a vários. Mas o pálido não é contrário ao negro ou ao branco, como um e outro estivessem nele mesmo; a palidez, com efeito, e as restantes cores são produzidas a partir do branco e do negro; logo, é necessário que, no que quer que seja pálido, nisso também exista o branco e o negro³⁶. E semelhantemente das restantes cores. [66] Além disso, a razão dos contrários é existirem acerca da mesma natureza, mas sentar-se e jazer não são acerca da mesma natureza, mas <acerca de naturezas> separadas (sentar-se é propriamente acerca dos seres racionais, enquanto que jazer e reclinar-se acerca de coisas diversas; há uma semelhança do seu significado para o cavalo e para o homem, dos quais se prova sem dúvida que se reclinam).

[67] É próprio da posição não ser dita mais nem menos; com efeito, sentar-se não é mais nem menos posição do que reclinar-se, nem se diz que alguém se sinta mais do que outro, nem que se reclina, nem segundo alguma outra das posições universalmente. [68] Parece, porém, mais próprio da posição ser um auxiliar da substância do que todas as outras formas que lhe são sobrepostas; de facto, a posição não é outra coisa do que a ordenação da própria substância natural, a qual é inata pelo seu princípio – tal como aquela que é áspera ou macia inere na igualdade ou desigualdade <das partes> – ou pela natureza do seu movimento habi-

a nature quidem motu consueto, ut sessio et accubitus et similia. Quidquid igitur est proxime substantie assistens, id necessario positio est; et omnis quidem positio huius rationis suscipit predicationem.

[VII. **Habitus**]

[69] Habitus autem est corporum et eorum que circa corpus sunt adiacentia secundum quam hec quidem habere illa vero haberi dicuntur; hoc autem non secundum totum, secundum autem particularem divisionem, ut armatum esse, calciatum esse. His autem neque simplicia quidem nomina posita sunt quibus ea appellarentur, sed sint eis nomina ‘armatio’ et ‘calciatio’; horum autem ad proportionem et reliquis.

[70] Suscipit autem habitus amplius et minus; armatior enim eques pedite dicitur, et calciatior qui cum caligis et calciamentis est quam qui solum caligis vel calciamentis utitur. Quibusdam autem verum non est quod cum magis et minus predicetur, ut vestitum esse et similia. [71] Habitui quoque nihil est contrarium; etenim armatio calciationi contraria non est (idem etenim calciatus et armatus est), quoniam autem aliis contraria non est palam est. Similiter autem his et alia.

[72] Proprium autem habitus est in pluribus quidem, ut in corpore et his que circa corpus sunt, existere (adiacet enim corpori et his que circa corpus sunt); hoc autem - ut dictum est - fit secundum eam que in partibus est divisionem. [73] In paucis autem aliis principiis huiusmodi inuenies; in quantitate enim solum et his que ad aliquid sunt similia reperies; ad aliquid autem, ut figuraliter dicatur, ut similitudo et dissimilitudo, que pluribus similibus et dissimilibus insunt; quantitas autem ut numerus, qui et in numeralibus inest utique semper crescens secundum unitatum multifariam ascensionem (simpliciter autem nihil inuenies tot distribui

tual, tal como o estar sentado, reclinado e semelhantes. Portanto, o que quer que seja um auxiliar próximo da substância, necessariamente será uma posição, e esta razão dá-se na predicação de toda a posição.

|VII. Hábito|

[69] O hábito (*habitus*) diz respeito aos corpos e àquelas coisas que estão adjacentes aos corpos, segundo o qual aqueles são ditos ter e estas, na verdade, ser tidas³⁷; isto, porém, não segundo o todo, mas segundo a divisão particular, como por exemplo estar armado e estar calçado. Contudo, para estas coisas não foram postulados nomes simples pelos quais fossem chamadas, mas seriam os seus nomes <algo como> *armatio* e *calciatio*³⁸; e proporcionalmente para os restantes.

[70] O hábito é suscetível ao mais e ao menos: de facto, um cavaleiro diz-se mais armado do que um peão, e está mais calçado quem está com coturnos do que aquele que utiliza apenas umas botas ou sapatos. Para algumas coisas, porém, não é verdade que se lhes predique o mais e o menos, como por exemplo estar vestido e similares. [71] Também nos hábitos, nada tem contrário; decerto, estar armado não é o contrário de estar calçado (a mesma <peessoa> pode estar calçada e armada), dado que evidentemente uma coisa não é contrária à outra. E semelhantemente para os restantes.

[72] O próprio do hábito é existir em coisas diversas, como num corpo e naquelas coisas que estão à volta do corpo – é adjacente, com efeito, ao corpo e àquelas coisas que estão à volta do corpo –; isto, como foi dito, dá-se segundo aquela divisão que é em partes. [73] Encontrarás em poucos outros princípios algo deste género; efetivamente, só o reconhecerás na quantidade e naqueles relativos-a-algo (*ad aliquid*) que são os semelhantes; no relativo-a-algo, enquanto dito relativamente à figura, como por exemplo a semelhança e a dissemelhança que inerem em diversas coisas semelhantes e dissemelhantes; na quantidade, como no número, que inere nos numerais de um modo sempre crescente segundo o

partibus possibile ut numerum). [74] Non autem omnis quidem quantitas aut relatio talium est, habitus autem omnis in pluribus necessario consistit, ut in corpore et in his que circa corpus sunt, omne que in corpore et his que circa corpus sunt consistens habitus nomen sortitur. Quare magis proprium quidem habitus erit, corpore et circa-corpus existentibus, secundum eam que partium est divisionem ut in pluribus existere.

[75] Dicitur autem habere multis modis. Habere enim dicimur alterationem ut albedinem et nigredinem, et quantitatem ut longitudinem; nihil tamen aliud dicere est albedinem aut longitudinem habere quam album aut longum esse. [76] Dicitur autem vas habere aliquid, ut modius triticum, quod nihil aliud est dicere quam continere. Habere quoque et in membro dicimur, ut in digito anulum, quod tantumdem est dicere quantum et digitum in anulo esse. [77] Dicitur autem et vir habere uxorem et recipere uxor virum; hic autem insolitus est habendi modus, ubi quod habetur habens habere dicitur; hoc autem habere nihil aliud significat quam cohabitare. [78] Quare modi habendi qui dici consuevere quinario numero terminantur. Fortasse autem alii quidem erunt preter hos qui numerati sunt; sed, si qui sunt, diligens inquisitio inveniatur.

[79] Et quidem de principiis hec dicta sufficiant; reliqua autem in eo quod De Metaphisicis est querantur.

[VIII. Magis et minus]

[80] Dicitur autem magis et minus suscipere tripliciter. Aiunt enim quidam secundum crementum vel diminutionem eorum que suscipiunt subiectorum: aliter autem et alii ipsa quidem que suscipiuntur in suscipiente et diminui et crescere autumant; alii autem secundum utramque amborum, diminutionem et augmentationem. [81] A primis itaque inchoantes † que eorum firma et

aumento das múltiplas unidades – em absoluto, não encontrarás nada que se distribua por tantas partes como o número. [74] Todavia, nem toda a qualidade ou relação são assim, mas todo o hábito tem consistência necessariamente em diversas coisas, como num corpo e naquilo que está à volta do corpo, e tudo aquilo que tem consistência no corpo e naquilo que está à volta do corpo tem como nome hábito. Por esta razão, o hábito é mais próprio das coisas que existem no corpo e à volta do corpo, de acordo com a divisão das partes, enquanto existe em diversas coisas.

[75] Ter (*habere*), todavia, diz-se de muitos modos³⁹. De facto, dizemos ter uma alteração, como a brancura e a negridão, e uma quantidade, como uma longitude; contudo, em nada difere dizer “ter brancura ou longitude” de <dizer> “ser branco ou longo”. [76] Diz-se também que uma vasilha tem algo, como um molho de trigo, o que não é outra coisa do que dizer que contém (*continere*). Também dizemos ter algo num membro <do corpo>, como um anel no dedo, o que é tanto quanto dizer que o dedo está no anel. [77] Diz-se ainda que um homem tem uma esposa e que a esposa recebe um marido; este, porém, é um modo insólito do ter, onde se diz que o que tem é tido pelo que tem; mas este ter não significa outra coisa do que coabitar. [78] Por isso, os modos do ter que é costume dizer estão delimitados a ser cinco em número. Talvez existam outros para além dos que foram enumerados; mas, se existirem, descubra-os quem fizer uma indagação diligente.

[79] E o que foi dito acerca destes princípios é suficiente; o que faltar dizer, porém, seja procurado na *Metafísica*.

|VIII. Mais e menos|

[80] Diz-se que o mais e o menos se dão de três modos⁴⁰. Alguns afirmam que se dão de acordo com o aumento ou a diminuição daqueles sujeitos nos quais se dão; de outro modo, outros sustentam que crescer e diminuir se dão no que é suscetível a isso; outros, porém, que o aumento e a diminuição <se dão> de um e outro modo. [81] Começando pelos primeiros, tornarei manifesto

rata sit sententia †⁴¹ manifestabo. Si quis vero et primam et secundam destruxerit utique et tertiam destruet que ex utrarumque efficitur coniunctione.

[82] Non igitur secundum suscipientium ipsorum crementum vel decrementum cum magis et minus aliqua vocentur; nulla enim ratio obviaret dicenti hominem quidem et animal et substantiam et cetera similia cum magis et minus dici, concedentibus nobis secundum subiecti intensionem et remissionem quelibet cum magis et minus dici. [83] Amplius autem equus quidem et augmenti et diminutionis motum frequenter sustinet; dicitur autem minor lapide quodam qui numquam neque intensionem neque remissionem passus est; mons etiam alio monte maior dicitur cum neuter crescat vel decrescat. [84] Amplius autem et margarita quidem albior equo dicitur, † qui pedem quamvis †⁴² album contingit, hoc autem non secundum quod equus quidem in essentia a margarita superetur; colligere ergo oportet vel margaritam quidem albiorem equo pronunciarum secundum magnitudinem subiecti vel parvitatem, vel non verum quidem esse albiorem equo margaritam esse, vel nihil magis et minus dici secundum subiectorum magnitudinem vel parvitatem, neque secundum crementum vel diminutionem. [85] Hoc autem palam est, quod secundum magnitudinem quidem subiecti margarita albior equo non dicitur; et quoniam quidem margaritam non albiorem esse equo falsum est, relinquatur igitur nihil secundum subiecti magnitudinem cum amplius vel minus dici; similiter autem et neque secundum parvitatem.

[86] Amplius autem neque secundum ea que inficiunt; si enim secundum magnitudinem quidem albedinis vel alicuius ceterorum aliquid dicitur albius aliquo, vel secundum parvitatem minus album vel quomodolibet aliter, utique et magis albus equus vel homo vel quodlibet aliud animal albius margarita diceretur (etenim maior albedinis quantitas equo accidit quam margarite). [87] Amplius autem minus et parvius alterum altero dicitur non secundum subiecti neque accidentis crementum; quoniam autem

† que a sua tese <não> é firme e válida †⁴¹. Na verdade, se alguém destruísse o primeiro e o segundo <modo de se dar o mais e o menos>, também destruiria o terceiro, que se efetiva a partir da conjunção dos outros dois.

[82] Portanto, algumas coisas são ditas com mais e menos sem que seja segundo o aumento e a diminuição das próprias coisas que sustêm (*suscipientes*); de facto, nenhuma razão impede que se diga que o homem, o animal, a substância e as restantes coisas semelhantes sejam ditos com mais e menos, concedendo nós que qualquer intensão e remissão do sujeito é dita com mais e menos. [83] Mais ainda, um cavalo frequentemente sustenta um movimento de aumento e diminuição; diz-se, ainda, que uma certa pedra que nunca sofreu intensão nem remissão é menor; e também um monte se diz maior do que outro sem que um ou outro cresça ou decresça. [84] Além disso, diz-se que uma pérola é mais branca do que um cavalo, e isto sem que o cavalo seja superado em essência pela pérola⁴²; logo, é mister concluir, ou que a pérola é mais branca do que o cavalo segundo a magnitude ou pequenez do sujeito, ou que não é verdade que a pérola é mais branca do que o cavalo, ou que nada é dito mais nem menos no que toca à magnitude ou pequenez, ou ao aumento e diminuição, dos sujeitos. [85] Porém, isto é evidente: que a pérola não é dita mais branca do que o cavalo segundo a magnitude do sujeito; e dado que, de facto, é falso que a pérola não é mais branca do que o cavalo, resta, portanto, que nada seja dito com mais ou menos de acordo com a magnitude do sujeito, e semelhantemente de acordo com a pequenez.

[86] Além disso, também não <se diz mais e menos> de acordo com aquelas coisas que inerem (*infiunt*); se, com efeito, de acordo com a magnitude da brancura ou de alguma outra <qualidade>, alguma coisa fosse dita mais branca do que outra, ou de acordo com a pequenez, menos branca, ou de qualquer outro modo, também o cavalo, ou o homem, ou qualquer outro animal, seria dito mais branco do que a pérola – com efeito, a quantidade de brancura no cavalo é maior do que na pérola. [87] Além disso, não se diz que uma coisa é menos, ou menor, do que outra segundo o

non secundum subiecti crementum vel magnitudinem aliquid paruius aliquo dicatur manifestum est, neque quoque secundum ampliorem ipsius accidentis quantitatem. Etenim quantitas ultra subiectum protendi non potest (terminus enim quantitatis corpus est, parvitas autem quantitati supponitur); quare ultra parvum quidem subiectum parvitas ipsa non porrigitur; quanto igitur subiectum paruius efficitur, tanto et parvitatibus quantitas minoratur.

[88] Patet itaque nihil cum magis et minus predicari neque secundum subiecti solum augmentum vel diminutionem neque accidentis; quare neque secundum utrumque; oportet igitur alia invenire que cum magis et minus dicantur. [89] Huiusmodi vero sunt ea que sunt in voce eorum que adveniunt, non secundum subiecti vel mobilis crementum vel diminutionem, sed quoniam eorum que sunt in voce impositioni propinquiora sive ab eadem remotiora sunt. De his enim cum magis dicuntur que propinquiora sunt ei que in ipsa voce est impositioni, cum minus autem de his que remotiora consistunt. [90] Ut 'album' dicitur id in quo pura albedo est; quanto igitur quid ad vocis impositionem accedens puriori inficitur albedine, tanto et candidius assignabitur; et 'parvum' dicitur quod quidem aliis comparatum stature dimensione et quantitate vincitur, quidquid igitur est quod in quantitatis mensura superatur, id continuo paruius pronuntiatur. Similiter autem et de aliis.

[91] Dubitabit vero aliquis quamobrem hec quidem cum magis et minus {sunt}, substantie vero minime; hoc autem contingit quoniam substantiarum impositio in termino quidem est, ultra quem transgredi impossibile est. [92] Additur autem et de accidentibus quibusdam que sine magis et minus dicuntur, ut quadrangulus et triangulus et similia (non enim magis quadrangulatum unum altero dicitur); contingit autem quoniam in substantiarum quidem designatione accipitur (etenim quadrangulatum et quali-

crescimento do sujeito ou de um acidente, posto que é manifesto que algo não é dito mais pequeno do que outro segundo o crescimento ou a magnitude do sujeito, nem também segundo a maior quantidade do próprio acidente. Decerto, a quantidade não pode ir para além do sujeito: de facto, o termo da quantidade é o corpo, e a pequenez está sob a alçada da quantidade; por esta razão, a pequenez não se estende para além da pequenez do sujeito; portanto, a quantidade de pequenez diminui tanto quanto o sujeito se torne mais pequeno.

[88] Por isso, é patente que nada se predica com mais e menos, nem segundo o aumento e diminuição do sujeito, nem do acidente; e por esta razão, também não segundo ambos; portanto, é mister que se encontrem outras coisas que sejam ditas com mais e menos. [89] Na verdade, são assim aquelas coisas que se dizem *in voce* daqueles que advêm, não segundo o aumento ou diminuição do sujeito ou do móvel, mas devido ao facto de serem mais próximos ou afastados daquelas coisas que são por imposição *in voce*. São ditas com mais aquelas coisas que estão mais próximas daquilo que é da imposição na própria palavra (*in ipsa voce*), com menos, por sua vez, as que estão mais afastadas. [90] Por exemplo, diz-se “branco” aquilo no qual a pura brancura se encontra; portanto, uma coisa acede tanto à imposição da palavra da brancura mais pura quanto for assinalado ser mais branca; e é dito “pequeno” aquilo que, comparado com os outros, mais se avizinha a essa estatura na dimensão e na quantidade: por isso, é dito mais pequeno tudo aquilo que é superado na medida da quantidade. Semelhantemente para as outras coisas.

[91] Alguém duvidou por que razão aquelas coisas que são com mais e menos não são da substância; porém, isto acontece porque a imposição das substâncias impõe um termo para além do qual é impossível ir. [92] Acresce, porém, que também há acidentes que são ditos sem mais e menos, tais como o quadrângulo, o triângulo e semelhantes (com efeito, não se diz que um é mais quadrangulado [*quadrangulatum*] do que outro); porém, isto acontece porque <o acidente> está a ser tomado pela designação das substâncias (com efeito, diz-se quadrângulo, quer uma qualidade, quer um corpo

tas nuncupatur et corpus quadrangulatum). |93| Vel eadem que in superioribus ratio hoc vetat, quoniam in huiusmodi impositio quidem in termino facta est ultra quem transgredi non licet, quemadmodum et in superlativis; etenim albissimus et nigerrimus et huiusmodi sine amplius et minus sunt eo quoniam huiusmodi impositio in termino est ultra quem porrigi impossibile est.

quadrangular). |93| A razão acerca dos anteriores também proíbe isto, dado que, numa imposição do mesmo tipo, se produz um termo para além do qual não se ultrapassa. Do mesmo modo nos superlativos: com efeito, o mais branco (*albissimus*), o mais negro (*nigerrimus*) e semelhantes, são sem mais e menos, dado que, do mesmo modo, a imposição produz um termo para além do qual é impossível ir⁴³.

Notas

¹ A noção de *compositio* aqui utilizada é de origem boeciana. Cf. Boethius, *In Categorias Aristotelis libri IV*, PL 64, 184A e ss..

² Rolando de Cremona, possivelmente o primeiro a identificar Gilberto de la Porrée como autor do *Liber sex principiorum*, critica esta definição de forma. Cf. L. MINIO-PALUELLO, «Magister sex principiorum», in L. MINIO-PALUELLO, *Opuscula. The Latin Aristotle*, Adolf M. Hakkert, Amsterdão 1972, p. 559.

³ Referência à alma do mundo do Timeu de Platão. Cf. Platão, *Timeu*, 34b-39e. A fonte do autor anónimo do *Liber sex principiorum* poderá ter sido Abelardo, que embora critique a teorização chartriana da alma do mundo na *Dialectica*, utiliza-a nas suas obras teológicas. Cf. [Gilberto Porretano], *Libro dei sei principi*, pp. 81-83 (Introduzione, 4.5.).

⁴ Não se trata da faculdade de pensar, mas da *ratio* de uma coisa, isto é, os seus princípios formais. Francesco Paparella, na tradução italiana, utiliza *principio*.

⁵ Cf. Aristóteles, *Categorias*, 4a17-35.

⁶ Parece ser uma doutrina de Gilberto de la Porrée e dos porretanos. Cf. Everardo de Ypres, *Dialogus Ratii et Euerardi*, ed. N. M. HÄRING, *Mediaeval Studies*, XV (1953) 243-289, p. 255; Anonymus, *Compendium logicae porretanum*, CIMAGL, 46 (1983) 1-93, p. 39, 6-9.

⁷ Cf. Petrus Abaelardus, *Dialectica*, ed. L. M. DE RIJK, Van Gorcum, Assen 1970, p. 431.

⁸ De acordo com a edição crítica, falta algo nesta frase. Francesco Paparella tradu-la do seguinte modo: «In alcuni casi, tuttavia, ci si può trovare in difficoltà nel dire se una certa forma derivi dalla natura o dall'azione, come nel caso delle immagini incise (infatti non si dà una unione ma una certa separazione di parti); affermo allora che la figura deriva dalla natura, ma è percipita in realtà attraverso l'azione. Ma tutto ciò che implica una unione deriva dall'atto come la casa.» (p. 171). Não nos parece uma tradução correta – é difícil que «figura» tenha aqui o sentido de imagem, justamente pela oração entre parêntesis. Além disso, utiliza a mesma palavra, a saber, “unione”, para *additio* e *coniunctio*, relacionando-as sem que nada indique que estejam relacionadas. Por fim, não se compreende a comparação com a casa. A nossa tradução, contudo, também não é muito elucidativa.

⁹ Isto é, os universais.

¹⁰ «Tu, porém, regulaste tudo com medida, número e peso.» Sab. 11, 20. Cf. Agostinho de Hipona, *De trinitate*, l. 3, cap. 8.

¹¹ Cf. Aristóteles, *Categorias*, cap. 2, 1a16-1b19.

¹² Era usual utilizar-se o par *in voce* vs. *in re*. Em português, traduzem-se literalmente por “na palavra” (ou “na voz”) e “na coisa”. O que é *in voce* diz respeito ao discurso, mas não obrigatoriamente às coisas ditas pelo discurso. Cf. Boethius, *In Categorias*, cit., 162A-162D.

¹³ Esta classificação dos acidentes poderá ter sido inspirada pelas *Categoriae decem*, embora não se faça aqui menção a um *medio modo* entre o intrínseco e o extrínseco. Cf. Anonymus, *Paraphrasis Themistiana (Pseudo-Augustini Categoriae decem)*, in Aristoteles Latinus, *Categoriae vel Praedicamenta*, ed. L. MINIO-PALUELLO, (AL,

1.1-5) Desclée de Brouwer, Bruges – Paris 1961, §§ 51-54, p. 144. Cf. a tradução neste mesmo volume.

¹⁴ Cf. Aristóteles, *Categorias*, 11b1-7.

¹⁵ De acordo com a edição crítica, esta frase está incompleta. O tradutor italiano Francesco Paparella encontra nesta passagem semelhanças com exposições acerca das imagens no espelho em Adão de Balsham e Guilherme de Conches. Cf. Adam Balsamiensis Parvipontani, *Ars disserendi (Dialectica Alexandri)*, ed. L. MINIO-PALUELLO, Edizione di storia e letteratura, Roma 1956, p. 87; Guillelmus de Conchis, *Glosae super Platonem*, ed. E. JEAUNEAU, Vrin, Paris 1965, p. 243 e ss..

¹⁶ Cf. Boethius, *In Categorias*, cit., 263D.

¹⁷ Cf. Petrus Abaelardus, *Logica “Ingredientibus”*, ed. B. Geyer, Verlag der Aschen-dorffschen Verlagsbuchhandlung, Münster 1921, 2.14, p. 296.

¹⁸ Cf. Boethius, *In Categorias*, cit. 261D-262B.

¹⁹ Paparella encontra nesta passagem uma analogia com o comentário de Macróbio ao *Somnium Scipionis*. Cf. [Gilberto Porretano], *Libro dei sei principi*, pp. 116-117 (Introduzione, 5.1.).

²⁰ Cf. *infra*, cap. VI.

²¹ Esta passagem é problemática. O que são os primeiros? As substâncias primeiras, individuais? As formas individuais, por relação com os universais? Francesco Paparella traduz a passagem do seguinte modo: «La corruzione della realtà individuali che non sono nel soggetto avviene a causa delle prime <forme>, mentre la generazione consiste in quella <qualità> che si producono subito dopo la corruzione delle prime; <la corruzione e generazione> di quei termini che sono predicati delle medesime realtà individuali <dipende da> le stesse realtà dalle quali non deriva assolutamente nessuna predicazione (come tutti gli uomini sono causa di quell'uomo comune e universale.» (p. 181).

²² Falta algo no início e no fim da frase, de acordo com a edição de Minio-Paluello.

²³ Cf. Aristóteles, *Sobre a geração e a corrupção*, liv. I, caps. 7-9, 323b1-327a29.

²⁴ A definição de quando é muito próxima da definição de Abelardo. Cf. Petrus Abaelardus, *Dialectica*, cit., p. 77, 19-29; L. MINIO-PALUELLO, «Magister sex principiorum», in L. MINIO-PALUELLO, *Opuscula: The Latin Aristotle*, Hakkert, Amsterdão 1972, pp. 536-564, p. 560.

²⁵ «E o tempo e o lugar também são deste tipo <=quantidade contínua>. Pois o agora une-se ao que passou e ao que virá a ser.» Aristóteles, *Categorias*, trad. R. SANTOS, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa 2016, 5a7-9, p. 78.

²⁶ Cf. Aristóteles, *Da interpretação*, cap. 9 (18a28-19b4). Trata-se do célebre capítulo acerca dos futuros contingentes.

²⁷ A relação entre quando e onde tal como aqui é apresentada também está presente em Abelardo. Cf. Petrus Abaelardus, *Logica Ingredientibus*, cit., 2.09, pp. 256-257; [Gilberto Porretano], *Libro dei sei principi*, cit., pp. 87-90 (Introduzione, 4.6.2.).

²⁸ Trata-se de uma referência à teoria hipocrática dos humores ou temperamentos, de acordo com a qual a complexão dos quatro humores do corpo humano, a saber, sangue, fleuma, bilis amarela e bilis negra, estaria na origem de vários tipos de temperamento – sanguíneo, fleumático, colérico e melancólico. O humor considerado árido e gélido seria a bilis negra, humor preponderante nos melancólicos. A

associação às estações do ano assemelha-se à exposição de Guilherme de Conches. Cf. Guillelmus de Conchis, *Dragmaticon philosophiae*, ed. I. RONCA, (*Guillelmi de Conchis opera omnia*, 1) Brepols, Turnhout 1997, IV, 9, § 4.

²⁹ A definição da categoria do onde tem alguma semelhança com a abelardiana, de acordo com Francesco Paparella. Cf. Petrus Abaelardus, *Logica “Ingredientibus”*, cit., 2.09, p. 257; [Gilberto Porretano], *Libro dei sei principi*, cit., pp. 90-95 (Introduzione, 4.6.3.).

³⁰ Falta algo no final desta frase e no início da próxima, de acordo com a edição crítica.

³¹ Mais uma vez, Abelardo tem uma discussão análoga: cf. Petrus Abaelardus, *Dialectica*, cit., p. 69; *Logica Ingredientibus*, cit., 2.06, pp. 176-177; [Gilberto Porretano], *Libro dei sei principi*, cit., pp. 113-114 (Introduzione, 4.7.3.).

³² Cf. Aristóteles, *Categorias*, 5a1-14.

³³ Cf. Aristóteles, *Física*, IV, 5, 212b16-22.

³⁴ Cf. Aristóteles, *Categorias*, 6a11-20.

³⁵ «Poderia julgar-se que o raro e o denso e o áspero e o liso significam qualificações; porém, eles parecem ser alheios à classificação das qualificações. Pois o que cada um deles manifesta parece ser antes uma certa posição das partes. Pois uma coisa é densa porque as suas partes estão muito próximas umas das outras e rara porque estão separadas umas das outras; e uma coisa é lisa porque as suas partes se encontram de certo modo em linha reta e áspera porque umas estão elevadas e outras rebaixadas.» Aristóteles, *Categorias*, cit., 10a18-24, p. 96. Cf. também Boethius, *In Categorias*, cit., 218D-219B.

³⁶ Cf. doutrinas semelhantes em Boethius, *In Categorias*, cit., 255B-C; Petrus Abaelardus, *Logica “Ingredientibus”*, cit., 1.06, pp. 106-107; 2.08, pp. 241-242; 2.10, p. 267.

³⁷ De acordo com Paparella, esta definição depende de Abelardo. Cf. Petrus Abaelardus, *Dialectica*, cit., pp. 80-81; *Logica “Ingredientibus”*, cit., 2.09, pp. 258-259. Sobre a dependência de Abelardo na categoria do ter em geral, cf. [Gilberto Porretano], *Libro dei sei principi*, cit., pp. 95-99 (Introduzione, 4.6.4.).

³⁸ Isto é, um nome que resumisse a condição de algo estar armado e a de estar calçado.

³⁹ Esta taxonomia do ter encontra-se em: Aristóteles, *Categorias*, 15b18-32; Anonymus, *Categoriae decem*, cit., § 147.

⁴⁰ Todo este capítulo é decalcado de Abelardo: cf. Petrus Abaelardus, *Dialectica*, cit., pp. 428-430.

⁴¹ A frase está incompleta, de acordo com a edição crítica. Colocámos o “<não>” para que haja coerência com a exposição.

⁴² A frase está incompleta e houve uma parte que deixámos por traduzir. Eis o texto latino: «Amplius autem et margarita quidem albiore equo dicitur, †qui pedem quamvis† album contingit, hoc autem non secundum quod equus quidem in essentia a margarita superetur;».

⁴³ O texto principal termina assim, inconclusivo. Como tivemos oportunidade de dizer na introdução, em muitos manuscritos, são acrescentadas no final pequenas passagens tiradas de *Sobre a geração e a corrupção* de Aristóteles. Na edição crítica de Lorenzo Minio-Paluello, essas passagens são editadas do seguinte modo: «[I] Possibile si contingit, nullum sequitur impossibile. [Cf. De Gen. et Corr. I.2, 316a17 ss., et De Interpr. 13, 22b14-15]. [II] Quapropter etsi omnes puncti componantur,

nullam faciunt magnitudinem, quoniam punctus puncto compositus nihil auget. [De Gen. et Corr. I.2, 316a33-34, et cf. 316a25-33]. [III] Est enim generatio simplex et corruptio non congregatione et segregatione, sed quando transmutatur ex aere specificato in hoc totum. In subiecto enim duo sunt quorum hoc quidem est species secundum rationem, hoc autem secundum materiam; quando quidem igitur in his duobus est transmutatio, generatio erit et corruptio. [Ibid. 317a20-26]. [IV] Secundum veritatem autem simpliciter in his magis hoc aliquid et species hec quam terra. [Ibid. I.3, 318b32-33]. [V] Musicus homo corruptus est, homo inmusicus generatus est, homo autem manet idem. Si quidem igitur huius non passio esset secundum se musica et inmusica, huius quidem generatio esset, huius autem corruptio; ideo hominis quidem he passionis, hominis autem musici et inmusici generatio et corruptio. Nunc autem passio hec manentis musica et inmusica; ideo alteratio talia. [Ibid. I.4, 319b25-31]. [VI] Est autem yle maxime quidem proprie subiectum generationis et corruptionis susceptibile. [Ibid. 320a2-3].» Anonymus, *Liber sex principiorum*, cit., pp. 58-59.

Índice onomástico

- Abelardo, ver Pedro Abelardo
Adão de Balsham, 231.
Agório, ver Vécio Agório Pretextato
Agostinho de Hipona, 11-15, 18, 43, 44, 46, 50, 53, 230.
Alão de Lila, 158.
Alberico de Paris, 161.
Alberto Magno, 158-160, 181, 184-187, 189.
Alcuíno de Iorque, 7, 14, 37-41, 50, 53-55.
Alfarabi (Abu Nasr Muhammad al-Farabi), 158.
Anselmo de Cantuária, 37.
António André, 185, 186.
Apuleio de Madaura, 17.
Ário, 11, 41.
Aristóteles, 7, 8, 11-28, 31, 33, 35, 42, 45, 46, 51, 53, 57, 58, 60, 61, 64-69, 72-79, 82, 83, 85, 85-87, 92, 93, 102-105, 112-117, 126, 127, 130, 131, 138-141, 144, 145, 148-151, 155, 156, 158-160, 162, 165, 167, 169, 171, 172, 179, 181, 183, 187, 230-233.
Avicena (Ibn Sina), 182.
Barach, Carl Sigmund, 49.
Barbaro, Ermolao, 157.
Bernardo de Claraval, 169.
Bodéüs, Richard, 156.
Boécio, 7, 11, 12, 18, 24, 25, 36, 43, 53, 155, 158, 165, 166-169, 171, 172, 174, 178, 187, 230-232.
Calcídio, 11.
Cândido Wizo, 38, 42.
Carlos Magno, 11, 37-40, 53.
Carlos, o Calvo, 38.
Carrier, Joanne, 183, 189.
Cassiodoro, 12, 17, 53.
Ceiónio Rufino Albino, 17.
Cícero, 12.
Correia, Mário João, 8, 28, 54, 160, 172, 186, 188.
Cousin, Victor, 36, 54.
Dales, Douglas, 37, 54.
de Haas, Frans A.J., 24, 54.
Deuffic, Jean-Luc, 184, 188.
Ebbesen, Sten, 160, 170, 187, 188.
Erismann, Christophe, 19, 37, 50, 54.
Fredegiso de Tours, 38, 41, 42, 54, 55.
Galeno, 17.
Galonnier, Alain, 12-14, 17, 18, 36, 37, 42, 53, 57, 148-151.
Genke, Victor, 39, 55.
Gerardo Crasso, 161.
Gilberto de Poitiers (de la Porrée, Porreta), 157-161, 168, 169, 171, 187, 189, 230.
Girard, Charles, 181, 184-186, 188.
Godescalco de Orbais (Gottschalk), 38.

- Graham, Daniel W., 19, 55.
 Guilherme de Conches, 231, 232.
 Gumerlock, Francis X., 39, 55.
 Hadot, Pierre, 12, 24, 55.
 Häring, Nikolaus M., 169, 188, 230.
 Hauréau, Jean-Barthélemy, 49, 157, 189.
 Haverkamp, Symke, 42, 55.
 Heirico de Auxerre, 37, 39, 47.
 Henrique de Harclay, 36.
 Hochschild, Paige E., 37, 45, 55.
 Homero, 148.
 Hwita, ver Cândido Wizo
 Isidoro de Sevilha, 14, 37, 54.
 Jauneau, Édouard, 44, 54, 231.
 João Buridano, 156, 187.
 João Escoto Eriúgena, 7, 23, 36-39, 44-47, 54, 55.
 Jolivet, Jean, 159, 189.
 Kahlos, Maijastina, 15, 16, 55.
 Lafleur, Claude, 183, 189.
 Leibniz, Gottfried Wilhelm, 8, 157.
 Lewry, Osmund, 159-161, 174, 189.
 Libera, Alain de, 36, 54, 159, 189.
 Lúcio Sérgio Plauto, 13.
 Macário, 50, 51.
 Macróbio, 11, 231.
 Magnou-Nortier, Élisabeth, 38, 55.
 Marciano Capella, 11, 12, 54.
 Marenbon, John, 34, 37, 38, 41, 43-49, 55.
 Mário Vitorino, 11, 12.
 Martin, Christopher J., 171, 189.
 Martinho de Dácia, 184-186, 188.
 McMahan, William E., 189.
 Meirinhos, José, 8.
 Minio-Paluello, Lorenzo, 12, 14, 15, 17, 36, 53, 55, 57, 156, 158, 159, 178, 187, 189, 191, 230-232.
 Nicolau de Paris, 183-185, 188.
 Paparella, Francesco, 157, 159, 160, 162, 165, 168, 174, 187, 191, 230-232.
 Pedro Abelardo, 160, 161, 174-180, 188, 230-232.
 Pedro de Alvérnia, 184, 188.
 Pinborg, Jan, 160, 188.
 Pini, Giorgio, 183, 189.
 Platão, 11, 17, 18, 19, 20, 23, 24, 164, 188, 230, 231.
 Plotino, 23, 24, 54-56.
 Porfírio, 11, 23, 24, 25, 54-56, 155, 158.
 Prantl, Carl, 49.
 Quintiliano, 13.
 Rädler-Bohn, Eva M.E., 37, 39, 55.
 Ratramno de Corbie, 37, 50, 51, 54.
 Raul, o Bretão, 160, 184, 188.
 Roberto Kilwardby, 31, 54, 183-185, 188.
 Rolando de Cremona, 159, 168, 230.
 Salinas Leal, Hector H., 183, 189.
 Santos, Ricardo, 20, 33, 53, 155, 156, 187, 231.
 Séneca, 13.
 Simão de Faversham, 183, 184, 188.
 Strange, Steven K., 24, 56.
 Suárez, Francisco, 8, 31, 54, 165.
 Temístio, 14-18, 25, 26, 68, 69, 146, 147.
 Teodulfo de Orleães, 39.
 Tremblay, Bruno, 181, 189.

Valente, Luisa, 160, 169, 187, 189.

Varrão, 12.

Vécio Agório Pretextato, 15, 16, 17,
55, 120, 121, 150.

Wedin, Michael V., 19, 56.

No presente volume, são dadas a conhecer ao leitor duas fontes imprescindíveis para a compreensão da receção das *Categorias* de Aristóteles no mundo latino medieval. Apesar da grande distância temporal entre os dois textos – as *Categoriae decem* foram redigidas no século IV e o *Liber sex principiorum* em meados do século XII –, ambos têm como pano de fundo o texto de Aristóteles que mais vezes foi lido e comentado.

Como o leitor poderá verificar pelas introduções a cada uma das obras, é impossível compreender de que maneira as doutrinas aristotélicas presentes nas *Categorias* foram recebidas e interpretadas ao longo da Idade Média sem estes dois textos.

No que toca às *Categoriae decem*, também conhecidas como *Paraphrasis the-mistiana*, substituíram a tradução latina de Boécio enquanto texto de base nos estudos filosóficos pelo menos até ao século XI. Assim, autores tão relevantes como Alcuíno ou Escoto Eriúgena assimilaram Aristóteles por via desta paráfrase.

A fortuna do *Liber sex principiorum* deve-se ao facto de disponibilizar um texto “escolarizável” que dava conta das seis categorias que são apenas enumeradas por Aristóteles, mas que não são alvo de um tratamento autónomo. Talvez seja este o principal motivo pelo qual chegaram até nós centenas de comentários a esta obra, na sua grande maioria dos séculos XIII e XIV, embora ainda em Suárez, e até mesmo em Leibniz, este texto continue a ser citado e discutido.

Mário João Correia é Doutor em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, com uma tese sobre a suficiência e a distinção das categorias na escolástica medieval. É investigador do Instituto de Filosofia, onde tem trabalhado sobre este tópico e sobre autores escolásticos tardios, em especial Gomes de Lisboa e jesuítas ibéricos da segunda metade do século XVI. Desenvolve um projeto de investigação sobre as noções de distinção, identidade, ser objetivo e ser formal nos jesuítas ibéricos do século XVI. Também se ocupa da questão do conhecimento divino dos futuros contingentes em Pedro Luís, sucessor de Luís de Molina na Universidade de Évora. Na *Imago Mundi*, publicou a edição crítica e tradução das duas principais obras filosóficas de Gomes de Lisboa.

Imago Mundi. Filosofia em texto e tradução, 20

 Edições
Afrontamento

